

AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILIZAÇÃO PRIMITIVA

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional ;

- Historia da civilisação iberica, 3.^a ed. (1886). 1 vol.
Historia de Portugal, 4.^a ed. (1888), 2 vol.
O Brazil e as colonias portuguezas, 3.^a ed. (1888), 1 vol.
Portugal contemporaneo, 2.^a ed. (1883), 2 vol.
Portugal nos mares (1889), 1 vol.
Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal (1891),
1 vol.
Navegaciones y descubrimientos de los portugueses, (*ed.*
do Ateneo de Madrid, (1892). 1 vol.
Os filhos de D. João I (1891), 1 vol.
Vida de Nun'Alvares, 1 vol. illustrado, *no prelo*.

II. Historia geral :

- Elementos de anthropologia, 3.^a ed. (1885), 1 vol.
As raças humanas e a civilisação primitiva, 2.^a ed. (1893),
2 vol.
Systema dos mythos religiosos, (1882) 1 vol.
Quadro das instituições primitivas, 2.^a ed. (1893), 1 vol.
O regime das riquezas (1883), 1 vol.
Historia da republica romana (1885), 2 vol.
O hellenismo e a civilisação christan (1878), 1 vol.
Taboas de chronologia e geographia historica (1884), 1
vol.

III. Varia :

- A circulação fiduciaria, *memoria premiada com a medalha*
de ouro no concurso de 1878 pela Academia real das sciencias
de Lisboa (1883).
A reorganisação do banco de Portugal, *opusculo* (1877).
O artigo «Banco», no *Diccionario Universal Portuguez* (1887)
1 vol.
Politica e economia nacional (1885), 1 vol.
Projecto de lei de fomento rural, *apresentado á camara*
dos deputados na sessão de 1887, 1 vol.
Elogio historico de Anselmo José Braamcamp, *ed. part.*
(1886), 1 vol.
Theophilo Braga e o Cancioneiro, *opusculo*, (1869).
O Socialismo (1872-3), 2 vol.
As eleições, *opusculo* (1878).
Carteira de um jornalista : I. *Portugal em Africa* (1891),
1 vol.
A Inglaterra de hoje, cartas de um viajante (1893) 1 vol.

572
041
25

AS RAÇAS HUMANAS

R. 7

E A

CIVILISAÇÃO

PRIMITIVA

POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa; honorario da Real Academia de Historia e do Ateneo de Madrid; correspondente da Real Academia hespanhola e da de Jurisprudencia; membro do Instituto internacional de Estatistica de Londres; etc.

(2.^a EDIÇÃO AUGMENTADA)

TOMO II



LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA. — EDITOR

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1893

Typ. e Stereotypia Moderna—Apostolos, 11—LISBOA

AS RAÇAS HUMANAS

E A

CIVILISAÇÃO PRIMITIVA

LIVRO TERCEIRO

Stratigraphia ethnica

Antes de nos embrenharmos nos estudos novos que nos chamam, convém deixar assentes algumas considerações prévias. Ao terminar a serie das nossas jornadas pelo mundo, examinando as physionomias dos varios povos, reconhecendo o facto das civilisações brotarem e crescerem de modos particulares e especiaes, perguntámos: não haverá pois regras, nem principios geraes no desabrochar d'essa flôr da sociabilidade dos homens? E' chegado o momento de mostrarmos haver, com effeito, um typo de evolução que se desentranha de todas as fórmulas variaveis: evolução ideal que em parte alguma do mundo se encontra completa, em todos os seus momentos; mas que é a summa e o substracto dos varios phenomenos ethnicos.

Na introdução que precede esta obra deixámos consignadas as nossas opiniões a tal respeito: resta-nos agora documental-as com os numerosos exemplos colhidos pelos viajantes e pelos historiadores, pela ethnographia e pela archeologia. Esta parte da nossa obra é um ensaio de embriologia social. Não trataremos aqui das evoluções particulares das instituições e elementos sociaes, isto é, nem da religião e seus cultos, nem do governo e suas leis, nem da riqueza e seus processos: materiaes que compõem isoladamente outras obras ¹ e não poderiam ser estudadas n'esta de um modo cabal. Agora, principiaremos por observar o primeiro apparecimento, ainda nebuloso, dos elementos sociaes indistinctos e mal individualisados; verificando se, n'um tal momento, é possível descortinar a transição do estado animal para o humano; e se, com effeito, se observa um d'esses hiatos, uma d'essas soluções de continuidade que, sem poderem invalidar o valor philosophico da idéa de evolução, nos demonstram comtudo que ella se exprime por uma successão de momentos se nos referimos ao tempo, de pontos se nos referimos ao espaço, de typos se nos referimos ás fórmãs ².

O primeiro argumento que inductivamente depõe contra a doutrina da transição ininterrompida do estado animal para o estado moral nos homens, é o facto incontestavel de que, por mais remotas e crueis que sejam as paragens, por mais selvagens, mais bestiaes que se tenham encontrado os seus habitantes, nunca se encontrou uma familia humana, não sómente sem falla, isto é, sem razão, mas nem sequer destituida de noções moraes, por grosseiri-

¹ *Systema dos mythos religiosos; Quadro das Instituições primitivas, O regime das riquezas.*

² V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 13-16.

ras, ou extravagantes que fossem. Podemos pois apreciar o grau de bestialidade que caracteriza os homens de um modo progressivo, á medida que descemos na escala da civilisação; mas não podemos, nenhum espirito claro e sincero jámais pôde, dizer que em tal ponto, com tal nome, habitou ou habita uma familia de homens destituida dos sentimentos e idéas essencialmente humanos. Estudemola, comparemos, analysemos, e havemos sempre de descobrir o *salto* da animalidade para a humanidade.

Não ha tal familia com fórma e falla de homens. A essa fórma e a essa faculdade anda sempre ligada, em graus mais ou menos conscientes, a noção dos principios essenciaes da moral, isto é, da propriedade de reflexão e decisão voluntaria, que nos animaes é instinctiva ou já intelligente, mas que só nos homens obedece a concepções abstractas. O objecto do nosso estudo não será, pois, a transição, mas sim o desenvolvimento primitivo dos phenomenos racionaes-sociaes, em certos selvagens expressos, porém, com uma fórma tão obscura e embrionaria, que leva os espiritos rectilineos a negar a originalidade das faculdades sociaes-humanas.

Eis ahi está o sentido em que este livro é um ensaio de embriologia social. Falta-nos, porém, explicar ao leitor porque escolhemos para o denominar um termo da geologia: stratigraphia. Os stratos, ou successivas camadas de povos com sangues diversos, e a sua distribuição geographica, foram o assumpto do primeiro volume d'esta obra, trabalho descriptivo indispensavel ao que agora nos chama. A stratificação é agora de outra natureza. Tambem os estados sociaes successivos, representados mais ou menos individualisadamente por determi-

nadas raças, se sobre-põem, com os povos representantes d'elles, á maneira do que succede nas camadas da terra. Não ha com effeito apenas uma juxtaposição de gentes diferentes em capacidade, pois se assim fosse a ethnologia seria apenas a descripção d'essas gentes e seus *habitats*. Ha de facto uma sobreposição, uma substituição universal e constante, do mais forte pelo mais fraco, em virtude da lei necessaria da concorrência-vital. Essa força vencedora provém, como o leitor sabe, dos dotes relativos das raças, do concurso de condições em que os desenvolvem, dos acasos, finalmente, e traduz-se pelo progresso das fórmas e idéas sociaes.

Assim a imaginação nos representa o mundo da ethnologia com um aspecto analogo ao do cóрте de um terreno onde se tivesse dado uma sublevação; e se formulassemos n'um schema stratigraphico a disposição relativa das camadas humanas da terra, veríamos erguer-se no centro, pyramidalmente, a erupção da raça mediterranea partindo por meio, deslocando, afastando successivamente os stratos ethnicos anteriores. As camadas de malayos e mongolios, depois as de nubios, negros e çafres, de arcticos e americanos, depois as de hottentotes, dravidas, australios e papuas, cada vez mais periphericas, representariam o que succede aos stratos que uma sublevação ergue, e por isso deixa tanto mais distantes, quanto eram mais superiores. E' mais do que verosimil que a primitiva camada de homens, ou proto-homens, povoadores da terra, tivesse maior afinidade com essas raças que hoje nos apparecem periphericas, os papuas, hottentotes, australios e dravidas, e ainda assim, portanto, a representação graphica que nos suggeriu a denominação d'este livro encontra uma razão de ser.

Além d'isso, a distribuição geographica dos re-

presentantes dos estados ou momentos sociaes, a que chamamos stratos ethnicos, vem confirmar a nossa formula, dando ao que podia ser apenas uma ficção, em todo o caso util para a comprehensão do assumpto, o character de uma realidade positiva e o merecimento de um methodo. A distribuição geographica das raças humanas coincide com a successão evolutiva dos momentos da civilisação. O mundo tem assim escriptas na sua face as provas de uma unidade que o pensamento descobre no conjunto das manifestações dos seus habitantes humanos. O Mediterraneo póde sem grave offensa da geometria ser considerado o centro de um vasto circulo que é o coração e a cabeça da humanidade; e na periphèria d'esse circulo se acham os typos infimos dos nossos semelhantes. Um raio vae bater nas gentes arcticas, outro nos australios e papuas, outro vae aos hottentotes, outro aos pecherezes da Terra-do-fogo. Tracem-se agora em torno d'esse nucleo circulos concentricos, e á medida que da periphèria formos avançando para o Mediterraneo ¹,

¹ Eis aqui o modo por que applicamos esta suggestão. Observe o leitor um planispherio: verá que, partindo do Mediterraneo, a medição dos raios dá proximamente o grau de civilisação em razão inversa das distancias e dentro dos limites que passamos a indicar. Por outro lado, antes dos europeus descobrirem a America e a Oceania, apenas a quinta parte, se tanto, da superficie solida do globo era civilisada, ou vivia sob o dominio de povos civilisados.

A zona periphèrica abrange as regiões boreaes da Asia-America, a Australia, a Polynèsia, e as pontas extremas austraes da Africa e da America. N'essa zona não ha mais do que selvagens, desde os infimos até ontros relativamente superiores. Não ha mais industrias do que a caça e a pesca, nem fórmas sociaes além do bands. Taes são os andamans, os boschimanos, os fuegianos, os tasmanios, os tongas, os marquezas, os dayaks e os maoris; acima d'elles, mais para o centro, achamos os hottentotes, australios, fidjis, veldahs, californios; depois os malgaches, os polynesios em geral, os havais ou sandwicks; por fim os aleutianos, kamchadales, ainos, samoyédes, skimós.

veremos ir subindo a civilisação, irem afflorando os stratos posteriores, como se trilhaassemos as encostas de uma montanha, até chegar á cumiada onde apparecem nuas as rochas desentranhadas. Assim, no centro do circulo que descrevemos, ou no acume da sublevação que imaginámos, deparamos com a medulla ou cerebro do mundo, com o que está no amago ou no alto, o que é a essencia e o dominio, a razão e a vontade, a cabeça e o coração da humanidade.

Está, pois, expresso o nosso pensamento e exposto o nosso methodo. Sabemos o valor da expressão com que denominámos o nosso trabalho: stratigraphia ethnica; e possuímos a derrota do caminho que vamos andar. Da peripheria para o centro, do rudimento para o typo, subindo e internando-nos ao mesmo tempo, vamos outra vez observar o mundo, não já como viajante, vendo apenas e notando; mas sim como philosopho, subordinando a nossa derrota a um plano e as nossas notas a um systema.

A segunda zona concentrica mostra já, ao lado da caça e da pesca, o pastoreio e até a agricultura; encontra tribus em vez de bandos. Inclue na America os caraibas e iroquezes, os brazis, os pelles-vermelhas e os patagões; na Africa os negros e os cafres, os tibbus, jolofos, guinés e gallas; na Europa os lapões e ostiaks; na Asia os tungús, os dekkans.

Para dentro d'esta segunda zona estão as civilisações particulare do Oriente: o Japão, a China, Sião, o Thibet, Birmah, o Annam, o Pegú; e estiveram na America as civilisações singulares dos azteques e quichuas. Circumdando por fim o nucleo geographico-ethnico, achamos os povos que representam o estado rudimentar, não já da civilisação em geral, mas da civilisação typica da Europa: kurdos, georgios, afghans, kirghiz, voguls, tartaros, kalmukos, persas, turcos, arabes, mouros, berberes, ethiopes, — uns mediterraneos, outros mongolicos; uns manifestando um genio proprio, outros obedecendo a influencias estranhas.

A esse systema chamamos ethnometria: a sciencia que, medindo, estuda o progresso dos povos. Na historia da civilisação ha epochas, e por isso um metro, ou medida. Esse metro, porém, refere-se á successão dos estados sociaes; e sem relação com o logar, nem com o tempo, não sendo por isso nem geometrico, nem chronometrico, indica os momentos abstractamente evolutivos que a sciencia vae desentranhar nos fastos successivos dos aggregados humanos.

Os homens da natureza

O facto que se nos affigura primario e capital para a observação intima do homem primitivo, e o documento mais grave de inconsciencia humana, parece-nos ser a indistincção original entre o homem e o bruto. Já mais de uma vez temos insistido sobre o character que apresentam, nas suas camadas ou classes, as sociedades ainda as mais cultas, allegando a necessidade de cotejar os usos e idéas dos selvagens com os da gente que vive n'um estado natural ao lado e no meio da civilisação pura. ⁴ Esse facto primordial da irmandade com os animaes, essa intimidade e intelligencia reciproca do camponez com o boi, do pastor com o cão, do almocreve com o macho; esse estado em que vemos com frequencia o homem tratar e communicar com os brutos como de igual a igual, ou como de senhor a servo, mas sem noção nitida de differença essencial, mantém ou reproduz o estado primitivo, attestado pelos costumes vivos e pela zoolatria.

«E' costume da terra, diz Lobo fallando da Abyssinia, (*Rel. hist.* p. 49) alojar-se o amo com o cavallo.» E este costume, como é sabido, tornou-se um rito funebre em muitos povos. Schoolcraft, o celebre investigador dos aborigenes norte-america-

⁴ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 191-2.

nos, conta como ouviu os indios conversar e discutir frequentemente com os cavallos; mas quem tem percorrido as nossas estradas e pernoitado nas nossas estalagens não carece de ir á America para observar esse facto. Camões falla-nos d'essas gentes da Indo-China que se acreditavam descendentes de uma mulher e um cão; e Richardson diz-nos que os tinnehs, infimos entre os pelles-vermelhas do norte, se crêem tambem descendentes de um cão. Os negros do Zambeze matam, sim, o elephante, mas com respeito, sacrosantamente, como quem comette um regicidio, pois chamam ao animal seu chefe supremo; e na Africa central abundam tribus que veneram como avós os crocodilos, os leões e outros animaes capazes de impressionar a imaginação, pelo tamanho, pela fereza, ou pela utilidade e mansidão. ¹

A inconsciencia da distincção entre o bruto e o homem ² é, pois, em nosso entender, o estado que se poderia dizer ainda animal da humanidade, se os elementos de uma distincção real não coexistissem com essa incapacidade do espirito para os sentir. Observamos pois apenas um phenomeno como que de infancia: um facto de relação, sem o alcance varias vezes allegado no sentido de demonstrar um estado mental correspondente no homem e no bruto. Esse homem que vê na besta o seu irmão, domina-a, porém, domestica-a, fal-a servir aos seus designios; e se outro tanto succede ao senhor para com o escravo, sabemos que entre homens muitas vezes os papeis se invertem, mas entre homens e brutos nunca. E se a imaginação pasmada dá a algum animal, por bom ou por máu, a pa-

¹ V. outros exemplos em *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, p. 247-8. — ² V. *Syst. dos mythos relig.* pp. 3, segg. e 16.

ternidade dos homens, ou um logar entre os deuses, tal caso nada tem de singular, pois sabemos que a religião começa por uma espiritualisação universal que não inventa almas só nos homens e nos brutos, mas também nas arvores, nos astros, no ar, no fogo, na propria terra. ¹

A inconsciencia da distincção, pois, se nenhum valor anthropogenico possue, tem para nós a importancia eminente de nos apresentar o homem no seio da natureza, já virtualmente dotado de todas as suas faculdades exclusivas, mas ainda como que cego, ainda sem conhecimento da propria força e capacidade. Uma longa serie de momentos successivos o conduz, portanto, desde essa cegueira primitiva, até áquelle grau de visão immanente na sua capacidade ethnica; levando também successivamente as raças, de grau em grau, até ao ponto culminante que ao melhor typo de homens (e por isso á humanidade) é dado attingir. *Quasi cursores lampada tradunt.*

Notado pois o momento primitivo da inconsciencia quasi absoluta, vamos estudar as primeiras revelações da consciencia n'esse estado nebuloso e vago que está entre a cegueira e a visão, estado que, sem ser decerto animal, se póde chamar natural.

1. — O PUDOR

Cook, Darwin, Fitzroy, Wallis consideram o fuegiano como o infimo exemplar de homens: são umas creaturas enfesadas e brutas; as mulheres não vão além de 1^m,30 de altura, e homens e mulheres parece não andarem inteiramente de pé.

¹ V. *Systema dos mythos religiosos*, l. 1: animismo.

Burchell quer que o boschimano esteja abaixo de todos. D'Urville dá esse logar aos australios e tasmanios; Owen aos andamans. Cotejando as observações de todos, seja-nos licito não ter preferencias: colloquemos a par os quatro typos de homem primitivo. A pequenez da estatura é um traço commum entre elles, e geral a muitos outros selvagens. Os veddahs, de quem Davy affirma não terem nomes individuaes, medem 1^m,50, e as mulheres menos ainda. Os negritos apresentam nos seus habitos evidentes reminiscencias simianas. Bowring viu em Ceram uma tribu que vivia nas arvores; e notou a agilidade, a intelligencia, com que o negrito trepa e desce suspenso pelos pés as enxarcias dos navios. Dos andamans, com effeito singularmente bestiaes, diz Owen que não teem senso da vergonha. E' verdade que, dizendo-nos andarem nus, allega que, além de se tatuarem, se *cobrem de lodo*.

Cobrem-se de lodo, porque? para que? Será para se adornarem? será para se *vestirem*? Eis ahi o que restaria saber, pois n'essas acções simples e enigmaticas está a revelação dos segredos mais profundos. O mytho semita de Adão e Eva, cobrindo as vergonhas com as folhas das arvores, é a traducção poetica de um sentimento, raciocinio, ou instincto de pudor que apparece nos homens como inherente ao typo; sendo como que o ponto de partida do desenvolver de todas as manifestações que, á falta de outro nome, chamaremos sentimentos racionaes. O lodo ha de ser para os mincopis o que as folhas classicas são no paraizo mythologico da Biblia.

Os homens inteiramente nus são raros, se porventura alguns ha; mas póde dizer-se regra, em todos os que se não vestem, o facto de cobrirem os

orgãos sexuaes de um ou de outro modo. Por ahi começam os trajos. E não dá que meditar esse facto, ao qual se não descobre motivo em necessidade organica de especie alguma, nem em utilidade ou gozo conhecido? O boschimano suspende á cintura, por uma corda, um avental de pelle. O tasmanio que desconhece o fogo, (ao que uns dizem e outros negam), sem casas, nem vestidos, nem redes, nem anzoes, vivendo de mariscos e tendo por unica arma um pau aguçado, parece que anda nú; assim tambem se pinta o australio, observado por Cook, Dampier e Flinders, com um osso de meio palmo de comprido atravessado na cartilagem do nariz. O osso dos australios, o *batoque* dos botocudos do Brazil, e todas essas deformações que têm por motivo o adorno e por vezes a superstição, comprehendem-se; comprehende-se tambem que o boschimano, contra o frio, lance aos hombros a pelle que lhe dura a vida inteira; mas dirá alguém que o fuegiano, vivendo nú em um local frigido, cubra as partes pudendas com um avental de pelle, para se adornar, ou para se abrigar do tempo? Seria absurdo; e accresce a circumstancia de que a necessidade de vestir as vergonhas começa pelas mulheres. E, como o leitor viu, ha quem dê ao fuegiano o lugar infimo entre os homens, ao passo que ninguem discorda em o considerar um dos tres ou quatro typos parallelamente primitivos. O chão que habitam não tem florestas nem minas; desconhecem o uso dos metaes; vivem de pesca singrando em pirogas os breves e duros mares dos pequenos archipelagos collados á costa do Pacifico. Em terra têm apenas abrigos de mato, ou covas como coelhos. Apenæs domesticaram o cão e por armas usam settas com pontas de osso, de pedra lascada ou de conchas, harpões e arcos esticados com ten-

dões de animaes. No seu modo de vida são como foi o europeu quaternario ¹ e no aspecto apresentam, segundo refere Darwin, uma cara chata e larga semelhante á dos eskimós.

Dos brazis, ao tempo da descoberta da America, dizem assim os nossos chronistas: «Andam em manadas pelos campos, de todo nús, assim homens como mulheres; parecem mais brutos em pé, que racionaes humanizados: uns semi-capros, uns faunos, uns satyros.» (Vasconcellos, *Chron. da Comp. de Jesus*, ed. 1865, I, LXXVI) Mas d'esses proprios brazis se contou que «vulgarmente se não cobrem com trajo algum, sómente os que entre elles realçam por nobreza se cingem de tecidos de pennas de papagaio e de aves de outras cores. . . descem-lhes estes saios de plumas *do umbigo até ás curvas.*» ² E' um avental garrido, contornando o baixo-ventre, em vez do pedaço de couro do boschimano, do pecherez. O luxo allia-se ao pudor, o ornato a esse primitivo rudimento de modestia.

Dos canarios, conta Azurara (*Cron. Conq. Guiné*, 377) que «todos andam nuus, e soamente trazem hũa forcadura de palmas de collores darredor, por bragas que lhe cobrem sua vergonha, e muitos som os que as nom trazem.» Nas mulheres de certas tribus, nota, porém, o chronista uma fórmula singular de vestuario pudico: «vestem alquices. que som assy como mantos, com os quaaes soamente cobrem os rostros, e per ally *entendem que acabam de cobryr toda sua vergonha*, ca os corpos trazem todos nuus. Por certo, diz aquelle que ajuntou esta estorya, que esta he hũa das cousas per que homem pode conhecer sua grande bestyallidade.» (p. 363).

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 136 e segg. — ² V. no *Brazil e as colonias port.* (3.^a ed.) pp. 133-6 os costumes dos indigenas do Brazil.

Ninguem, contudo, infira do que dizemos a idéa de que esse acto do selvagem importe a noção clara da vergonha. E' decerto difficil esmiuçar com perspicacia sentimentos quasi subtis; mas parece-nos que, chamando ao pudor selvagem um instincto racional ou moral, não erraremos, embora a conjuncção dos termos tenha os ares de um paradoxo. Instincto é o motivo de que não ha consciencia, o mobil de um acto cuja significação se desconhece, embora se avalie nos seus effeitos. Ora o instincto, tanto póde dar lugar a acções de um caracter organico, conforme se vê nos animaes e nos homens, como póde originar actos de um caracter moral; mas instinctos d'esta especie só os têm os homens, a principiar pelos exemplos do pudor primitivo, unica explicação possivel dos factos que temos apontado. Esse estado de inconsciencia em que o homem, além de obedecer aos instinctos organicos e a uma intelligencia umas vezes melhor, outras peor do que a de certos animaes, obedece tambem a instinctos racionaes-moraes, desentranhando de si as linguas e todos os sentimentos e instituições que evolutivamente ganharão consciencia: esse estado é aquelle que nós chamamos natural, ou antes natural-humano, para que se não confunda o nosso modo de vêr com o dos naturalistas que identificam o estado natural-humano com o estado animal.

E' uma banalidade dizer que a vida de um individuo reproduz a da humanidade; mas esta expressão, como quasi todas as expressões banaes, contém em si uma verdade sob a fórma de um truismo. A incapacidade demonstrada de certas raças humanas prova-nos que não ha uma «vida da humanidade,» se n'esta expressão quizermos abranger todas as especies de homens; mas logo que o não fazamos, descobrimos uma unidade que se rea-

lisa, não pelo desenvolvimento simultaneo ou successivo dos varios povos, mas sim pela concorrencia-vital, dando a preeminencia successiva ás raças superiores, creando n'esta serie de substituições a serie progressiva humanitaria, e deixando ao mesmo tempo á margem os exemplares posthumos incapazes de progresso além de um limite fatal. O que se dá, assim, com as especies de homens, é o que succede com as especies animaes, segundo já tivemos occasião de notar.

De tal modo a vida do homem, nos seus momentos successivos, retrata a vida da humanidade, que não procede por um desenvolvimento igual em todos os seus ramos, mas sim por substituições progressivas entre elles. O selvagem corresponde no homem á infancia; mas não se deve inferir d'ahi que as raças ainda hoje selvagens possam attingir a idade adulta. Essa idade attinge-a a humanidade na pessoa de outras raças; e os nossos selvagens são para o mundo social como as ammonitas, por exemplo, são ainda para a historia da criação.¹

Feitas estas reservas e dadas estas explicações, a infantilidade dos selvagens tem um valor eminente, para quem observa a psychologia do inconsciente, e d'essa unica fonte fecunda faz brotar os motivos racionaes-moraes do espirito humano. O selvagem é com effeito uma creança: sente vivamente, reflecte pouco ou nada; tem uma imaginação creadora; o seu espirito é como um espelho onde se fixam imagens, a que a idade não consente que ligue definições. Vê sem discernir, ouve sem coordenar, palpa sem definir. Por isso as suas impressões são rapidas, fugitivas, e as cousas passam-lhe na mente ennevoadas como as combinações mul-

¹ V. *Elementos de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. vii, 22, etc.

tiplas de um kaleidoscopo. Incapazes de espanto, desconhecem a curiosidade. Nada ha que os surprehenda, e perguntam por perguntar, como as creanças, sem reflectir.

O jogo occupa-os, os brinquedos e ornatos alegam-n'os, a dança exalta-os; e por isso mesmo que são espontaneos e superficiaes em tudo, são por via de regra crueis e vingativos, qualidades tambem, ou defeitos, da infancia. Mas têm a força e as paixões de homens; e portanto, ou uma cobardia ingenita, ou a bravura de feras. As virtudes superiores do homem, a flor bella da consciencia, sazornado fructo da idade-madura, a fé placida e forte, a esperança vaga, a caridade piedosa: esse conjunto de ironia e amor de que se forma a sabedoria moral, em vão se buscará ainda em embryão no homem da natureza. Tampouco se lhe peça a providencia e o juizo, fructos correlativos do amadurecimento da intelligencia: não os dá. Apenas como germens, apenas como semente de taes dotes, se encontra a memoria, tão viva no selvagem como na creança. O hottentote reconhece os seus bois, não deixa perder o rebanho; mas emquanto o homem vive de caça e pesca, e até emquanto pastoreia, em vão se buscará providencia. O dia de ámanhan não lembra; só chega a ser um problema, quando se começa a encelleirar. A providencia nasce com a lavoura; o granel é a primeira arca da sciencia, porque da providencia vem a curiosidade, e o primeiro sacrario da razão, porque do espanto vem a reflexão, e com o cogitar se definem ao cabo as idéas.

Dever-se-ha filiar tambem na espontaneidade da intelligencia, na rudeza dos instinctos, na escuridão da consciencia, isto é, em summa, no pequeno dominio da vida racional-moral, a insensibilidade

relativa do selvagem? Parece nos que sim. Mantegazza e varios outros observadores teem notado nos homens primitivos uma impassibilidade para a dor, impassibilidade que se sabe ser tambem muito maior entre as nossas classes rudes, do que o é nas classes cultas ou requintadas. O camponez cortava de bom grado um dedo para se livrar do recrutamento, á maneira dos negros que cortam a mão para que os não fiquem trabalhar. Na America, o pelle-vermelha deixa-se torrar a fogo lento em honra da sua tribo; e nas iniciações da idade viril submete-se sem queixume a torturas que matariam um europeu. Suspendem-n'os de cabeça para baixo, presos em ganchos cravados na carne, e assim ficam no meio de uma columna de fumo. A tatuagem dos australios e polynesios poucos europeus resistiriam.

Se essa relativa insensibilidade provém do estado infantil do pensamento (sem duvida alguma, provém tambem do habito e da rudeza da vida natural), se devemos portanto vêr no selvagem uma creança, não nos parece necessario lembrar mais uma vez que a capacidade respectiva da raça impõe a cada uma d'essas creanças um limite de *idade* fatal. Em abono do que já n'outro lugar notámos, é sabido como os hottentotes regressam á vida selvagem; e Baker conta-nos como param, abortando, os negros do Albert-Nyanza.

Ora, de todas as manifestações da infancia, não mencionámos uma, tão grave que Schleiermacher fez d'ella a raiz intima da religião: o medo. O medo, que é tambem um instincto organico, e, n'este sentido, commum aos animaes e aos homens, ganha porém no typo humano um caracter moral peculiar. É o vago terror religioso, sentimento que só se formúla depois que a razão incipiente começou a

inventar almas e deuses. E' a noção poetica do peccado, alicerce indiscutivel de toda a moral practica, por ser a contra-prova ou a expressão objectiva de uma responsabilidade e de um livre-arbitrio apenas presentido. ¹

Relacionar o pudor e o medo, parecerá á primeira vista extravagante, mas deixa de o ser á segunda. Medite qualquer na significação do profundo mytho biblico, e concordará em que a relação do peccado com a decisão que o cazal symbolico tomou de cobrir as partes pudendas, exprime uma d'estas intuições psychologicas, de resto communs á espontaneidade primitiva da imaginação, e que nós hoje, como velhos, explicamos com a madura analyse de criticos. O mysterio da vida tem nos seus órgãos como que um symbolo; o vago instincto do peccado revela, na consciencia em nuvens, a responsabilidade e o arbitrio livre de uma razão divina e de uma fragilidade animal. *Aperientur oculi vestri*, disse a serpente, e sereis como deuses. Viver, saber, ser como deuses, é peccar. A arvore symbolica é a da Sciencia *bonum et malum*. A vida vem da copula; o peccado está no orgão; o pudor é pois a primeira expressão de um medo moral, indefinido ainda, è que se tornará mais tarde em terror religioso. No fundo alicerce do edificio mental humano, está o instincto da conservação da especie, como Schopenhauer chama ao amor. Quando houver deuses, flagellar se hão as carnes, usar-se-hão cilicios, e os theologos demonstrarão em sabios pergaminhos que a copula é um peccado, a mulher demonio, e o celibato a condição pura de quem existe para Deus. A theologia, reseccando os mythos e requin-

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 126-3. — *Syst. dos mythos religiosos*, p. 21 e segg.

tando os sentimentos, fará de uma intuição profunda e poetica uma lei tão secca e morta, como as laminas curtidas da pelle em que foi escripta.

2. — AS RELAÇÕES SEXUAES

Demonstrado o character intimo e essencial do pudor, estamos habilitados para entrar no exame das varias fórmas de relações sexuaes nos homens da natureza. E' necessario dizer que em parte alguma se encontra a promiscuidade animal? Não. Ella seria incompativel com este instincto primitivo que achamos nos mais remotos horisontes da inconsciencia humana. Apresente embora a humanidade, nos exemplos depravados da prostituição das cidades europêas ou asiaticas, documentos de uma positiva promiscuidade, que esse facto nada importa: é mais um dos muitos phenomenos de regressão, phenomenos não só visiveis no scio das especies animaes, como tambem nas dos homens. Abundam os homens inteiramente bestas: como não haviam de apparecer documentos de bestialidade? Nem a regressão pára aqui, pois o requinte da civilisação perverte os instinctos elementares, conduzindo até aos abysmos podres dos peccados nefandos.

Regressiva é tambem, a nosso vêr, a polygamia contemporanea, provocada pelos climas e pela viciosa distribuição da riqueza, ou pelo desequilibrio dos varios elementos constitucionaes de uma sociedade. ¹ Regressiva consideramos tambem a polygamia de muitas nações cafres, mais ou menos iniciadas na cultura musulmana, como se vê no imperio de Muata-Yanvos, que «habita com um ser-

¹ V. *Quadro das instit. primitivas*, p. 1 e segg.

ralho de quinhentas concubinas, entrando n'este numero filhas, sobrinhas, irmans.» (Graça, *Diario*, nos *Ann. do cons. ultram.* 1855, 11) Regressivas são as torpezas do Oriente — para não fallar das do Occidente, que vemos por nossos olhos — de que estão repletos os livros dos viajantes e as chronicas dos nossos soldados e missionarios. Na Cochinchina e no Japão, diz Kœmpfer, os paes pobres alugam as filhas a casas de prostituição por um certo numero de annos, sem que este noviciado prejudique o futuro casamento. «Todas as mulheres de partido são captivas, contava Gaspar da Cruz, da China. Criam-nas para isso desde meninas. Compram-nas ás mães, e ensinam-as a tanger a viola e cantar. E as que melhor sabem fazer isto, porque ganham mais, valem muito. Os senhores, ou lhes levam as honras, ou lh'as vendem. Depois que por velhas não são já pa a o officio, ficam livres.» (*Trat. da China*, xv) Do Arakan referem-se requintes singulares. Cada governador dos varios pagos reaes tomava annualmente doze recém-nascidas das mais honradas e formosas mulheres. Criava-as á custa do rei e quando chegavam aos doze annos, mandava-lh'as. Assim, cada governador tinha sempre um viveiro de pupillas. O rei, cada anno, recebendo o tributo, punha-o ao sol; as raparigas transpiravam e pelo cheiro da roupa o monarcha preferia: o resto dava-o á côrte. (D. Barbosa, *Livro*, 364-5) ¹

Mas n'estes proprios requintes bestiaes se vê afflorar o veio dos instinctos naturaes-humanos. As mulheres do Muata-Yanvos são amazonas, e os mais bravos soldados do exercito d'esse negro. (Graça, *Ibid.*) Mulher, esposa de rei, é ou era en-

¹ V. outros exemplos em *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, pp. 245 2.

tre os cafres o supremo titulo honorifico. O capitão portuguez de Massapa era *mulher* do imperador de Monopotama (Santos, *Ethiopia Oriental*, ix, 54) Wallace attesta que em Lombok, na Malasia, apesar da devassidão podre dos costumes, castigam-se os adulterios, ligando costas com costas os criminosos e deitando-os aos crocodilos. A Polynesia, fragmento provavel de uma massa continental pulverisada, ruinas caducas do uma civilisação ignota, gente perdida n'uma degenerescencia que a levou até ao estado selvagem, é a terra das torpezas; e entretanto Prichard diz-nos que a castidade das filhas dos chefes de Samoa era cuidadosamente guardada por aias, como a gloria da tribu. E n'esses confins do mundo, ilhas perdidas, povos selvagens, expande-se, como flores de paúes, uma vegetação de historias poeticas d'amor. Assim no Occidente, na propria devassidão dos prostibulos, se encontram os delirios morbidos dos novelistas e trovadores romanticos, e mais de uma «manceba do mundo», se alguma vez chega a ser mãe, é para a filha a melhor das educadoras.

Nada d'isso, porém, importa ao nosso assumpto, como o leitor reconhece. Queremos ir explorar a béta pura do instincto primitivo, na espontaneidade do homem da natureza.

De tudo o que se sabe ácerca dos selvagens, o costume mais bestial que se encontra é o dos andamans cujo casamento, começando com a copula, acaba quando o filho está nascido e desmamado. Os esposos separam-se em busca de outros amores. Mas, se a attracção sexual, realisada sem formulas juridicas, nem symbolos e ritos moraes, não deve ainda chamar-se casamento, o observador

encontra os instinctos organicos expressos em lendas poeticas que os idealisam por outra fórma. Grey recolheu numerosos exemplos d'esses entre os indigenas de Tonga. Uma lenda refere a historia de um moço chefe namorado da noiva de um rei, com a qual foge, escondendo-se n'uma caverna, quando a noiva foi condemnada a morrer por ser parente de um rebelde. Entre os maoris da nova Zelandia tambem as lendas revelam a alliança de sentimentos estheticos ao phenomeno organico da attracção sexual. Na historia de Himenoa e de Tutaneckai, que principiam namorando se, a lenda acaba pela fuga de Himenoa, nadando de noute até á ilha d'onde a chama o cantar do seu amante. Muitas outras lendas analogas compõem um positivo romanceiro.

Os guanchos das Canarias, hoje extinctos, mas que os navegadores da Renascença ainda viram, existiam n'esse estado de vida primitiva a que chamamos natural. Tinham nove *duques* electivos, diz Cadamosto, e guerreavam entre si com a crueldade de feras sem outras armas mais do que pedras e «páos a modo de dardos na ponta dos quaes embutem um corno aguçado,» ou que endureciam ao fogo. Andavam nús: apenas com aventaes de pelle de cabra. Habitavam nas grutas e cavernas dos montes, praticando a polygamia, «mas não tomam virgem sem que durma uma noute com o senhor, o que reputam grande honra.» (*Nav. de Culam. nas Coll. de not. II, 13*).

Eis aqui, pois, já um verdadeiro rito, e uma fórmula de casamento, isto é, de sagração social das attracções sexuaes. Este sacrificio voluntario da virgindade ¹virá a tomar uma feição religiosa,

¹ V. *Quadro das instit. primit. p. 31.*

como teremos occasião de observar, e sem lhe podermos achar a theoria, devemos reconhecer a sua generalidade. Duarte Barbosa, referindo os costumes polyandros dos nayres da India, diz que, ao attingir a moça a idade dos doze annos, a mãe roga aos parentes que a *emancipem*, cerimonia que consiste em receber um collar talisman e dormir uma noute com um homem. São as mães quem anda de porta em porta em busca da pessoa que preste á filha esse serviço, obra difficil porque tem de ser nayre o desflorador, e os «nayres tem por sujo e quasi vileza haver mulher virgem.» (Barbosa, *Livro*, 326-7) Dos canarios conta Azurara a existencia de uma milicia de cavalleiros que, entre outros deveres, tinham o de desflorar todas as virgens da terra: «e depois que alguu dos cavalleiros dorme com a moça, entom a póde cazar seu padre, ou elle com quem aprouver. Mas ante que com ellas durmam, com leite as engordam tanto que o coiro d'ella se arregoa como fazem os figos, porque a magra não tem por tão boa como a gorda, porque diz que se lhe alarga o ventre para fazerem grandes filhos. E depois que assy he gorda amostrâna nua a aquelles cavalleiros; e o que a quer corromper, diz a seu pay que já he assaz gorda.» (*Conq. da Guiné*, p. 377) Na Africa deparam-se nos sentimentos identicos pela virgindade. Entre os Muata-Yanvos nenhuma mulher póde ter commercio com homens, sem que lhe appareçam as regras, e sem que primeiro seja desflorada por seu proprio pae, com o qual cohabita por algum tempo, ficando ao depois no caso de tratar com estranhos. (*Graça, Diario*) Não terá affinidade com esta repugnancia o facto geral entre os indo-europeus da supposta impureza da mulher regrada? Entre os indios crê-se que ella estraga tudo aquillo em que toque, e sub-

mettem-na a purificações. Os marinheiros bretões dizem que a bussola se desordena á visinhança de mulher menstruada; e nas nossas provincias de Portugal observa-se com frequencia o facto do lavrador não consentir que mulher estranha entre na adega, porque, se estiver impura, toldará o vinho.

Qualquer que seja o motivo de taes superstições, o proprio emprego d'esta palavra nos demonstra que a imaginação liga uma significação de ordem psychologica aos symptomas da fecundidade, á virgindade e ás regras. E estes documentos, postos a par da idealisação dos instinctos naturaes organicos, provam que, desde o principio, a attracção sexual reveste nos homens um caracter particular que é o embryão d'onde se hão de desenvolver os ritos e fórmulas moraes, sociaes, religiosas, do matrimonio.

Os rudimentos d'essas fórmulas e ritos, em que tomam corpo os instinctos moraes, observam se logo nos infimos homens. Entre os veddahs, o noivo recebe da noiva, no dia das bodas, uma corda symbolica tecida por ella, corda que o esposo traz durante a vida inteira em volta do peito. Os kherias da India, sem terem palavra que diga casamento, teem ritos sponsalicios. Não os usam os coroados de Brazil; mas o noivo envia, entre elles, aos paes da esposa um presente nupcial. O casamento dayak effectua-sê sentando-se os dois nubentes sobre uma vara de ferro. E' para os ligar com a rigeza do metal? Talvez; porque é conhecida a sua fidelidade ás esposas e o seu desdem pela polygamia; pois, se é commum achar a maxima liberdade nas mulheres selvagens antes de casar, é tambem commum vê-las fieis ao matrimonio. Assim se tem observado entre os pelles-verme-

lhas, entre os maoris da Nova-Zelandia, e entre muitos mais.

O caracter primitivamente moral da attracção sexual nos homens é um facto cujas provas abundam, chegando por vezes a adquirir uma eloquencia verdadeiramente nobre. No Senegal, a prenhez liberta a mulher da servidão e o parto sagra-a esposa. Schewinfurt mencionou a extraordinaria dedicacção dos niam-niams, cannibaes da Africa central, pelas esposas: nenhum marido se poupa a trabalhos para resgatar a mulher aprisionada.

Se o caracter moral, poetico, juridico, ou religioso das primitivas relações sexuaes da humanidade não pôde pôr se em duvida; se em parte alguma se encontraram ainda homens vivendo no estado bestial da promiscuidade, nem destituídos de uma qualquer impressao mental ligada ao acto da geraçao: resta-nos agora vêr que motivo mais geral determinaria as fórmas matrimoniaes, moldes com que o instincto moral se tornou um facto social. N'outro livro estudámos os varios typos de casamento e de familia ¹; aqui, n'esta theoria dos elementos constitucionaes da sociedade, espontaneos e evolutivos, cumpre-nos apenas caracterisar a origem da fórma, depois de deixar accentuado o caracter das relações.

Os symbolos de rapto e a tradiçao da compra, ainda hoje visiveis nos usos populares e até em leis, indicam a captura das noivas e a venda das

¹ *Quadro das Inst'uições primitivas.*

filhas como o casamento proprio do estado natural. ¹ Variam porém as opiniões a tal respeito. Muitos querem que, na vida natural humana, o rapto fosse o meio primitivo de obter esposas, ² e allegam a seu favor os numerosos symbolos e tradições dos povos cultos e as praticas ainda actnaes dos selvagens. Em muitas tribus australias é uso do amante esperar a noiva escondido nos mattos, dar-lhe um golpe na cabeça para a atordoar, levando-a assim para o domicilio conjugal. Mas, para assentar este modo como regra, falta descortinar-lhe o motivo. Que razão, com effeito, forçaria no estado natural os homens a só poderem casar-se raptando as noivas? Nenhuma razão ha plausivel, se não considerarmos como precedente ao rapto a propriedade, se não considerarmos a captura como uma consequencia da posse perfeita dos filhos pelos paes. A tradição da compra, geral, visivel, nos costumes e nas leis, deve, pois, em nossa opinião, considerar-se como vestigio de um facto mais essencial e mais remoto do que o do rapto, egualmente visivel. Sem propriedade, a captura só se concebe como excepção proveniente da escassez de mulheres: furtam-se as esposas alheias, como na lenda das sabinas, quando uma colonia de homens se vê sem meios de satisfazer instinctos organicos; mas não se concebe porque se furtem systematicamente raparigas livres, sem esposo, e cujo destino é encontral-o. A violencia não encontra motivo.

Assim, para nós, a primeira significação do casamento, como facto social, é a propriedade corre-

¹ V. *Quadro das instit. primit.* pp. 11 e segg. — ² V. *Elem. de Antrop.* (3.^a ed.) pp. 108-9, e 252-3 onde se dá conta da *Mem.* do sr. Cons. Pedroso, ácerca das fórmulas do casamento em Portugal.

lativa á familia; e as suas raizes moraes estão no amor, idealisação de um instincto organico, segundo se vê nas lendas poeticas e nas superstições. Da propriedade dos filhos vem a venda, contra a venda o rapto como reacção, e por fim os ajustes ou as arbitragens. Tudo isto, que ainda hoje se encontra em costumes vivos de certos povos, é, parece-nos, a verdadeira theoria de usos só lembrados em symbolos e ritos de outras nações.

Este facto primordial da posse da esposa e da propriedade dos filhos é, digâmos assim, a socialisação do facto natural da geração e o proprio berço da sociedade dos homens. E d'este modo vêmos como os exemplos repugnantes dos povos selvagens e barbaros, em vez de deporem a favor de uma anarchia moral que o materialismo imagina, são a prova de um momento primitivo, mas evolutivo, da constituição da sociedade, e portanto da moral, que é tanto um producto d'ella, como todas as outras idéas abstractas e principios racionaes.

Os eskimós que, segundo Peschell nos diz, dormem nús promiscuamente, nem por isso vivem como bestas; porque o mesmo author refere que o dono da casa deve offerecer a esposa ao hospede, e que pode ceder, emprestar, alugar as mulheres. O mesmo succede, póde dizer-se, com todos os selvagens: a mulher é um objecto que se vende, se empresta, se dôa; é um escravo, a quem compete trabalhar para o esposo. Entre os susas são ellas quem explora os jazigos de ferro; entre os cafres são quem constroe a cabana; em toda a Africa lavradora, a mulher é quem cultiva o campo. E estes exemplos dos selvagens encontram-se, essencialmente identicos, porém ainda mais accentuados, entre os barbaros. Burekhart diz que entre os arabes asyres, quando um pae deseja

casar as filhas, leva-as adornadas ao mercado e apregoa-as em leilão. No Afghanistan, as mulheres servem de moeda; com ellas se solvem as multas judicarias que o reu tem de pagar ao queixoso: um assassinato paga-se com doze mulheres, a mutilação com seis. Os chinezes «compram mulher por seu dinheiro, segundo ellas são, a seus paes e mães. Póde cada qual ter quantas mulheres quer, mas uma só é a principal com quem vivem e teem as outras aposentadas em varias casas.» (G. da Cruz, *Treat.* xv) Os australios vendem os filhos em creanças; na China fazem-se pactos sobre os que estão por nascer; e o mesmo fazem os lepchas do Sikkin. Se os zulus e os maoris vendem as filhas por vaccas, em Sumatra o nubente paga ao sogro o *djujur* ou preço da noiva, na Palestina o *mohar*.

Os de Coromandel vendem
 Seus filhos e suas filhas,
 Por pouco não se arrependem,
 Nem se estranha, nem detendem
 Taes erros e maravilhas:
 Uns por duzentos reaes
 E trezentos é o mais
 Mayor preço e quantia
 Que os dão; e mor valia
 Porque as vendem seus paes.

(Garcia de Rezende, *Miscell.*)

O principio é universal; e os estudos sabios de Bancroft sobre as raças da America descrevem minuciosamente certas particularidades curiosas dos californios. Quando uma rapariga, raptada, se recusava a casar com o raptador, ou era coagida a isso ou era vendida. No Utah, o latrocínio vem combinar-se com o principio da propriedade dos filhos: familias e tribus visinhas, vivendo em boa paz, reciprocamente roubam mulheres e creanças para as

venderem como escravos. A noiva é ahí usualmente comprada aos paes, mas recusando-se a seguir o comprador, este rapta-a. O mesmo se dá entre os patagões e navajones.

Assim o rapto, quer para contrariar a brutalidade da venda, quer para a consummar com uma violencia, apparece-nos sempre como uma consequencia do principio da propriedade da esposa e dos filhos pelo chefe da familia. ¹ Que as mulheres sejam uma ou muitas; que a polygamia predomine como acontece na Asia e na Africa, ou a monogamia como entre os indo-europeus; que para a temperar haja ou não haja prostituição e divorcio: o facto é que, no fundo de todas as especies de casamento, se encontra como raiz moral o amor, e como raiz social a idéa da propriedade. Junte-se a idéa da morte, e teremos os tres alicerces da civilisação.

E é justamente da alliança das duas idéas da propriedade e da morte, quando esta primitivamente se define como uma vida ultra-tumular, que nascem os matrimonios funebres em que a esposa, suicidando-se sobre a sepultura do marido, imagina ir prolongar no outro mundo a existencia d'este. ² Quer-se prova maior, melhor, da idealisação com que o homem caracteriza as attracções sexuaes? Em Narsinga fazia-se outr'ora uma cova, enchia-se de lenha, deitavam-se n'ella o cadaver do marido e a mulher viva abraçada a elle. O fogo crepitava devorando o azeite e a manteiga sagrada, e os festins religiosos solemnizavam o culto

¹ V. *Quadro das instit. primit.* pp. 11-3 — ² *Ibid.* 32.

do sol. Mas as mulhores tarambanes do mesmo reino da India procediam de outra fórma: enteravam-se vivas n uma cova bastante funda para as cobrir até ao pescoço; e com a terra calcada a pés em volta, e sobre a cabeça uma pedra, «aly fica morendo taypada.» (Barbosa, *Livro p.* 303)

Não se diga que isto não colhe por serem hábitos de povos cultos: selvagens fazem o mesmo. Em Fidji as mulheres estrangulam-se para acompanhar o esposo na morte; e D'Urville diz dos maoris que, se em certas tribus era apenas virtude o enforcar-se a mulher n'uma arvore por morte do marido, em outras era obrigação inevitavel.

3. — A ALIMENTAÇÃO

Temos tratado do caracter *humano* com que as relações sexuaes se revelam desde as infimas camadas selvagens. Tão organico como o amor é o alimento, e tanto mais difficil de obter, quanto maior é a propagação. Não surprehenderá pois que, n'esta esphera parallela á do amor, achemos symptomas eguaes. Se assim não fosse, errariamos, nós que pensamos haver, no homem um caracter seu proprio, typico, ou *especifico*: um caracter ideal que inspira e como que transfigura todos os factos naturaes, primeiro mythicamente, no periodo a que chamamos natural-humano; depois, racionalmente, quando o homem chega, com o desenvolvimento da vida social, a dispor de uma razão clara.

Uma orgia bestial, eis o que a alimentação é nas zonas periphericas onde habitam os homens infimos. Burchell viu os boschimanos amontoados sobre o cadaver de um hippopotamo, rasgando-lhe o ventre e devorando-lhe as entranhas cruas, como cães.

O australio, quando uma baleia naufraga na costa, accende fogueiras nos altos para chamar os companheiros ao banquete. Pouco a pouco veem chegando, homens, mulheres, creanças, dando gritos de alegria, com tregeitos e monices. Amontoam-se, pisam-se, precipitam-se; as creanças com o olhar acceso insinuam-se de rastos por entre os joelhos dos paes; e n'um instante a montanha gordurosa apparece coalhada de gente, como o cadaver de um cão, inchado, cuspido na praia pelo mar, coberto de moscas negras. Ha um vago sussurro, um zumbir de masticação incessante. As banhas do cetaceo, em pastas molles, esbranquiçadas, correm, dissolvendo-se ao calor das fogueiras e da gente anciosamente faminta. Ha quedas, e a pelle negra dos selvagens vê-se escorrendo uma gordura fetida; os cabellos estão ensopados, as mãos, os braços, tintos de sangue e oleos. Precipites sobre a carcassa, com a bocca escancarada, devoram ás dentadas, introduzindo a cabeça por entre as visceras quentes. A orgia dura dias e noutes, sem cessar, enquanto dura a comida. Por fim, o esqueleto apparece com os ossos nús; e dentro das linhas do arcabouço, como cavernas de um navio, os que não dormem, já lebedos de comer, disputam luctando os ultimos pedaços de carne. Ha cadaveres e sangue de homens misturado com as poças coaguladas do sangue e da gordura do cetaceo; ha vomitos e immundicie, resonar de digestões difficeis, um fumo espesso das banhas ardendo nas fogueiras, e um fetido nauseabundo de cousas podres.

Nos confins austraes da America, o pecherez tambem assim procede, se um acaso mais raro lança uma baleia contra as rocas da Terra-do-fogo; mas o seu alimento habitual são os mariscos e os pequenos peixes que devora vivos e inteiros. Mi-

ra-os, com o dente vigoroso trinca a cabeça, e engole-os. Assim faz também aos passaros. E sobre os veados marinhos, em companhia dos cães domesticos, come também ás dentadas as carnes cruas. A lembrança de applicar o fogo á preparação dos alimentos é lhes tão desconhecida, como aos eskimós dos confins oppostos da America, nas zonas boreaes.

Nas regiões desoladas do frio, o eskimó tem o furor da fome e da sede. O inverno é morto e duro. Desesperados, comem a pedaços o gelo que arde como lume na lingua, e deixa a bocca escorrendo em sangue. Pequenos, immundos, bestiaes á vista, com os beiços abertos, a lingua inchada, offegantes como cães n'uma carreira longa, assim morrem muitos de sêde no meio da agua gelada que os cerca. Bebem sangue quando o teem; o frio augmenta-lhes a voracidade. Caçam a phoca, o narval e a baleia. Quando o sol reaparece, a crise diminue: veem os dias da fartura. Ross assistiu a um banquete eskimó: era um boi-almiscarado, abatido n'esse instante. Em torno da victima a familia eskimó, com facas de pedra, tirava talhadas das carnes ainda quentes e engulia vorazmente. Paravam a miudo para respirar, com a larga fatia de carne pendente da bocca, escorrendo sangue e soros. Estonteados, como bebados, caíam, adormeciam com a cara rubra, o pulso rapido, a bocca aberta de par em par. Por fim, de rastos com o ventre para o ar, na impossibilidade de se moverem, ainda, acocoradas ao lado, as mulheres lhes mettiam a carne pela bocca, empurrando-a com os dedos; mas os dentes e a guella de cansados não podiam mais, e a mulher ia roendo do lado opposto a talhada de carne parada e presa na garganta do dormente. Com um resonar agitado, grunhidos de plenitude, dormitando, os olhos fechados, o san-

que as gorduras escorrendo-lhe dos beiços pela face e pelo peito, o eskimó digerira.

A abundancia e a escassez, ou a qualidade dos alimentos são um caracter tão grave dos povos, que Diodoro Siculo classificou as populações africanas pela qualidade das comidas: rhizophagos, os que viviam de raizes; ichytiophagos, de peixes; acridophagos, de insectos; etc. O homem é omnivoro, como se sabe; mas as produções do solo em que vive e as condições do clima modificam a qualidade e a quantidade dos alimentos necessarios e convenientes. O eskimó absorve vinte arrateis de carne n'um dia; o indio e o arabe vivem de arroz e tamaras. O calor do Meio-dia alimenta.

Mas, por uma coincidência de ordem natural, á medida que nos afastamos para a zona peripherica, a fecundidade da natureza diminue, e por via de regra o selvagem infimo é um faminto. A glutonaria bestial alterna com uma capacidade de abstinencia excessiva. Thompson viu um gricqua (holando-hottentote) viver por duas semanas de agua e sal. Assim acontece ás feras caçadoras. E' a sociedade que, tornando rythmica, *normal*, em todas as suas faces a existencia, costuma o homem a comer regular e periodicamente. As culturas de vegetaes e a domesticação e pastoreio dos animaes permitem que a alimentação se faça de um modo constante e regular; ao mesmo tempo que a arte ensina o modo de tirar da natureza o que ella espontaneamente não dá, acclimando e propagando as melhores sementes de sustento vegetal e animal.

Emquanto essas artes sociaes se não inven'am,

o homem existe á mercê da natureza; e a falta de alimentos que até certo ponto é consequencia do estado de ignorancia primitiva, torna-se em causa de conservação d'esse estado. Assim na faminta ilha de Van-Diemen, assim na Australia, uma flora esteril em fructos e uma fauna rarissima influiram de certo na condição dos negros oceanicos; mas já na Nova-Guiné e nas ilhas adjacentes as cousas melhoram; já nas ilhas de Salomão, na Nova-Bretanha, na Nova-Irlanda, em Fidji, domina a flora polynesia, rica de productos alimenticios; já na Nova-Caledonia ha bananas, cocos e cana sa-charina. Nem por isso, todavia, o estado das populações indigenas progride, pois acima de todos os motivos mesologicos, devemos pôr sempre o motivo supremo da capacidade ingenita das raças. Mas não ha duvida que a alimentação, pela sua abundancia e tambem pela sua natureza, caracteriza as populações; e seria facil, sem ser mais do que curioso, estabelecer relações entre os alimentos e os estados sociaes. Na India e na Malasia, o coco, o arroz, a arvore-do-pão, a banana, a batata, o sagu, fazem com que em vinte dias de trabalho o homem conquiste o sustento de um anno. No grande plan' alto da Asia central, habitado pelos mongolios nomadas, o chão é bravio, e os rebanhos preparam o alimento, tornando-o em carne e em leite. O animal é como que um laboratorio em que o homem dir-se-hia que cosinha o sustento, porque o mongolio vive do leite das eguas. Mas o homem é omnivoro e na escolha dos alimentos entram motivos de especie varia. Assim os brazis comem bichos, ratos do campo, rans, cobras, lagartos, jacarés, (Vasconc. Chron. LXXVII) no meio de florestas abundantes de fructos e caça; assim os chinezes comem cães, ratos, macacos, crocodilos. Selvagens e civilizados, vivendo em pai-

zes abundantes, lançam mão dos bichos e dos insectos para se alimentarem. O facto, pois, dos polynesios engordarem cães para alimento; dos garos do Assam, dos sumatras, dos andamans comerem serpentes e lagartos; dos australios comerem morcegos; de muitos selvagens fazerem do proprio corpo uma pastagem, e devorarem os parasitas arrebanhados sobre a propria pelle: não póde considerar-se uma aberração produzida exclusivamente pela fome.

Comtudo, não é este, agora, o assumpto especial do nosso estudo. Já n'outro lugar expozemos as nossas opiniões ácerca do lugar dos alimentos na economia da historia, e repetir seria ocioso. O nosso proposito é indicar os caracteres *humanos* da alimentação, mostrando como n'este, e em todos os factos biologicos, o homem introduz um pensamento original, sem antecedentes, dando-lhes um caracter novo, inconfundivel com a simplicidade de caracteres instinctivo-organicos que esses factos teem na esphera da animalidade. Vimos a orgia bestial dos australios e dos eskimós: pois bem, resta dizer que, se exteriormente esses quadros se não destacam dos quadros analogos da vida dos brutos, ha n'elles uma nebulose de sentimentos e idéas propriamente humanas. Porque será que os australios e tasmanios, caçadores de kangurús, imitam nas suas danças os movimentos do animal? Porque será que tantos povos sagraram o boi? Que significa a choreographia venataria dos selvagens, senão o rudimento de um culto da alimentação? A sociedade, ao mesmo tempo que torna rhythmicas, ou normaes, as funcções, idealisa-as: tal é o duplo caracter proprio das cousas humanas. O pastoreio, a agricultura, a cosinha, regularisam a alimentação, que por outro lado se torna um acto

solemne e religioso nos brindes, ágapes, banquetes e communhões dos povos cultos, embryonarios nas orgias da voracidade selvagem.

Graves, o physiologista irlandez, definiu o homem como o unico animal cosinheiro. Só o homem, com effeito, concebeu a arte de preparar os alimentos, antecipando e poupando o estomago, ou tornando assimilaveis substancias que o não seriam no estado em que a natureza as dá, e conservando para as occasiões de escassez a superabundancia de outros momentos. A preparação dos comestiveis, diz Virchow, torna o homem independente dos acasos naturaes; e sendo difficil de admittir que o trigo, o milho, o arroz, a batata, servissem á alimentação dos homens no estado silvestre, devemos crer que a invenção da cosinha precede a da agricultura. A arte de preparar as subsistencias data da idade primitiva dos caçadores e pescadores. A domesticação dos animaes segue-se ethnometricamente. O boi é o typo d'esses laboratorios, cosinhas, ou dispensas vivas, onde se transformam em sangue, carne, gorduras, leite, os elementos da subsistencia, e que o homem conserva e consome á medida das suas urgencias normalisadas. Ao lado do boi está o cão, guarda dos rebanhos; mas os hottentotes tem bois-de-guarda e os patagonios cães-de-pesca: nós ainda temos cães-de-caça.

Sabe-se como as proprias condições da vida pastoril são causa de installação da vida agricola, sempre que o local a permite, e que o genio da raça acorda ambições de existencia sedentaria. As tribus caçadoras e pastoras necessitam, para subsistir, de vastos espaços: da propagação e do contacto con-

sequente veem as guerras. Ainda hoje, entre os bichariefs, como outr'ora entre os israelitas, a posse das nascentes de agua é a principal causa das campanhas. Esse espaço necessario é maior quando se vive de caça, do que quando se vive de pastagens, porque os animaes trilham mais terrenos no primeiro do que no segundo caso: por isso a densidade da população augmenta com o progresso dos meios alimenticios. No estado pastoril, o campo limita-se e apropria-se: é familiar, é commum, da tribu inteira. Parece que foi este o momento em que os aryas entraram na Europa. A delimitação dos campos é a primeira condição das installações agricolas. Gradualmente veem, com as descobertas do arado e do moinho, o predomínio da vida sedentaria, a preferencia dada aos valles dos rios onde os humus ferteis incitam á lavoura; e a lavoura fomenta a propagação da gente, a criação das nações, e o apparecimento das sociedades typicas da vida predestinada aos homens.

Mas, n'este esboço do character e das especies da alimentação humana, encontra-se uma lacuna: a androphagia. Porque motivo devora o homem o seu semelhante? Será por um instincto animal organico? Parece que não; pois nos animaes superiores já se não encontra esse phenomeno, observavel em especies mais remotas. A androphagia tem, quanto a nós, motivos de varias ordens, uns naturaes-organicos, e esses são phenomenos de degradação ou atavismo; outros eminentemente sociaes, documento de um momento já avançado n'esse estado de inconsciencia que denominámos natural-humano. Ago-

ra tratamos do primeiro; no lugar competente estudaremos o segundo. ¹

Quando os europeus chegaram á Nova-Caledonia só ahi havia um mammifero: uma especie de morcego colossal a que os francezes chamam *roussete*, o pteropo. Os neo-caledonios eram cannibaes por necessidade, ao que muitos pretendem. E' legitima a inferencia? Não parece, quando se sabe que abundavam na ilha os elementos vegetaes; e o cannibalismo por instincto organico não se concebe, quando vemos por tantos lados o homem, omnivoro, contentar-se com a alimentação vegetal. Com isto não queremos, porém, dizer que, tornar-se cannibal por fome, obedeça sempre a uma degradação filha de um d'estes accidentes crueis capazes de o rebaixar a um estado animal inferior, e que portanto não tem alcance, nem valor ethnometrico. Os fuegianos, porém, apertados pela fome, comem as velhas antes dos cães, porque estes ultimos lhes são mais uteis para a caça da lontra. As historias dos cercos das guerras e naufragios terribes, estão cheias de episodios de cannibalismo. Jerusalem assediada por Tito; o Egypto em 1200; a Argelia dos nossos proprios dias, quando ha fomes; os saxonios, segundo conta Schiller, depois da guerra dos Trinta-annos: eis ahi exemplos, entre muitos, do phenomeno a que nos reterimos. Perante a morte demorada, nas agonias da fome, o homem perde o instincto humano, e desce á condição de um peixe. Da degradação vem a depravação; e S. Jeronymo conta dos escocezes que chegavam pelo cannibalismo á gulodice androphaga, como os niam-niams de Africa. Regalavam-se com os seios das raparigas e com as nadegas dos rapazes.

¹ V. sobre a questão o que escrevemos nos *Elem. de Anthropologia*, (5.^a ed.) pp. 153-6 e 236-43.

O matar e comer os velhos, facto que a historia menciona e os costumes selvagens attestam, tambem representa um phenomeno de degradação, embora não seja apenas accidental como os precedentes. Esse phenomeno é, não só geral a muitissimos povos, como até proprio de um certo estado; pois em todos os momentos ethnometricos se encontram phenomenos correlativos de degenerescencia, desde o trucidar dos velhos mais proprio da vida nomada, até á prostituição, peculiar dos requintes da extrema civilização.

Em toda a Melanesia é costume matar os velhos e doentes. Os neo-caledonios abandonam á morte os paes, chegando a enterrar-os vivos, como tambem succede em Viti e em toda a Polynesia, e desde a bacia de Hudson até á Terra-do-fogo, segundo os testemunhos de Robertson e de Darwin. Ellis diz que os eskimós, ou estrangulam, ou enterram vivos os velhos; os ituanos da America central afogam os enfermos; os kamchadales matam nos, abandonando-os aos cães. Dizem Eliano e Platão que os sardos matavam os paes á clava; Strabão refere que na Bactriana antiga havia cães-coveiros para devorar os enfermos e os caducos. Herodoto, conta dos messagetas que matavam, comiam e comiam os paes senectos. Os latinos, segundo Festus, chamavam *depontanisenes*, os sexagenarios que n'outros tempos eram precipitados de uma ponte. ¹ São varios em origem, numerosos em quantidade, os exemplos de tamanhas crueldades. Que provam, porém? A vida selvagem, a vida nomada e barbara, são um combate permanente; a tribu é um exercito, a aldeia é um reducto. Não contam as historias recentes como nas fortalezas

¹ V. *Quadro das instituições primitivas*, p. 20 e segg. e *O regimen das riquezas*, *ibid*

cercadas os soldados põem fóra as bocças inuteis, entregando-as á crueza do inimigo? Pois o morticínio dos velhos, o devorar dos paes, não teem outro valor no seio da vida selvagem e barbara.

E se o leitor quer vêr a confirmação do que dizemos, attenda a que esses holocaustos teem ritos, solemnidade. Como se podem considerar, pois, provas da bestialidade constitucional dos homens? Elles são, ao contrario, o claro documento do character moral, ou ideal, que o homem impõe a tudo: ao amor, á propriedade, ao alimento. Os néo-zelandios dão em toda a parte o lugar de honra á velhice, considerando sagradas as cabeças paternas; os barbaros de Kaarta prestam culto aos cabellos brancos; os velhos polynesios acham natural serem enterrados vivos. Em Fi lji o parricidio é uso, não é crime: frequentemente os velhos, reconhecendo terem vivido bastante, pedem a morte, e o dia da cerimonia é um dia solemne, sagrado; piedosamente o pae acaba, estrangulado ou enterrado vivo, ás mãos reverentes e amorosas de seus filhos. Entre os slavos, entre os antigos suecos, tambem, como na Sardenha, havia o costume de matar á massa os velhos; mas o acto era tão sagrado que nos templos se guardava o instrumento do sacrificio—atta-klubh, a clava sacrosanta.

Com as creanças acontece outro tanto. A fóme tambem obriga a matal-as; mas o homem da natureza pratica o acto inconsciente, espontaneamente, e por isso o reveste de ritos e lhe dá um character sagrado; ao passo que o homem culto, em cuja sociedade a moral se definiu, a ponto de se tornar

incompatível com o infanticídio, também mata ou abandona os filhos, mas escusamente, como quem commette um crime.

Como o leitor viu, os andamans separam-se, descazando-se, logo que a amamentação do filho terminou: a creança fica portanto entregue a si, e não ha motivo para a matarem. O infanticídio revela já um estado superior. Os tasmanios e australios, famintos, enterram vivas as creanças; e em Sandwich estrangulam-se as que excedem o numero de duas, ou tres, em cada familia. Em Taiti, em toda a Polynesia, succede o mesmo; outrotanto na America meridional, entre os yurucares; e aos pellevermelhas viu Charlevoix enterrar a mãe fallecida com a cria viva. Humboldt attesta o uso do infanticídio entre os orinocos; Robertson entre os da bahia de Hudson; outros entre os payaguas do Prata. Toda a America indigena, toda a Polynesia, são infanticidas: é-o também a Africa. Mas o facto da preferencia com que se matam as creanças femininas, demonstra o fundamento das nossas considerações. Na aldeia selvagem que é como um baluarte, as boccas inuteis embaraçam, e só os rapazes podem vir a ser bons soldados. Por isso os madecasses afogam todos os recém-nascidos defeituosos, e os khonds da India todas as creanças femeas, salvo a primogenita; vendo-se ás vezes aldeias de cem casas, sem uma unica creança do sexo feminino. *Bura* mandou que houvesse apenas o numero de mulheres indispensaveis!

O aborto é também um processo dos selvagens. Na Nova Caledonia usam comer bananas verdes cosidas. Na Formosa, as mulheres não podem ter filhos antes dos trinta e seis annos; e quando geram illegalmente, ha sacerdotisas *ad hoc* para matarem o feto, pisando aos pés o ventre da mãe. O

aborto é ritual e sagrado, como tudo o que o homem da natureza pratica. E' pois n'este caracter, e não no valor abstracto de actos barbaros, apreciados pelo criterio dos povos cultos, que nós devemos ir buscar o segredo da historia das origens moraes da civilisação, verdadeiras e primitivas raizes de todos os actos e manifestações sociaes.

O aborto é ritual; o infanticidio está longe de ser um abandono dos filhos, á maneira das bestas; ou um acto de crueldade fria, á maneira dos civilisados. Todos os viajantes attestam o amor ingenuo da familia selvagem. Leman falla do carinho dos fidjis, cannibae, parricidas, infanticidas; os tongas que matam os filhos, diz Ellis, são extremosos por elles; dos maoris dizem-nos o mesmo; todo o papua é fiel á esposa. Crey refere a ternura dos australios, Owen a dos andamans e veddahs, Parker a dos fuegianos. Suspenso em correias ás costas, leva a mãe hottentote o filho, do qual nunca se separa; e os eskimós gastam dias fazendo bonecas e bonitos para a prole. Entre os norte-americanos, diz Catlin, a mãe que perdeu o filho enche o berço de pennas, andando com elle aos hombros por um anno e mais, fallando-lhe, acariciando-o, como se ainda ahí houvesse alguém. Da Africa, diz-nos Burton que, em lugar do filho morto, a mãe embrulha uma cabaça em pelles, deita-a, afaga-a, finge alimental-a.

O selvagem é uma creança: todos estes ritos infantis o revelam. O estado do seu espirito é, como o das creanças, o de uma inconsciencia, em que a critica descobre o embryão das idéas, não podendo por isso confundil-a com a cegueira dos brutos. Os sakalaves de Madagascar matam o filho nascido n'um dia nefasto. Os medos são uma das fórmulas expressivas da inconsciencia infantil.

Já n'um periodo mais avançado, já consolidada a familia sobre a base da propriedade, e perdido o primitivo character de baluarte da aldeia selvagem, a crueldade das exigencias da subsistencia altera a natureza do infanticidio. Em vez das femeas, matam-se os machos. O homem primitivo carece de soldados; mas depois que as filhas se vendem, as femeas são a riqueza do lar, e os machos hão de exigir dos paes a despeza do dote da noiva. A civilisação, ensinando a previdencia, compõe os calculos da chrematistica: se menos mulheres houver, maior, melhor, será o preço. Por isto as mães abiponas poupam as filhas; e elevar o custo das mulheres pela raridade, era o motivo porque os guanas da America preferiam enterrar vivas as femeas, como conta Wuttke.

Dos conflictos das imposições fataes da vida animal, a que o bruto cegamente se submete, procreando e alimentando-se: d'esses conflictos com instinctos moraes que nos selvagens exprimem a inconsciencia das idéas que a civilisação vae definir evolutivamente, nascem, conforme dissemos, os phenomenos de depravação. Taes phenomenos, portanto, são correlativos a todos os estados de civilisação, e n'elles se encontra a expressão objectiva do sentimento do peccado, nucleo da inconsciencia que, por seu turno, revela a dualidade da natureza humana: animal como a dos brutos, ideal como a dos deuses.

As difficuldades da alimentação põem á prova a humanidade do selvagem, e d'esse conflicto resultam os factos repugnantes que temos estudado; mas, como essa humanidade se manifesta no selvagem de um modo inconsciente, a noção do peccado não o afflige. N'esta razão se funda a crueldade proverbial das creanças. Instinctiva, infantilmente,

o selvagem devora os paes por fome, mata os filhos por necessidade; e tão innocentes são os seus actos que os consagra ritualmente, abençoando, adorando as victimas da sua crueldade. Cotejemos agora os factos da vida natural-humana com os da vida civilisada, e veremos o fundamento d'estas opiniões. Tambem o alimento escasseia entre nós, nos pobres pelo vicio com que distribuimos a riqueza, nos ricos pelas exorbitantes exigencias dos costumes; e apesar de tudo o que podemos e sabemos conquistar ao mundo para satisfazer os nossos desejos e necessidades animaes, como esses desejos são indefinidos e infinitos, e como a população cresce n'uma razão progressiva, o conflicto da vida primitiva é tambem um conflicto proprio da vida civilisada. Se não matamos os velhos por systema, se não comemos os semelhantes por penuria, é fóra de duvida que matamos as creanças; que o aborto é frequente; que além d'estas duas fórmulas de eliminar os embaraços da descendencia, o requinte dos nossos usos descobriu, n'isso a que se chama malthusianismo, um meio de eliminar o conflicto, sem affligir a consciencia. O selvagem enterra vivos os filhos, ou estrangula-os á luz do sol, ritual, ingenuamente; e no estado de definição que as idéas attingem entre nós, a moral considera crime o infanticidio, mas o *probabilismo* immoral desculpa o emprego da receita de Malthus.

Theorias e doutrinas, a religião e a philosophia concordam em reconhecer monstruoso o acto; e embora, no intimo recesso da intelligencia de homens duros, não entre a comprehensão das idéas, o consenso, imposto ou acceite, formal ou sentido, dá um fundamento inabalavel aos principios. Que importa dizerem-nos ser a moral um *producto* da sociedade? Nada. Productos da sociedade são, com

effeito, a moral e as leis, as instituições e as linguas, a riqueza e as artes, porque a sociedade é a creadora d'essa segunda-natureza, a que se chama natureza humana. Importa porém muito que não se infira d'aqui a noção de uma anarchia systematica destruidora da sociedade, e capaz de perverter de todo as idéas.

Para isso, urge mostrar que a vida dos homens da natureza é inconfundivel com a dos animaes; que a bestialidade dos selvagens não é a dos brutos; sendo apenas a manifestação de uma inconsciencia, em cujas nevoas existem embryonarias todas as noções claras da razão e da piedade dos povos cultos. Urge tambem dizer que a variabilidade das manifestações simultaneas e successivas d'essas noções, na sua evolução do estado inconsciente, ou nebuloso, para o estado racional ou luminoso, não ataca por fórma alguma o character absoluto e invariavel das idéas, e apenas exprime a condição necessaria da realidade. O selvagem é parricida: nós consideramos o parricidio um crime abominavel. É mister vêr entre estes dois polos uma serie, e não os considerar abstractamente contradictorios. Os suecos guardavam no templo a clava do morticínio dos velhos: o importante não é o parricidio, é o sentimento religioso com que os paes são immolados. Ainda hoje é sagrado o livro que conta o sacrificio de Isaac; e a theologia faz de Jesus uma victima expiatoria immolada por seu pae celeste.

Chamar para estas considerações verdadeiramente scientificas o espirito mal encaminhado do nosso tempo, pelas conclusões abruptas e superficiaes de uma supposta sciencia que, identificando n'uma unidade indistincta os homens e os brutos, sem noção da realidade dos typos, ameaça a esta-

bilidade do saber: tal é o nosso proposito. Indagámos pelos confins do mundo, sem acharmos em parte alguma uma familia de homens semelhantes a bestas. Noções singulares, caracteres sui-generis, accentuam os infimos homens, distinguindo-os da animalidade; embora, entre os conflictos necessarios de todos os estados humanos, achassemos no estado selvagem documentos de uma infantilidade cruel, e em estados posteriores as provas de uma depravação abjecta. Decorrido este momento do nosso estudo, e trilhada a periphèria do circulo humano, vamos internar-nos em zonas mais centraes, e subir a estados mais elevados. Veremos em outros homens edades mais avançadas da humanidade, e em phenomenos successivos noções mais claras das idéas. E' como um dia que pouco a pouco vae nascendo.

II

Os barbaros

A definição de um typo consiste na determinação das suas funcções, na delimitação dos seus órgãos, na sua caracterisação individualisada. O leitor sabe que o estado barbaro significa um momento de maior consistencia nas aggregações humanas, e por isso um passo grave andado na evolução ethnometrica. O bando torna-se tribu; formam-se nucleos fixos de população humana; e como a condição da existencia é a lucta, a guerra é para as tribus o facto culminante e essencial. Da lucta vem a victoria. Assim nascem as nações: aggregados maiores, mais vastos, em que uma tribu impõe ás vizinhas o seu dominio eminente.

A guerra é, pois, a característica social do estado barbaro; mas como um certo momento organico da sociedade provém sempre de um determinado estado do espirito, a guerra tem apenas uma expressão objectiva. E' com ella que propriamente nasce a religião, isto é, que o instincto religioso individual se socialisa, consagrando transcendentemente o progresso alcançado.

Podemos, portanto, dizer que tribu, guerra e religião são expressões ethnometricamente correlativas. Como alicerce moral da sociedade, apparece-nos já, para além da noção natural-humana da familia, a noção de uma solidariedade abstracta, e de uma proto-sociedade. E como raiz da religião e dos cultos, achamos uma idéa que vae, para além da realidade, crear na imaginação a idéa realista de uma ultra-vida como laço de união, *religio* d'essa sociedade rudimentar. Da morte, da geração, do enterro, da familia, formam-se, á maneira das arvores que brotam da semente, germinando e levantando-se para o céu, as creações militares e religiosas, o primeiro governo e o primeiro culto, as batalhas e os sacramentos, as conquistas e os sacrificios, os ritos funebres e os ritos sangrentos em que o guerreiro devora o inimigo para lhe herdar a bravura. Ligando, como transição, a guerra á morte, e a religião á sociedade, apparece-nos pois o cannibalismo que é, n'esta esphera, o facto de depravação ethnometricamente correspondente.

Um tal concurso de idéas e factos novos, desenvolvidos dos factos e idéas anteriores da vida selvagem, exige novas conquistas da arte. O homem que inventou a cosinha e a lavoura, inventa agora a escripta, isto é, essa proto-escripta, symbolica nos caracteres, tendo por papyro a propria pelle humana: a tatuagem. O barbaro tem sobre si o livro da propria vida, o nome da tribu a que pertence, o cognome com que é conhecido, o catalogo dos feitos heroicos, e o registro dos filhos e dos bens. Com o primeiro esboço da sociedade, nasce o primeiro ensaio de historia.

Eis ahi, em summa, o quadro dos estudos novos para que vamos utilizar as notas dos viajantes e os estudos dos ethnographos.



1. — A GUERRA

A natureza das armas caracteriza os combatentes. Primeiro lucta-se braço a braço, em duellos. A clava e o pique são as armas primitivas. A clava é um tronco de arvore, rijo, como a casuarina dos polynesios, guarnecida de bicos ou pontas. Da clava nasce o machado pela inserção de um gume de pedra n'uma das extremidades da haste: assim é o tomahawk dos indios norte-americanos, o patapatu dos maoris, o butu dos caraibas, maça chata cortada em arestas vivas. A lança ou pique vem de um pau aguçado: adiciona-se-lhe depois uma ponta de pedra, de osso, de metal; primeiro é curta, para uso pedestre, como a lança dos eskimós e dos gregos antigos antes de Iphicrato; cresce desde que se combate a cavallo, segundo se vê nos baixos relevos assyrios.

Com as armas do combate braço a braço apparecem as de arremeço, mais proprias das cildas. ¹ São as bolas dos pampas, semelhantes aos ayllus do antigo Perú: tres pedras cosidas em couro, cada uma atada a um pedaço de corda, as tres cordas ligadas na extremidade. Atiram-se rastejando, e vão enleiar-se nas pernas do animal que se caça, ou do inimigo que se teme, e derrubam-no. E' a funda, usual em toda a Polynesia, conhecida pelos selvagens da Europa quaternaria, celebre na mão dos baleares dos exercitos cartaginezes. E' o bumerang, ou kiley, da Australia, a que se póde chamar uma clava de arremeço: pau curvo, arredondado n'uma face, chato na outra, quando se atira, sobe rodando e regressa, depois de des-

¹ V. *Regime das Riquezas*, p. 30.

crever uma orbita ellyptica, ao ponto de partida; contunde o inimigo voltando ás mãos do dono. Nos negros do Nilo-branco vê-se uma arma semelhante; vê-se outra nos indigenas do Brazil, ¹ e pertencem ao typo das de arremeço, com movimento circular, o trambak dos suddans, o kulbeda dos niam-niams, dos merghis e dos mussgas, o katuria dos mahratas da India, e o antigo cateia dos gaulcezes.

A zagaia é uma lança de arremeço, talvez mais remota ainda que a funda e a setta. Os maoris só conheciam o dardo, a que os hottentotes chamam kirri, os cafres zagaia, e que os antigos latinos diziam *pilum*. O venabulo é o dardo que se arremeça a cavallo, como a djerid dos arabes. A lança, diminuindo de proporções, fez se setta; e a funda deu a idéa de augmentar artificialmente a força da propulsão. A palheta dos purupurus do Amazonas é um venabulo curto, quasi uma frecha despedida por uma corda; o nga-wa-uk dos australios sáe com força de uma cruzeta concava; o *amentum* dos antigos, lança munida de correias atadas no centro de gravidade para augmentar a violencia do jacto, apparece nas Novas-Hebridas e na Nova-Caledonia. Para despedir a setta inventou-se o arco, de bambu, de palmeira, de vime, como o dos scythas e messagetas historicos, dos indios, dos caspios e dos ethiopes; ou de hastes de ruminantes, como na America do norte. O arco é desconhecido no Watai e na maxima parte da Africa central, mas é usado pelos hottentotes. Para armar as settas, os macus do Amazonas usam dos dentes de

¹. «A peleja dos ubirajaras he a mais notavel do mundo, porque a fazem com hums paos tostados muito agudos, de comprimento de tres palmos... e são agudos de ambas as pontas, com os quaes atiram a seus contrarios como com punhaes, que são tão certos com elles, que não erram tiro, com o que tem grande chegada.»—*Not. do Brazil, na Coll. da Academia*, III, 312.

javardo, dos de kanguru os australios, de espinhas de peixes ou lascas de tartaruga os caraibas, de pedra, ou osso, nas suas varias especies, todos os povos barbaros. Os caraibas envenenam as settas com curare; mas as barbas applicadas ao couce da haste, para assegurar a direcção do tiro, teem maior importancia, pois revelam um rudimento de balistica.

A arte da defeza acompanhou os progressos da do ataque: inventaram-se escudos, capacetes, couraças, utilizando-se os despojos das arvores e dos animaes. Os gregos cobriam o peito com a egide que era a pelle de uma cabra; os lybios com a nebrida, a pelle de uma panthera; os australios com uma couraça de cortiça. O escudo é uma egide mobil. Começou por andar suspenso ao pescoço, depois enfiado no braço por uma alça posterior. O capacete foi primeiro um sacco de pelle rija (*galea*) com que se abrigava a cabeça; geralmente usava-se tambem a pelle da cabeça de um animal. No exercito de Xerxes, os ethiopes traziam cabeças de cavallo com orelhas e crinas, e os thracios cabeças de rapoza. Inventados os metaes, substituiu-se por elles em toda a parte o couro; mas no Perú dos Incas, na Arabia, e na India, o algodão molle suppria a rigeza das couraças metallicas, servindo para corpetes acolchoados á prova de frecha e dardo, como os laudeis dos cavalleiros de Hormuz e Cambaya.

Toda esta serie que vae das armas naturaes ás dos barbaros demonstra-nos a transformação da guerra. O duello fez-se combate, a cilada estrategia.¹ Se se lucta a cavallo, é porque já se domesticaram animaes; se se usam armas de arremeço e

¹ V. *Quadro das instit. primit.*, p. 253.

de defeza, é porque nos combates se não encontram bandos, mas sim exercitos. O exercito é a expressão affirmativa da tribu, no conflicto natural da existencia, e a prova do grau superior de cohesão das nações incipientes.

Mas estes symptomas são formaes, exteriores apenas; até aqui nada nos affirma que n'um combate diverso, mais bem aparelhado, o homem seja porém movido por sentimentos differentes dos que inspiram os brutos nas suas pelejas. Prosigamos, comtudo, e acharemos, como sempre, o character de idealidade com que o homem sella todos os seus actos, e que por isso constitue o seu character typico, ou especifico. Assim como vimos nascer da nudez o pejo, da geração o amor, da posse a propriedade: assim vemos nascer da guerra a religião, principiando por ceremonias horridas; o direito esboçado em leis crueis, e a dignidade symbolisada na força e na embriaguez da gloria. A vida é uma lucta: a guerra é a fonte viva de onde mana a sociedade inteira.

Que valor attribuir, que significação dar aos trophes funebres, com que já os selvagens commemoram as suas façanhas guerreiras? Os dayaks de Borneu conservam como reliquia as cabeças resequidas dos inimigos que mataram. Os brazis juntam ás portas das casas, em montes, as ossadas nuas dos vencidos, e trazem ao pescoço collares dos dentes extraídos das caveiras. (*Vasc. Chron. LXXXIII*) No Cazembe, cada guerreiro, voltando da campanha, apresenta ao Muata uma caveira; e perante o imperador decapita-se um prisioneiro, em cujo

sangue o soberano molha o index, ungiendo-se na lingua, na testa, nas espaduas, no peito, e nos pés. (Gamitto, *M. Cazembe*, l. c. VII, 324-5) Em Abomé, capital do reino bellicoso do Dahomé, ha um muro de barro de seis metros de alto, defendido por um fosso largo e fundo, circumdando a cidade n'uma extensão de dezoito a vinte kilometros. D'espaço a espaço, n'esse muro, ha portas; e ás portas, cravadas sobre os muros, as cabeças dos inimigos e das victimas dos grandes sacrificios, umas ainda com as carnes frescas, outras curtidas, outras em osso nú. Em volta do palacio do rei, em altos mastros, ha tambem cabeças humanas. (*Vlag. de L. da Rocha no Occid.* 1879, p. 148)

Exemplos d'estes poderiam multiplicar-se indefinidamente, mas não accrescentariam ao que já sabemos. Os tropheus humanos são a prova de um sentimento particular ideal, com que o homem inventou o que se chama guerra e se não póde confundir mais, nem com o duello, nem com a caça, nos processos, nem nos motivos. A existencia da tribu creou um grau positivo de solidariedade social que militarmente se chama exercito. Entre os membros de uma mesma tribu ha pactos espontaneos de alliança, já estranhos nos laços naturaes da familia; e com esses pactos surge uma primeira affirmação de imperio moral. A guerra é uma depredação, um systema de razzias e saques; mas só de tribu para tribu, e não já de homem para homem. O roubo, condemnado antes entre os membros de uma mesma sociedade barbara, torna-se um acto meritorio quando se commete contra o estrangeiro que é inimigo. No antigo latim, latrocinio significava milicia; entre os gaulezes, diz Cesar, os roubos commettidos fóra do alfoz da cidade não eram crimes. Para os albanezes de hoje, o homicidio não é um

delicto: são façanhas os roubos praticados pelos salteadores dos montes. Não temos nós próprios visto isso nos bandos de ladrões, ainda em nossos dias frequentes, e protegidos e cantados pelas populações das serras de Portugal? Eis ahí exemplos actuaes barbaros, produzidos por paralysação de desenvolvimento no seio, ou ao lado, de gente mais ou menos civilisada. A hostilidade do estrangeiro e a gloria que a força dá ao guerreiro, são os dois traços por este lado fundamentaes da vida da tribu. Entre os siús da America, o homicidio e o roubo são façanhas que se cantam epicamente nas reuniões solemnes da tribu. De Amicis, falando de Marrocos, diz que os beni-Hassen vivem do latrocínio: constituem uma tribu disciplinada, com chefes, governo e direitos reconhecidos; vivendo para o roubo e pelo roubo, uns procuram as forragens, outros os cavallos, uns exploram as cidades, outros as estradas. Na India, os zacka-khails fazem profissão de roubo; e quando nasce uma creança masculina é consagrada ou baptisada com as palavras sacramentaes: sê ladrão.

Estes dois exemplos typicos, e não são unicos, mostram a crystallisação de um estado transitorio, ou evolutivo, para o commum das tribus nas varias raças humanas. N'esse estado, visivel ainda hoje n'uma grande parte da humanidade, apparece comtudo um phenomeno bastante eloquente para negar a opinião de que o latrocínio demonstre a ausencia de instinctos moraes no barbaro: é a hospitalidade. O latrocínio das tribus primitivas mostra apenas que o processo de aggregação social não foi ainda além da esphera de grupos de familias acantonadas n'um lugar, e ás quaes todo o resto dos homens é, por isso, estranho ou inimigo; mas se d'aqui vem o facto de uma moral pratica apenas cir-

cumscripta á tribu, não é só esse limite que prova a existencia de uma semente em via de germinação. A hospitalidade concedida ao viajante, o escrupulo com que o beduino protege e defende o hospede que recebeu na sua tenda, embora depois o vá esperar e roubar á estrada: a hospitalidade, dizemos, denuncia um rudimento de moral, expresso de um modo inconsciente ainda, como todos os outros varios aspectos do pensamento humano, no selvagem e no barbaro, essas creanças e adolescentes.

A guerra é a tribu em acção; a tribu é uma hoste; o valor, a astucia, a coragem, a paciencia, glorificam o guerreiro, sancionando a authoridade do vencedor. Assim, das tribus em guerra, nascem no estado barbaro as nações com as suas classes e castas. O vencido é abjecto e marcado com um signal infamante. Os pelle-vermelhas *scalpam-no*, os ethiopes e cafres mutilam-no; muitos indo-europeus rapavam-lhe os cabellos, symbolo da força. As tribus submettidas ficam escravizadas, como se vê em numerosos pontos da Polynesia, da Africa, da America; mas sobre tudo na área dos indo-europeus, cuja superioridade ethnica se traduziu sempre, desde os tempos mais remotos até hoje, por uma crueldade fria para com os vencidos, e por uma repugnancia organica para com a côr e o sangue dos povos inferiores. Da combinação d'estes dois motivos, nasceram as castas historicas da Europa e da India. A separação e os graus hierarchicos, formados pelas conquistas, mantiveram-se pela hereditariedade. Os todas constituem por si sós

cinco castas; e a tribu dos badagas, que não conta mais de quinze mil cabeças, inclue dezoito, sendo prohibidos os casamentos de casta a casta. Em toda a India, os dravidas submettidos passaram á condição de çudras, operarios, ou vâiçyas, lavradores: o arya é kchattriya, ou senhor.

Essa conhecida constituição da India aryana é, para este character da vida barbara, o que para outro vimos ser o bandidismo: a crystallisação de um momento historico, pelo phenomeno a que os naturalistas chamam paralysação de desenvolvimento. Assim como as tribus que progrediram, fazendo-se nações, passaram do latrocinio a reconhecer a propriedade alheia: assim tambem as nações da Europa passaram do momento evolutivo das castas para a organização em classes, ao contrario das da India que o crystallisaram. Na Grecia primitiva, os indigenas viveram em gremios distinctos (*phylés*) dos conquistadores hellenos: eram os hyrnetas de Egyño, eram os servos de Candia, as castas inferiores de Mileto, etc. Outro tanto succedeu aos indigenas da Gallia com a invasão dos celtas; e ainda o mesmo aconteceu na França, na Italia, na Hespanha, quando, nos tempos modernos, foram dominados pelos frankos, pelos lombardos, pelos wisigodos, cujas leis particulares a historia conhece. ¹ E' isso ainda o que os nossos tempos mostram na sujeição dos aryo dravidas e malayos das colonias inglezas e hollandezas.

Sendo a guerra um facto de tal modo eminente para o desenvolvimento espontaneo da sociedade,

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) pp. 42-3.

como expressão pratica da dignidade e até da propria existencia da tribu, e como raiz das instituições e das classes, ha de por força mostrar-nos, mais do que outro facto qualquer, um character ideal ou religioso, e esse cunho moral que differencia os actos sociaes-humanos dos actos animaes. Não se pôde dizer da guerra que seja a fonte da religião, como é de certo a origem das instituições civis; mas os ritos guerreiros, além de nos mostrarem o character ideal das luctas dos homens, estabelecem a união intima entre o instincto organico da vida, expresso nos actos sociaes, e a religião da morte, expressa nas superstições animistas primitivas.

Dois exemplos apenas, entre centenas que poderiamos accumular, provam o nosso dito. A guerra tem um character religioso, que se manifesta em ritos, sociaes-civis de um lado, e transcendentales do outro. Todos os povos consultam na vespera do combate oraculos e sybillas, e em todos a declaração de guerra é uma cerimonia ritual solemne.

Os khonds, refere Latham, vão com um sacerdote á frente até ás fronteiras do inimigo, e contra ellas despedem uma setta. Depois cortam um ramo de arvore e cravam-no no chão, sobre o ponto em que a setta cahiu: é ahi que está Loha-Pemm, deusa da guerra. Vestem logo o ramo com trajos de inimigo, e depois de certas invocações, derrubam-no. Reciprocamente, as tribus hostis concedem o tempo necessario para a consummação da cerimonia Assim o fecial em Roma lançava, para além da fronteira, o dardo symbolico.

Romanos e gregos não partiam para a guerra, sem primeiro terem consultado os oraculos e agoiros. Assim fazem os barbacins de Cabo Verde. Quando o conselho determina partir em guerra vão a um bosque com o rei, abrem uma cova redonda

de tres palmos, e põem-se todos em volta, dobrados, fallando para o chão ; depois tapam a cova: «a terra não descobrirá o segredo, porque fica enterrado n'ella.» (Almada, *Trat. dos rios da Guiné* 18)

A serie de considerações que temos feito, mencionando os caracteres essenciaes successivos da guerra, bastará, parece-nos, para convencer o leitor da completa distincção a estabelecer, entre este factó humano, e a caça e a lucta dos animaes. Aqui e sempre, nós não vemos que o homem deixe de praticar os actos organicos communs a todos os seres vivos: para tanto, seria necessario que o homem perdesse a sua condição animal. Vemos, porém, que todos esses actos apparecem inspirados por motivos de ordem ideal, creando assim para o homem uma segunda natureza sua propria, que é esse estado inconsciente a que chamámos natural-humano: estado que não podemos deduzir do estado natural-animal, e que, por uma evolução gradual, chega a definir-se typicamente na razão consciente, na liberdade moral que vem d'ella, e na piedade poetica, nucleo das religiões.

2 — A ANDROPHAGIA

Essa piedade sem a qual é van, incompleta e secca a sabedoria humana; esse balsamo suave das amarguras e contrastes duros da existencia, antes de chegar a definir-se na sua pureza, como vago fundo da consciencia dos homens civilizados, exprimiu-se em fórmas crueis ou repugnantes. Assim a guerra foi primeiro, tambem latrocinio. Na serie dos momentos de transição do estado natural para o civilizado, ou da inconsciencia para a consciencia, ou da infancia para a idade-madura: mal de nós e do nosso juizo, se quizermos encontrar provas de

um materialismo bestial, que a razão condemna e a sciencia tambem refuta.

De todos os attestados da barbarie propria do estado adolescente do homem, a androphagia é o mais grave. Laço que une a religião á guerra, e a morte á vida; symbolo grosseiro e feroz de um pensamento profundo e sublime; o cannibalismo não pertence ao systema dos caracteres dos povos propriamente selvagens, isto é, infantis. O cannibalismo exprime, de um modo incontestavel, a fórma monstruosa a que os conflictos da natureza e da razão incipiente dão lugar. Tem esta aberração um valor correspondente ao do malthusianismo, do infanticidio e da prostituição dos povos cultos. Representa um momento evolutivo do pensamento religioso, como é o latrocínio na evolução dos pensamentos sociaes-militares. Sob estes dois aspectos fundamentaes, vamos, pois, estudar o cannibalismo, sem desconhecer que ambos os seus caracteres se confundem a miude.

A androphagia que chamaremos evolutiva apresenta-se nos sob tres fórmas essenciaes, que mais ou menos se penetram, sendo difficil, senão impossivel, destringal-as nos exemplos. Abstractamente, porém, os caracteres não se confundem, e são: *a*) psychologico-marcial, quando o vencedor come o vencido para lhe herdar as qualidades; *b*) juridico-social, quando a communhão cannibal consolida os laços politicos, ou quando a familia da victima vinga o crime devorando o réu; *c*) religioso, quando, pela invenção dos deuses e pela animisação dos seres, se offerece em repasto ao idolo a carne que os crentes commungam. Estas tres especies, no seu conjuncto, demonstram claramente um estado de superioridade psychologica relativa, embora expresso por uma fórma cruel e barbara. As idéas

racionaes, que no estado infantil selvagem não appareciam ainda, senão como nevoas diffusamente illuminadas, formulam-se já de um modo positivo. Expressam-se por via de symbolos, barbaros, mas que successivamente se tornarão mais fluidos e cultos, até que, despidas as fórmulas historicas, apparecem á intelligencia na pureza da sua definição abstracta.

Variam as opiniões ácerca da universalidade do cannibalismo. Uns querem que elle represente um momento de desenvolvimento commum; outros consideram-no particular de certos povos. Póde dizer-se que todas as raças primitivas offerecem documentos de cannibalismo; mas, de facto, nem todos os ramos de uma mesma raça os apresentam. A America centro-austral, a Africa em grande parte, toda a área da raça papua e australia, são, ou foram, androphagas; foram-no todos ou alguns dos europeus pre-aryanos, e varias tribus ugro-finnias e tartaras. Ha quem pretenda vêr na palavra *craneo* um vestigio (*karana*—vaso) de cannibalismo aryano. Diz-se que, se o craneo é vaso, pelos craneos dos mortos beberiam os guerreiros aryas; o que não basta, de certo, para inferir d'ahi que devorassem os vencidos. Latham refere a lenda da cataracta de Kano-Likai entre os kacias, vestigio grave n'este sentido. Likai desposára um homem de raça estranha de quem teve dois filhos; um dia foi ao mato cortar lenha, e entretanto o pae matou as creanças e cosinou-as. A' volta, os esposos comeram, e depois o marido disse a Likai o que tinha comido. Ella então exclamou: «Já não é bom continuar n'este mundo,» e foi precipitar-se da cataracta.

Como quer que seja, universal ou particular o cannibalismo, o facto é que isso não altera a pro-

priedade do lugar que lhe damos, nem o valor que tem para a ethnometria. Fôrma, e por tanto accidente, na historia da symbolisação animista das idéas, é bem possivel que não tenha tido papel no desenvolvimento psychologico de alguns, ou até de muitos povos; entretanto, a vastidão da área em que tal fôrma se encontra, leva a suspeitar que ella teria sido a regra, e excepção a ausencia de um tal modo de representar o animismo dos povos barbaros.

A Nova Zelandia e toda a área dos negros pelasgianos são androphagas. Os costumes dos maoris mostram-nos esse primeiro momento do cannibalismo que chamamos psychologico-marcial. Comem-se os chefes e os inimigos mortos nas batalhas. Devorar o inimigo morto, é livrar-se d'elle n'esta e na outra vida, porque a idéa da separação da alma e do corpo não se affirmou ainda; e o vencedor, absorvendo os membros do inimigo, crê ter-lhe ingerido o espirito, assimilando-o e fazendo-o desaparecer para todo o sempre. Depois dos combates, os cadaveres dos chefes vencidos são preparados para o festim. A cabeça pertence áquelle que o matou, porque o cerebro é o melhor bocado e nos olhos está a alma, *waidua*, do morto. Comido, duplica o ser. As carnes são repartidas pelos membros da tribu, ou soldados do exercito, e previamente assadas sob a inspecção do ariki, sacerdote ou feiticeiro, que as vae provando bocado a bocado. D'Urville diz que, n'estes festins, se não preferem os moços, nem as donzellas, de carne mais tenra; mas sim os capitães celebres, por velhos e duros que sejam. Isto basta para accentuar o valor do acto.

Se a intervenção do sacerdote dá a este cannibalismo uma feição já religiosa combinada com a marcial, é também facto que a pobreza alimenticia da Nova Zelandia póde levar-nos a pensar que, embora o phenomeno ganhe um character psychologico, as suas causas primordiaes sejam organicas. Mas como suppor similhante motivo na Africa austral, onde os objectos de alimentação abundam? Como suppol-o no Brazil, onde os tupinambas praticavam a androphagia, para transferirem a si, não só o valor dos vencidos, como a sua potencia genital? «E alguns ha que são tão carniccios que cortam aos vencidos depois de mortos suas naturas, assim aos machos como ás femeas, as quaes levam para suas mulheres que as guardam depois de mirradas no fogo, para nas suas festas as darem de comer aos maridos.» (*Not. do Brazil na Coll da Acad. III, 296*) Os do Senegal tem por costume «come-rem uns aos outros os figados e beberem o sangue, e isto diz que non fazem geeralmente senom a al-guûs que lhes matam seus padres, ou filhos, ou irmãs, contando esto por hua muy grande vingança» (*Conq. de Guiné, 227*).

Grande parte da Nigricia e da Cafraria é cannibal. Os maluas e cassanges do interior fazem como os papuas; e os nossos chronistas fallam da gente de Monopotama, «negra, de cabello retorcido e muita d'ella, maiormente a que cáe contra Moçambique, Quilôa e Melinde, come carne humana, bebe o sangue do gado vaccum.» (*M. Corrêa, Comm. x, 93*) Outro tanto se ha de dizer da America centro-austral, onde os meios alimenticios são mais do que abundantes. A androphagia dos indios das Guianas tem o conhecido character psychologico e marcial. Dos brazis dizem as chronicas dos jesuitas mais do que o necessario; ahi o cannibalismo at-

tingia um grau de maximo horror e de suprema extravagancia como vae vêr-se. Não só comem o inimigo, morto e assado; vão comendo-o vivo e crú. «Nações ha que em colhendo ás mãos o inimigo, o atam a um pau pendurado, e d'elle a postas vão tirando e comendo pouco a pouco, até deixar-lhe os ossos esburgados, ou cozendo-as, ou assando-as, ou torrando-as ao sol sobre pedras; e quando o odio é maior, comendo-as ainda cruas, palpitando ainda entre os dentes e correndo-lhes pelos beiços o sangue.» (Vascon. *Chron.* LXXVIII) «Outros abrem as entranhas (dos prisioneiros) e lhe bebem o sangue em satisfação do agravo; e antes que expire chega o agravado e dando-lhe com uma maça na cabeça o mata.» (*Ibid.*) Dos que tomam na guerra, os *velhos* comem logo, affirma o padre, e aos moços levam captivos para um festim singular e extravagante. N'um circó, o prisioneiro é atado a um poste com os braços livres para aparar os golpes de clava do guerreiro emplumado, que depois de o torturar, lhe esmigalha a cabeça. Morto, a tribu que assiste tem direito a um pedaço da carne, mas como não chegue, cose-se até se diluir, e distribue-se o caldo sagrado. (Id. LXXX-II) Os tupinambas engordavam os captivos para os comerem depois, e enquanto os tinham na ceva, regalavam-nos com acepipes, dando-lhes as melhores mulheres. Se ellas geravam, os filhos, em chegando a edade, eram tambem devorados inclusivamente pela propria mãe, obrigada a isso pelos ritos. (*Not. do Brazil*, na *Coll. da Acad.* III, 299-303) No Amazonas, em vez de cozer, carbonisam os mortos desenterrados um mez depois do funeral, e, pulverisando os carvões, misturam o pó com um licor que bebem para ingerir as virtudes do morto. E em Sandwich, outr'ora, comia-se o corpo do principe bom, fallecido de

morte natural. «Para que a terra não profanasse o cadaver, sepultava-se amorosamente no estomago.»

E' o que tambem os nossos observaram no extremo Oriente, na fronteira da terra de Sião, contra a China, onde os parentes e amigos do finado armam uma forca sobre uma fogueira, e, suspenso pelas curvas o cadaver, o veem assar carpindo, e assado o comem, reduzindo os ossos a cinza. «Dizem que fazem este enterramento a seus parentes porque em parte alguma os poderão enterrar melhor que em seus corpos.» (*Livro de D. Barbosa, 370*)

Se morre pae ou irmão
 Ou filho, são logo assados
 E comido com paixão
 Dos parentes mais chegados:
 Isto se faz em Sião.
 Dizem que por mais honrar
 Querem em si sepultar
 Sua carne e natureza.
 Comem-se com gran tristeza
 Os ossos mandam queimar.

(G. de Rezende, *Miscell.*)

Estes ultimos exemplos mostram-nos já um character de cannibalismo, psychologico sim, mas não juridico, nem politico. Essas especies estudaremos agora.

Nas Marquezas tambem os olhos das victimas pertencem aos guerreiros, e o coração é comido crú; mas a distribuição do corpo, assado em pedaços sobre folhas de *ti* no forno oceânico, manifesta a consagração dos poderes sociaes, n'um banquete symbolico: os pés, as mãos, as costellas pertencem aos chefes, as nadegas ao summo sacerdo-

te o resto ao povo. Comendo os cadaveres dos parentes mortos, os brazis consagram os laços da familia: o corpo do defuncto é levado pelos herdeiros a um campo, onde os feiticeiros lhe tiram as entranhas, e repartido pela familia em pedaços torrados «por certas velhas a quem cabe por officio» o cosinhal-as. Os herdeiros comem o morto com contricção. Os corpos dos principes só são devorados por outros principes, sendo os ossos repartidos pelos demais parentes e guardados como reliquias e adornos para os dias festivos. (*Vnac. Chron.*

LXXXIII)

Os bangalas de Africa celebram tambem cannibalmente a acclamação dos seus reis, ou jagas. Ha um banquete, o dicongo, em que se cosem juntas tres pernas, uma de boi, outra de carneiro, outra de homem. O prato é levadosolemnemente pelas aldeias, para que todos os subditos provem.

(Viag. de Capello e Trens, no *Occidente*, 1881, p. p. 26-7).

Além do cannibalismo politico, ha o penal; e é curiosa de observar a contradicção essencial do espirito dos povos androphagos: umas vezes crê-se que a absorpção do cadaver traz a quem o come os dotes do morto, cuja alma vae fundir-se com a do vivo, segundo vimos nos exemplos marciaes; outras vezes, ao inverso, a digestão é um enterro, e o meio de acabar inteiramente com o fallecido, como se observa na androphagia juridica!

Na Polynesia devoram-se os assassinos. Um homem achado no harem do Muata-Yanvos foi esartejado e dado a comer, crú e quente, ao povo. (*Graça, Diario, l. c. n.º 11*) Os battaks de Sumatra, «uns a que chamam lapões que comem carne humana como os tapuyas do Brazil, aos quaes parecem nos corpos e feições,» (*H. trag. marit. 1, 446*) devoram piedosamente os parentes caducos, e offerecem o me-

lhor typo da especie particular que agora estudamos. O ancião subia espontaneamente a uma arvore, ao som dos canticos dos seus: «Está maduro! está maduro!» Precipitava-se então, e era morto e devorado. O criminoso atado a um poste era abandonado aos dentes dos concidadãos. O adulterio, o roubo nocturno, o assassinato eram pagos com essa pena. O marido, o lesado, os parentes da victima, tinham direito a escolher o pedaço preferido do corpo do réu: depois o povo, a um signal dado, corria e despedaçava-o. «Em Malaca havia diversas maneiras de justiça, segundo a qualidade do crime: uns espetados: outros acotovellados nos peitos: d'elles enforcados: outros cosidos em agua: outros assados e dados a comer a uns homens, que são como selvagens, de uma terra que se chama Daru, que o rei trazia em Malaca para comerem estes taes.» (*Comm. de Affonso de Albuquerque*, III, p. 96)

O caracter psychologico da androphagia exprime, pois, um momento de evolução mental e um estado ethnometrico; por isso a vemos acompanhar em todas as suas faces o desabrochar das instituições. Está na guerra, está no governo, está na justiça; nos combates, nos thronos, nos tribunaes, banhando em sangue humano as armas do soldado, o sceptro do monarcha, a toga do magistrado. Um phenomeno tão ligado aos elementos formaes que constituem a sociedade, tem raizes intimas no pensamento, e provém dos instinctos d'onde esses elementos brotam. Assim é com effeito; porque o acto de devorar o semelhante apparece-nos como a manifestação d'esse estado psychologico em que o homem, já conscio da sua individualidade e do seu poder, symbolisa n'um espirito errante as suas faculdades. E da rudeza d'esse symbolo, coexistente com a brutalidade dos

instinctos animaes, vem, ou sómente pela braveza, ou tambem pela fome, o apparecimento do cannibalismo, duplamente significativo. Como rito, attesta os progressos do espirito humano; como instincto, dá-nos um exemplo de atavismo. Nos conflictos impensados de uma situação nova, o homem desce mais baixo do que vivia no estado primitivo ou natural: mais baixo ainda do que é proprio dos animaes superiores, que se não devoram entre si.

Estes são os dois caracteres essenciaes da androphagia, como já dissémos. O primeiro, incluindo todas as manifestações marciaes, politicas, juridicas, apparece typicamente na religião; o segundo apparecer-nos-ha nos asquerosos exemplos das caducidades barbaras, onde se vê a cristallisação de um instincto remoto bestial, acordando como consequencia de uma civilisação desequilibrada.

A idéa da existencia real de uma alma habitando o corpo é o ponto de partida para a concepção posterior de um outro-mundo, onde ha reis como n'este, isto é, deuses. O animismo, palavra que denomina o momento ethnometrico que estudamos, é pois a expressão intima de um estado que inclue os phenomenos da androphagia politica, militar, juridica, e por fim religiosa. Da alma, que é um symbolo, veem todas as noções moraes, como de uma semente uma arvore inteira. A religião é o tronco d'essa arvore, e o tronco em volta do qual bracejam, como hastes, as varias idéas e fórmulas sociaes.

A alma dos deuses não é diversa da dos homens; e quando os deuses não são homens, mas sim elementos animados, a imaginação do barbaro vê ain-

da em si propria uma parcella d'esse espirito que vivifica o Universo. Por isso, no cannibalismo religioso, não é, nem póde ser, o deus quem devora a victima: são os fieis, ou os sacerdotes que o fazem, em nome da divindade e em holocausto a esse supposto ser. No Taiti, o padre offerencia ao idolo os olhos da victima e commungava-os depois: o povo commungava do corpo. Os mexicanos, diz Bernal Diaz, comiam religiosamente uma hostia de farinha de milho amassada com o sangue de creanças. Nas grandes solemnidades religiosas vinham os prisioneiros de guerra engordados *ad hoc*. O sacerdote abria-lhes ritualmente o peito, extraíndo o coração, manjar dos deuses, e o corpo era devorado pelos fieis. Em todas as cidades azteques havia gaiolas de madeira onde se guardavam e nutriam os prisioneiros sagrados. Na festa santa da Penitencia, Tezcatlipoca, a victima immolada, era um rapaz a quem n'um anno inteiro fôra symbolicamente concedido entregar-se a todas as caprichosas voluptuosidades da carne, como vimos entre os tupinambas do Brazil. Na lingua peruviana, *mirca* quer dizer comer o pae; e n'essa mythologia antiga, *Mir-cikcoyllon* era o deus dos parricidas androphagos. As tribus do Bohtan comem os figados aos inimigos mortos, e com a gordura fazem cirios que se queimam perante os idolos; com os ossos, flautas das orchestras sagradas; com os craneos, taças dos banquetes religiosos. O slavo Philorete diz que ainda na Russia os *skoptsys* matam creanças, bebendo-lhes o sangue eucharistico.

Estas fórmas crueis de manifestação barbara dos symbolos animistas, cristallisadas e degradadas, como vimos, na civilisação dos mexicanos, foram pouco a pouco sumindo-se, transformando-se tambem em symbolos. Assim, por um lado, os sa-

crifícios humanos, como os dos phenicios antigos e dos negros de hoje, mantem-se em muitos povos que não teem já, ou nunca tiveram, que se saiba, a androphagia; assim, os sacrificios animaes e as primicias agricolas substituem os holocaustos humanos, como se vê na Biblia dos judeus; e afinal as imagens e as esmolas a dinheiro substituem os tributos em especie. Assim, nas egrejas catholicas, o *mealheiro* recebe as offertas do crente ao seu idolo, e nos humbraes da capella se vêem moldados em cera os *milagres*. O enfermo que o santo curou offerece-se em effigie, symbolicamente. Por outro lado, os dógmas conservam da mesma fórma as lembranças dos antigos cultos. O dogma da transubstanciação define theologicamente o animismo barbaro; e o *sacrificio* da Missa, com a communhão da hostia, são symbolos evidentes, claros, de uma androphagia invertida: em vez de ser o deus quem devora o homem, é o crente quem communga a carne e o sangue da divindade.

A' medida que a evolução psychologica progride, os symbolos vão-se idealisando, as idéas vão gradualmente despindo as fórmas transitorias, os ritos vão-se moralisando; e como eccos, lembranças, vestigios, afinal desconhecidos nas suas origens e merecimento ethnometrico, ficam dógmas que a theologia subtilisa, e ritos que a imaginação popular venera inconscientemente.

As leis da hereditariedade vêem-se actuar aqui; as da regressão actuam sempre que a evolução psychologica pára n'um certo momento. E' portanto n'esta segunda categoria que temos de inscrever os abominaveis exemplos da ultima especie de

androphagia que nos falta estudar. Requite de perversão, o cannibalismo de muitos povos, sem duvida psychologico e evolutivo em outras éras, representa a cristallisação de um facto de atavismo em gente que não pôde, ou pelas circumstancias, ou pela escacez de capacidade, passar além do momento do animismo barbaro Parou, degenerou.

Exemplos d'esta especie de androphagia bestial, em que o homem devora o semelhante, sem ligar ao facto idéas moraes de especie alguma, apenas para se alimentar, ou por um requinte de gulodice abominavel: encontram-se por toda, ou quasi toda a parte, onde se acha o cannibalismo psychologico. Nem surprehende esta circumstancia, pois a perversão do sentimento e a cristallisação do phenomeno só podem dar-se onde um e outro appareceram Sabemos que os tupís juntavam os prisioneiros de guerra com raparigas suas para terem crias que cevavam e comiam depois; mas nem tupís, nem guaraní, nem caraibas, nem hurões, nem iroquezes, nem os nutkas da Columbia, nem os patagões que comem as pernas aos inimigos, e á falta d'elles suffocam as mulheres velhas com fumo e devoram-nas: nenhum dos androphagos americanos consta que attingisse as abominações dos africanos caçadores de homens, os niam-niams, barbaros da raça negra, cujo grito de guerra é — Carne! carne!

Os niam-niams e os mombuttus, descriptos por Schweinfurth, já não são selvagens, no sentido ethnometrico da expressão. Se não teem rebanhos, teem aves domesticas em abundancia e villas permanentes; são lavradores, metallurgistas e notavelmente habeis louceiros. Caçam o homem para o comer, como caçam o elephante; e, além de comerem a carne dos prisioneiros que tomam, comem todo aquelle que morre sem ter parentes a recla-

mar-lhe o cadaver. A gordura humana é tempero habitual na sua cosinha. Mais para o sul, a nascente da Africa portugueza, a androphagia dos ma-iacas é tambem como a dos niam-niams, puramente alimenticia, embora nas narrativas dos viajantes seja licito encontrar um symptoma de psychologia social. Nas clareiras da floresta, entre danças ao som do batuque, principia, ao cair da tarde, o festim pelo esquartejar dos escravos. Accendem-se altas fogueiras cuja labareda avermelha sanguinolentamente os n'pafos, as tecas, enlaçadas pelas cordas colossaes da planta da borracha. Os pedaços das victimas são espetados em piques e assados. Sobre uma longa haste vê-se a mão espalmada com os dedos mortos, abertos. Os ma-iacas sentam-se em torno olhando, cheirando, gozando, começando pelo olfato a embriaguez em que os lança depois a carne devorada e a mafia capitosa com que acompanham o assado humano. As cabeças, porém, cabem aos chefes. (*Viag. de Capello e Ivens no Occid.* 1881, p. 15, 25 e 54).

Diz-se que, em geral, o africano não come as mulheres, como na Australia, onde Obfield não encontrou sepulturas femininas; entretanto Baker dá a relação de um banquete em Gondokoro, no alto-Nilo, em que apenas se comeram mulheres e creanças. Os fans da zona equatorial, estudados por Du Chaillou e identificados com os anziques de Pigafetta, offerecem o exemplo do maximo requinte na androphagia alimentar, e da aberração na psychologica.

E começo em Guiné
 E Manicongo, por ter
 Costume de se comer
 Huns a outros, como é
 Muy notorio se fazer.

Compram homens como gados
 Escolhidos, bem criados,
 E matão-os regateiras
 E cosidos em caldeiras
 Os comem bem assados.

(G. de Rezende, *Miscell.*)

Comem os mortos, em vez de os enterrarem; e engordam e matam os escravos, que são vendidos aos pedaços em açougues de carne humana; mas os mortos, para serem devorados, permutam-se entre as tribus, e frequentemente ha quem se offereça espontaneamente ao sacrificio, umas vezes por gloria, outras por amor. Entre os basutos, ainda ha dez annos, havia o uso da carne humana, oriundo de uma crise alimenticia em que a fome os tinha forçado a provala. Como o europeu quaternario, o basuto androphago fura o craneo para sorver a massa cerebral, fende ao longo os ossos para lhes tirar as medullas.

Passando á Asia, em Camboja, dos khos descriptos pelos nossos chronistas com o nome de guês, ou gueos (V. Barros, *Dec.* 3, II, 5), disse Camões (*Lusiadas* x, 126)

Vês nos remotos montes outras gentes
 Que gueos se chamam de selvagens vidas
 Humana carne comem, mas a sua
 Pintam com ferro ardente, usança crua.

Mais para alem, Oriente em fóra, os vitis ou fídjianos são, ou eram, o typo abominavel dos androphagos por atavismo. O cannibalismo regressivo em parte alguma se caracteriza mais notavelmente como um requinte de perversão degradada. O homem chama-se *puaka-balava*, porco-longo. Não é por fome que o comem, pois os alimentos são abundantes. Já não é tambem por devoção, embora

persistam os vestigios dos ritos d'onde a depravação nasceu. Teem por habito matar os paes, avisam-nos quando chega a hora, e comem-nos banquetecendo-se. Ainda assam no campo de batalha os prisioneiros; mas esses actos são apenas restos dos antigos ritos marciaes, familiaes, politicos, conhecidos do leitor. Ceviar os escravos, alimentar-se normalmente com carne humana, como os anziques de Pigafetta, eis ahi o caracter eminente do cannibalismo viti.

Um chefe gabava-se de ter comido 872 cabeças; e é proverbio a expressão «tão bom como carne humana!» Para que se avalie bem a differença entre esta androphagia regressiva e a psychologica, lembre-se o leitor como o guerreiro no campo de batalha preferia a carne dura do inimigo velho. Entre os fidjis, dá-se o contrario: as preferencias veem do paladar, não do pensamento. A carne do negro é mais saborosa do que a do branco; a da mulher superior á do homem. O braço e a coxa passam por acepipes, e os açougues de carne humana satisfazem as exigencias dos epicuristas: uns preferem-na assada em vivo; outros cosinhal-a já *pas-sada*, como nós gostamos da caça.

E com isto o viti não é propriamente um selvagem: é um caduco. Passou da barbarie á velhice, sem ter podido attingir a maioridade. Os requintes do seu cannibalismo attestam uma degradação onde não podia ter caído, se antes não tivesse chegado ao momento ethnometrico em que a androphagia psychologica revela um progresso mental decidido sobre o estado selvagem. A cada estado social humano correspondem um, ou varios modos de regressão; e em todos os estados, ou momentos, as sociedades podem parar, ou por motivos externos, ou por terem esgotado a capacidade propria.

Olhemos para nós, europeus, e facilmente descobriremos quaes são os caracteres regressivos da nossa civilisação: o malthusianismo, o infanticidio, a embriaguez, a prostituição, o sybaritismo, e o amor do ouro que afoga a piedade e faz das idéas manhas, da intelligencia astucia, da ambição cubiça, da razão clara um nevoeiro de cegas espertezas.

3. — A MORTE

A idéa de um espirito que habita no corpo, symbolo primitivo com que a razão incipiente exprime o systema dos pensamentos e sentimentos: ¹ essa idéa, já claramente formada na idade da androphagia, traz raizes do facto da morte, que é como que a consagração da vida. A morte, que no estado da animalidade não póde ainda provocar nos sobreviventes movimentos de ordem psychologica, ² é o nucleo de dois grandes ramos de concepções subjectivas. Amor e morte, principio e fim, berço e tumulo, são raiz e origem de todas as idéas humanas. Se do amor vem a familia, o estado, e a guerra com as suas crueldades: da morte vem a concepção de uma alma, e a origem de idéas religiosas que, reagindo, dão consistencia aos povos, ritos á guerra, e formulas á moral. O instincto do peccado, correlativo ao facto da geração, torna-se o fundo psychologico das religiões originadas no facto da morte. Amor e morte confundem-se, penetram-se intimamente nos horisontes remotos em que despontam as alvoradas da consciencia humana. A nossa historia, tendo pártido das relações sexuaes, até deixar assentes os elementos primitivos das sociedades, tem de regressar agora ao

¹ V. *Systema dos mythos relig.* pp. 1, 16. — ² *Ibid.* pp. 35, 47.

principio, para investigar este lado psychologico das origens das religiões. Feito isso, a tarefa estará desempenhada em parte, faltando-nos apenas estudar os meios e artes correspondentes aos primeiros progressos sociaes: a casa e o templo, a escripta e os numeros.

O apparecimento inconsciente das idéas é provocado pelos phenomenos naturaes: a imaginação não cria, concebe e define. O somno e os sonhos, as syncopes e outros accidentes que simulam a morte no decurso da vida, são o ponto de partida para a explicação symbolica da primeira. A imaginação infantil do homem da natureza não póde sem duvida attingir uma noção ainda inconcebivel para a maxima parte dos que passam por civilisados. D'entre cada milhar de europeus não ha de certo um que comprehenda o não-ser: aniquilamento da existencia, ou desaggregação dos elementos e forças que, n'uma certa combinação, produziram o phenomeno chamado vida. D'esta falta de alcance, ao mesmo tempo racional e intellectual, veem os symbolos populares ainda actuaes, inventando a dualidade da natureza humana, e fazendo corresponder á decomposição do corpo a viagem da *alma* para habitações ignotas, ethereas ou infernaes. Se esta distincção de destino provém da moralisação das idéas religiosas; se a concepção de cidades ultra-tumulares mostra um momento já relativamente avançado da evolução eschatologica,¹ a primitiva definição symbolica da morte não nos apparece ainda revestida de caracteres transcendentales, nem moraes. E' strictamente realista.

O morto é um dormente. Não se concebe propriamente a ultra vida, porque na morte se vê ape-

¹ *Syst. dos mythos religiosos*, pp. 259 e segg.

nas a continuação da existencia, sob nma fórma singular, nova. O cadaver fica sentado, na attitude de quem parou a descansar. Assim se vê nos tumulos quaternarios da Europa, nos americanos do Perú, e até entre os andamans ou mincopis; para nos mostrar que já entre os infimos, não só o amor, tambem a morte, é objecto de elaborações psychologicas ignotas á animalidade e typicas do homem.

Não estranhe o leitor as repetições forçadas que o assumpto implica. A inconsciencia, nebulosa, indeterminada por sua natureza, confunde as cousas n'um todo que nós analysamos e classificamos por necessidade da nossa intelligencia. Um mesmo rito abrange phenomenos que o methodo obriga a isolar, classificando-os em cathogorias diversas. Assim, estudando a androphagia, tivemos de notar factos que agora voltam a servir-nos para estudar a morte. Vimos que, entre os exemplos do cannibalismo, entravam os mortuarios: vamos vêr que o devorar dos mortos tem, conjuntamente com outros processos funerarios, um grave alcance psychologico para a determinação da idéa que o selvagem e o barbaro fazem da morte.

Entre os mincopis, os cadaveres enterram-se sentados, conforme dissemos, e quando se suppõe deverem estar consumidos os tecidos, abre-se a cova e a familia reparte os ossos do morto: as viuvras tomam para si o craneo, suspendendo-o ao pescoço por uma corda. Nos ossos continua o fallecido a existir com os vivos. Entre os tarianas e tucanos do Amazonas, diz Wallace, *bebe-se* o morto: desenterra-se, queima-se, e as cinzas dissolvidas em agua são commungadas pela familia. Não é isto

uma especie de androphagia? Não está na androphagia uma psychologia da morte? Sem duvida; mas a incompreensão da morte e a idéa de uma vida real post-mortuaria, além de se manifestarem em ritos familiares, apresentam-se com uma expressão social, e um symptoma d'essa cohesão que a aldeia mostra nos povos barbaros. O morto continua a viver no seio dos parentes, e não abandona a sua tribu. Na esphera individual-familiar, e na esphera social, o phenomeno psychologico é identico.

Os nagas do Assam enterram os mortos nas ruas da aldeia, em frente da casa que habitaram; sobre a sepultura põem uma lapide, plantam flôres. As ruas são cemiterios. A aldeia habitada pelos vivos e pelos mortos contém em si as gerações successivas; e se por um lado attesta a cohesão de uma sociedade incipiente, pelo outro documenta o sentimento da solidariedade entre as edades, entre a successão das gerações, mostrando-nos embryonario esse espirito de cohesão no tempo, alma intima das nações e definição racional da immortalidade.

Em Ceilão têm pendurados
 Seus finados em fumeiros
 E depois de bem secados
 São em casa agasalhados
 Os corpos assi inteiros
 Tem seus paes, mães, descendentes
 E os chegados parentes
 Em casa juntos guardados
 Muito limpos, muy honrados
 Os tem sempre assi presentes.

(G. de Rezende, *Miscell.*)

Dos barbamins, diz Almada que «tém seus cemiterios ao longo das aldeias onde moram, e quando morrem fazem uma caza alta e alli dentro orde-

nam uma barra com uma cama onde põem o cadaver coberto com pannos, » etc. (*Rios de Guiné*, 23). O morto dorme: não lhe perturbemos o somno. E' o guerreiro, o cidadão que parou cansado do labutar da vida, e repousa no «somno eterno.» Por isso lhe entaipam com terra o sepulchro: só debaixo do chão ha silencio que lhe não perturbará o dormir.

Comprehende pois o leitor o motivo porque os cemiterios são logares sagrados, e o respeito dos mortos um instincto moral? A morte exprime objectivamente a vida, e a successão das gerações é realmente a eternidade. Os mortos vivem portanto em nós, e nós vivemos n'elles; porque as idéas immateriaes, prescindindo de fórmulas para existirem em si, criam, para além da existencia tangivel e finita, uma existencia eterna.¹ O cadaver é o symbolo do infinito, o cemiterio o templo da eternidade. O culto dos mortos enraiza-se, pois, no amago da terra, d'onde nasce a arvore da vida da humanidade. Universal no tempo, é tão profundo no selvagem, como no barbaro, como no civilisado. Tanto valor social tem a aldeia, como o cemiterio: a cidade dos vivos, e a cidade dos mortos. Na primeira vemos a sociedade nas suas fórmulas dynamicas; na segunda vemol-a como representação muda d'esse espirito que solidarisa as gerações, fazendo com que á unidade da vida actual corresponda uma unidade ideal na serie indefinida dos tempos. Os cemiterios são a sociedade na historia, as cidades são a historia nos seus momentos.

O morto é um vivo: o sepulchro é uma casa, a

¹ V. *Systema dos mythos religiosos*, p. 18.

necropole uma villa — a villa dos mortos! Os cadaveres mettiam-se em cavernas, porque essas eram as casas dos homens primitivos; metteram-se tambem em covas, porque tambem o troglodita as habitava. As cavernas fechavam-se, as covas tapavam-se, porque a vida tumular era um dormir para todo o sempre, e uma existencia levada em sonhos — como a outra fôra uma realidade percebida em nuvens!

Tem-se pretendido buscar nos processos de conservação dos mortos um signal de afinidade ethnica, e com effeito vê-se uma vaga divisão de áreas em que dominam os typos essenciaes — exposição, cremação, inhumação. A exposição é commum no extremo Oriente e na Asia central; a cremação vae até á Polynesia; o enterramento é geral á Europa e á Africa. Os boschimanos, os hottentotes e alguns cafres, com os galas ukua-fis, não enterram, porém, nem queimam, nem expõem os cadaveres ritualmente: abandonam-os ás feras. As hyenas vêm devorar os corpos lançados á valla commum, aberta a breve distancia do kraal dos cafres. Mas se alguém quizer vêr n'isto uma prova de bestialidade, lembre-se logo de que o australio, muito menos *homem* do que o cafre, expõe o cadaver sobre um cadafalso erguido em quatro postes, coberto com uma pelle de kanguru, para que o tempo o mirre. O pelle-vermelha, ou faz outro tanto, ou mette o morto n'um esquife, berço mortuario suspenso dos ramos das arvores: quando o tempo consumiu os tecidos, ou as aves os devoraram, recolhem-se piedosamente os ossos.

No Thibet procede-se como na Cafraria. Ha, em vez de vallas, poços ou cisternas sepulchraes, onde se lançam os cadaveres, que os cães e as aguias

vém devorar. A exposição é a regra n'essa região em que os mortos se não queimam, nem se enterram. Se os não lançam nas cisternas, collocam nos no alto dos penhascos, ou deitam nos aos rios. Tambem os dayaks de Borneo põem o morto na sua canoa, com as suas armas, e precipitam no fundo o esquife: irá navegar pelos mares sonhados da outra-vida! Na Polynesia, o cadaver, secco ao ar livre, deposita-se sentado, involto em ligaduras, mumificado como no antigo Egypto, no seu *morai*, cercado de imagens. Os papuas tambem mumificam.

A cremação é indigena no Oriente até á China, até aos célebes, dos quaes Couto diz que queimam os mortos, recolhendo as cinzas em urnas que enterram. Na Italia antiga era o processo usado para os ricos; o commom da gente enterrava-se. Na Europa dos nossos dias principia a praticar-se e provavelmente generalisar-se-ha, porque é o processo mais adequado para combinar o respeito dos mortos com as exigencias da saude dos vivos. Na China alterna a cremação com o enterramento: no Tchekiang e no Kiang-nan prevalece a primeira, n'outros pontos o segundo. No Nepaul é o sacerdote quem determina se o cadaver deve ser queimado, enterrado, ou exposto, para que as aves de rapina o consumam: o destino do cadaver corresponde ao merecimento da vida. Os garos do Assam conservam o morto consigo quatro dias, antes de o queimarem. As cinzas são enterradas no chão da fogueira. Sobre a cova ergue-se um pequeno templo, no templo arde por dois ou tres mezes uma lâmpada todas as noites: allumiae o dormite! Em volta d'elle, pendentés de estacas, põem-lhe os fatos: quererá vestir-se, para tornar á vida? Se a morte é um somno, a resureição não seria um

milagre. Nos kocchs da península transgangetica o pensamento é outro. O banquete funereo dura dois dias perante o cadaver; depois queimam-no á borda de um rio, e banham-se n'elle. As aguas lavam o nojo: termina o lucto, disse-se o ultimo adeus, e os vivòs continuam, na existencia propria, a passada existencia do morto. As nações succedem-se na preeminencia da civilisação: *Quasi cursores lampada tradunt*. O mesmo acontece com as gerações. A luz que allumia a humanidade, mostrando-lhe o mundo racional das idéas, sua vida verdadeira e sua alma, passa de mão em mão. O tempo desenrola o fio da existencia indefinida, contando em cada volta a vida de uma geração.

A inhumação é o destino mais geral dos cadaveres: era o uso dos gaulezes, dos germanos, dos scandinavos, de muitos scythas, dos peruanos, de quasi toda a America, e pôde dizer-se que da Africa inteira.

Os uaniamnézis só enterram, porém, os reis e chefes. Ligam-lhes os cadaveres forçando-os, dobrados ou sentados, com a barba entre os joelhos, e os punhos cerrados sobre os olhos. No fundo de uma fossa circular ha uma meza sobre a qual de põem o cadaver, e em torno da sepultura levantam uma palissada para a defender das feras. Graça viu o cemiterio do Muata-Yanvos: no centro está o carneiro imperial, em torno os jazigos communs. Os cadaveres são lavados, as unhas aparadas, o cabello entrançado, os dentes limpos, antes de serem levados pelos parentes e amigos á sepultura. (*Diario, l. c. n. 11*) Os cazembes veneram os cemiterios como logares sagrados: são recintos murados, tendo

ás entradas montes de caveiras como tropheus ou monumentos funebres. (Gamitto, *Muata Cazembe* III, 230-2)

A sepultura é uma casa, já o dissemos: cova ou gruta, caverna ou fossa, porque em ambos estes abrigos o homem principiou por habitar. Na Melanesia, diz Bonwick, os cadaveres que se não enterram são mettidos em pequenas grutas, ou em troncos de arvores escavados. O uso das cavernas sepulchraes é geral na Palestina e na Asia menor. Nas ilhas Sandwich o cadaver é envolvido em cascas de arvôres antes de ser mettido na gruta. A Europa está coalhada d'esse genero de jazigos naturaes, que a arte da construcção imitou depois nos dolmens e outros monumentos megalithicos — os *jällestuer* e os *ganggrifter* da Succia, os *hannebeten* da Allemanha, as necropoles dos etruscos, e na Africa as pyramides dos egypcios.

Todos estes varios destinos dados aos cadaveres demonstram um pensamento ignorante da natureza real da morte. A principio, segundo se disse, o fallecido é como um dormente; e nos sonhos vêem os vivos uma imagem ou um exemplo do que suppõem ser a existencia tumular. D'ahi provém o rito universal de introduzir na cova utensilios e alimentos; d'ahi vem o uso menos geral de sacrificar no tumulo as esposas e os escravos do vencido. De tudo isso ha de o morto carecer na outra vida. Os bodos da peninsula transgangetica, quando um parente morre, vão processionalmente junto da cova dizendo ao cadaver: «Toma, come; até hoje viveste comnosco, agora deixas-nos.» Cranz diz dos eskimós que collocam no tumulo o kajak e as armas do fallecido «para ter o que necessita no outro-mundo.» No Brazil alguns indigenas mettiã o cadaver com a foice e a enxada n'um ataude de barro, — iguaçaba. (Vasc. *Chron.* LXXXIII) Na China punham no

caixão fructas, legumes, pão. (Gaspar da Cruz, *Trat.* XIV) Entre os cafres, depois dos prantos da aldeia, amortalham o defunto, enterram-no armado e deitam-lhe na cova milho, arroz, feijões, pondo-lhe em cima o leito onde dormia e o banco em que se sentava; queimam a cubata e deitam as cinzas na cova, sobre a qual levantam n'um mastro uma bandeira branca. (*Hist. Trag. marit.* 1, 117)

Tudo isto indica, sem a minima duvida, a idéa de uma ultra-vida, de resto ainda commum aos povos civilizados sob uma fórma mais ou menos requintada. Mas que significa a bandeira branca sobre o jazigo? Os orang-bennas de Djor, depois do cadaver enterrado, accendem durante dias uma fogueira sobre a cova, para impedir que o *hantu*, ou espirito do morto, grite de sob a terra. Já essa vida tumular perdeu o character realista: é uma vida de espirito creada pela imaginação, differente da vida natural, na fórma, mas não na essencia, nem no logar. Os espiritos habitam a terra com eguaes instinctos e necessidades, com as mesmas categorias sociaes dos homens. Os heroes gregos tinham sanctuarios locaes, como as fadas germanicas e os santos christãos que succederam a ambos. A esta noção animista da morte virá a religião addicionar a idéa de regiões particulares dos mortos, e depois a moral classifical as em paraizos e infernos, dando á vida ultra-tumular o character de uma condemnação, ou de uma apothese, da vida real, em vez do character primitivo de uma prolação simples d'esta ultima.

4 — A PROTO-ESCRIPTA

Outra prova d'este character exclusivo de idealidade que, accentuando todos os actos humanos,

cria para os homens uma individualidade typica, está nos signaes e emblemas com que o selvagem e o barbaro mutilam o corpo, ou mosqueiam a pelle. O corpo humano é o primeiro texto das historias e dos codigos: n'elle o homem *escreve* a tribu a que pertence, e os actos que lhe *illustram* a vida. Uma aurora de reflexão, um prenuncio de consciencia, apparecem logo que as fórmas sociaes attingem um certo grau de cohesão, e que as idéas denunciam a solidariedade das gerações, sob a formula das concepções animistas. Desde que o homem passa a reconhecer-se, mais ou menos conscientemente, como membro de uma sociedade e momento de uma serie, acorda em seu espirito a necessidade de registrar esses laços de duas ordens que o prendem a uma corporação. Entre os timbues do Brazil «quando morre algum d'elles, segundo o parentesco, assim cortam os dedos: por cada parente uma junta; e vi muitos homens velhos que não tinham senão o dedo pollegar.» (*Diario da naveg.* de M. Aff, de Sousa; ed. 1839, p. 55) As mãos dos timbues, assim mutiladas, representam os fastos primitivos da tribu que é, um alargamento da familia. Por outro lado, que motivo ha de achar-se, não diremos já em deformações apparentes que pódem ser levadas á conta de embellezamentos, mas em actos como a circumcisão? Se o homem primitivo se mutila, ou se defórma, para se adornar, é fóra de duvida que tambem o faz para levar consigo a *marca* distinctiva da sociedade a que pertence.

Os phenomenos das deformações ornamentaes, bem como os do vestuario por adorno, pertencem a uma ordem de observações secundarias na direcção que seguimos. A vaidade, a pompa, são instinctos communs aos animacs: as aves arrastam a aza, levantam as caudas e as pôpas bri-

lhantes, entufam-se, requestando as femeas; e se n'esta mesma ordem de phenomenos o homem faz mais do que repetir ou augmentar, pois as noções estheticas téem tambem um cunho de idealidade ou de *humanidade*, é factó que, além dos motivos d'esta natureza, vimos que o pudor, ignoto aos animaes, apparece nas origens do vestuario. Vemos o mesmo nas deformações e na tatuagem.

Que belleza traz consigo a mutilação dos dedos? que apparatus a circumcisão?

D'entre as numerosas mutilações humanas, a circumcisão é, entretanto, a mais geral. Abrange inteira a área semita, é commum aos melanesios, aos australios, aos negritos, aos novo-caledonios, aos polynesios. Além d'isto, tem um caracter ritual, sagrado, como convém a um signal que attesta a nacionalidade. Os ethiopes, já senhores dos metaes, circumcisam-se com uma faca de pedra: o instrumento archaico dos sacrificios religiosos. Em Madagascar, o rito precede a invasão do islamismo, que o tem introduzido entre os cafres. Na Oceania, os indigenas depilam o pubis, á maneira dos beduinos da Arabia que praticam o *salkh*, rito pre-islamita, interdicto aos musulmanos. Nas ilhas Sandwich, a circumcisão dizia-se *mahalé*, e na America central o costume pratica-se em varias tribus. Não será suggestivo o factó da vastidão de um rito inherente aos orgãos sexuaes, e por isso á reproducção da especie? Lembra-se o leitor das perguntas que formulámos, quando vimos o pudor convergindo sobre este mesmo phenomeno organico, e o mytho fundamental do peccado ser a traducção da copula?

Quando se penetra intimamente nas radículas subtís dos pensamentos inconscientes, é certo o risco de viciar a critica á força de indagação. Ava-

lie cada qual como quizer o alcance dos ritos a que alludimos; pois, para o momento actual do nosso estudo, basta nos registrar o facto de que esses usos se não podem filiar nos instinctos estheticos, já por não serem visiveis, já por serem rituaes, ou religiosos. A circumcisão, é, na opinião commum, um attestado de nacionalidade. E', consinta-se-nos a expressão, o *passa-porte* que o homem primitivo escreve com a faca de silex no proprio corpo. Como nasceria no homem a lembrança de se *marcar*, se não tivesse já o sentimento de que faz parte de uma certa nação, ou tribu? Os primitivos ensaios de escripta são a prova da constituição de nucleos de sociedade.

Poderá considerar-se esthetico o uso dos zualamavimos, recentemente observado? Esse nome com que se conhecem a si proprios vêm da deformação que os distingue: desde pequenos estendem a pelle do ventre fazendo a ficar pendente, como um avental, até ás coxas. Por isso se dizem «*pelles-de-ventre.*» (*Vrag.* de Capello e Ivens, no *Occid.* 1881, p. 15) A denominação ethnica vem confirmar a natureza da deformação, porque esse nome é indigena. No mesmo caso estão os *orejones* que os hespanhoes chamaram assim, pelo uso de deformarem as orelhas exagerando-as; os *lenguas* do Paraguay que mettem no beijo inferior uma *lingua* de pau; e os *botocudos* que, em vez de uma tabua, usam o disco a que os portuguezes chamam batoque.

Tém um valor analogo ao dos zualamavimos o nome dos choctans da America do norte, nome indigena cuja traducção é «*cabeças-chatas.*» Deno-

minam-se com a deformação dos craneos: especie tão vasta, cu mais ainda, do que a circuncisão, e á qual não póde tambem deixar de attribuir-se valor ethnico, ou social. Os motivos estheticos evidentemente não satisfazem como explicação; embora, estabelecido o uso, venha o capricho, ou a presumpção, requintal-o, tornando-o *moda*, como se observa na compressão dos pés das chinezas.

As deformações craneanas são geraes na America, embora nem todas as nações as pratiquem. Os natchez dão á cabeça uma fôrma pyramidal; os choctós fazem outro tanto. As creanças são estendidas sobre uma tabua, e sobre a cabeça põem-lhes um sacco de areia que comprime a frente e o occiput, elevando o vertice. Similhanes usos se encontram entre os vaxsós, os muscugis, os catobas e os altapacas. Na Columbia, entre os nutkas, a deformação era opposta. A creança collocava-se n'um berço de pau almofadado de relva, com a cabeça comprimida contra um dos topos; de lado a lado, uma tabua deprimia a testa; e até poder andar, a creança não saia do molde que lhe imprimia á cabeça uma fôrma chata e larga, horrenda á vista. Outros dão ao craneo a fôrma spiral por meio de uma corda enrolada; e entre os peruviaños antigos, a frente achatava-se com ligaduras e compressas, deixando amplo o desenvolvimento da região occipital, e dando aos craneos um molde tão singular que chegou a fazer suppôr a existencia de um typo phisico especial. Dos hunos, dos macrocephalos de Hippocrates, sabe-se que deformavam os craneos; e ainda hoje nos costumes historicos da nossa peninsula vive na *estopada* a tradição d'esse uso. ¹

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.ª ed.) pp. 265-6.

Uma deformação mais directamente inspirada pelo instincto guerreiro, ao que nos parece, do que pelo sentimento da nacionalidade, é a forma ponteguda que os congos, os niam-niams e muitos outros africanos dão aos dentes. Um tal uso é commum aos rejangs de Sumatra, e ao gentio de Tendaya (*Livro de D. Barbosa, 380*); mas, que aspecto bellicioso pôde resultar do uso de arrancar os incisivos, uso de australios e papuas, uso dos dinkas e das tribus de Bahr-el-Ghazal, que extraem os inferiores, e dos batokas do alto Zambeze que extraem os superiores?

Dar ao aspecto um ar medonho, adornar o corpo com pennas vistosas, são actos a que o idealismo typico dos homens presta um character novo; mas que, essencialmente, se nos apresentam communs ao homem e a certos animaes superiores. As mulheres malayas chegam a rasgar as orelhas com o peso dos brincos; uns selvagens usam manilhas e pulseiras sobre os membros nús, como os catauxis e os purupurus do Amazonas; outros, como os papuas do litoral de Torres, põem o adorno na cabeça em corôas de pennas multicolores. Os dayaks carregam o pescoço com collares de agatha; e dos brazis dizia o chronista que «andam esburacados muitos d'elles pelas orelhas, faces e beiços, e n'estes buracos engastam pedras de varias côres, da grossura de um dedo: alguns vi com cinco, outros com sete buracos nas faces e beiços.» (*Vasc. Chron. ca, LXXVI*) A serie de todos os adornos primitivos é infinita; mas numeral-os seria fastidioso, e não acrescentaria o peculio de saber essencial.

Importa-nos sobre tudo apreciar o character dos motivos psychologicos d'onde taes exemplos emanam; e nas observações registradas o leitor viu que, se ha, sem duvida, usos que a esthetica basta

a explicar, ha outros, como a circuncisão, que só podemos filiar nos sentimentos acordados pelo facto da aggregação social.

Chamámos a essa ordem de phenomenos fastos e codigos, primeiros registros e primeiras memorias de uma gente, já capaz de sentir os laços de união da tribu e da solidariedade das gerações. Mas esses registros, se prenunciam a escripta, não tem ainda sequer symbolos, nem signaes graphics: ainda nem são como as marcas com que o pastor assignala as rezes do seu rebanho. Agora vamos vêr como surge uma verdadeira escripta, que antes de registrar em cascas e folhas de arvores, ou em telas de linho e pelles de animaes, os seus caracteres symbolicos, registra na propria pelle do homem vivo a sua historia e filiação. E' a tatuagem.¹

A tatuagem offerece-nos de certo, ao lado d'este character ethnicamente eminente, o character de um ornamento sem alcance particular. Começando por cair-se com ochre, pintando-se depois com tintas vegetaes para se tornar bello ou horrído, o barbaro fixou, por meio de incisões na pelle, as côres e desenhos que a phantasia lhe inventava; mas esse processo veio a servir para fixar tambem, de um modo mais definido, o signal da tribu, as façanhas da vida, o cognome e o brazão do guerreiro. Este é o valor ethnometrico da tatuagem: revela uma consciencia que já requer das artes um processo de registros sociaes, e um estado de espirito bastante lucido para representar em signos e sym-

¹ V. *Quadros das instit. primit.* p. 234.

bolos os factos e idéas. E' pois a prova objectiva de um momento em que a consciencia principia a desentranhar-se dos nimbos da espontaneidade natural.

Como processo, a tatuagem melanesia distingue-se da polynesia em não ser colorida. O melanesio pratica as incisões, mas não põe côres nas cicatrizes; o polynesio injecta-as de materias córantes. O melanesio tatua-se com um sillex, ou um dente de tubarão; o polynesio criva a pelle de pontos com os bicos de agulhas. Os papuas usam os dois processos. As plebes europêas, prostitutas, marinheiros, especialmente do Meio-dia, usam da polvora como materia córante, dando aos desenhos um tom azulado indelevel. Este uso primitivo, ainda observavel nas infimas camadas das sociedades cultas da Europa, encontra-se por toda a parte e em todos os estados ethnometricos, desde o selvagem papua até ao pelle-vermelha barbaro, até ao Japão e á Birmania, civilisações particulares orientaes.

No selvagem é um adorno, uma vaidade, um attestado de bravura, porque a operação é dolorosa; e com esse caracter se encontra na ralé das sociedades cultas. No barbaro, adquire um caracter especial que se oblitera depois, logo que outros registros e processos graphicos substituem os primitivos textos escriptos na pelle humana.

Entre os birmans, não ser tatuado é indicio de covardia; os nossos marinheiros ostentam os signaes do braço nú com satisfação. Uma ancora, um canhão, uma lança, ou signaes amorosos; nas meretrizes signaes obscenos: são lembranças inscriptas na pelle, como se inscrevem nas cascas das arvores os mementos de uma hora de prazer bucolico. Taes vestigios de um costume remoto correspondem á idade em que o homem desconhecia

ainda a escripta. Na Oceania, as mulheres adornam a vulva com signaes obscenos, e ainda ha annos as damas japonezas tatuavam as mãos com allusões aos seus amantes.

Attestar a nubilidade é, porém, segundo Mante-gazza, um character da tatuagem dos tobas e dos guaranis, nos dois sexos: certas linhas e cicatrizes declaram se a mulher é virgem ou nubil, ao passo que a tatuagem dos homens coincide com a virilidade. Na pelle levam consigo a certidão da idade natural. Depois, como succede entre os maoris, é na pelle que registram os obitos dos parentes e amigos; na pelle escrevem os sumatras o registro dos inimigos mortos. O mesmo succedia no Brazil aos tupinambas, dos quaes o chronista diz que, depois de tosquiado, «se risca em algumas partes do corpo com o dente de cotia, em lavores, e dão por estas sarjaduras uma tinta com que ficam vivas, e emquanto o riscado vive, o que tem por grande bisarria, e alguns indios que tomaram tantos nomes, se riscaram tantas vezes que não tem parte onde não esteja o corpo riscado.» (*Not. do Brazil, na Coll. da Acad. III p. 298.*) No mesmo livro escrevem o signal da tribu, a distincção da classe, a denominação pessoal. Os pelles-vermelhas dividem-se em clans blazonadas por um *totem* extraído da fauna local; emblema que inscripto na pelle do barbaro o denomina, e é ao mesmo tempo o seu fetiche — ou *feitico*, pois d'esta palavra portugueza veiu a que se generalizou na mythologia. Em Nukaiva a tatuagem distingue a nobreza; na Nova-Zelandia apenas aos guerreiros e aos nobres é concedido esse uso. Entre os antigos pictes e scots, as marcas da pelle designavam, por signaes consagrados, os capitães e chefes. Nas Marquezas, os partidos e facções rivaes distinguem-se por emblemas inscriptos na pelle: esta

adoptou o triangulo, aquella um olho; e por toda a Africa a tatuagem serve para distinguir as tribus. Os bambaras individualisam as suas tribus por meio de riscos horisontaes e verticaes na face, no peito e nos braços. Os guerreiros *kaffirs* gozam do privilegio de uma larga incisão nas pernas, tinta de azul indelevel. Na Edade-media europêa os artifices usavam de tatuagens corporativas, costume de que ainda resta um vestigio nos sapateiros e carniceros francezes. Finalmente, se a tatuagem nos apresenta o primeiro esboço de um registro civil, inscripto na pelle dos homens vivos, como n'um tombo individual e ambulante, diz-nos Krause que, além das categorias sociaes, dos agrupamentos politicos, e das memorias de familia, a pelle humana declara tambem as condições economicas do barbaro. Com certos signaes particulares, o devedor fica marcado para servir o credor um certo periodo, e esses signaes designam o numero e qualidade dos objectos, origem da divida.

Registro civil, autobiographia, livro-mestre, a pelle é tambem um Evangelho. A religião apparece escripta ao lado da chronica e do codigo. Um homem vivo é uma estatua que falla, e os progressos das suas idéas e instituições, indelevelmente consignados, prendem-no de um modo positivo á tribu a que pertence, á classe onde nasceu, á religião que adoptou, á familia d'onde provém. No homem tatuado vemos, pois, a imagem e como que o symbolo do homem civilisado, cellula de um organismo colectivo.

Ewald affirma que os phenicios inscreviam na testa a imagem do seu deus, Melkarth, de quem os gregos fizeram Herakles, o Hercules latino. Cesar diz dos gaulezes da Bretanha que se tatuavam religiosamente.

Tudo o que é social é religioso, porque é ideal; e a religião apparece consagrando symbolicamente os instinctos moraes humanos, como summa, ou synthese, de todos elles. N'este sentido é, pois, eminentemente verdadeira a opinião que define o homem um animal religioso. Nós diremos idealista. Tudo é ritual, ainda antes que a religião propriamente dita, como que crystallizando os instinctos, dê a esses ritos inconscientes uma primeira definição transcendente. Ritual é pois a tatuagem; é propriamente religiosa na Nova-Zelandia, onde aos sacerdotes compete fazer as injectões córantes; é religiosa na ilha Marechal, onde ninguem se tatua sem previamente pedir licença ao deus. De um costume social, a tatuagem torna-se uma cerimonia religiosa, como vimos: assim succede com o casamento, assim com a circumcisão, assim com tudo. Os birmans tatuam-se com emblemas mysteriosos e signaes magicos que curam feridas. Procopio diz que os primeiros christãos usavam escrever com lume, nos braços e nas palmas das mãos, o nome de Jesus e o signal da cruz. Thevenet affirma que, ainda em 1688, os fieis que visitavam Bethlem, na Palestina, se tatuavam no sanctuario.

A tatuagem affigura-se-nos, portanto, ser o signal typico do estado barbaro, que tem na guerra a sua expressão activa, na tribu a sua expressão formal, e na religião a sua expressão subjectiva. De pé, o guerreiro, já crente n'um mundo sobrenatural, já ligado ao systema de uma sociedade, tem no proprio corpo a definição do seu estado heroico. E' o momento em que a razão alvorece, desdo-

brando-se em formulas ainda bastante fluidas para deixarem franca a expansão da espontaneidade natural. E' o estado que os heroes de Homero representam, nem selvagens, nem propriamente cultos: oscillando entre uma e outra condição, com a nobreza das idéas que borbulham por entre as nevoas da inconsciencia, como relampagos fusilando a sarjar o céu, nas tardes estivaes, com listas de azul illuminadas.

A violencia e a inconstancia d'estes clarões da consciencia racional denotam uma falta de consistencia e methodo que têm em si propria o motivo do character poetico, audaz, individual e brilhante das acções dos homens. E' o periodo das epopêas; é como uma a. lolescencia humana, em que o sangue ardente pulsa nos corações, impellindo aos reptos apaixonados, aos actos denodados, aos sacrificios extremos, inspirados tambem por uma fé inabalavel, por isso mesmo que é espontanea. A existencia desenha-se como um drama formado por contrastes rapidos. E' uma trovoada, em que as massas de nuvens negras correm encastelladas, contornando se sobre espaços de azul rutilante. Ha um viver intenso, mas desordenado; e a vida do barbaro imprime o seu cunho á fórmula adequada da sua sociedade.

A tribu é um exercito, a aldeia um acampamento, a casa uma tenda. D'esse exercito se formarão classes, d'esse acampamento cidades; d'essa tenda construcções fixas de pedra, com o lar e o leito no atrio. Tudo o que era movel, transitorio, instavel, nomada, crystallizará, fixar-se-ha, enraizando e consolidando se. Assim tambem as idéas que brotam tumultuosamente no espirito, irão pouco a pouco assentando, definindo-se, classificando-se, á maneira das ondas quando galgam confusas de espuma pre-

cipitando-se impetuosas pelas portas de um dique, para socegarem nivelando-se.

Tambem a sociedade se nivelará, perdendo as cruezas da guerra, ganhando fixidez com as leis; e as classes, a riqueza, as condições, approximarão as distancias. Civilisação quer dizer egualdade. A tribu propaga; e á maneira que cresce diminuelle a área necessaria para a vida. No seu progresso está a causa da sua transformação em sociedade. As causas naturaes e as psychologicas alliam-se; e ao mesmo tempo que a vaga social se nivella, dá-se no tumultuar espumante das idéas um apasiguamento correlativo. A fixidez da cidade é a fixidez do pensamento; a ordem da civilisação é a ordem mental. Na cidade não ha aventuras pittorescas, nem vastos horisontes, nem noites dormidas á luz da fogueira na saciedade do banquete, no gozo das mulheres; ouvindo o bardo cantar na harpa as fanhanhas da guerra. Tudo ganha o character d'essa regularidade e fixidez relativas proprias das cousas cosmicas. Uma cidade é um orgão, um animal, ou um planeta, com o seu funcionar necessario, a sua vida predestinada, o seu curso fatal. O drama acaba, a poesia cala-se, a fé extingue-se, o heroe agonisa: apenas se ouve o sussurro indistincto das vozes humanas, cantando em córos a propria apotheose.

Das zonas periphericas da terra, internámo-nos já nas regiões da barbarie. Internando-nos, subimos o segundo degrau da evolução social. Vamos internar-nos mais ainda, subindo sempre. O leitor lembra-se que representámos a terra, povoada de homens, como uma montanha em cujas vertentes a sublevação foi deixando afastados os stratos successivos. Este *cóрте* ideal da evolução é, como os *córtes* geologicos, apenas abstracto. Na realidade

tudo se confunde, já por condição das cousas, já porque a natureza apresenta em cada typo a somma de todos os anteriores, accrescentada com um *quid* novo. Assim, nos successivos momentos da civilisação, encontramos vestigios dos estados precedentes: vestigios inherentes aos phenomenos, e vestigios provenientes do processo que não faz progredir em massa um povo, mas, dentro de cada nação, apresenta a serie inteira dos estados successivos, da mesma fórma que na vida de um homem se encontra a historia do viver da humanidade.

III

O homem social

Nos capitulos precedentes deixámos assaz indicados os movimentos psicologicos que evolutivamente trazem o homem do estado espontaneo, natural, ou selvagem, até ao estado civilisado. A par d'esse estudo, apresentámos o das formas typicas das duas edades ethnometricas percorridas, dando ao leitor uma idéa do progresso realisado n'isso a que podemos chamar instrumentos da civilisação. Ao lado da guerra, manifestação central em cujo torno tudo gravita no estado barbaro de tribu, pozemos o desenvolvimento das armas. Agora que tudo vae depender do facto eminente da fixação das populações, temos de começar pela historia da casa que é o symbolo da vida civilisada.

Mais de uma vez temos dito que todos os progressos humanos se distinguem já nas manifestações rudimentares dos homens primitivos, e que, por outro lado, ainda nas sociedades mais cultas, se encontram os documentos da vida selvagem. Toda a sociedade, considerada como tal em qualquer dos seus momentos, contém — digamol-o mais uma vez — os documentos de todos os momentos anterio-

res. Consideremos por exemplo Portugal em nossos dias: achamos verdadeiros homens primitivos em mais de uma aldeia das nossas regiões serranas e em mais de uma praia de pescadores; achamos degenerados nas fêzes das populações urbanas; encontramos barbaros nas serras e charnecas, se por ellas ainda ha quadrilhas de salteadores. Mais de uma aldeia nos dá exemplos de choças de palha; em Traz-os-Montes são geraes as casas cyclopeas, *sine calcis linimento*, como ainda succedia ás torres e muralhas da nossa Edade-media.

Um tal modo de ser está indicando naturalmente o methodo mais conveniente a seguir. Se quizessemos incluir n'um quadro todos os documentos coevos, procedendo descriptiva e historicamente, seriamos forçados a repetições; e scindiriamos o fio logico do estudo, tornando assim menos nitidas as impressões no espirito do leitor. Preferimos, pois, estudar, em cada momento, apenas os caracteres que lhe são propriamente typicos, indo investigar-lhes as origens. Assim, ao tratar da guerra, no estado barbaro, indagámos a evolução das armas desde as primitivas. Assim agora, ao tratar da casa, criação typica do homem culto, iremos tambem estudar a sua historia, desde as habitações primitivas encravadas nas vertentes das serras, ou escavadas no chão das planicies. Percorrendo os estados successivos dos homens e as correlativas creações typicas, abrangemos o corpo inteiro das invenções fundamentaes, de um modo mais systematico e por isso mesmo mais lucido.

Vimos na tatuagem a manifestação typica do barbaro e ao mesmo tempo o apparecimento espontaneo e synthetico de duas invenções eminentes da edade culta: a numeração e o alphabeto. Se o barbaro, desde que existiram tribus e cultos,

sentiu a necessidade de consignar de um modo pratico os seus registros civis e uma primeira especie de historia, listrando ou mosqueando a propria pelle com cicatrizes e côres: o homem culto reconhece a insufficiencia do processo, e o acanhamento do tomo antigo. Os caracteres e os numeros teem de buscar fórmulas cada vez mais abstractas, mais fluidas e independentes. A casa arranca-se da rocha: é tenda, e depois edificio. A escripta deixa a pelle humana, e é alfabeto: destaca-se, liberta-se, adquirindo definição e uma fixidez essencial.

Desde que se contam as cousas por numeros e que se conservam as tradições em textos, ha os instrumentos da civilisação propriamente dita, isto é, os meios de fixar as observações da intelligencia e as conquistas da memoria. Numeros, letras, são garras com que o homem como que apprehende o espaço e o tempo, ancoras com que fundeia no mundo e na historia. Aportado, a sua iniciação acabou: principia o desenvolver normal da riqueza com as artes, das instituições com as leis, das religiões com as idéas.

Artes, leis, religiões, porém, já traziam raizes antigas: a semente de todas ellas germinava já no estado selvagem; já entre os barbaros eram como plantas nascidas, efflorescentes em processos rudés, em usos, e em ritos que davam á tribu um caracter de irmandade, ou seita. O payé, feiticeiro, mago, ou chaman, apparece sacerdote; e se até ahi os instinctos religiosos imprimiam o seu cunho ás instituições rudimentares, agora o desenvolver da sociedade dá á religião o caracter de uma instituição. Assim como o mytho cristallisa sob a fórmula de deuses, assim o rito cristallisa sob fórmulas juridicas; e se no primeiro caso é o homem que im-

prime a sua phisionomia ao deus, no segundo é a cidade que dá corpo ás familias e collegios dos sacerdotes primitivos. Os papeis invertem-se: o que foi causa passa a effeito.

Este movimento apresenta duas feições qual d'ellas mais grave: uma determinante, outra consequente. A religião consolida-se nas condições que deixamos expressas, porque no seu desenvolver a sociedade gerou de si, com os instinctos ideaes humanos definidos já, o sentimento eminente da moral. Imperativa como as idéas, a moral não póde separar se da religião, corpo de efflorescencias espontaneas que, sob fórmulas symbolicas, exprimem um absoluto vagamente percebido. A moral reage, pois, sobre os mythos, dando-lhes uma significação nova; e da conjuncção d'estas duas correntes nasce o que se chama propriamente religião: um corpo de dogmas imperativos, um systema de preceitos e um collegio de sacerdotes. O feiticeiro adquire uma função propriamente social e os deuses ganham direito de cidade.

Um tal passo não se anda porém sem custo. A cada momento de progresso corresponde um desvio e uma aberração, diremos um Peccado, enviando o leitor para a explicação precedente d'este phenomeno singular do pensamento humano. A definição da moral nas consciencias dá auctoridade e corpo á religião, que era apenas um producto espontaneo da inconsciencia; mas é este proprio facto que produz as religiões bestiaes, sanguinarias e obscenas. Desde que a moral, formada na consciencia dos homens, passa a ser attributo dos deuses, as religiões reproduzem todas as degradações dos homens. Por attingir a idéa de um espirito, o homem fez-se cannibal; desde que se humanisaram os deuses, as religiões repetiram o cannibalismo

dos barbaros. A estrada da civilisação é pedregosa, erriçada de cardos. Os espinhos ensanguentam os pés dos caminheiros. Cada passo é um ai, cada progresso uma queda. Caído, ferindo-se, chorando, a humanidade prosegue a sua via dolorosa direito a um alvo luminoso, inatingivel, porém cada vez mais nitido e definido. Essa luz que só habita em nós, vemol-o fóra de nós. Retardatarios, vão morrendo sobre o leito pulverulento do caminho, ou ficando nos matagaes da barbarie selvagem, os povos que não podem acompanhar a marcha épica dos homens para a miragem de um templo ideal onde moram irrealmente as idéas puras.

1. — A CASA E O TEMPLO

A primeira observação que a historia das habitações suggere é muito grave. A casa primitiva é ao mesmo tempo tumulo, porque o espirito confunde a vida com a morte. Depois é um templo: o lar é uma ara, o atrio é a capella dos penates, quando a religião, cristallisando os mythos, cria um systema de formulas ideaes concretas. Na casa está pois escripta a historia da consciencia humana. As habitações, na evolução dos seus typos, são o mais eloquente documento e a realisação mais pronunciada da personalidade do homem.

Technicamente, a casa, primeiro, é cova; depois gruta; depois semi-cova, semi-casa; depois choça e tenda; afinal uma casa, fixa pela qualidade dos materiaes usados, em vez de movel como a tenda; duradoura, em vez de ephemera como a choça. Assim tambem a civilisação, ganhos os habitos domesticos e construida a cidade, se torna relativamente independente da natureza pela arte, enrai-

zando-se e ganhando uma duração indefinida. Por outro lado, ao mesmo tempo que a casa se tornou o sacrario da religião domestica, deixando de ser o tumulto dos avós, apparece um typo de edificio novo: o templo, symbolo da cidade: o templo que, como sarcophago, formúla o sentimento definido da solidariedade das gerações, e como habitaculo do deus consagra o facto positivo da cohesão das moleculas sociaes aggregadas. O templo é, pois, o symbolo da cidade, exprimindo as duas idéas fundamentaes sobre que ella assenta: é a casa do deus, feita á imagem da habitação do homem, porque foi o homem que, vendo-se inconscientemente no espelho de uma razão incipiente, deu corpo a uma miragem.

A casa primitiva, propriamente selvagem, é, como se sabe, uma toca, uma cova, uma gruta: o homem vive como vivem os animaes. ¹ Ainda hoje abundam exemplos de um estado tão remoto. Os shoshones da America, diz Bancroft, vivem em covas, ou nas anfractuosidades das rochas, ou em verdadeiras tocas, como as dos reptis. Os cochinis nem isso tem: de dia vagueiam errantes, de noute abrigam-se na caverna mais proxima. Os boschimanos ² são tambem trogloditas; e no Oriente, entre povos muito superiores, ethnica e ethnometricamente, são frequentes os exemplos d'esse modo de viver primitivo. Ha trogloditas no Biluch e no Afghanistão, na costa meridional da Arabia, e entre os tibbus; ha-os entre os siahpochs e os bicharis do Hindo-cush; havia-os, ha tres seculos, e ainda provavelmente os haverá, em Socotorá, vivendo «encovados pelas serras sem casa nem habitação.»

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) III, 2. — 2 V. *O Brasil e as colonias portuguezas* (2.^a ed.) pp. 278-9.

(G. de S. Bernardino, *Itin. da Índia*, ix) Dos trogloditas do Occidente, além das revelações paleontologicas, temos noticias incomparavelmente mais recentes nos auctores antigos. Os cosseanos da Assyria, os ligures, os baleares e os montanhezes sardos não tinham casas. Os habitantes da Grecia pre-hellenica eram trogloditas; são-no os cyclopes de Homero. Antes dos samoyedes, diz Erman, habitavam a Siberia gentes que viviam em covas. Os exemplos poderiam accumular-se numerosa, mas desnecessariamente.

Essa primitiva habitação, ou preparada pela natureza entre as rochas, ou escavada na terra com as mãos, como fazem os boschimanos, modifica-se em dois sentidos. Um d'elles vemol-o na Gallia pre-romana. Entre os gaulezes que Cesar encontrou, ainda os havia absolutamente trogloditas; mas a casa ordinaria consistia em cabanas conicas de ramos de arvores cobertas de terra amassada, com um orificio ao centro para as exalações. A choça de lenha coberta de terra é uma cova artificial; mas as cabanas gaulezas ainda mais denunciavam a proveniencia, porque uma parte da base do cone era escavado no solo. A transição apparece evidente: é uma cova com um tecto de ramos, abobadado para segurança. A applicação dos vegetaes á construcção das choças é a imitação dos fojos abrigados pelas arvores: a cabana gauleza apresenta-nos assim o typo transitorio de duas especies de abrigos naturaes: a ramada, a cova.

O terceiro d'esses abrigos, a gruta, modifica-se n'um outro sentido. Antes de se fazerem cavernas propriamente artificiaes, como são as construcções megalithicas e cyclopeas, escavaram-se grutas nas montanhas á imitação das que o homem encontrou feitas pela natureza. A arte chegou n'es-

sas obras a fazer verdadeiras cidades subterraneas, villas crypticas que Montperreux visitou no Caucaso. Os trogloditas do Hindo-cush deixaram de tempos remotos vastas obras d'esta natureza nas montanhas do Kafiristân. São galerias e camaras subterraneas, labyrinthos intrincados, seguros em pilares mais ou menos esculpidos, ruínas de cidades perdidas com monumentos e textos indecifráveis. A uma milha de Esh, conta Latham, está um cavallo colossal de pedra que mede 16^m,50 de altura e 12^m,60 de comprimento. Os homens que imitavam a natureza das suas grutas, talhavam as rochas imitando animaes, completando o que a natureza esboçara nas fórmas extravagantes e phantasticas das penhas de basalto.

Vitruvio diz que os phrigios rasgavam as montanhas, minando, e habitando as galerias subterraneas. No Rhyndako, sobre o Egerdir, a leste de Iconio, as habitações escavadas nas rochas são numerosas: formam andares successivos na encosta abrupta, ligados entre si por poços e escadas. Strabão falla de uma tribu de Cilicia que vivia em grutas nas montanhas superiores ás veigas que cultivava. No valle de Donganlu estão os tumulos dos reis phrigios, camaras sepulchraes rasgadas nas encostas de argila vermelha, para as quaes se desciam os cadaveres por poços. Estes carneiros já não são casas; mas enquanto o homem habitou cavernas, a gruta era casa e tumulo, e o sepulchro foi depois uma imitação da casa. Os dolmens da India são templos e tumulos. Os ilheus de Torres fazem das proprias casas carneiros; em Bornu cada qual é enterrado no chão domestico, onde a familia, se não é opulenta, continua a morar. O leitor já viu exemplos varios d'esta natureza, indicados para outro fim; digamos porém ainda que

em Madagascar os indigenas põem sobre a cova uma miniatura da casa do fallecido. O uso apparece como symbolo.

Não é porém symbolo, mas sim um facto positivo, o que se observa entre os hyperboreos. A casa é ao mesmo tempo o tumulo; e os monumentos pre-historicos estudados por Nilsson demonstram a identidade de typo das habitações, na vida e na morte. Esse typo apresenta-nos uma imitação rude da cova e da caverna: é uma galeria coberta dando accesso a uma camara, como qualquer gruta, e sendo ao mesmo tempo coberta com terra enrolvada, como uma toca. A' vista não se percebe mais do que um monticulo breve. Entretanto, a casa ou toca dos eskimós, dos groelandezes, dos tschutskis, dos kamchadales, revela já um concurso de industrias e uma arte consideravel.

De verão o eskimó vive em tendas; de inverno acolhe-se á casa que é um espaço quadrilongo maior ou menor, conforme o numero de familias que deve abrigar. As casas maiores chegam a medir 18 por 5 m. O recinto é formado por muros de 2 m. de altura, de pedra, com as juntas cheias de terra enrolvada. O chão é de lages; o tecto chato feito com vigas de madeira apoiadas nas extremidades sobre os muros. N'essas vigas assenta uma rede de barrotes, sobre elles mato, sobre o mato relva e terra. N'um dos muros mais longos virado ao oriente ou ao sul, ha no centro um rasgo communicando com a galeria coberta. Este appendice typico da casa eskimó mede entre 6 e 9 m. de comprimento e 0^m,75 de largura; junto á casa tem a altura d'ella (1,80 a 1,50), depois vem baixando gradualmente até á bocca, pela qual o eskimó só pôde entrar de rastos. O interior da camara tem muros de pedra em torno, e ás vezes

baias, como nas cavallariças, dividindo os leitos. No tecto ha um pequeno orificio para exhalações, e as candeias consistem em calhaus escavados onde arde uma mecha nadando em azeite de phoca. O cheiro dos corpos, o fumo, o fedor da urina guardada para o cortimento dos couros, fazem da casa eskimó um antro asqueroso e imilundo, onde o calor é suffocante, ao mesmo tempo que fóra tudo é gelado e morto. Recolhido na sua toca, o eskimó vive nu.

A casa dos hyperboreos do Kamskatcha simelha a eskimó, dando-nos porém um typo mais rudimentar ainda da evolução. Com fórma diversa, é como a choça da Gallia uma cova coberta, em vez de ser uma toca artificial. E' tambem um rectangulo alongado, mas escavado no chão, como um tanque, de m. 1,80 de profundidade. Longitudinalmente, no eixo, enterram os kamchadales uma linha de prumos sobre os quaes corre uma vigamestra. D'essa viga, aos dois lados, vindo apoiar na terra, descem com uma breve inclinação os barrotes, ou de madeira, ou de ossos de baleia. Sobre os barrotes estendem uma rede de vimes para aguentar o revestimento de terra enrelvada. O *yurt* do Kamskatcha tem apenas um orificio no tecto: chaminé, janella e porta. Não ha escada, apenas um pau com incisões lateraes por onde o morador sobe, ou desce, apoiando o dedo grande do pé e abraçando-se. Exteriormente, o *yurt* é apenas um pequenino lombo na terra. Entretanto, primitivas e grosseiras como são as habitações dos hyperboreos, apresentam-nos já os elementos essenciaes da construcção: muros, traves, prumos, barrotes; um tecto positivamente artificial e, salvo os successivos aperfeiçoamentos futuros, identico ao das nossas casas. Que lhe falta? Deixar de ser cóva, erguer-se do chão, rasgar-se á luz e ao ar.

O clima não lh'o consente: só á força de isolamento é possível resistir á temperatura ambiente, formando uma especie de ninho, onde todo o calor animal se concentra. E' o clima tambem que proporciona um outro typo de habitações: a casa de neve gelada, em que a camara é circular, o tecto abobadado, e que se constroe em meia hora com materiaes abundantes, de facil manipulação; casas ephemeras, para um inverno, e que formam agrupadas as villas observadas por Ross na terra dos eskimós da America.

Se a casa hyperborea nos apresenta um rudimento de tectos, as habitações lacustres¹ mostram-nos uma arte singular nas fundações. Opportunamente nos occuparemos das palafittas europêas: agora diremos apenas que os exemplares d'esse typo de construcções, archeologicas na nossa Europa, se encontram ainda em varios pontos do mundo. Os *kampongs* dos dayaks são villas erguidas sobre estacarias nas margens dos rios. A cidade de Bornéo é toda construida assim; e povoações analogas abundam em Nova-Guiné e nas Celebes, em Seram, em Mindanam, nas Carolinas. Mas não é apenas a Oceania que nos proporciona exemplos d'estes. Na America, os guaranos das boccas do Orinoco vivem sobre a agua; Venezuela, pequena-Veneza, é um typo do genero. Os negros sobre o Niger reproduzem os exemplos americanos, visiveis tambem nas populações malayas da peninsula e nas tribus do Assam. Os orang-bennas de Djor sobem por escadas para as suas casas de cortiça, com o tecto de folhas, ou de palha de arroz. Mais proximo de nós, a cidade de Tcherkask está construida sobre o Don; e os pescadores do lago Pra-

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 164-6.

sias, junto a Salonica, vivem ainda hoje em barracas de madeira, como no tempo de Herodoto.

Qualquer que fosse o motivo que induziu certas populações a escolherem para viver habitações de uma instalação tão difficil, é facto que as casas dos pastores de Bokhara, erguidas em estrados altos de 2 a quasi 3 m. para fugir á humidade do solo e aos insectos, não só reproduzem sobre a terra o typo das palafittas, mas denunciam uma arte bem esquecida entre nós, europeus.

A observação dos varios typos de habitação enumerados levou-nos já relativamente longe: é mistér regressar. Temos de ir vêr outro lado, ou outra serie de desenvolvimento d'este ramo da industria dos homens. Observemos a cabana e a tenda, depois de termos estudado a evolução da cova e da gruta, para podermos comprehender, com os rudimentos connecidos, as antigas construcções que saem cumulativamente de todos os typos precedentes.

A cabana mais rudimentar é a do andaman e a do australio: o ninho de um homem. Entre os maoris, consiste n'um tecto inclinado, apoiando-se em quatro prumos: os da frente medem m. 1,80, os dois do fundo m. 0,60. O tecto é coberto com folhas de palma, sobre um esqueleto de bambus; os lados são abertos. Na Australia chega a não haver especie alguma de casa, nas regiões do noroeste que são as mais quentes. Descendo, porém, em Botanybay, o typo consiste n'um cone formado por varas elasticas, enterradas no chão nas duas pontas: como um côvo de gallinheiro nos nossos mercados. Este arcaboço é vestido com folhas de palma ou cortiça, e tem uma porta por unica abertura. Cabe

lá dentro um homem, mas sentado e curvado: nem ha altura para se erguer, nem diametro para alargar as pernas.

A casa caraíba é mais complexa e maior. Já ha positivamente uma familia que habita lá dentro em compartimentos distinctos. A *tubana* fórma-se com troncos de arvore enterrados a prumo e ligados por sebes de vides e trepadeiras: o tecto é do mesmo modo coberto de folhas de palmeira. A *ajupa* é uma tubana pequena, cujos lados são vestidos com ramas ou esteiras. O *carbeto*, habitação urbana relativamente fixa, consiste n'uma linha de forquilhas a prumo sustentando um tronco de arvore deitado, á maneira da casa-cova do Kamskatcha. D'esse cume, que chega a medir 18 e 20 m., descem para os dois lados, em duas aguas, barrotes parallellos sustentando o tecto de folhagem. O nosso chronista menciona no Brazil estes dois typos: choupanas armadas á mão com quatro paus, e cobertas de palha ou palma; e cabanas ou barras compridas, que alojam dentro até trinta casaes com seus cães. (Vascon. Chron. LXXVI).

O *carbeto* dos caraíbas mostrá-nos, pois, com a *yurt* hyperborea, metade de uma casa: tecto, concebido e conjugado nos seus elementos essenciaes, o prumo, a cumeira, o barrote. Falta erguer os muros de pedra ou de terra: isso virá de outro lado. E da floresta nasce o tecto, da gruta o muro: de ambas, a casa do homem civilisado.

Mas, no momento em que nos achamos, a vida é ainda nomada e barbara. A choupana é tambem como uma tenda, aeria e movel: são assim as tubanas e ajupas do caraíba; assim as choças do pelle-vermelha, conicas, com um esqueleto de pau coberto, não de folhas, mas já de pelles. São assim as cabanas dos kasundas, bhôts do Nepaul,

errantes com o errar da tribu. A tenda propriamente dita é um toldo, cujo primitivo rudimento achámos entre os maoris. Em vez de folhas, os paraguayos e patagonios usam de couros para a cobrir; os caucacios revestem de feltro as suas *burkas*; os lapões revestem-nas de pelle de rangifer; os groelandezes de pelle de phoca. A *yurt* dos mongolios apresenta-nos uma construcção mixta, cabana e tenda, com structura de casa: tem muros e tecto. E' circular, de um só pavimento, de 4 a 5 m. de diametro, com uma porta, e no alto um orificio — janella e chaminé a um tempo. Os muros são feitos por vigas a prumo, enleiadadas de vergas; os tectos, de ramos entrecruzados. O feltro veste exteriormente muros e tecto. Por outro lado, no *wigwam* do pelle-vermelha, nas cabanas dos negros africanos, nos velhos tugurios dos pastores da Apulia e do Samnio, acham-se symptomas de uma transição da vida nomada para a fixa. A sebe ou palissada defende um recinto em volta da casa, para a proteger dos animaes ferozes; e sob o tecto de folhas, de vimes, de ramos, está o lar sagrado do lavrador: uma ara encravada no solo, em vez da fogueira nomada do pastor. Vesta (ou Estia) habita na casa dos primeiros latinos e gregos: os deuses dos nómadas ficam de fóra, errantes. A casa consagra-se como habitação dos penates e templo da familia. Termina a vida errante para os povos capazes de attingirem esse progresso; e ainda entre povos lavradores se observa nos usos politicos o vestigio da existencia remota. O tsaubua, chefe dos shans, apenas nominalmente subditos de Birmah, vae annualmente com a sua côrte pelos campos, superintendendo o arrecadar as colheitas ¹. O sufi da

¹ V. *Quadros das inst. primit.*, (2.^a ed.) p. 88.

Persia, na viagem de Tenreiro, tinha uma côrte ambulante; e o Preste «anda sempre com sua côrte pelos campos com grande arrayal de tendas em que, continuo, o somenos que traz são 50:000 cavallos e mulas.» (*Lendas da India*, III, pr. p. 70-1)

Vimos as cavernas artificiaes, escavadas á imagem das grutas que a natureza abre nos flancos das montanhas. A architectura principia ornamentando exteriormente essas grutas, como se vê nos *speos* egypcios, no Yemen e na Judêa; mas estes actos são apenas o esboço de uma empreza maior e mais grave. As lages destacadas da pedreira não podem formar cavernas, onde quer que a vontade dos homens o deseje? Ficarâ o templo, o tumulo, fatalmente sellado á rocha immovel? Não ha de ficar. A imitação inventa as artes, que o desenvolver da consciencia da força torna necessarias á vida do homem.

Os megalithos são a mobilisação da caverna, ou o templo-tumulo destacado da montanha. Em todas as regiões do mundo se encontram construcções d'este typo, pedras collossaes erguidas, alinhadas, sobrepostas de um modo que é constante e regular, porque a simplicidade dos elementos materiaes não permite variedade nas suas combinações. Essas pedrase *nygmaticas* — menhirs, dolmens, cromlechs¹ — a que tão fundas e remotas tradições se ligam na Europa, são ainda no Oriente e na Africa de uso actual. Mais uma vez os povos vivos nos

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 165-6; e *infra*, IV, 3.

explicam os monumentos archeologicos, porque sobre a terra se acham todos os estados ethnometricos, da mesma fórma que a natureza nos apresenta existentes todos os typos evolutivos da creação.

Ainda hoje os kassias da India erigem megalithos para commemoração de defuntos, ou para consagração de tratados. Vêem-se grupos de pedras oblongas erectas, variando de 3 a 13, e o menhir do centro é geralmente o mais alto, ás vezes coroado por um disco. Junto a Sailankot, diz Latham, ha um menhir de m. 0,60 de espessura, com 10 m. de comprimento e quasi 5 de largura. *Mau*, na lingua dos kassias, quer dizer pedra: os megalithos denominam muitos logares *Mau-smai*, *Mau-inlu*, *Mau-flong*, etc. Na Africa equatorial, segundo Clapper-ton, os tumulos são designados por uma pedra erecta. Os hovas de Madagascar depositam os mortos sob verdadeiros dolmens formados por cinco lages, quatro a prumo, e uma servindo de tecto. Esse tecto monolitho chega a attingir volumes de 80 m. cubicos. Occorrem pois duvidas, n'este caso e sempre que se observem os megalithos, ácerca dos meios de destacar e mover lages tão formidaveis. Reconhecida a rudeza dos meios mecanicos, parecem milagrosas tamanhas obras, embora tão rudes. O espanto, comtudo, dissipa-se quando se reflecte. Nada ha tão poderoso como os seres minusculos. Os coraes formam ilhas. Os homens primitivos são n'este caso como insectos. Não é colossal o que fazem as formigas? O numero e a paciencia, supprem a arte com que nós, depois, mais consciuos do tempo, menos capazes de cohesão numerica, executamos mecanicamente o que outr'ora se fez a braço.

Nilsson restaurou essas scenas remotas em que uma tribu inteira coalhando uma pedra, como as

formigas transportando os materiaes das suas cidades subterraneas, a destacavam e moviam, á força de pulso. Para a desarraigar da montanha serviam o fogo e a agua. Ainda hoje as populações florestaes queimam lenha sobre as rochas até ao ponto de as aquecer fortemente, e deitando-lhe agua fria as estalam. Ainda hoje as latadas do nosso Minho são supportadas por esteios de granito, prumos delgados obtidos por um processo primitivo. Ao longo da lage, o pedreiro cava a pico uma linha de fossas que enche de agua e onde mette cunhas de madeira: a madeira incha lentamente e a pedra estala ás tiras. Vêem-se pois os modos de arrancar as lages. Mas transportal as? Lubbock diz-nos como ainda fazem os kassias. Estendem no chão, parallelamente, duas vigas, sobre as quaes a pedra é ligada solidamente ao centro. Em cada um dos quatro braços d'esta como padiola ha varas transversaes, espaçadas de metro a metro, para os homens pegarem. Assim o numero dos carregadores se póde multiplicar. Uma pedra do peso de 24 toneladas é levada por 600 homens.

Os megalithos criam pois uma verdadeira architectura, tumular, monumental, e não domestica. A simples necessidade da habitação não basta para impellir os homens a trabalhos tão graves: é mister um motivo de ordem moral que compense as fadigas e congregue os membros de uma tribu. O megalitho, isto é, o monumento, presuppõe a sociedade; não se concebe no estado selvagem; exige que as idéas tenham passado, do estado fluido ou nebuloso da inconsciencia primitiva, para o estado concreto de symbolos constitucionaes da religião e da politica. Os megalithos são, pois, na evolução da architectura, o padrão da sociedade barbara, ainda technicamente ignorante, mas já unificada

em tribus e dotada de uma cohesão religiosa. Por isso taes monumentos, sendo tão colossaes, são tão grosseiros que para muitos passaram por productos naturaes, onde parecia impossivel que a mão do homem tivesse tido intervenção. Desconhecia-se a força da collectividade no estado de barbarie.

Na Argelia, porém, vêem-se tumuli de alvenaria argamassada, e cromlechs cujo pavimento é lageado. Na India o progresso chegou a ser ainda maior : tão grande, que os observadores consideram os monumentos requintados da architectura buddhista como creações cujo prototypo é o cromlech, o dolmen. Vê-se n'esses exemplos o desenvolvimento directo e o progresso das artes actuando sobre um typo de construcção. No Occidente, o caminho é diverso; e se as agulhas e columnas monumentaes se podem filiar no menhir, é facto que os templos, adoptando a pedra como material, não reproduzem o dolmen, nem imitam a caverna : repetem a casa, copiando na pedra as fórmas naturaes das construcções de madeira.

No typo megalithico é apenas o peso que sustenta a construcção. O volume gigantesco das pedras dá ao edificio uma solidez inabalavel. E' uma caverna destacada da montanha, e cada monolitho, formando um muro, ou um tecto, é um pedaço de serra. O systema tem a unidade compacta e grosseira, e a fixidez das grutas naturaes. A arte é rudimentar, apenas o esforço prodigioso. Ora o progresso da sociedade importa a fragmentação crescente d'essa unidade macissa, propria de todas

as existencias rudimentares. A cidade que congrega artificial, ou idealmente, os homens, dá a cada homem uma individualidade definida que proíbe os actos de uma espontaneidade unanime, identica, semelhante ás forças da natureza na mudez e na força da sua acção.

A architectura chamada cyclopea é typica da vida urbana primitiva, nos seus caracteres essenciaes e nos das suas creações. As pedras são gigantescas, sim, mas incomparavelmente menores do que as dos megalithos; o muro, que era uma lage a prumo, apparece constituido por fiadas de pedra regulares sobrepostas. A solidez do monolitho obtem-se pelo contacto das juntas e dos leitos com que a arte supprime a natureza. Por outro lado, o typo das construcções cyclopeas são as muralhas de cidades, as torres e baluartes, construcções proprias da vida urbana, definida e consolidada posteriormente á invenção do culto e da tribu. O monumento cyclopeo, producto de uma arte já de certo modo consummada, apresenta contornos abstractos ou geometricos, inconfundiveis com as fórmas irregulares dos dolmens e outros megalithos: são rectangulos nas torres e muralhas; são pyramides. Assim eram os velhos monumentos dos Incas; assim as muralhas da Etruria, da Umbria, do Lacio, e da Sabina, identicas ás da Grecia, e umas vezes levantadas em fiadas horisontaes, outras pela juxta-posição de blocos polygonaes.

No valle do Euphrates, onde não ha, como no do Nilo, montanhas marginaes de rocha, a terra dava apenas um barro plastico para a construcção dos monumentos babilonicos. Por isso, a resistencia e duração d'elles foi incomparavelmente menor do que a das montanhas de pedra do Egypto; mas se os tijolos, ou cosidos, ou apenas seccos ao sol,

substituam na velha Assyria a pedra, foi das nascentes de asphalto do Euphrates, especialmente em Hit, que vieram as primeiras argamassas com que os tijolos eram ligados e consolidados, e com que, depois, se encheram os interstícios das juntas das muralhas cyclopeas. O cimento, grudando as pedras apenas adherentes nas faces de contacto, deu solidez igual a muros de espessura menor; e as construcções, adelgaçando-se, perderam o direito ao epitheto antigo de cyclopeas.

Ao lado d'esta evolução, apparecem os singulares monumentos vitrificados da Bretanha e da Escocia, da Bohemia e da Allemanha: palacios-de-crystal archeologicos, formados por muralhas cimentadas com vidro fundido. Entre os leitos de pedra estendiam-se camadas de areia e mato, e depois o incendio, fundindo a areia, consolidava o muro. Acaso algum incendio nas charnecas das dunas tivesse mostrado a facilidade com que a areia funde: assim os phenicios aprenderam a fabricar o vidro. Como quer que fosse, esses monumentos pouco, ou nada, importam para a nossa historia.

A cidade creou o muro e a torre, para guarida e defeza; e dos megalithos vieram as obras cyclopeas. A lage colossal apparece n'um muro de pedras artificialmente sobrepostas; e a argamassa, tornando esse muro como um monolitho, diminue-lhe a espessura e o peso. E' evidente a acção da arte, no sentido de transformar a rocha natural: destaca-a, fragmenta-a e colla-a. O muro está de pé; mas, para reproduzir a gruta, falta o tecto. No dolmen é uma lage inteiriça; porém, como transportar, como arrancar, lages para cobrir os vãos das largas portas das cidades? Os constructores cyclopeos usaram de um artificio: sobrepozeram lage a lage, avançando gradualmente a extremi-

dade, deixando a cauda encastrada no muro: assim crearam a primitiva ogiva, que é um tecto triangular, levemente curvo nos dois lados. E' o que succede tambem nos tumulos primitivos de Cære e de Alsium, provavelmente nos de Prenesto, eguaes aos *thesauri* de Orchomenos e Mycenae, onde os tectos são formados por lages sobrepostas, avançando até fechar uma abobada empyrica. E' o que se observa tambem n'um antigo edificio junto á muralha de Tusculo, e no *tullianum* junto ao Capitolio de Roma.

Mas, se até aqui o observador encontra o desenvolver progressivo e empyrico de um principio elemental, n'este momento apparece uma verdadeira descoberta: uma d'estas subitas irradiações que illuminam a historia, e attestam a faculdade eminente e typica do homem — a razão. A porta de Volterra e a Cloaca-maxima são os primeiros documentos do arco e da abobada, invenção tradicionalmente attribuida a Democrito. Que a ogiva cyclopea incitasse o pensamento, provocando a razão a inventar, é provavel; mas ninguem póde confundir essa ogiva com o arco. N'um caso, o material sustenta-se horisontalmente, por camadas; e basta o equilibrio para fazer com que a ponta saliente da lage se sustente, quando a cauda, mais pesada, estiver além d'isso encravada no muro. No outro caso, a concepção é inteiramente diversa: o arco sustenta-se por si, isolado. A ogiva é uma abertura n'um muro; a abobada é um typo sui generis, novo, nascido d'uma invenção racional, e não de uma observação empyrica. A natureza não tem abobadas articuladas: tem tectos de cavernas monolithicos. A razão humana concebeu a criação artificial da abobada, ou do arco, conjugando as pedras em faces divergentes, aparelhadas na di-

recção dos raios do circulo. ¹ O arco, symbolo da razão abstracta, é como o firmamento da cidade. Tambem a intelligencia humana creou um céu!

Inventadas as argamassas e a abobada, nenhum elemento essencial falta já ás construcções de pedra. Desde os megalithos até ao arco, viemos caminhando, da periphèria para o Mediterraneo, e do estado selvagem para a civilisação. Agora vamos afastar-nos outra vez, para observar o que nos falta saber ácerca das construcções domesticas.

A casa dos mombuttus, o *broch* dos antigos escocezes, a cidade dos pueblos da America central, offerecem-nos tres exemplos de habitações já complexas e cabalmente definidas. A casa dos mombuttus é muito superior á choça ou cabana, geral aos negros e cafres: tem salas vastas, rectangulares, com um tecto elevado de duas aguas, sustentado em renques de pilares de madeira, por entre os quaes o ar e a luz pàssam livremente. A cidade dos pueblos é uma verdadeira colmeia humana, assente no cume, ou na escarpa, de um monte. Ao centro está a sala do lar onde arde o lume e se reúnem as assembléas. A aldeia de Taos, junto a Bogotá, compõe-se de tres edificios vastos construidos de adobes. Cada casa abriga um clan, com o chefe das numerosas familias que incluye nos seus cinco ou seis andares retrahidos. De frente, a construcção parece um throno; e de degrau para degrau sobe-se por escadas moveis, recolhidas de

¹ V. *Quadros das instit. primitivas*, (2.^a ed.) p. 139.

noute, entrando-se para as casas por alçapões abertos nos terraços, isto é, pelo tecto das habitações. Não ha portas. O *burfh on broch* da Escocia é, tambem, um especimen archeologico interessante. Desenha-se n'um circulo de 18 m. de diametro um muro de quasi 5 de espessura: parece uma elevada torre circular, com uma pequena porta. O centro é um pateo descoberto; na espessura do muro estão as habitações, alveolos conicos respirando sobre o pateo central, ligados em cada andar por uma galeria que communica de andar para andar por uma escada. Não ha madeira n'estas torres que já apparecem argamassadas e se acham, além da Escocia, na Sardenha.

Em qualquer d'estes tres typos o observador encontra o documento de um estado que póde chamar-se barbaro pela rudeza dos costumes, mas que pertence já ás epochas agricolas. A casa não representa só o abrigo transitorio para a noite, ou para o inverno: é o verdadeiro domicilio do homem; é onde elle tem o seu lar, o seu culto, a esposa e os filhos; é onde encelleira as colheitas; e se a cultura o prende ao solo, a casa liga-o á familia, á cidade.

A casa, é, pois, o templo por excellencia social.¹ Nas regiões e estados remotos, o selvagem e o barbaro identificavam, segundo vimos, a casa e o tumulo. Agora, o greco-latino, com a intuição maravilhosa das cousas ideaes, identifica a casa e o templo. A casa primitiva da Italia parte do atrio, que é o logar sagrado onde se praticam os sacramentos do banquete e do amor, onde estão a meza e o leito e os deuses. Era de madeira essa casa, coberta com um tecto ponteagudo de palha ou ripa,

¹ V. *Quadros das instituições primitivas*, (2.^a ed.) p. 41.

quadrada, com uma abertura no alto para saída do fumo e entrada da luz. Sob este tecto-negro (*atrium*) cosinhava-se, comia-se: ahi, entre a meza e o leito nupcial, em frente dos deuses, o chefe da familia recebia os hospedes, enquanto a matrona fiava sentada no chão no centro do circulo das suas domesticas. Não havia portico: o espaço descoberto entre a porta e a rua chamava-se *vestibulum*, ou vestiario, porque ahi o romano punha a toga ao sair para o fôro. Em volta do atrio estavam as alcovas e dispensas. ¹

Tal era a primitiva casa italiana, egual á dos gregos. O templo foi na Italia e na Grecia uma imitação da casa: a morada dos deuses, o atrio sagrado da cidade, e o thesouro, o banco: dir-se-hia o celleiro commum. Tudo isto contém a *cella*. Sómente os gregos, progredindo mais depressa na arte de preparar a pedra, transformaram com essa especie o templo. Entre elles, diz Mommsen, a casa era sempre de madeira, o templo sempre de pedra. As columnas imitaram os postes ou prumos de arvores; o tympano desenhou nas fachadas o triangulo formado pelas asnas do tecto; triglyphos ornamentados representaram as pontas salientes das vigas, entre as quaes corria o friso ou metopa, fechando o espaço que nos antigos templos de madeira era aberto: esse espaço por onde Orestes penetrou no templo de Diana, na Taurida, segundo resa Euripedes. Com a hellenisação da Italia, veio da Grecia o templo de pedra, o uso da argamassa e o conhecimento do ferro.

V. *Syst. dos mythos religiosos*, pp. 231 e *Hist da repub. romana*, I, p. 13.

2. — OS NUMEROS

Se na historia das construcções vimos representar-se em fórmulas e linhas a capacidade abstracta do homem social, agora vemos tambem, na historia dos numeros, um segundo aspecto da mesma faculdade. Contar, medir, são fórmulas de abstracção e maneiras de classificar em typos, ou momentos, a totalidade indistincta da natureza. O numero, a ordem, a serie, são apenas realidades da razão, ou abstractas: percepções humanas com as quaes como que escravizamos as cousas, pois que as abrangemos, dominando-as com o nosso pensamento. Contar é uma fórmula de dominio, porque é um modo de coordenar os phenomenos. Medir presuppõe a noção mais ou menos consciente das idéas de tempo, de espaço, de peso: presuppõe a noção da relatividade de um todo para com as suas partes, e d'essas partes entre si. Os numeros exprimem, portanto, a civilisação, ou a racionalisação, do homem natural. Na historia dos numeros o observador encontra um processo identico ao de todas as outras concepções racionais: ha um motivo externo que, ou provoca a definição das idéas immanentes no cerebro humano, ou apenas lhes serve para tomarem corpo, fórmula, realidade. O *tempo* consiste nas voltas periodicas do sol e da lua, determinando dias e mezes; o *espaço* mede-se pelo pé humano, mais adequado do que o braço; o *peso* é a *libra*, aquillo que a mão é capaz de supportar com o braço estendido; e a idéa de divisão na unidade representa-se, ou formula-se, na mão com os seus dedos: a somma das duas mãos é a base do systema decimal. Taes são as raizes, ou as primeiras expressões concretas de uma das mais eminentes concepções do homem culto.

A civilisação póde, pois, até certo ponto, medir-se pelo conhecimento dos numeros; os gregos, creadores das mathematicas, os astrónomos europeus, e por fim os francezes, estabelecendo no principio d'este seculo o systema-decimal, representam sem duvida o pinaculo d'esta faculdade. E' por isso que, na capacidade de contar, os ethnologos encontram um metro do grau das faculdades ingenitas dos povos. Essa faculdade, que se nos affigura a condição primaria do progresso ethnico, tem sido sempre medida pelo grau de comprehensão dos numeros; e a eminencia que em tal materia distingue a raça aryana é mais um argumento a favor da razão com que ella conquistou uma supremacia já quasi absoluta sobre o mundo. Peschell faz notar a riqueza do hindustani em expressões numericas: *lak* significa 100:000, *kraz* 10.000:000; ao passo que nas linguas europêas de hoje, se ha denominações particulares para o milhão, se os francezes chamam *milliard* a 1:000 milhões, o nome grego *myria*, da dezena-de-milhar, perdeu-se¹.

Afastemo-nos, pois, do centro geographico para a periphèria, ou desçamos das alturas eminentes da civilisação para os confins remotos da vida selvagem. Affirma-se que os veddahs de Ceylão não teem palavra para numero; que os tasmanios sabem dizer *um*, *dois*, mas além d'isso dizem apenas *muitos*. A's vezes, conta Bouwick, exprimem-se d'este modo: 2 + 1 e 2 + 2; e para dizer 5 apresentam a mão. Possuem a idéa, sem terem a palavra. Com os australios succede o mesmo: tambem abrem a mão para dizer 5, e as duas quando querem contar 10. Os neo-caledonios vão até 20; para 4 chegam-lhes as palavras, até 10 as mãos, e com

¹ *O Regimen das Riquezas*, p. 112-3.

os pés prefazem o numero maximo que a sua razão chega a definir, ou partir. Os boschimanos apenas concebem a unidade e o par: 1, 2; d'ahi por diante procedem por addições: $2 + 1$, $2 + 2 + 1$, $2 + 2 + 2$, etc. Os cafres chegam a 3, e Galton conta como vendem, um por um, os carneiros dos seus rebanhos por incapazes de os sommarem. Na America do sul observa-se o limite de 4: além d'elle a lingua dos guaranis diz *incontavel*. O *Diccionario portuguez e braziliiano* (Anon. Lisboa, 1795) apenas contém: 1 = ojepê, 2 = mocói.

Emquanto o numero não abstrae da mão e do pé, deixando de ser digital, concebe-se a impossibilidade de ir além dos limites de quantidade d'esses membros. Em geral, o systema quinario, diz Tylor, prevalece nas raças inferiores, onde o vigesimal é tambem muito commum; a tendencia das nações progressivas afastou um por insufficiente, outro por excessivo, preferindo o decimal. Mas para que 5, 10 ou 20 sejam, não um limite numerico, mas sim uma base de systema, é necessario que o espirito abstracto abandone as mãos, até ahi essencia da contagem, por outros objectos que não sejam limitados em numero. O barbaro *abstrae* a casa, da caverna, da toca e da cova natural; ergue a cabana, ou a tenda, á imitação d'esses typos de abrigo, onde e como quer. Assim tambem o barbaro, para contar, já prescinde das mãos e procura outros objectos. Este é o valor social historico dos *cauris*,¹ conchas que servem de numeros e moedas aos yorubas da Africa, já capazes de multiplicar. Em yoruba, 40 diz-se *ogodzi*. No Schleswig europeu o objecto que denomina o numero é outro: 7 tem o nome de *semana*, 12 é *shilling*. En-

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 146-7 — 2 *Ibid.* p. 158.

tre os hebreus, os valores numericos são representados por letras tomadas na ordem alfabética.

Mas o *ogodzi*, 40 dos yorubas, que é? O cordão, o rosario, o fio em que se juntam quarenta cauris. No Dahomé diz-se *kade* o mesmo objecto. Ha pois um facto novo: a serie. O barbaro, abstracto o numero da mão, ao mesmo tempo que pôde dominar e conceber uma somma maior de unidades, teve de inventar e inventou um objecto que é para os numeros multiplicados o que a mão era antes: a expressão da unidade, o agrupamento, a serie numerica. Os yorubas teem o *ogodzi*, os dahomés o *kade*, os hawais (Sandwich) teem as suas cordas ou rosarios de nós, identicos aos quipús mexicanos. Outros teem pedras, bastões de madeira, com incisões successivas: ¹ cada calhau, cada bastão equivale a 10, a 20, a 100. Os elementos essenciaes da numeração estão pois achados; e o unico progresso a realizar consiste em prescindir do rosario, do calhau, ou do bastão, exprimindo graphicamente as unidades e suas series. E' isso o que se observa na Italia primitiva, na China, e entre os pelles-vermelhas. Os numeros começam por escrever-se pictoricamente, á maneira do que succede com as letras; os algarismos são imagens de dedos. Até nove, os egypcios escreviam traços verticaes parallelos, ||||| etc.; a dezena marcava-se com um signal particular. Os indios cricks procedem do mesmo modo; egualmente os chinezes vão até 3; para 4 usam do signal \times e depois varios symbolos, até 10 que se escreve \dagger . Porventura a numeração dos chinezes partiu de um estado em que a imaginação não concebia mais do

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pag. 158.

que 4: outros selvagens não vão além de 2, como vimos.

Os symbolos graphicos dos italianos para os numeros attestam, porém, claramente as raizes primitivas e ao mesmo tempo o processo pictorico da escripta. 1 é I, o dedo estendido; 5 é V, a mão aberta; 10 é X, a juxta-posição de duas mãos abertas invertidas. Os numeros intermedios compõem-se por addições: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X. A collocação á direita augmenta, á esquerda subtrahê. Estes numeros da Italia, diz Mommsen, são communs aos latinos, aos umbrios e aos etruscos; communs e particulares, porque não lhes vieram, nem dos hellenos, nem dos phenicios, como o alphabeto.

O modo pictorico de escrever os algarismos é exactamente o mesmo que nós ainda hoje seguimos nos nossos calendarios para designar as phases da lua. A observação do numero de periodos lunares inscriptos em cada cyclo solar serviu aos latinos de base de um outro systema: o duodecimal. Cada cyclo do sol tem cerca de doze epochas da lua. Os primitivos collegios sacerdotaes latinos, os *sabii* de Marte-Gradivo, custodios dos *ancilia*, ou escudos sagrados, e os *arvales*, defensores do campo e das cearas, bem como as ligas das cidades etruscas, assentavam sobre o numero consagrado de 12. *Uncia*, onça, era para os romanos a duodecima parte de qualquer todo; o *as*, a unidade da moeda. No systema dos pesos, a unidade *libra*, e no da medida o pé, dividiam-se tambem em doze partes; ao passo que a superficie contava-se por *actus*, de 120 pés quadrados, isto

é, por uma unidade resultante da combinação dos dois systemas, 10×12 .¹

Com effeito, se a observação dos astros dera a divisão do todo em doze partes, a numeração digital, anterior, servia tambem para dividir o tempo: o anno romano tinha dez mezes. A identidade da palavra com que se designa 100 entre os povos de stirpe aryana, prova que o systema decimal era já propriedade dos aryas antes da sua primitiva migração. O numero 12 era sagrado na Itália, como vimos; mas não o era menos o 10, base de toda a construcção das instituições, numero consagrado das testemunhas, dos fiadores, dos embaixadores, dos magistrados; typo das equivalencias legaes (1 boi = 10 carneiros), base das divisões administrativas (1 cantão em 10 curias), systema do imposto, na offerta ritual do *dizimo* dos productos ruraes. Se as áreas se mediam em Roma pelo *actus*, unidade formada pela combinação dos dois systemas, o *vorsus* dos oscos, dos umbrios, dos sabellianos, tinha 100 pés quadrados, correspondendo exactamente ao *plethron* grego.

Assim, da contagem dos dedos e da observação dos astros, nasce a idéa dos numeros, revelando claramente ao espirito uma noção até ahi latente.

Na primitiva Itália agraria, a cultura do sólo exigia a sua repartição. Então o magistrado medidor ia ao campo, verificava a posição com referencia a um dos pontos cardeaes e traçava duas linhas, uma norte-sul, outra leste-oeste: no ponto de intersecção, *templum*, estacionava. D'ahi, a distancias fixas ia abrindo sulcos parallelos, desenhando áreas quadradas cujos angulos se marcavam com balisas, *termini*. O chão ficava dividido

¹ V. *Hist. da republ. romana*, I, pp. 405-9, nota.

como uma tabula de gamão, abstractamente repartido em áreas sem relação, nem obediencia ás divisões naturaes—vallas, rios, montes, bosques. A idéa da medida attingia no espirito da sociedade essa independencia, essa constancia absoluta das cousas ideaes, impondo-se á realidade irregular e anormal.

Tal é o estado a que o espirito chega, tendo partido da noção espontanea do todo e da sua divisão em partes: tal é a obra dos numeros. Com esse instrumento, a razão orçou o peso, mediu o espaço e o volume, tornando concretas e n'um sentido reaes as abstracções que são apenas postulados da realidade. Vimos, porém, n'outra secção do nosso estudo, que a sociedade, já no estado barbaro, tem uma noção clara da solidariedade das gerações successivas; e do mesmo modo que concebe a sua homogeneidade actual, tambem concebe a unidade da sua existencia como extensão no tempo, ou como historia. Ora o mesmo processo que dá a capacidade de avaliar o espaço, o peso, e o volume, permite medir o tempo.

A chronometria vem naturalmente da observação dos periodos da revolução dos astros; poder-se-ha comtudo dizer que, se não houvesse rithmo na successão dos apparecimentos do sol e da lua, deixaria de haver noção do tempo na razão dos homens? De certo não; porque o rithmo é uma condição essencial, inherente a toda a existencia, e a concepção dos cyclos de annos astronomicos demonstra-o claramente. Não fallemos do lustro ou do seculo dos europeus; não fallemos dos cyclos singulares da ^{da} Asia e do Mexico, tão semelhantes

que deram a Humboldt o melhor argumento para filiar a civilização dos azteques nas do extremo Oriente: basté-nos um exemplo curioso e typico. E' o dos indios da Virginia, que inventaram o cyclo de 60 annos, vida normal do homem. Cada um d'esses cyclos compõe um disco archivado pelos sacerdotes: são os annaes da nação. Cada um d'esses discos, formado por um esqueleto de madeira coberto de pelle, é dividido em 60 sectores, nos quaes se registra jerogliphicamente a historia do anno. Um viajante viu, no cyclo correspondente, registrada a éra da chegada dos europeus: era um cysne, deitando lume e fumo pela bocca. O europeu, branco, veiu por mar, com armas de fogo.

Por outro lado, o leitor já sabe que o primitivo anno (*annum-annel*) dos romanos era um cyclo de 10 luas, isto é, que se formava pela applicação do numero-typo a um phenomeno natural: era uma serie abstracta. A' data da separação dos italos e gregos, ainda a medição do anno se não formára; e só relativamente tarde a observação dos cyclos solares veiu dar ao anno, com os seus 12 mezes, uma base astronomica. Mas antes que isso se fizesse, antes que, previamente, a serie de 10 mezes lunares se tivesse ordenado, os romanos não tinham o que nós chamamos dias civis. O tempo não era medido por calculos cyclicos, mas sim por uma observação directa dos astros. Até muito tarde, na historia romana, o preegoeiro annunciava na praça o nascer e o pôr do sol, e a cada phase da lua os sacerdotes declaravam solemnemente o numero de dias que decorriam até á phase futura. A semana lunar de $7 \frac{3}{8}$ dias, o mez lunar de 29 dias 12 h. 44' — eis quaes foram as unicas medidas do tempo entre os romanos, antes que marcassem as horas e constituissem os annos. Depois, os dias e noites di-

vidiram-se em 4 partes eguaes, e só muito mais tarde em horas. Os romanos começavam o dia á meia-noite, os sabellianos e etruscos ao meio-dia. E por outro lado, o systema decimal creava o *annum* de 10 mezes. Mais tarde, como já dissemos, a observação dos cyclos solares estabeleceu por fim a serie annual-natural de 12 mezes ¹.

Mas, ao mesmo tempo que a medida do tempo se cinge assim á successão e duração de certos phenomenos astronomicos, o observador vê levantar se o conflicto intimo entre a razão que reclama um metro absoluto e a realidade que é sempre irregular nos seus aspectos. Se o medidor do espaço attingira na área a definição de um typo abstracto, o medidor do tempo não o podia conseguir ainda—nem virá a conseguil-o nunca, porque o systema assenta sobre factos naturaes intimamente inherentes á vida e aos habitos humanos. Assim, os racionalistas francezes da grande revolução poderam substituir o pé, a vara, a legua, etc., pelo *metro*; mas não poderam fazer vingar o systema decimal abstracto na chronometria. Os italianos em vão fatigaram a imaginação em busca da concordancia exacta dos periodos lunares e solares, problema comparavel ao da quadratura do circulo, como diz Mommsen. O primeiro calendario da Italia é grego, consistindo n'um arranjo approximativo dos periodos solares e lunares: 29,5 dias e 12,5 mezes, ou um anno de 368,75 dias, alternando um mez de 30 com outro de 29 dias, e um anno de 12 com outro de 13 mezes ². Na impossibilidade de uma abstracção completa; o espirito lançava mão do

¹ V. *Taboas de chronol. e geog. historica*, pp. 86-7 (com relação aos gregos) e 124-5 (com relação aos romanos) *notas*.

² V. *Taboas de chronol. e geogr. hist.* (corr. gregoriana) p. 194, *nota*.

processo pratico das medidas e das correcções. Assim as éras se tem contado até nossos dias; mas se a necessidade de cingir a medida á duração real dos phenomenos impede a creação de um metro abstracto na chronologia, nem comtudo com referencia ao tempo, considerado independentemente dos cyclos semanaes, mensaes, annuaes ou seculares, o espirito humano deixou de formular um metro tão abstracto como a área. Esse metro é a hora. Não ha no dia um numero exacto de horas, não ha no campo um numero exacto de áreas; mas a hora, os minutos, os segundos, são unidades tão abstractas, e por isso tão fixas e constantes, como o *vorsus*.

— —

A chronometria dos chaldeus achou desde o começo a concordancia approximada dos 12 cyclos lunares e do cyclo solar, inventando o anno de 12 mezes a 30 dias com as correcções necessarias para completar o anno astronomico de 365 $\frac{1}{4}$ dias; e notando o parallelismo das 12 horas de cada metade do dia e das 12 estações do zodiaco, tirou d'ahi a base do seu systema de numeração duodecimal, originada na observação astronomica, em vez de o ser na divisão das mãos, como o systema decimal. O *soesus*, 60, é o quintuplo de 12; e o *sarus* o quadrado do *soesus*.

Mas o acto grave da intelligencia d'esses povos astronomicos é a concordancia das unidades do tempo e da extensão. Foram tambem aos astros pedir o metro. A curiosidade instigava-os a fixar a posição e os intervallos dos astros e para isso mediram o diametro do sol. Tinham dividido o curso diario do astro em 360 partes, como a ecliptica:

restava medir cada uma d'essas partes no equinoxio. Eis aqui o modo por que procediam. Na manhã do equinoxio abria se uma talha cheia de agua que se deixava correr para um jarro, até que a orbita do sol estivesse inteiramente visivel. Depois a agua continuava a correr para outro jarro, até que o sol despontasse no dia seguinte. D'aqui inferiam que o diametro do sol está para o seu curso na mesma razão em que estava a agua do primeiro jarro para a do segundo; achando que esse diametro se contem 720 vezes no curso e fixando-o em $\frac{1}{30}$ da hora. A marcha deu por seu lado a equivalencia da hora como extensão, ou o valor mensuravel do tempo; e d'ahi nasceu o *parasang*, hora metrica (0,75 de milha geographica) cuja trigesima parte era o stadio, que se dividia em 360 *cubitos* e em 6 *plethrons*. O pé media $\frac{3}{5}$ do cubito babilonico. (m. 0,525).

Por via d'esta construcção astronomica dos metros, os chaldeus obtinham a equivalencia do tempo e da extensão, fazendo concordar a ultima com o padrão primitivamente tomado de um membro humano. O pé attingia a eminencia de um metro absoluto e abstracto; e se d'elle saía para as superficies a segunda potencia dos numeros, saía tambem a terceira para os volumes. O *marris* era um pé cubico, dividido em 60 *logs*. Do volume deduzia se o peso, porque o pé-cubico de agua (30:300 grammas) era a base de todo esse systema de medidas que os italianos deduziam da carga natural do braço horizontal, a *libra*.

As nossas repetidas e porventura prolixas observações terão de certo esclarecido assaz o pensamento do leitor, para que seja necessario registrar de novo o alcance psychologico d'esta curiosa e eloquente evolução dos numeros. Não insistiremos,

pois. E' incontestavel que a razão do homem culto se acha n'este momento instrumentada com os meios que inventou para medir e avaliar, tornando como que reaes cousas que são méros postulados racionais: o espaço, o tempo. Que maior prova se quer da faculdade *especifica* da humanidade?

3.—O ALPHABETO

Com a invenção da metrologia, para a extensão, para o volume, para o peso, para a superficie e para o tempo, ficou satisfeito um dos dois lados essenciaes das necessidades acordadas no espirito pelas condições da vida social. O homem como que se enraizou, ou se localizou, n'um tempo e n'um espaço já comprehendidos, ou dominados pela sua razão, desde que os media; e actos de uma tal natureza teem o alcance eminente de exprimirem de um modo objectivo o sentimento visceral da unidade em superficie, da solidariedade na extensão dos tempos. São estas as duas raizes psychologicas da sociedade, que, fazendo-lhe perder o caracter sporadico do bando, a tornam momentos ou series, dentro da seriè da humanidade e da serie das edades.

A metrologia, porém, consignava apenas o progresso formal: era necessario um instrumento que exprimisse e como que consolidasse as definições psychologicas d'esse progresso formuladas em annaes e historias, em codigos e cathecismos, em poemas e romances. A invenção da escripta veio satisfazer cabalmente a exigencia, atravez de lentos e laboriosos ensaios successivos e progressivos — desde a pintura symbolica (como, na Virginia, o cysne respirando fumo e fogo) até aos caracteres phoneticos do nosso alphabeto. A arte de escrever,

diz Mommsen, é posterior á de contar e medir. A difficuldade de individualisar os sons pela variedade das suas combinações, demonstra se no facto de um *unico* alphabeto, propagado de povo a povo e de gerações em gerações, ter servido para as civilisações arameana e india, greco-romana e moderna. A relação intima entre a contagem e a escripta vê-se em processos remotos que são uma verdadeira transição da arte de enumerar os casos para a de os designar graphicamente.

Os numeros são com effeito memorias ou annaes: symbolos graphicos os nós dos *quipus*, essas cordas ou rosarios de que já fallámos. Na lingua dos quichuas nó diz-se *quipu* e d'ahi vem a designação d'esses textos singulares que são communs á America indigena, á Africa, á Asia oriental, á China remota e á Polynesia. O quipu é uma corda de varias côres, da qual pendem de espaço a espaço atilhos e nós: serve de registro numerico. Entre os quichuas era a estatistica: um nó simples dizia 10; duplo, 100; triplo, 1:000; dois nós a par diziam 20; dois duplos, 200 etc. As distancias entre os nós exprimiam um valor. Tal é ainda o meio de que os pastores de Punna, diz von Tschundi, usam para registrar os seus rebanhos. Mas, no tempo dos Incas, os quipus continham os quadros da população e officios, o texto das leis, as chronicas, a estatistica dos impostos; e ainda em nossos dias ha peruvianos capazes de decifrar os quipus historicos. Na antiga China os quipus eram calendarios.

Facilmente se concebe, porém, que falta de elasticidade prejudica este processo: tres signaes apenas deviam nas suas combinações exprimir as combinações infinitas do pensamento? O numero e a distancia dos nós e a côr das cordas não bastavam

evidentemente para alphabeto. Limitada a taes meios, a escripta não podia progredir, e os textos, por não perderem o character arithmetico, só ficavam intelligiveis para os iniciados. A evolução da escripta seguiu, pois, outro rumo. Não é, portanto, n'um typo de instrumento de contagem, nem nos numeros já concebidos, que os alphabetos se originam; a sua formação é parallela á das taboadas. E se estas tiveram por ponto de partida os dedos das mãos, o alphabeto vem da faculdade de representar pictoricamente os objectos que o pensamento quer memorar.

A escripta dos chinezes possui o merecimento de nos apresentar, viva ainda, uma historia cujos momentos successivos a erudição tem desentranhado dos textos e inscripções da Chaldêa e do Egypto. Como se sabe, cada letra chinesa é uma syllaba, cada syllaba uma palavra: d'ahi vem a extensão extraordinaria do alphabeto chinez, ao qual se dão até 50:000 caracteres. Estes caracteres, porém, não são signaes abstractos: são restos simplificados de antigas representações de objectos: o sol, a lua, a tartaruga, o peixe, o homem, o cão etc. conforme se póde observar ainda no Ku-uan, ou «pinturas antigas.» Nos Ning shing «pinturas e sons» que constituem a grande somma dos caracteres usuaes, porém, a letra tem um valor duplo, como a denominação explica. E' a representação pictorica de um objecto, já transformada em signo symbolico, ou symbolo ideographico, combinada com o signal phonetico, isto é, com uma letra que perdeu a expressão symbolica. Da reunião d'estes dois elementos componentes dos caracteres alphabeticos

resulta haver em chinez, v. g. 1:165 letras que se pronunciam *e*, 212 *che*, 113 *ching*, 138 *fu*, etc. mas a que o signo symbolico incluído no desenho dá expressões diversas.

Um tal systema de escripta, que foi o dos egypcios, segundo vamos vêr, e do qual sahio o alphabeto exclusivamente phonetico dos europeus, foi tambem o dos mexicanos da éra azteque. Vê-se ahi a evolução a desentranhar-se; colhe-se em flagrante o processo de abstracção que caracteriza o progresso de todos os pensamentos e artes do homem culto. O signo phonetico não é mais do que um remoto signo pictorico que perdeu o valor representativo; designava primeiro um objecto; depois o objecto esqueceu, e passou a designar apenas o som do nome fallado d'esse objecto. Assim, conforme a theoria de Gesenio, as letras hebraicas e phenicias adoptadas pelos gregos — *aleph*, boi; *beth*, casa; *gimel*, camello — positivos signaes phoneticos, teriam sido remotamente retratos d'esses objectos; mas se as similhanças são n'este caso fugitivas, indefinidas, já não succede o mesmo com os caracteres chamados runicos, da Scandinavia. Diz Nils-son que as marcas com que hoje na Gestricia os camponezes designam as suas propriedades e que ao mesmo tempo lhes servem de signal ou assignatura, teem uma grave similhança com os *runes*.

Na escripta mixta pictorio-phonetica dos chinezes vê-se, pois, em primeiro logar, um signal de som, já despido de expressão realista, e um signal ideographico determinando o objecto. Como dois homens, em edades diversas, caminhando braço a braço, vão os caracteres chinezes. Um prescinde de symbolos, bastando-lhe os sons para exprimir as cathogorias; outro carece ainda de vêr representada materialmente a cousa que denomina. Essa

representação, porém, já não é realista: a multidão infinita dos objectos e pensamentos não caberia em signos diferenciados pictoricamente. E' uma representação já ideographica e symbolica, em que signaes convencionaes designam determinados objectos: uma linha ondulada o mar, etc., conforme se vê nos jeroglyphos. Só quando esses signaes ideographicos se determinam com um valor expressivo reconhecidamente assente, se póde dizer que ha escripta.

Mas antes d'isso haverá nada? Surgirá assim, já relativamente complexa, já de certo inspirada por uma abstracção poderosa, a arte de escrever? De certo não. Para além dos signos symbolicos, para além do systema ideographico, estão as representações realistas, e a pintura intencional. Dizemos intencional, porque é mister não confundir este exercicio com a arte espontanea de reproduzir por meio de desenho e côr os objectos, como na pintura propriamente dita. Os primeiros textos do barbaro, nos seus estados primitivos, ou das creanças, quando as idéas se lhes começam a coordenar no cerebro, são verdadeiramente o que nós chamamos charadas-figuradas. A pintura tem ahí uma expressão graphica, é um enigma intraduzivel: para além das imagens, está como essencia da arte o objecto ou o sentido que querem significar. Abundam os exemplos comprovativos d'este momento da evolução dos instrumentos do pensamento; mas Schoolcraft, na sua obra sobre as tribus indias da America, deixou desenhadas certas pedras tumulares, que são verdadeiras inscrições proto-jeroglyphicas. Em uma d'essas vê-se: uma tartaruga (tal era o cognome do heroe), ao lado um homem decapitado (que morreu) e por baixo tres brazões honorificos, (celebre por tres façanhas memorandas).

O leitor que agora vê estes textos esculpidos ou pintados na pedra, sabe que a propria pelle do homem vivo foi o primitivo registro. Da pelle, os nomes e brazões dos heroes passaram para os escudos e armaduras, conforme se viu ainda na Edade media europêa; mas, nem a pelle, nem a pedra, bastam para as crescentes urgencias d'uma sociedade inimiga de tudo o que é immovel e fixo como a natureza. A abstracção que inspira os pensamentos, caracteriza as artes, e determina a transformação dos processos. Chegámos com a impressão a mobilisar as letras, mas desde éras remotas se conhecera a necessidade de mobilisar os livros. A lage é immovel, e o homem morre; o livro, porém, caminha como o homem, durando como a lage. Por isso, depois de accentuar o character psychologico da evolução da escripta, depois de expôr o processo de formação das letras phoneticas, não devemos tambem deixar de indicar a correspondencia do movimento que se dá na materia dos tomos. Da pedra passa-se á tabua (*tabula, album*) ou ás folhas (*folium*) e cascas das arvores (*liber*), em em que se esculpe como na lage (*exarare, scribere*) ou se pinta (*linene, littera*) como na pelle; mas a tabula é incommoda, as folhas precarias. Já se curtem os couros, já se tecem pannos: eis ahi o material dos novos livros, onde os sabinos escrevem os seus textos sagrados, e onde os primeiros magistrados de Roma conservam os mais antigos registros em rolos archivados no templo da Memoria, Juno-Moneta. ¹ Os livros, os numeros, as leis: tudo é sacrosanto para a gente que poz no atrio domestico os deuses, fazendo altares da meza e do leito, erguendo os templos á imagem da casa.

¹ V. Quadro das inutil. primit. (2.^a ed.) 206-8

Mas as letras com que o italiano mosqueia a tela branca desenrolada nos joelhos vieram-lhe de fóra, não as inventou. Trouxeram lh'as gregos; propagaram-nas, ao norte os etruscos, ao sul os latinos; mas nem os proprios gregos inventaram tampouco esses signaes que os indo-europeus devem aos semitas. Ainda quando, diz Lenormant, a relação graphica dos caracteres gregos com o mais antigo typo de caracteres phenicios não demonstrasse a origem do alphabeto, o nome das letras bastaria para a estabelecer. Como explicar, pergunta, estes nomes orientaes, sem sentido de especie alguma para o grego, e identicos ao nomes hebraicos, syrios e ethiopes, se não tivessem vindo em companhia dos signaes que denominam?

A familia linguistica semita, diz por seu lado Mommsen, na qual as vogaes teem um caracter subalterno e nunca dão principio a uma palavra, apresentava condições especiaes para a individualisação das consoantes: foram pois os semitas os inventores do alphabeto consoante. Mas, independente e isoladamente, os gregos e os indios, addicionando as vogaes, crearam, com os elementos da escripta arameana, ensinados pelos commerciantes e navegadores, um alphabeto completo e a divisão das syllabas.

Ha quarenta e tres seculos, na éra das pyramides, já no Egypto se escrevia. Como na China e na America, a escripta primitiva dos egypcios consistia em pinturas intencionaes ou charadas-figuradas, por meio das quaes se registravam, esculpidas nas penhas dos montes, as imagens dos acontecimentos graves. A generalisação do costume trouxe comsigo abreviaturas e combinações engenhosas: o desenho de uma casa tornou-se um simples quadrado, a agua tres linhas parallelas onduladas, a

floresta o contorno da arvore abundante no Egypto, o sycomoro. De representações imitativas, passou-se a imagens indicativas. Para distinguir as especies, nos varios caracteres genericos, addicionou-se *v. g.* ás linhas onduladas dos liquidos uma jarra: isso dizia vinho; ou uma bilha: dizia agua. Pondo o retrato de um deus sobre uma casa, dizia-se templo. Por outro lado, os actos exprimiam-se em symbolos: o dar, era um braço estendido, com um pão; o abrir, uma porta; o caminhar, uma estrada bordada de arvores; o viajar, um passaro voando; o combater, um braço armado de escudo e lança; a destruição, um homem derrubado; etc. O mesmo processo resolvia as difficuldades mais serias de representar as cousas immateriaes. A sede, por exemplo, designava-se por uma vacca correndo para a agua; a fome, pela mão levada á bocca; e para as idéas abstractas serviam principalmente os deuses: não eram elles a corporisação das idéas? O espaço representava-se pela deusa docéu, o mal por um peixe impuro, a verdade por uma penna de avestruz. Um symbolo profundo é o da justiça: o cubito, o padrão da medida absoluta. Um symbolo triste é o do poder: um chicote. Ainda hoje o Egypto é a terra onde o fellah trabalha açoitado pelo seu amo turco.

Vejamos agora como a esta escripta, que já não é realistamente pictoria, mas sim ideographica, symbolica ou metaphorica, os egypcios addicionaram os caracteres phoneticos, produzindo um systema mixto, indicando o som conjuntamente com o sentido da palavra. As letras podem ser denominadas por dois modos, acrostica ou descriptivamente; ou pela palavra a que dão começo *v. g. a-* arvore, etc. O inverso d'este ultimo processo é o que se observa na criação dos signaes phoneticos.

O som *a* tem por symbolo um objecto cuja denominação verbal começa por elle. Os egypcios escolheram para signaes phoneticos do *a* a agua (*achem*) e a canna (*ak*). Depois crearam signos genericos, ou claves, com que indicavam a natureza da palavra: com os signos pictoricos e phoneticos de dia e hora combinaram o sol; e com os de regiões e rios, a agua e a terra. Estas claves mostravam se a palavra, symbolisada por um som ou por uma pintura, denotava um animal, uma planta, uma especie de pedra, ou um genero particular de condições, ou acções. A' maneira que o trabalho mental da sociedade se desentranhava, iam se desenrolando, deduzindo, combinando, os processos de escripta imitativa; mas a justa posição dos signaes pictoricos e phoneticos tornava (e torna ainda para a erudição moderna) confusamente difficil a interpretação dos textos jeroglyphicos, nos quaes é sempre mais ou menos incerto se um signo tem o valor ideographico, se o valor phonetico.

Entretanto, a concepção dos signaes phoneticos representa um progresso de abstracção maior talvez ainda, do que a passagem anterior da pintura intencional realista para o symbolismo da ideographia. O signal que designa um som ainda consiste n'uma figura, mas essa figura nada importa; já não ha outra relação entre ella e o som, mais do que uma relação acrostica: não é como nas linhas onduladas dizendo mar, ou no contorno do sycomoró para dizer floresta. Podia ser um signal abstracto, destituido de origem imitativa, sem que d'ahi viesse alteração á natureza do seu modo de funcionar, e á essencia do pensamento que o concebeu. Com effeito, os signaes ou letras do alphabeto posterior, exclusivamente phonetico, são ou tornam-se convencionaes abstractos, sem relação alguma com objectos reaes.

Porém os egypcios antigos não conseguiram abandonar o systema ideographico, adoptando exclusivamente o phonetico. A sua escripta continuou até ao fim com o aspecto semelhante ao de um tronco vetusto onde rebenta um *filho*. A religião, cristalizando, déra um valor sagrado a esses signos vetustos, ligando-lhes sentidos symbolicamente mysticos. Uma revolução na escripta importaria uma revolução religiosa e social-economica, pois o Egypto era uma theocracia. Os padres da Memoria, na Italia, guardavam piedosamente os rolos dos annaes sagrados; os sacerdotes de Memphis viam revelações divinas não só nos textos, mas até na propria escripta dos seus livros. Todavia a tendencia revolucionaria é manifesta, especialmente depois da éra de 1300 em que, diz Dunker, um certo numero de signos symbolicos adquire character phonetico, accentuando-se desde então um movimento transformador. O habito de escrever os jeroglyphos nos papyros conduziu ás abbreviaturas: os objectos eram representados por simples contornos de desenho corrente e facil, e esse modo cursivo foi o que se chamou escripta hieratica. D'ella nasceu um terceiro modo abbreviado, o demotico, representando a linguagem ordinaria e corrente quando Herodoto visitou o Egypto. A escripta demotica, empregando dezeseite symbolos phoneticos simples e uns cincoenta symbolos syllabicos, representa, conjuntamente com os restos dos signaes pictorios primitivos, o ultimo esforço para substituir á ideographia o alphabeto.

A escripta dos chaldeus tem a mesma historia da dos egypcios. Esses textos, que se dizem cuneiformes, do desenho *em cunha* das incisões feitas pelos burís nos tijolos litterarios, passou tambem, do realismo pictorio primitivo, para a ideographia, da

qual também nasceram os signaes phoneticos e syllabicos. Ao lado d'estes as palavras frequentes, como rei, batalha, mez, e os nomes proprios e os de deuses, conservam ainda a fórma de ideogramas; mas o maior numero de caracteres é simultaneamente symbolico e phonetico, como no Egypto. D'este modo se escreveu na Assyria e em Babilonia, segundo se vê nos monumentos do tempo de Cyro, de Cambyses, do primeiro Artaxerxes e dos Seleucidas. A Armenia adoptou a escripta babilonica, simplificando-a; os médos e persas fizeram outrotanto, bem como os semitas occidentaes que da Syria a levaram a Chipre, onde ganhou caracteres syllabicos. Do mesmo modo que no Egypto, a escripta chaldaica, nas mãos dos syrios e phenicios, adquiria um modo cursivo e da idade jeroglyphica saía a hieratica.

N'este momento, o grande acto predestinado pela evolução anterior é consummado por um pequeno povo, ao qual similhante façanha deu o melhor direito ao honroso logar que tem na historia mediterranea. Os phenicios abreviaram, para seu uso praticamente mercantil, o methodo cursivo dos egypcios, abandonando inteiramente os vetustos ideogramas, e creandø o alphabeto que já no anno 1000 antes da nossa éra estava em uso na Syria, conforme affirma de Rougé. Assim termina uma longa historia ¹.

¹ Citando a *Gundriss der Sprachwissenschaft* de Fr. Muller, o sr. Gonçalves Vianna transcreve n'um artigo interessante (*Positivismo*, abril-maio de 81) a evolução da escripta, segundo o sabio professor de Vienna:

I Escripção ideographica

1. *Pintura graphica*. (As idéas são representadas no seu conjuncto, isto é, a representação procede por sentenças, orações ou periodos: é polysynthetica e holophrastica) Ex. a escripta dos indios bravos da America do norte.

Afinal, as letras com que o homem fixa as palavras denominadoras das idéas, tornaram-se signos abstractos de uma capacidade, de uma elasticidade indefinidas, correspondendo condignamente á vastidão immaterial das idéas e ao complexo das fórmas verbaes consequentes. A razão humana, cujas manifestações embryonarias temos estudado sob varios aspectos, acha-se constituida e instrumentada com a lingua e com a escripta. Foi uma semente obscura: germinou, nasceu, cresceu; vieram hastes e folhas, um botão, uma flôr que abriu, barbara ou poeticamente, morrendo para dar de si o fructo opiparo da vida culta. As manifestações externas ou formaes da civilisação apparecem-nos como a pelle ou a côr dos fructos, denunciando e revestindo a pôlpa, os succos e a amendoa no amago, semente de uma reproducção mysteriosa, symbolo da eternidade, ou do infinito.

Estudada a evolução das fórmas, vamos portanto vêr qual é a semente da vida social: esse

2. *Escripta figurativa.* (As sentenças apparecem figuradas individualmente) Ex. a escripta dos mexicanos: especie analogica serviu á escripta dos chinezes e egypcios.

II Escripta phonetica

1. *Verbal.* A figura que representava uma concepção qualquer é substituida por outra que nos sons coincide com ella. V. g. Imagine-se a representação pictoria de um olho. Essa palavra diz-se em inglez *à (eye)* e com o som que a denomina coincide o do vocabulo *I* que significa em inglez *eu*. A pintura de um olho servirá, n'este systema, para indicar a primeira pessoa do singular: assim procederam os egypcios e chinezes.
2. *Syllabica.* Ex. a das inscrições cuneiformes e dos japonezes, onde cada symbolo não representa já uma palavra, mas sim uma syllaba da palavra, consistindo um vocabulo em uma serie de symbolos.
3. *Idem ambigua.* N'este systema graphico um symbolo pôde representar uma syllaba ou apenas um som (phonema). E' o dos povos semitas.
4. *Alphabetica.* Cada symbolo ou letra representa um som determinado. E' o systema dos cuneiformes persas, em parte o dos egypcios, o dos povos da India e sobretudo o greco-romano.

principio abscondito que origina no espirito dos homens a definição racional ou ideal dos instinctos em ritos, instituições e historia, dando á sociedade a cohesão actual e a duração nos tempos.

4. — A MORAL

Assim se denomina a mola intima e o principio praticamente organico da vida das sociedades civilisadas. E' uma palavra latina que, entre os romanos, principiando por designar a vontade pessoal (*mos, oris*), veio a querer dizer, collectivamente, a conducta. A etymologia illumina o nosso pensamento: a moral é uma criação da vida culta, radicada na vontade humana. E' a invenção social por excellencia; pois, se se concebe que os outros phenomenos collectivos, embora só se desenvolvam no gremio da sociedade, existam rudimentares no homem isolado: não se concebe como a vontade humana possa adquirir esse character altruista em que se torna moral, quando não haja proximo a respeitar. Do respeito alheio vem, reflexamente, o respeito por nós mesmos; e é a sociedade que nos define e nos formúlã o instincto da vontade, dando-lhe consciencia.

Estas breves palavras bastam para que assentemos em considerar a moral como o verdadeiro nucleo da sociedade. A moral exprime concretamente a civilisação, tendo, a um lado, a religião que determina as relações do homem com as espheras ideaes ou abstractas da razão e da piedade; e do outro lado, a economia, a arte e a sciencia, por meio das quaes o cidadão consegue explorar em proveito proprio, com a sua intelligencia e a sua força, as riquezas naturaes.

Os principios da moral são, portanto, normas

abstractas que, n'um certo momento, se revelam immutaveis e perfeitas; e representam o estado de consciencia a que a vontade humana chega por uma lenta e longa evolução. Quando os que negam a realidade ideal d'esses principios propõem os exemplos mais variados de costumes immoraes para nós, como prova da immoralidade constitucional na humanidade, é mistér responder-lhes que taes exemplos nada mais provam senão que a definição consciente da vontade procede de um modo gradual e evolutivo, como a definição consciente da razão e da piedade, nos mythos primitivos e nas religiões que saem d'elles. Essa anarchia apparente exprime uma ordem immanente. Confundam-se as cartas de um baralho, ou as folhas successivas de um livro, e tem-se uma desordem; mas quando, apoz observações minuciosas e estudos pacientes, se chega a poder coordenar as cartas ou as folhas, acha-se que ellas eram elementos de uma serie, e essa serie constitue-se. E' isto o que a theoria da evolução faz hoje aos variados exemplos de moral.

Em vez de se dizer que o homem é a — moral e o direito uma ficção, deve dizer-se que o homem civilisado, ou em via de civilisação, é um ser essencialmente moral; porque, se se encontram exemplos de crueldade e documentos de barbarie, esses proprios actos praticam-se com um sentido e não apenas como um instincto, significando momentos ainda remotos, estados evolutivos da definição consciente da vontade. Não ha sociedade sem leis, não ha na historia leis que não venham do uso: basta isto para affirmar o instincto moral. As leis porém differem sempre, já porque os usos variaram desde o começo, já porque exprimem graus ethnometricos successivos. O que acontece com o direito,

dá-se com a religião, cujos exemplos de crueldade, de barbarie, de obscenidade, em vez de negarem, affirmam a existencia dos instinctos ideaes.

Entre os australios cannibaes, ahi onde, como o leitor sabe, o alimento animal é escasso, a carne da ema reserva-se amorosamente para os velhos: o homem moço que a come pratica um crime pelo qual é punido. Frequentemente se encontram entre homens primitivos exemplos de uma delicadeza moral desconhecida á gente civilizada: não se encontram documentos de uma intuição ingenuamente profunda? Mas estes mesmos australios são assassinos por lei, cousa que sem duvida contraria as nossas regras moraes. O animismo em que se acha o seu espirito religioso faz-lhes crer que a morte de uma pessoa é necessariamente a obra de um feitiço: não concebem a morte natural. Por isso a morte exige morte de quem quer que seja, do mesmo sexo e para vingança. Onde ha mais eloquente, embora barbara, expressão da dignidade, da hombridade, do que na vingança? ¹

Não ha homem destituido da faculdade de distinguir a qualidade e o merito ou demerito das acções; as distincções, porém, variam indefinidamente, por um lado com os usos crystallizados, por outro com o estado evolutivo da consciencia. A *vendetta* dos corsos é uma virtude barbara; o latrocínio de numerosas tribus do velho-mundo uma qualidade. Note-se porém que, no estado de tribu, o roubo só é meritorio quando se pratica a estranhos, gente de outras tribus: o que prova que o instincto moral da personalidade, só se definiu na esphera d'esse nucleo chamado tribu, e que a consciencia do direito não foi mais além do que a evo-

¹ V. *Quadro das instit. primit.* (2.^a ed.) p. 138-41 e 167.

lução das fórmulas sociaes. Parry diz que os eskimós são probos, mas apenas entre si.

Mas se a lei dos australios, por uma intuição moral quasi piedosa e encantadora, reserva para os velhos (que n'uma certa data hão de ser devorados religiosamente) a carne da ema; se por outro lado já referimos as poeticas lendas de amor que affloram n'esses archipelagos selvagens do Pacifico: Domenech conta-nos dos pelles-vermelhas um facto eloquente. Certas tribus plantam no centro da aldeia a Arvore-da-probidade, onde se penduram todos os objectos achados. Wallace affirma que os dayaks de Borneo são verdadeiros até ao escrupulo. Na espessa charneca sombria da vida primitiva, erriçada de espinhos, brotam lyrios de uma pureza ideal e poetica: dir-se-hiam prenuncios de um futuro remoto, devem dizer-se rebentos sporadicos de uma vitalidade ambiciosa.

Só o homem, entre os animaes, tem o instincto da perfectibilidade: só elle, portanto, é um individuo moral. Esse instincto illumina-lhe a um tempo a esphera da intelligencia, acordando a razão; e a esphera da vontade, formando o character. Se de um lado abstrae noções geraes, de outro attinge o sentimento do proprio ser; comprehendendo-se a si e ao mundo, e consagrando a ambos. Por tal forma, no seio da moral se confundem a razão e o character, expressões ideaes da intelligencia e da vontade, que para o homem culto se tornam inseparaveis. Não ha razão perfeita senão no character integro, nem character absoluto senão na razão lucida. De tal modo, a moral, vinculo da sociedade, se torna a propria alma do homem que, no gremio social, ganha uma segunda natureza.

A força intima que o impelle a congregar-se em sociedade, logo que adquiriu uma noção tal ou qual

da sua personalidade, á maneira que se lhe vae aclarando a consciencia, é o mesmo motivo que dentro do gremio, uma vez formado, estabelece a regra dos costumes, creando as leis. Nem se diga que um méro instincto animal de conservação inspira taes actos, pois a prova em contrario está no character ritual e como que religioso, que o homem primitivo impõe aos pactos e tratados. Até os proprios soshones da California ratificavam os ajustes fumando o cachimbo-da-paz; e d'esses ritos primitivos vem o direito com que os povos cultos moralisam a guerra e regulam o commercio. Não ha sociedade sem guerra e trocas; não ha guerra nem commercio sem leis; não ha leis sem moral. A moral é pois o nucleo da sociedade. O simples facto de se encontrarem nas cavernas pre-historicas do Perigord o crystal de rocha e as conchas atlanticas, que só o commercio podia ter levado para ahi, basta para que Peschell affirme a moral dos trogloditas europeus ¹.

Como animal, o homem, impellido pela vontade natural, encontra-se em conflicto permanente com os impulsos do instincto da perfectibilidade que o arrasta para a existencia social e o submete ao regimen da moral. Mas o proprio egoismo espontaneo se transforma, á maneira que se illumina, apparecendo reflectidamente, e reconhecendo-se nos commodos da vida social. Por outro lado, a semente ideal ou racional da intelligencia, acordando os sonhos transcendentales, inventando os deuses e os seus tribunaes phantasticos, vem em ajuda da

¹ V. *Quadro das instit. primit.* (2.^a ed.) p. 139 e segg.

primeira transformação da vontade. O' egoísmo passa além dos umbraes da morte, e aos commodos da vida na terra addicionam-se os premios da existencia ultratumular: aos castigos da lei da tribu, sommam-se as penas sem appellação dos deuses.

A moral attinge assim um momento superior de definição, e porventura, ainda nos nossos tempos, esse momento se pode dizer a regra para a humanidade. Raros são os homens que, erguendo-se mais alto, praticam a virtude só por uma obediencia alegremente voluntaria á idéa do bem, e cumprem a lei por uma sujeição convicta á idéa da justiça. Um tal estado, porém, é, sem duvida, a suprema expressão da moral, quando ella se confunde com a luminosa visão da belleza.

Mas um tal estado, como que olympico, é, será sempre, excepcional nos homens; e o conflicto constitucional, inherente ao periodo *barbaro* da moral, não parece que possa resolver-se nas sociedades senão pelo desvio irracional das aberrações mysticas.

O typo de Job é revelador. O homem que descrê da infallibilidade da razão, tambem descrê da autonomia da vontade: vê-se um farrapo miseravel, ignorante e escravo, e recorre á religião que o levanta. Busca n'uma esphera superior e phantastica a sancção e a origem de uma força de que duvida.

D'este estado vem a idéa do peccado e a doutrina das penas e do arrependimento, isto é, uma moral transcendente: prova de que o homem não pode abandonar-se á miseria de um abatimento absoluto da razão e da vontade, pois a sociedade, a civilisação terminariam n'esse instante. Sem idéas abstractas e sem idéas moraes, o homem é um bruto mais ou menos artificioso. Suppondo, portanto, uma

sociedade transcendente, inventando, sem dar por isso, os deuses e os céus, o homem, ao sentir a sua fraqueza, pôz para além do mundo as idéas sancionadoras da sua divindade. De tal modo a consciencia, mal definida ainda, achou a expressão do absoluto, e a vida pratica um meio de conservação. A phrase corrente de que a religião é um freio não quer dizer outra cousa.

Eis ahi, pois, como a moral se relaciona com a religião, a ponto de se confundirem ambas, parecendo como que inseparavel o que de facto é inteiramente distincto. O peccado é o nexa da religião e da moral. Os mythos espontaneos, massa primitiva da religião, são alheios a toda e qualquer noção de moral. Depois os mythos tornam-se em dogmas, a religião faz-se instituição, quando a tribu se torna em cidade e o individualismo barbaro se subordina a leis. E' n'esse momento que as duas series parallelas se encontram, penetrando-se e fundindo-se. O homem social transfere as leis da terra para o céu; os mythos moralizam-se; Deus é o typo da justiça e da vontade, e o mundo transcendente a imagem ideal da cidade — a Cidade-de-Deus. Reagindo logo, a religião torna-se orgão da moral; e o caracter imperativo que as leis não podem encontrar n'uma consciencia mal definida, proveem da origem n'essa vontade transcendente absoluta de um deus, em que firmemente se crê: um deus justiceiro e misericordioso, distribuidor dos premios e castigos; um deus que é a summa, a synthese da humanidade, o justo juiz, o pae e protector, a sabedoria personalisada, isto é, a moral e a vontade, a piedade e a poesia, a sciencia e a razão, todos os pontos rutilantes que, envolvendo o cerebro dos homens, compõem o diadema da humanidade.

A moral, constituindo as sociedades, impõe o seu cunho á religião, a qual, reagindo, dá uma sanção transcendente á vontade socialisada. Identificadas, pois, n'uma certa idade ethnometrica, religião e moral são comtudo essencialmente independentes. Antes d'essa idade, os mythos e os ritos não são moraes nem immorales: são a-morales, isto é, não ha n'elles noção de vontade nem de justiça; nascem, crescem, vivem, efflorescencias espontaneas, existencias aerias. São sonhos, nuvens, chammas, errantes e vagos. E se a analyse póde descobrir, nas nubeloses dos mythos, algum symptoma voluntario, deve reconhecer-se que a religião em taes momentos é o contrario da moral. Principalmente filha do espanto e da curiosidade do homem primitivo diante dos phenomenos meteorologicos e biologicos, diante da successão dos dias e das vidas, diante das noutes e da morte: a religião, essencialmente espontanea e ingenua, não deixa de exprimir um terror infantil e um medo, que é o contrario da hombridade voluntaria creadora da moral.

A hera, viçosa e tenaz, enrola-se aos troncos das arvores, vestindo-os e subindo. E' assim a moral quando imprime a sua côr á religião que a sustenta de pé. Vem o tempo, constante e impassivel, e pouco a pouco o tronco da arvore sécca: dentro ha apenas pó, fóra uma vegetação brilhante. A arvore sécca, a hera não morre.

Será portanto eternamente duradoura, autonomicamente imperativa, essa idéa da justiça que outr'ora se nos impunha apoiada no tronco das religiões? E', relativamente; é, emquanto houver

sociedades. No momento em que se negue, negasse a civilização; ou se causas estranhas destruissem a sociedade, a ruina da civilização importaria logo a dissolução da moral. Justiça e sociedade são uma e a mesma cousa, abstracta ou concretamente consideradas. Implicam-se reciprocamente. Se o homem, por perversão da intelligencia e por sciencia falsa mal induzida da observação dos phenomenos, concluísse retirando á vontade o caracter moral ou social, destruindo assim a categoria imperativa da justiça: esse homem teria regressado ao estado barbaro, em que a vontade natural, sem consciencia de si propria, é uma liberdade espontanea. Quando vemos as tendencias de certas escholas contemporaneas, não podemos deixar de temer que, ao menos para a Europa occidental, a desordem do pensamento esteja preparando a crise singular da barbarie individualista no seio de uma civilização material quasi maravilhosa. Ver-se-hão casos monstruosos, se chegar a haver barbaros armados com todas as descobertas das sciencias. Não parece que d'ahi possa provir uma ruina da civilização; mas de certo provirá o que succede aos barbaros quando incommodam nações visinhas: alguém nos imporá com a força a auctoridade que tivermos chegado a desconhecer na lei.

Quando o homem, desbocado o pittoresco *freio* da religião, não *sente* no imperativo do dever a expressão culta e superiormente livre da sua vontade, esse homem é de facto um barbaro, apenas um barbaro civilizado no exterior; e, para tal creatura, mais util fôra de certo que o desenvolvimento da intelligencia lhe não tivesse demonstrado a vacuidade da religião. Fica uma besta com fórmula de homem culto; tem vontade, mas uma vontade ani-

mal, que não conseguiu tornar-se consciente. Se não rouba, nem mata, nem desflora e ultraja, não é porque a noção lucida da vontade, na sua pureza, chegue a não conceber semelhantes actos: é apenas porque, ou teme o castigo, ou o conflicto com o inimigo; é por medo, apenas, como o bruto que tem presente o chicote. Para esse homem, tambem, exemplo de atavismo social, a religião perdida deixou-lhe vazio o coração; e a piedade candida, que não espera premios, é-lhe tão ignota como a moral pura que nem pensa nos castigos. Para praticar uma caridade immeritoria, necessitava a esperança do premio; para fugir ás tentações do crime, necessitava ter presentes á imaginação as penas infernaes. Melhor fôra, para elle e para todos, que, menos sabedor, tivesse ficado de joelhos, constricto, resando a um idolo.

Todavia o caruncho róe as imagens, os altares andam desertos, e a moral está já destacada do ponto de apoio religioso. Mas, se, no meio das difficuldades que este passo grave traz consigo, ha quem, em vez de avançar do symbolo para a idéa pura, unica idéa certa, unica realidade immutavel, constante, permanente, no pensamento do homem culto: se ha já quem, em vez de progredir, regressse do nosso estado historico para o primitivo: não faltam, mal de nós, os que, escudando-se com massas indigestas de provas, veem prégar como futuro esse regresso. Nega-se o imperativo da moral, dizendo-se que ha barbaros entre os quaes roubar, matar, violar, são virtudes: como se na civilisação não houvesse edades! como se os exemplos barbaros fossem typos de cultura! como se n'esses próprios exemplos não estivesse a prova de uma definição evolutiva do instincto humano da perfectibilidade! Diz-se-nos que a moralidade dos

barbaros, dos selvagens, varia; mas as conclusões que d'ahi se tiram são absurdas. Tambem variam os ritos e os mythos, e n'essa propria variedade constante está a prova da religiosidade ingenita do homem. Na variedade das leis está a prova d'uma moralidade tambem ingenita. Para que essa inducção erronea colhesse, seria mistér mostrar-nos barbaros entre os quaes os actos ainda os mais repellentes não fossem objecto de lei; e mostrar-nos depois gente culta no seio da qual matar, roubar, violar fossem virtudes. Seria mistér, finalmente, apresentar-nos sociedades, tribus, ou nações, em que não houvesse noção do bem e do mal, do que é licito e do que é illicito, do que é virtude e do que é crime. Dizer-nos que a classificação dos actos em qualquer d'estas categorias é vária e contradictoria, apenas demonstra, em quem o faz, uma ignorancia total da natureza do homem, e das leis da evolução. O nucleo d'essa evolução é a affirmacão da personalidade: affirmacão variavel nos modos, segundo os tempos, mas constante na essencia.

Dizer que o uso é um factio exterior e que apenas o habito e a tradição dão alicerce ás leis, é tão errado como dizer que ellas assentam apenas na utilidade. Utilidade e habito entram na conformacão das leis; mas esse habito exprime principios ingenitos da consciencia, e essa utilidade principios organicos da sociedade. Em vez de causas, sem serem effeitos, são aspectos: o habito, é um aspecto da vontade ganhando consciencia de si propria; a utilidade, é um aspecto da sociedade adquirindo cohesão e vida organica. São habitos, sim, mas inevitaveis. São utilidade, tambem, mas não como as utilidades discutiveis, pelas quaes se póde ou não opinar. São mais do que utilidade,

palavra que include a idéa de uma opção: são necessidade, sem deixarem de ser uteis.

A moral é, portanto, no individuo, a socialisação do instincto animal da vontade, e uma funcção organica na sociedade. Estes dois caracteres eminentes dão-lhe a indestructibilidade e um character imperativo que, se póde obscurecer-se na mente do cidadão por um phenomeno excepcional de degenerescencia psychologica, destruiria a propria sociedade se se obscurecesse no commum dos espiritos, obliterando-se na constituição das funcções do Estado. Essa degenerescencia individual — tão infelizmente vulgar! — manifesta-se n'aquelles que, tendo-se libertado do imperio da moral symbolica ou religiosa, não pódem encontrar em si os principios imperativos de uma vontade socialmente definida, sem verem para juiz das suas acções mais do que os motivos espontaneos do temperamento e os dictames da utilidade social. São os barbaros da civilisação. Destroem a unidade social, porque os principios da vontade socialisada sempre se oppõem aos interesses do egoismo pessoal consciante. E destroem-na porque, referindo tudo a si, prescindem dos socios e dos vindouros, perdem a noção da continuidade como duração e extensão: essa idéa que é a propria realidade social. E' este o facto que desgraçadamente vemos pronunciar-se na Europa atacada pelo virus do individualismo naturalista, como uma tentação de regresso ao estado mental quasi inorganico das sociedades primitivas.

Para quem encaminhou n'este ultimo sentido a educação do seu espirito, decerto não ha imperativo moral. A auctoridade publica é uma coacção importuna, as leis um fardo oppressivo, os tribunaes e as penas uma iniquidade; embora tudo isso

se suporte por conveniencia e utilidade pratica. Mas este proprio modo de pensar é em si contradictorio. Como é *iniqua* a auctoridade, se no homem não ha a faculdade da justiça? A confissão de iniquidade importa a noção de moral; mas o individualismo inverte os polos da doutrina considerando a liberdade natural e a vontade espontanea não-moralisada como a expressão pura da justiça. Um tal modo de pensar, além de contradictorio com a realidade, pois que não nos dá a theoria d'essa necessidade exterior em virtude da qual, segundo elle, apenas existem governos e leis: um tal modo de pensar contradiz a sciencia que nos mostra, na constituição evolutiva dos codigos e instituições, o phenomeno eminente da socialisação da vontade natural.

Não podemos deixar de considerar a perigosa aberração do individualismo como um symptoma, oxalá apenas transitorio, da crise originada pela dissolução das religiões. A moral pedia ao ceu a auctoridade imperativa, a piedade recebia de lá uma sancção retributiva. Auctoridade e premio sumiram-se com o desmanchar dos symbolos, e nem todos são capazes de prescindir d'elles para manter de pé o edificio das idéas. Moral, piedade, são flores sublimes do espirito, expressão clara de instinctos mysteriosos ideaes formulados historicamente em dogmas, preceitos, maximas: em canons esotericos, a que um estado de educação incompleta dava um valor de absolutividade. Quanto mais a piedade e a moral se depuram, ou se definem claramente, mais difficil se torna aos espiritos vulgares e grosseiros reconhecer-as e obedecer-lhes. N'um estado em que as noções ideaes oscillam, por isso mesmo que tendem a emancipar-se dos symbolos, dá-se no espirito vulgar um sym-

ptoma de atavismo ethnometrico: surge em nós o barbaro e o selvagem, quer-se a independencia bravia, nega-se o direito de punir, apenas se reconhece como justa a vontade animal. Se para a piedade, que é a flor mystica da alma humana, as consequencias de um tal estado são funestas; se os homens, escravos do egoismo animal, perdem a melhor joia da corôa divina do seu espirito: mais graves são ainda as consequencias da obliteração da moral. N'um caso diminue-se o homem, baixando de valor pessoal, perdendo esse suave encanto da caridade e do amor, perfume delicioso da existencia; no outro caso destruir-se-hia formalmente a sociedade, se chegassem a pôr-se em pratica as doutrinas dissolventes da auctoridade social. Por isso nós vemos, ao mesmo tempo, uma quasi total indifferença em materia de religião, e uma expansão diariamente crescente da auctoridade do Estado. A força das cousas segue n'este caso um caminho opposto á marcha das doutrinas; e a sociedade, n'um movimento de defeza inconsciente, tem de avigorar-se tanto mais, quanto maior é a generalisação das doutrinas anarchicas. De tal modo a crise traz comsigo, no momento mais avançado da evolução, os exemplos primitivos de uma barbarie considerada normal por mais de um pensador. O homem é lobo, a sociedade uma alcatéa, segundo a definição de Hobbes. O instincto da conservação e a idéa da utilidade pratica reagem; e ao mesmo tempo que a auctoridade politica, desmoralisando-se, se torna em tyrannia; ao mesmo tempo que a guerra esquece os preceitos juridicos, o assassinato substitue a lei desauthorisada, e o roubo a distribuição viciosa da riqueza. Taes são as consequencias do individualismo naturalista, ou, por outra, da obliteração tran-

sitoria (esperemol-o a bem de todos) da moral, nos seus conflictos com as necessidades organicas da sociedade. Taes são os caracteres que, para os observadores perspicazes, dão ás sociedades americanas uma feição como que barbara, combinada com os instrumentos e artes que exteriormente caracterizam a civilisação contemporanea.

Entretanto, a observação dos factos mais comensinhos demonstra á evidencia a realidade da theoria evolutiva da moral ideal. Qual de nós deixa de pensar que o respeito da propriedade, da vida e da honra alheia é um dever? Qual de nós deixa de sentir o remorso affligil-o, se uma tentação má o levou a infringir esse dever? E diremos que isto é um habito historico, e nada mais? Mas se assim é, porque motivo, sendo os habitos historicos sempre variaveis, succederia a este *habito*, por uma excepção rara, ser constante, immutavel, universal, em todas as sociedades cultas? Não sendo apenas um habito, seria uma utilidade e a consequencia de um pacto? combinou-se n'isso, poderia ter-se combinado o contrario? Singular! não é, o accordo das *combinações*? Só n'este caso os pactos são identicos! E pelo que respeita á utilidade, é fóra de duvida que o meu interesse exclusivo e natural se daria melhor podendo roubar o visinho, podendo matar quem me incommodasse, podendo violar quem o meu desejo sensual me indicasse. Se a lei é apenas um pacto, a prohibição apenas um uso, o juiz apenas um tyranno, a auctoridade apenas coercitiva: quem me contesta o direito de opinar em contrario de tudo isso? onde está o direito de punir com que se me opprime? porque não hei de eu prégar uma doutrina naturalista-mente opposta á auctoridade social?

Por um motivo simples, dizemos nós. Porque o

facto objectivo d'essa auctoridade e o facto subjectivo do remorso, demonstram que a sociedade tem o direito de punir aquelles que (seja qual fôr a causa: aberração, atavismo, hereditariedade) são maus cidadãos. E tem esse direito, porque a auctoridade é o órgão da vontade socialisada a que se chama moral: um principio imperativo para a consciencia e organico para a sociedade. A moral é a minha propria *vontade* que a evolução tornou em vontade collectiva, fazendo civismo do que era instincto ou capricho; levando-me a ver o proximo em mim, e a mim n'elle; creando a solidariedade de um corpo de que eu sou parte, com a minha força pessoal, dir-se-hia transfigurada em parcella ou molecula da força collectiva.

Por isso, o respeito do proximo é o respeito de mim mesmo: vejo nos homens meus semelhantes, e quando os não vir assim, é que eu perdi a noção clara da minha hombridade. E como essa noção é a unica realidade, a unica idéa certa que a critica deixa de pé em meu espirito, se a não tenho em mim, eu não sou bem um homem culto: apenas um bruto dotado de artificios. A sociedade, fixando as idéas de relação entre os homens, formula a idéa do homem como cidadão; e por isso a palavra Egualdade é a expressão que exprime juridicamente a moral na sociedade, oppondo-se n'um certo sentido ás leis da natureza inconsciente. E' esta moral social que nos obriga a respeitar o proximo, condemnando doutrinariamente a escravidão das classes inferiores e a exploração das classes fracas e infelizes; levando-nos a formular os dogmas de um direito humano abstracto, em contraposição ás leis de concorrência-vital que exprimem os conflictos das vontades individuaes n'um grau inferior de definição, ou de consciencia. Ge-

neroso exagero de uma opinião exacta em si, generalisação absoluta de uma verdade apenas social, o espiritalismo das escholas de philosophia fez da moral como que a alma da natureza, inventando os famosos «direitos individuaes»; ao passo que hoje os progressos do naturalismo parece quererem-na expulsar do proprio dominio da sociedade. Delimitem-se os logares, analyse-se as funcções, e natureza e sociedade, com a concorrência organica e a moral ideal, apparecerão egualmente verdadeiras.

Não se proceda assim, pervertam-se os instinctos da justiça e os principios da moral nas classes cultas que dirigem as massas barbaras das nações europêas, e infallivelmente se dará uma crise, um movimento de regressão, e por fim a ruina dos estados. Um habito, uma illusão, um preconceito, concorrem para que nos denominemos a nós europeus «os povos civilisados», quando a observação mais elementar nos mostra que nas nossas sociedades a civilisação é apenas o privilegio de minorias minimas. Como os fundos successivos de uma pintura, assim se vão succedendo na sociedade as camadas de gente em estados já archaicos perante o estado das classes superiores. E ao lado d'estes aspectos da desigualdade de condições, vê-se um outro não menos grave: o estado regressivo em que o exemplo da civilisação lança aquellas classes cuja evolução natural não levara ainda ao momento adequado para a iniciação. Assim, massas ruraes barbaras bestialisam-se quando perdem o respeito pelos symbolos religiosos e politicos, sem serem capazes de conceber a piedade nem a auctoridade na sua pureza. Assim as plebes das cidades descem frequentemente a estados infimos quasi selvagens, impellidas simultanea

mente pelo varrer das idéas historicas e pelo crescer das condições miseraveis cujas dores não toleram mais, desde que a infiltração das doutrinas cultas destruiu n'ellas o instincto da obediencia e as esperanças consoladoras de uma religião extinta.

Denunciada uma tal crise, e essa crise é a do nosso seculo, ou as classes cultas, prevendo o perigo, e sentindo o dever, por uma renascença moral, com effeito ainda por surgir e talvez até improvavel: ou as classes cultas se inspirarão em motivos diversos do individualismo egoista e utilitario reinante; ou esse principio apenas animal-instinctivo, avassallando de todo as massas e as plebes, mostrar-lhes-ha que na vasta arena de um chão varrido, apenas ficou de pé uma cousa forte e viva: o numero e a força consequente. Submissão, respeito, amor, justiça, como nuvens fugazes varridas por um vento aspero, fugirão nos ares, levando comsigo a civilisação e a sua honra. Pulverisada, a materia d'esta especie de mundos rolará no espaço, repetindo mais uma vez os circulos da evolução; recomeçando a historia n'um certo ponto, para ir proseguindo de novo a marcha escabrosa dos tempos. Foi assim ha vinte seculos em Roma. O tempo dirá se a Europa moderna repetirá a antiga, ou se a nossa civilisação, egualisadora e democratica, terá a vitalidade sufficiente para constituir classes directoras que, em vez de opprimirem, de explorarem, de tyrannisarem, levantem em si os retardatarios, vendo n'elles neophytos em vez de servos, irmãos em vez de inimigos; fazendo do governo uma dictadura protectora, um magisterio eminente — a voz sonora e candida de uma civilisação, da qual a natureza das cousas as torna por um tempo sacerdotes.

O tempo dirá se, ao contrario, a prolongação da crise levará á consummação da ruina.

A hypothese de um tal futuro suppõe o caso, não diremos provavel, mas sem duvida alguma possivel, de uma paralyção de desenvolvimento na civilisação dos indo-europeus que é a civilisação typica da terra. Ver-se-hia uma raça capaz de conceber o Ideal na sua pureza abstracta, despi-do de fórmas mythicas e symbolicas, mas incapaz de tirar d'essa concepção um systema de regras praticas. Parando depois de dissolver o nevoeiro antigo dos symbolos religiosos, a Europa reproduziria, n'um momento diverso, o exemplo das civilisações da Asia, para descer gradualmente no caminho regressivo, como se vê tambem no Oriente.

Subjectivamente, a civilisação, moralizando a minha vontade e a minha liberdade, molas naturaes intimas da minha existencia, fez d'ellas a minha dignidade de cidadão. Não é mistér que me inspire de um sentimento de caridade ou abnegação para com o proximo, basta que obedeça ao sentimento da dignidade propria, ao instincto voluntario que a educação tornou juridico, para que eu pratique o bem. Se em mim não ha esse sentimento, enraizado com o character vivo e espontaneo d'um instincto, eu não mereço o nome de homem culto, sou indigno do proprio nome de homem, e fico apenas um bruto com fórma diversa; e se tal ha de ser a condição do commum dos homens, é mathematicamente certo que a civilisação da terra não vingará. Se, quando me occorrer a idéa de que matar, roubar, violar, é apenas defeso por um pacto revogavel, e eu não sentir em mim proprio

algum *quid* que proteste imperativamente, é certo que eu saí da evolução, ou que a evolução civilisadora terminou, encerrando um circulo restricto, regressando ao estado natural. Se eu chegar a pensar que me convém mais abandonar os meus filhos, como fazem as bestas, a educal-os e amparal-os; se eu considerar o trabalho, em vez de uma honra, um prazer e uma apothese da minha vida, um encargo pesado da existencia, terei realmente decidido á condição de bruto, embora traje e goze á moda civilisada.

Só quando eu sentir em mim, independentemente de qualquer consideração externa de abnegação ou sujeição, de premio ou castigo, a dignidade que tira ao dever o character de uma pena, dando-lhe a feição de um como que instincto: só então eu tenho direito a considerar-me um homem culto, isto é, um cidadão. A força que na minha consciencia se tornou vontade, adquire a sua plenitude e a sua expressão pura quando se chama moral. Se o crime produz remorsos na minha mente, esses remorsos são a reacção espontanea contra o momento em que, mentindo á minha propria dignidade, abusei da força. Sinto-me rebaixado, e com effeito o estou, desde que, sem perder a noção do character ideal ou social da vontade, fiz como faz aquelle a quem a educação ou a evolução não deu ainda a consciencia eminente. A minha consciencia é, n'esse caso, o meu proprio juiz; e a sentença fere-me, quer a lei considere, quer não considere crime o meu acto; quer elle fique ignorado e impune, quer conhecido e condemnado.

Basta, porém, esta idéa stoica e por assim dizer civica, para dar a medida superior da moral? Não basta. A nossa moral ganhou uma unção piedosa que é o vago fundo indefinido em que se desenham

nitidamente as concepções fixas do stoicismo. Assim as antigas paysagens, como as japonezas de hoje, desconheciam a perspectiva, que constitue um elemento essencial da pintura desde a Renascença. As realidades contornam-se sobre os horizontes mysteriosos e illimitados; ha gradações de tons e planos successivos. . . Em vão as nossas estatisticas demonstrariam que a população e o bem-estar podiam lucrar com o abandono das creanças mal-conformadas. Em vão se provaria que as instituições de caridade concorrem para augmentar a lepra dos mendigos. Ninguem ousará defender o abandono das creanças, á maneira de Sparta; nem a abolição dos asylos de mendicidade. E porque? Porque a moral, firmemente enraizada na consciencia, desenha-se com nitidez sobre um fundo de piedade caridosa que dulcifica a existencia e corôa os preceitos com uma auréola de luz vaga, mysteriosa—essa luz diffusa que nos illumina poeticamente a vida, depois de ter servido á nossa educação, concentrada em astros symbolicos, em dogmas religiosos dissipados.

Dizem astrônomos que a pulverisação de um planeta deu de si os cometas errantes e as estrellas cadentes, fogos fatuos, clarões passageiros do nosso systema astral: assim os dogmas se pulverisam tambem. Mas, enquanto esses nucleos luminosos compunham a abobada do pensamento, a moral e os seus preceitos affiguravam-se nos como irradiações de estrellas religiosas; ao mesmo tempo que nós, com a crystallisação formada das nossas idéas sociaes, imprimiamos a côr a essas luzes. A religião tornou-se moral n'um certo momento; e por isso os argumentos adduzidos para mostrar o verdadeiro valor das leis barbaras, para nós immo-
raes, são os mesmos argumentos que servem para

explicar a existencia dos cultos de sangue, deprecação e obscenidade. Nem a variedade das fórmulas evolutivas da moral, nem a variedade das fórmulas evolutivas dos cultos, negam a idealidade das noções abstractas da consciencia e da piedade; noções, porém, só nitidamente definidas quando a civilisação attinge o grau eminente em que a vemos.

Estas observações preparam o espirito do leitor para passar da longa e porventura arida dissertação que foi necessario pôr n'este ponto visceral da nossa obra, para o estudo mais interessante com que terminamos o circulo d'este estudo. O leitor vae observar como a religião, nos seus cultos, consagrou os tres grandes crimes: matar, roubar, violar. Já viu tambem haver leis que os sancionaram; mas depois de tudo o que deixamos escripto, confiamos em que porá de parte a idéa de que taes exemplos deponham a favor da anarchia moral; se semelhante idéa, corrente em mais de um livro antigo e moderno, pôde captar a sua adhesão. Esses exemplos, repitamos para terminar, dizem apenas que a constituição da Ordem e a definição pura da Moral são evolutivas, e não abruptas.

5. — OS CULTOS

O caracter horrendo ou repugnante dos cultos¹ que vamos brevemente estudar ficou sufficientemente definido. Esses cultos, já psychologicos, já moraes, differem de todo em todo dos mythos primitivos que são efflorescencias espontaneas inintencionaes. Agora que o homem já tem uma consciencia dos laços que o prendem ás gerações e á so-

¹ V. *Quadro das instit. primit.* (2.^a ed.) p. 266.

cidade, tambem já ha deuses com vontades e intenções semelhantes ás dos homens. E se estes, no estado ethnometricamente transitorio que se chama barbarie, estabelecem regras de conducta social inadmissiveis para a idéa depurada que os civilisados fazem da moral: como não ha de a religião, espelho onde a sociedade se vê a si propria transfigurada, reproduzir agora os caracteres barbaros da tribu? O leitor viu a guerra com os seus trophes de victimas e os seus holocaustos sangrentos; viu o heroe cannibal; viu o facto mysterioso do sacrificio da virgindade. Pois bem: são esses caracteres das sociedades barbaras que se encontram reproduzidos nos cultos, desde que os deuses apparecem concebidos anthropomorphicamente. Não se trata de aberrações excepçionaes — todo o mundo seria então o theatro de excepções! trata-se de um momento evolutivo já estudado por nós sob o seu aspecto sócial, e agora considerado sob o seu aspecto religioso.

Deus, como supremo guerreiro, delicia-se no sangue dos homens: os seus banquetes são horrendos e funebres¹. Ninguem ignora as festas sagradas dos dahomés em que annualmente se immolam muitos milhares de victimas humanas. Na sua varanda, o rei assiste ao sacrificio distribuindo caurís ao povo. Em baixo veem os pregoeiros-sacerdotes acompanhando o rebanho dos negros amarrados, submissos, mudos. Aos lados do rei ha fieiras de grandes canastras, cada uma das quaes recebe um homem. Como que já em vida mettidos no esquife, o rei vae-os deitando, um a um, sobre a praça, e o *mingá*, carrasco e ministro, com uma espada vae degolando, uma a uma, as victimas. Corre o sangue em ri-

¹ V. *Syst. dos mythos relig.* p. 56.

beiros, e pelas ondas do povo escuro passa a commoção profunda dos mysterios. Os cadaveres são lançados á valla para que as aves de rapina os devorem; os sacerdotes, a côrte e o povo entregam-se ás danças e á orgia, confiados na protecção divina. E' duvidoso que nos banquetes sagrados ainda se devorem os cadaveres, (*Viag. de L. da Rocha, no Occidente* 1879 p. 163) como succedia no Mexico azteque depois de propiciados os deuses. A communhão real da carne do sacrificio é um symbolo: a divindade communga pela bocca dos seus fieis. Como no Mexico, succedia na China. (V. Fernão-Mendes, *Peregrinações* II, 114) Na India, entre os khonds, a deusa Tari é propiciada por sacrificios humanos menos numerosos, mas ainda mais horriveis. Cada chefe de familia tem de contribuir com um pedaço de carne humana para o banquete sagrado. A's vezes a deusa exige em holocausto especial uma pessoa inteira: aquelle que a offerece ao templo recebe o valor d'ella e fica isento da contribuição ordinaria. Um tigre, por exemplo, devora um khond: o tigre é Tari colerica reclamando uma victima. Se o morto pela féra tem pae, esse deve achar dentro de um anno o holocausto, o *tokki*, segundo os khonds dizem, *mrriah* segundo os oriyas. O pae então compra aos panúas ou aos gahindas, duas castas miseraveis de traficantes de carne humana, uma das creanças que elles se occupam em roubar entre os indios, ou compra-lhes um filho, porque os vendem. O tokki entra vendado na aldeia, é acolhido com amor; se é homem dão-lhe mulheres, se é mulher dão-lhe homens. Conservam-lhe uma vida de regalos na esperanza de que procrie, pois os filhos ficarão em reserva para futuros sacrificios. Chegado o dia, rapam-no á navalha, coroam-no de flores, banham-no em perfumes, ungem-no com pomadas preciosas.

Ha entretanto banquetes e abluções por parte dos fieis em volta do altar que é um poste cravado no chão com o tokki amarrado. O mysterio dura tres dias: no ultimo desligam a victima, quebram-lhe os ossos das pernas deixando-o solto: porque deve morrer livre, mas não se concebe que fuja. Assim o levam ao lugar do sacrificio escolhido na vespera religiosamente. O segundo altar é um tronco de arvore fendido pelo meio: entre as duas metades introduzem o infeliz; depois comprimem-no por meio de cordas que abraçam o tronco e cujas pontas os sacerdotes esticam. Os gritos lancinantes do desgraçado, as lagrimas, os rogos, derramam nos fieis uma satisfação religiosa: Tari acalmou a sua ira! Então o summo sacerdote fere o tokki com o machado sacrosanto e a este signal o povo precipita-se a essa mesa da communhão. A victima é ali despedaçada: cada um dos crentes corta para si uma hostia, em retalhos de carne. A cabeça e os intestinos pertencem ao deus.

Da Africa passámos á Asia; venhamos agora ao Mediterraneo vêr o que fizeram as suas raças. Prophirio conta os sacrificios humanos do velho Egypto em que a victima rodeava tres vezes o altar antes que o sacerdote a varasse pelo estomago com a lança liturgica, para ser lançada na pyra e consumida pelo fogo. A Biblia conta o sacrificio de Isaac, frustrado, mas revelador. Diodoro Siculo deixou descripto o Chronos (Moloch, Baal etc.) dos carthaginezes, monstro de bronze cujo ventre era uma fornalha, cujos braços executavam o movimento de levar para o ventre as creanças vivas que os sacerdotes lhe depunham nas mãos. O Saturno de Carthago adiantava um passo na realisação do symbolo da communhão divina: o proprio deus digerira, e não já os crentes em seu nome. Do

outro lado do Mediterraneo os etruscos offereciam tambem aos seus deuses holocaustos humanos, e a religião dos druidas mostra-nos que taes cultos entraram tambem no dominio da evolução moral-religiosa das raças celtas. Cesar conta que os sacerdotes gaulezes construiam idolos, grandes vultos de vimes que se enchiam de gente com a qual ardiam: eram como o ventre do Baal phenicio; e ainda no seculo passado, ao que se diz, na Bretanha se deitavam nas fogueiras do San-João cestos de vimes em que os homens eram substituidos por gatos, rapozas e lobos vivos — tanto duram as tradições!

Como o écco de um trovão repercutindo-se, diminuindo de serra em serra, assim os cultos antigos vieram chegando até nós em imagens mais ou menos fugitivas e dissipadas. Os sacrificios humanos, expressão religiosa do cannibalismo psychologico, symptoma barbaro da moralisação dos mythos, apparecem-nos, pois, actuaes ou transactos e symbolicos, por toda a terra, em todas as suas raças. Póde affirmar-se que, entre os mediterraneos, o culto desapareceu quasi inteiramente com a passagem para edades superiores de cultura; mas os africanos barbaros manteem-no, assim como os birmanes. Mais tenaz entre os celtas da Gallia, entre os latinos antigos era porém já um symbolo apenas, nas *oscilla* que se offereciam a Saturno e Baccho, imagens das antigas victimas expiatorias. Não são como as *oscilla* latinas os votos que se penduram nos arcos dos altares catholicos, pequenos vultos, caras, membros de cera? Dos semitas, mencionámos já o sacrificio de Isaac; mas falta dizer que, em certas tribus, embora islamitas, ainda se praticam sacrificios humanos, ao passo que os holocaustos animaes dos judeus estão no caso de gigos da Bretanha na noite do San João.

Deificado o mytho, isto é, concebido como um ser voluntario, omnipotente, bem ou malfazejo: o ideal de um homem em quem a civilisação não definiu ainda socialmente a vontade primitiva: um deus que tem, da natureza a força absoluta, e do homem um querer determinado — concebe-se facilmente como para elle se deviam erguer supplicantes as mãos nas horas angustiosas, pedindo misericordia. Por este lado, o pensamento religioso depurou-se com a civilisação, sem se alterar na essencia. A doença, o perigo da morte, são a hora das devoções: a hora dos sacrificios crueis, quando a imaginação do barbaro não concebe outro modo de propiciar a divindade.

«De tal sorte foi crescendo a enfermidade do Cazembe, que a sua melhora já causava desconfiança. Os seus medicos não se fartavam de sacrificar quantas victimas humanas podiam immolar. Saíam pela manhan, ao meio dia e de noite, tocando seus tamborinhos pelos caminhos, e todos aquelles que lhes apontavam, logo eram tomados como feiticeiros e sem remissão mortos.» (*Diario*, de P. Pinto (1799) nos *Ann. mar. e colon.* 1845, p. 163-4) Entre os negros do Cazembe a medicina religiosa não se satisfaz immolando gente na occasião do perigo: os proprios medicamentos são preparados com entranhas humanas. «Em todas as luas novas (o Cazembe) envia um cafre ao seu medico para que este o mate; e com o sangue, coração e alguma parte das entranhas prepara os seus remedios.» (*Ibid.* p. 265) O que ainda provavelmente fazem hoje os negros africanos, é o que os phenicios faziam, sacrificando a Saturno, diz Prophirio, um dos seus mais queridos, eleito por suffragio na hora dos perigos publicos de peste, fome, ou guerra. Outranto faziam os aymaras do tempo dos Incas para

propiciarem Cupay, o deus do inferno; outrotanto a historia de Cesar nos refere dos gaulezes antigos: «Atacados de doenças graves, ou expostos aos perigos da guerra ou outros, immolam victimas humanas ou fazem votos de as immolar e recorrem para estes sacrificios ao ministerio dos druidas.» Em Lagos, na Guiné, depois do equinoxio da primavera, *empalam* viva uma rapariga para tornar propicia a deusa da chuva.

Tambem entre os gaulezes se encontra uma outra fórma de sacrificar, directamenté ligada á religião: são os sacrificios eschatologicos originados no animismo já dualista e na idéa de uma ultravida: n'um céu, ou n'um inferno, segundo os merecimentos do fallecido. Os gaulezes queimavam com o morto os escravos e clientes que elle mais amára. A queima das viúvas ¹ na India é um facto conhecido e que se inscreve na categoria que agora estudamos. «As mulheres d'este reino de Narsinga ou Bisnaga, depois que enviuvam, são obrigadas a queimar-se; se são ricas, teem de gastar todos os seus bens em banquetes e festas e muito vestidas e muito concertadas se lançam ao fogo.» (M. Correia, *Comm.* VII, 21) Duarte Barbosa descreve a cerimonia: ha uma cova cheia de lenha onde se deita o cadaver do morto com a esposa viva; o azeite e a manteiga sacramentaes são deramados sobre o lume que sobe em chammas crepitando entre as orações que os fieis elevam ao sol. (*Livro*, pp. 302 segg.) Estes ritos vieram para o Occidente. Procopio conta que, entre os herulos, a mulher ficava deshonorada (como na India) se sobrevivesse a seu marido: devia estrangular-se no tunulo. Diz-se que ainda no tempo de Boleslas I

(992-1025) entre os slavos da Polonia, a viuva era decapitada sobre a fogueira em que ardia o corpo do marido. Mas não é um privilegio da raça aryan a esta fórma de culto dos mortos: entre os maoris as mulheres dos chefes matavam-se ao enviivar; e os comanches da America do norte enteravam com o morto a sua esposa favorita; hoje limitam-se a metter no tumulo as armas e os cavallos. O costume de destruir nos funeraes tudo o que pertencia ao morto é muito frequente, e não nos parece temerario suppor que venha de tal habito primitivo a solemnidade da quebra dos escudos, ainda em vigor entre nós á morte dos reis.

E' nos funeraes dos soberanos e chefes barbaros que os morticinios cultuaes attingem as maiores proporções; o que é natural, porque a tribu nasce á imagem da familia, e o rei é como um pae. Entre os scythas, diz Herodoto, enterravam-se junto do soberano, além dos seus principaes officiaes e cavallos, una das suas concubinas préviamente garrotada. A lenda de Iphigenia, a matança dos captivos ordenada por Achilles sobre o tumulo de Patroclo, denunciam nos gregos os mesmos cultos, que entre os romanos se descortinam tambem quando enterravam vivos os gaulezes no Fôro e mandavam os gladiadores combater em torno dos tumulos.

Se, quando morre o esposo, a viuva se lançava á fogueira em Narsinga, quando o rei morria, o rei que é o pae e esposo da nação, em vez de uma victima havia 400 ou 500 mulheres queimadas, havia o sacrificio de muitos personagens e privados do palacio. As covas e as fogueiras eram gigantescas, a lenha era sandalo e aguila, brazil, e aloes, regada sacramentalmente com oleo de benjoim e manteiga abençoada. (Barbosa, *Livro*, 302)

Isto succedia ainda na India ha tres seculos; no Perú dos Incas, os funeraes do imperador e dos grandes eram motivo de grandes matanças — «para que não andassem sósinhos a viagem do outro mundo.» Já o morto não dorme na cova um sono eterno; já a alma se separa e voa para as regiões phantasticas.

Na Africa estes ritos são actuaes ainda. Em Benim observaram-se com um caracter singular. Quando o rei morre, todo o povo se junta em um grande campo e abre um poço afunilado onde se deposita o cadaver, com o qual descem todos os creados, companheiros e amigos do defunto. Tapa-se com uma lage a bocca da cova, e o povo fica em torno dia e noite, resando. De dois em dois dias levanta-se a lage e pergunta-se quem «foi já servir o rei.» Os vivos denunciam os mortos: a maior honra é ir primeiro. Assim continua a cerimonia até morrerem todos, fazendo-se então uma grande fogueira sobre a lage, havendo banquetes e coroando-se o novo rei. (*Nav. de Lisboa a S. Thomé, na Coll. de not. da Acad. II, 1, 2 pp. 86-7*) Do Cazembe diz o P. Pinto que «hade ir á sepultura com tudo quanto possuia, mesmo até com escravos para o servirem, e mulheres para seu regalo;» (*Diario, p. 269*) e Gamitto refere que os cazembes sacrificam os prisioneiros de guerra, e, na falta d'estes, quaesquer subditos, aos *muzimos* ou manes dos finados *mua-tas*. (*Muata-Cazembe, VIII, 349-50*) Em varias nações negras, no acto de acclamar um rei, as esposas do defunto matam-se umas ás outras, até que o novo soberano ordene o fim da carnagem.

Voltemos, finalmente, ao Dahomé, cujos sacrificios humanos já vimos, a observar como são os sacrificios funebres dos monarchas. Na capital d'esse reino da Guiné, famoso pela sua barberie

cruel, está o carneiro dos reis. O cadaver do soberano é depositado n'um ataude de terra amassada com o sangue de cem victimas, captivos de guerra que no outro-mundo hão de servir o defunto. A cabeça repousa sobre a caveira de algum inimigo, e com o esquife do cadaver descem ao sarcophago bailadeiras, soldados e escravos que voluntariamente se enterram vivos. De tempos a tempos, repetem-se os sacrificios humanos em honra do defunto. (Rocha, *viag.*, no *Occid.* 1879, p. 163)

Que devemos inferir dos factos enumerados? Primeiro, uma grave transformação no modo de conceber a morte, progresso religioso que todavia não é o objecto especial do nosso estudo; depois, um facto eminente que directamente nos interessa: a sagração religiosa, a quasi divinisação dos monarchas. Não ha maior, nem melhor prova do character moral que a sociedade imprime á religião, nem da sancção esoterica dada pelos cultos ás instituições. O rei é como deus, porque, antes d'isso, deus se inventara como uma especie de rei: o rei dos reis. O rei é o pae de uma grande familia-nação; deus é o pae de todas as nações: o pae supremo.

Taes considerações suggerem os cultos funebres prestados aos monarchas. Objectar-se-hia, porém, que entre elles e os sacrificios ordinarios a qualquer morto não ha differença de qualidade, mas apenas de quantidade de victimas pela categoria superior do finado. Não é comtudo assim. Apparece uma idéa nova, a idéa da sociedade, personalisada na cabeça sacrosanta do rei; a idéa de que essa sociedade é de instituição divina. Ao mesmo tempo que a sociedade, digamol-o uma vez ainda, introduz na religião primitiva as noções moraes, a religião revivificada vem escudar a moral com uma sancção esoterica.

Se alguma duvida ficou a tal respeito, diante dos exemplos cultuaes funerarios, esperemos que os exemplos de sacrificios civicos, independentes da eschatologia, acabarão de a dissipar. Quando os vitis deitam ao mar uma canôa, matam sobre o convez uma dezena de victimas, ás vezes mais. Quando um chefe dos guanches das Canarias tomava posse do governo, havia um homem que se offerecia para morrer em honra do facto: despenhava-se por uma ribanceira; o rei protegia-lhe singularmente a familia. (Cadamosto, *l. c.* p. 14.) Quando os bangalas acclamam um *jaga*, amarra-se um negro n'um poste á borda de um rio, abre-se vivo, rasgando-se-lhe o peito e o ventre e deita-se n'agua horisontalmente; os negros seguram-no, e o jaga vae de pé sobre as entranhas quentes da victima atravessando o ribeiro. (Capello e Ivens, *Viagem, no Occid.* 1881, p. 34.) No Congo ha tribus que solemnisam a investidura do soberano (ou imploram a cessação de um flagello) immolando uma victima: cortam o corpo em quatro, grelham-no, dividem-no pelos assistentes e comem-no. Na Guiné parece ser dever dos poderosos fazer, ao menos uma vez durante a vida, sacrificios humanos; e o rei de Lagos manda de tempos a tempos um homem mascarado e armado correr a cidade e matar quem encontra. Entre os sakalaves de Madagascar, o principe que, pela primeira vez, se barbeia tem de molhar a navalha no sangue de algum velho celebre immolado especialmente. Quando um chefe dayak, em Borneo, adoece ou viaja, a tribu tem de sacrificar uma cabeça humana: debandam pois á caça, embuscados nos juncaes, armados de settas hervadas. Assim que um cáe, cortam-lhe a cabeça e trazem-na á aldeia.

Não é só, todavia, a magestade sacro-santa da

pessoa do soberano que determina os cultos crueis: ha provas mais graves para denunciar como essa pessoa é um symbolo da sociedade. O sangue humano que, bebido, augmenta a força do guerreiro barbaro, e que, por isso, se offerece em holocausto aos deuses e aos reis, é o liquido com que se amassam os fundamentos do templo e do throno. Que prova mais realista e ao mesmo tempo mais profunda se quer, de que o homem tem em si o instincto da santificação universal?

O leitor recorda-se dos tokkis dos khonds de Bengala: ás vezes a victima, em vez de despedaçada, é queimada a fogo lento; e as cinzas, ou se espalham na terra para a fecundar mysticamente, ou se amassam collocando-se no tecto dos celleiros. Será necessario insistir sobre o alcance psychologico do acto? O sangue dos captivos de Africa serve para amassar o ataúde do soberano de Dahomé, e mistura-se tambem com a argila na construcção dos templos. Na Africa equatorial pullulam estes cultos: no Galam enterra-se vivo um casal de gente moça diante da porta da cidade, para a tornar inexpugnavel; no Gran-Bassam e em Yoruba praticam-se cultos semelhantes. Ellis conta a existencia de factos analogos na Polynesia: em Maeva, o pilar central dos templos repousa sobre o corpo de uma victima. Em Borneo, os dayaks, na erecção de um monumento, abriam primeiro a cova do prumo principal; n'essa cova mettia-se uma escrava moça sobre a qual o madeiro estava suspenso: caía e esmagava-a; a construcção progredia. Em vez de mulher, punham depois, ou põem agora ainda, um gallo: assim na Bretanha as rapozas substituem os homens nos cestos de vime sagrados da noute de San-João. Ainda ha dois seculos no Japão os alicerces da muralha de uma cidade eram cimenta-

dos com um escravo immolado ; e a India está cheia de cultos semelhantes, conforme diz Tylor.

Esses templos, amassados com sangue, construídos com lagrimas, ao som dos ais dos pacientes, mais de uma vez sanctificam o roubo, e são com frequencia casas de prostituição sagrada. As viúvas de Narsinga, que, por fraqueza, se não lançavam nas fogueiras funeraes, eram rapadas á navalha e expulsas como indignas pelos parentes ; mas sendo moças e bem parecidas podiam ter outro destino : iam para os templos «pera por seu corpo ganharem pera ha dita casa.» (Barboza, *Livro*, 300, segg.) D'esses temples havia na India com cem e mais prostitutas ou sacerdotizas. (*Ibid.* Corrêa, *Comm.* VII, 21.) Mas nem só de viúvas se compunha o pessoal sagrado.

Muitas mulheres, diz o viajante, por devoção offerecem as virgindades de suas filhas a um idolo ; e quando as moças têm doze annos levam-nas ao templo com parentes e amigos. Ha ahi um recinto fechado com pannos de seda e no centro um altar de pedra preta quadrado. Entram a mãe e mulheres amigas com a donzella, e sobre o altar está uma pedra do tamanho de homem, furada, no furo um pau — «com aquelle pau perde ha sua virgindade derramando-a sobre aquellas pedras.» (Barboza, *Livro*, 304) E' o que, na sua *Miscellanea*, Garcia de Rezende conta assim :

E moças vam prometter
A Idolos virgindade
E se vão offerecer
E por si mesmas corromper
Em signal de castidade,



Em umas lages polidas
 Muyto limpas, muy lusidas.
 Em um corno muy polido
 Que no meio está mettido
 Se rompem n'elle subidas.

Ao nosso chronista não escapou este fino traço: «em signal de castidade». Com effeito era-o: tão varios são os modos com que o espirito humano é capaz de exprimir um sentimento ingenito. ¹ O leitor lembra-se de quando viu serem os paes os desfloradores das filhas: agora são-no os idolos por sacerdocio das mães. Mas que singular odio é este contra a virgindade?

Mais além, na Indo-China, outro dos nossos viajantes observou no templo de Urpanesendoo cinco milhares de sacerdotisas-prostitutas, que «todas as mulheres virgens filhas de principes e senhores do reino e de toda a outra gente nobre vão allì, por voto que de pequenas lhes fazem fazer, sacrificar suas honras, porque sem isto não quer nenhum homem honrado cazar com ellas.» (F. Mendes Pinto, *Peregrin.* II, 260).

O culto babilonico, descripto por Herodoto, resa assim :

Toda a mulher indigena tem de uma vez na vida sentar-se no templo de Venus e abandonar-se a um estranho. Muitas a quem o orgulho não consente misturarem-se com o commum, vão ao templo em carros cobertos acompanhados de criadagem. As mais das mulheres procedem assim: sentam-se no recinto sagrado, com a cabeça cingida por uma corda, em filas, deixando caminho franco que os visitantes percorrem observando-as e escolhendo. Desde que uma mulher se sentou, não volta mais a casa sem que um homem lhe tenha deitado no regaço uma moeda e se tenha

¹ V. *Quadro das Instít. primit.* (2.^a ed.) p. 31.

depois unido com ella fóra do templo. Atirando a moeda, o homem deve dizer: «Invoco em teu auxilio a deusa Mylitta.» E' o nome que os assyrios dão a Venus. Por mediocre que seja o presente, a mulher não o hade recusar porque esse dinheiro é sagrado. Tem de seguir o primeiro que lh'o deita, sem se negar seja a quem fór. Desde que se abandonou, satisfez a lei e a deusa: volta a casa, e depois offerece-lhe o que quizeres, porque nada a decidirá a repetir. As que são bellas e bem conformadas não tardam em achar quem as leve. As defeituosas, esperam muito, antes que cumpram o preceito sagrado. Tem-se visto ficarem por tres e quatro annos á espera. Ha algures em Chypre um uso semelhante a este. (Herodoto, I, cxcix)

O grego chama a isto «a mais vergonhosas das leis de Babylonia.» Já a sociedade do seu tempo não podia vêr em semelhantes cultos uma expressão de castidade, nem a raiz da moral domestica. Entretanto, nós sabemos todos que a Aphrodite dos hellenos, Venus dos latinos, é a propria Astarte ou Mylitta dos semitas, nacionalisada européa. O culto de Babylonia, é o que se praticava na Lydia, onde, segundo o proprio Herodoto, todas as raparigas se prostituíam; é o que Strabão nos dá como vigente em Akilisene, entre o Euphrates e o Tauro; e o que Justino nos diz seguirem os cypriotas, quando mandavam á borda do mar as filhas offerecer a virgindade a Venus.

No estudo que encerramos aqui, nem ha um catalogo dos cultos barbaros, nem a serie dos aspectos moraes da religião. ¹ Exposemos apenas o catalogo das peças mais notaveis de *immoralidade* religiosa, isto é d'esse momento em que a religião

1 V. em geral o *Syst. dos mythos religiosos.*

tornando se collectiva ou social, e assimilando por isso sentimentos que lhe eram até então estranhos apresenta o character de barbarie geral a todas as concepções coevas da sociedade. Os mythos surgiram destituídos de qualquer significação moral, brotando espontaneamente da imaginação dos homens, sem character de intenção, nem auctoridade imperativa. Congregando-se a sociedade em tribus, apparecendo constituido, de um lado um systema de usos e leis, e do outro um corpo de crenças, as duas formações parallelas encontraram-se e ligaram-se. A moral rude, que já governava os barbaros, passou a ser a vontade de deuses tão barbaros como os homens: os cultos *immoraes* exprimem, pois, esse momento psychologico, eminentemente grave para a evolução, momento em que a consciencia social invade o proprio dominio da religião, até ahí simplesmente naturalista. Desde que a moral, n'um grau mais ou menos adiantado de evolução, rege não só a terra como o céu; desde que os proprios deuses, tendo consciencia e intenções, não podem, ainda que o queiram, infringir as normas constitucionaes da vontade em si: desde logo o mundo deixou de ser um chaos, desde logo o homem, senhor de um systema de principios proto-metaphisicos, principiou a reflectir, a pensar, a tecer a teia das suas concepções racionaes, tornando-se, de cellula de um organismo natural, função activa da sociedade. A civilisação, que até esse momento fora um effeito da evolução espontanea, passa a ter o character de causa dos progressos subseqüentes. Entra-se na epocha da Historia propriamente dita, em que se assiste umas vezes ao concurso, e outras ao conflicto, dos elementos fataes e dos elementos conscientes, cujo orgão é o individuo. Apparecem então os heroes

creadores de imperios, de poemas, de religiões; e termina a vida anonyma cujos momentos essenciaes temos vindo estudando, até ao momento decisivo e final da moralisação dos mythos.

Essa nebulosa historia primitiva trouxe-nos por diversas vias da periphéria do mundo para o seu centro. Na Italia rural vimos a casa-templo, isto é a familia, a propriedade, a cidade, idealmente concebidas; vogando sobre as suas barcas no Mediterraneo, vimos o phenicio trazer do Oriente os signos expressivos e inventar o alphabeto. Já no Nilo e no Euphrates ha imperios, já na Europa ha aryanos que vão herdar as artes dos semitas, lançando os alicerces da civilisação typica e universal.

Para acabar, tambem, a nossa obra lança ferro no Mediterraneo e concentra-se na Europa. E' necessario que assistamos aos seus primeiros momentos historicos, embryão de empresas gigantescas. Varias vezes temos mostrado como a civilisação dos indo-europeus é a civilisação geral e typica do mundo, destinada a impôr-se a todo elle, assimilando, ou exterminando. Ao despedir-nos pois das epochas de vida espontanea e obscuramente collectiva que deixamos estudadas, não é fóra de logar que relanceemos a vista sobre os primordios da historia da Europa que se hade tornar a historia do mundo.

LIVRO QUARTO

A civilisação mediterranea

I

Os imperios orientaes

Ha cerca de cincoenta seculos já no Egypto havia uma nação. ¹ 2:600 annos antes da nossa éra, esse povo erguia os tumulos gigantescos das pyramides. Migrado da Asia, chegando por Suez ao valle do Nilo, teria encontrado populações negras sobre o chão apaúlado e pestifero do Delta. Repelliu os indigenas, encadeou as aguas, e, enraizando-se no solo, creou a mais remota das civilisações occidentaes. A profunda imaginação de semitas deu-lhe a religião mystica da Morte; ² o genio industrial e activo uma escripta; o Nilo as

¹ Chronologia, segundo :

| | LEPSIUS | BRUGSCH | BUNSEN | SEYFFARTH | POOLE |
|---------------------|----------|---------|--------|-----------|----------|
| Manes | 3892 | 4455 | 3623 | 2781 | 2717 |
| Invasão dos Hyksos | por 2167 | 2115 | 2547 | 2296 | por 2082 |
| Expulsão id. | 1591 | 1604 | 1626 | 1866 | por 1525 |
| Migração de Abraham | 1514 | ... | 2877 | 2297 | 2081 |
| Exodo dos judeus | 1314 | 1326-21 | 1320 | 1866 | ... |

² V. a mythol. egypcia no *Syst. dos mythos relig.* pp. 75-108.

condições de um desenvolvimento agrícola. Nas vestustas gravuras tumulares de Beni-Hassan vêem-se os bois e os escravos puxando o arado que já tem cinco fôrmas diversas. Carneiros e cabras enteram, pisando, a semente no solo. O trigo ceifado é reunido em molhos, levado á eira, debulhado por bois, medido e guardado em saccas nos celleiros. O linho passa em fardos sobre jumentos. As uvas pisam-se no lagar, ou espremem-se á vara; o vinho é guardado em jarros nas adegas. Vêem-se os campos irrigados, os jardins viçosos, a proverbial cultura das cebollas. O cazeiro no campo sentença o escravo negligente, e, ouvidas as queixas e as desculpas, ordena o castigo, mandando ao amo a noticia da occorrença. De outro lado estão formosos rebanhos de bois com os seus vitellos, numerosos jumentos, carneiros, cabras, nos estabulos e nos campos com seus pastores; assiste-se ao ordenhar das vaccas, ao fabrico da manteiga e do queijo nas granjas onde os gansos inundam os pateos. Para além ficam as officinas, com os que fiam e tecem o linho; as olarias, desde o amassar da argila até ao coser do jarro fabricado; os carpinteiros nos seus bancos, os surradores preparando as pelles, os ferreiros na forja, os pedreiros na obra; os caçadores com redes e laços, os pescadores com a cana e a linha. Das fabricas saem lemes, lanças, venabulos, arcos, settas, maçãs, machados — porque o egypcio, conquistado o chão que o alimenta, tem de o defender contra as investidas dos nómadas que o ameaçam lateralmente do deserto. A monarchia sacerdotal é guerreira, a nação de lavradores é um povo de soldados ¹.

¹ V. *Quadro das Instit. primit.* (2.^a ed.) p. 338.

Mil annos ou mais decorreram, porém, antes que a conquista viesse como consequencia da defeza: mil annos a contar da fundação do reino de Memphis. A peninsula do Sinai, as margens do mar Vermelho fronteiras a Thebas e Semne na Nubia eram a raia do Egypto do tempo dos reis constructores das pyramides, quando principiaram esses quatro seculos (1650-1250) de victorias e conquistas em que as armas dos pharaós foram triumphantes para o interior de Africa até Dongola além da Nubia, até á Nigricia, até á Lybia, até á Syria, em repetidas campanhas, pisando mais de uma vez o valle do Euphrates.

Ahi, independente e paralelo, formara-se outro imperio,¹ para além do mar Vermelho e da Arabia. O Tigre e o Euphrates, correndo n'essa depressão do terreno entre os montes da Syria e o plan'alto do Iran, nascem a pequena distancia nas vertentes austraes das serranias da Armenia, e descidas as gargantas alpestres, entram n'uma steppe ondulada, em que a uniformidade da superficie é quebrada por cristas de rochas, linhas de montes, pastagens e retalhos da terra fructifera. As margens abrem-se ensombradas pelas florestas

¹ Chronologia babilonica, restaurada por Gutschmid e Rawlison:

| | | DURAÇÃO | | | | |
|----------------------|------------|---------|----|------------|-------------|----------------|
| Dynastias de Berósio | Mythicas | I | 86 | Chaldéas | 34:080 ann. | |
| | Historicas | II | 8 | Medas | 224 " | De 2458 a 2234 |
| | | III | 11 | (Chaldéas) | (258) " | " 2234 a 1976 |
| | | IV | 49 | Chaldéas | 458 " | " 1976 a 1518 |
| | | V | 9 | Arabes | 245 " | " 1518 a 1273 |
| | | VI | 45 | (Assyrias) | 526 " | " 1273 a 747 |
| | | VII | 8 | (Assyrias) | (122) " | " 747 a 625 |
| | | VIII | 6 | Chaldéas | 87 " | " 625 a 638 |

espessas de platanos, de cyprestes, de tamargueiras; e á maneira que o solo abaixa, alargam-se os oasis viçosos: nas cumiadas e encostas núas vagueiam tribus nomadas e rebanhos de onagros e avestruzes. Proseguindo e approximando-se, os dois rios quasi parallelos entram depois n'uma região nova. O Euphrates deslisa mansamente por uma planicie de terra negra e fertil; o Tigre, recebendo os subsidios que vasam do plan'alto iraniano, revolve-se n'um leito mais apertado, ás vezes comprimido entre penhas escalvadas. A paizagem é bella, mas o solo não seria fertil se annualmente os dois rios, quando se derretem as neves nos montes armenios, não trasbordassem regando-o. As cheias teem aqui um papel egual ás do Nilo, embora menos regulares e graduaes. Em vez de aguss fertilisantes, o Tigre vasa frequentemente sobre o solo massas de areias destructivas, e transforma toda a planicie até ao delta apaúlado da foz em um vasto mar lodoso.

A' maneira do que o Nilo é para o Egypto, assim a bacia do Tigre-Euphrates foi para os imperios assyrios. Proverbialmente fertil, essa região dos dois rios onde o linho, o trigo e a cevada crescem silvestres, onde o ar é basto em aves e as aguas em peixe, onde as fructas sobrecarregam as arvores, desde a tamara até á maçan: essa terra celebrada por Xenophonte e por Herodoto acha-se tambem como o Egypto limitada por fronteiras naturaes: para áquem do Euphrates desenrolam-se os areaes seccos da Arabia, para além do Tigre vão-se amontoando as serranias do Iran. Represadas as aguas das cheias annuaes, a Assyria aprendeu, fazendo diques, a construir muralhas e monumentos; no Nilo ergueram-se pyramides de pedra, no Euphrates levantaram-se babilonias de

terra escura cosida em fornos, ou apenas endurecida ao sol. Os dois grandes povos remotos, constructores dos primeiros imperios eram os artifices dos primeiros monumentos gigantescos: palacios, templos, jardins e muralhas, macissos, coloridos, mosqueados de inscripções em jeroglyphos mysteriosos, habitados por monarchas e sacerdotes hieraticos, cravados de laminas de metaes reluzentes. Por mil annos, do vigesimo ao decimo seculo antes da nossa era, Babylonia, sob o imperio dos Hammurabi, dos Nebuchadnezzar, e dos Marduknadinakh, era o primeiro estado da Asia, em sciencia, em força, em artes. O genio da chronologia inspirava esses inventores das medidas, que ao mesmo tempo dividiam o tempo em unidades abstractas e tiravam dos astros os metros.

Submettidos pelos arabes durante mais de dois seculos (1518-1213), os semitas do alto Tigre reconquistaram uma autonomia quando os reis de Nineveh fundaram esse imperio assyrio que durou seis seculos (1273-625) e estendeu as suas fronteiras desde a Arabia e o golfo persico até á Armenia, desde o Mediterraneo e a Cilicia até ao Caspio e ao grande deserto iraniano, incluindo a Susania e a Chaldêa, Babylonia e a terra dos médos, a Armenia, a Mesopotamia, com a Cappadocia, a Cilicia, a Syria, a Phenicia, a Palestina, a Idumêa e o baixo Egypto. Em 625 caiu Nineveh, destruida pelos médos, e entre a Media, a Lydia e a Babylonia de Nebuchadnezzar, dividiu-se o dominio de quasi toda a Asia anterior, até ao momento em que se constituiu o imperio dos persas. Em 558 Cyro destronou os reis da Media, dissolvendo a aliança dos estados orientaes, Egypto, Lydia, Babylonia; vinte annos decorridos, caiu na mão dos persas a cidade do Euphrates; depois (525) Cam-

byses conquistou o Egypto, e com Dario o imperio persa attingiu o acume da expansão, abrangendo médos, lybios, babilonios, jonios, licios, phenicios; oppondo-se, na gigantesca agglomeração das suas gentes, na extravagancia dos seus costumes, na caracterisação semita de uma dynastia aryanana: oppondo-se como um summario hybrido da historia da Asia, ao nucleo consistente da Grecia, já iniciada nas artes, e já consciente do papel de creadora da civilisação europêa, papel que o genio e o territorio lhe deram. As batalhas epicas em que pelejou Eschylo, o cantor das tragedias eternas, são o conflicto d'estas duas evoluções: uma a do Oriente semita sob o commando de aryanos abastardados, representando a ultima expansão dos velhos imperios; outra a do Occidente europeu, desenvolvendo os principios assentes pelas nações antigas, geradoras das nossas, mães da existencia eminente que herdámos.

Mas já antes dos médos e persas aryanos, os imperios semitas da Asia anterior, começando o seu movimento de deslocação, tinham roubado ao Egypto a sua velha preeminencia politica. Dos dois lados do mar Vermelho ponderavam-se as duas civilisações parallelas, comprimindo e repellindo para o mar um pequeno povo ainda politicamente obscuro no seculo x. Era a nação dos phenicios, debruçada do Libano sobre o Mediterraneo, para além do qual ficavam terras ignotas de gente barbara e selvagem, que nem sabia fabricar os metaes nem escrever as palavras. Commerciantes, navegadores, colonisadores, foram os phenicios que ensinaram essas artes e muitas outras ás tribus aryanas pastoras da Europa meridional, dando-lhes armas com que ellas, depois, puderam vencer Xerxes, destruir Carthago, e, assimilando tudo o que

os antigos imperios tinham inventado, desde os deuses até aos numeros e ás letras, mirrar para sempre as velhas civilizações sugadas nas idéas, batidas no imperio.

Esse drama historico tem por theatro o Mediterraneo, singrado primeiro pelos navios phenicios que preparam a acção em viagens incessantes a mysteriosas, depois pelas esquadras que se batem em Salamina, finalmente pelas galés que levam a bordo os exercitos de Scipião e de Annibal.

II

Os phenicios

No fundo do Mediterraneo, olhando para occidente em socalcos de montanhas successivas, com uma perspectiva risonha que encobre as monotonas regiões da Arabia, está a Syria, antiga terra dos phenicios, ao longo da qual corre escondido o Jordão até ao Mar-morto, essa lagoa Asphaltite onde os peixes do rio apodrecem e os homens não podem navegar. E' como um fundo de verdura na longa scena do Mediterraneo, o d'essas encostas dominadas pelo Libano, cujos cedros já tinham celebridade no tempo remoto dos phenicios. De occidente para oriente a respiração do mar beija as florestas viçosas, e a onda breve roça meigamente, saltitando, nos calhaus da praia unida onde se levanta o Carmello, onde Tyro e Sidon se vêem ainda, cidades-monumentos das éras mais remotas. Toda a costa é um porto, n'esse fundo do Mediterraneo, vasta bahia limitada ao sul pelas dunas de Suez, ao norte pelo massiço da Asia-menor. O local fez dos phenicios marinheiros, commerciantes, exactamente como succedeu comnosco portu-

guezes muitos seculos depois. Mas a região, embora breve em extensão e em largura, é fertil, uberrima até, nos recessos dos valles interiores, defendidos pelos montes contra os ventos seccos da Arabia; e nas encostas as pastagens abundantes alimentam fartos rebanhos. Marinheiro, lavrador, pastor, o phenicio, além de repetir as fórmãs de vida social dos seus poderosos visinhos do Egypto e de Babylonia, accrescentava uma terceira fórma desconhecida n'esses imperios: a navegação. A multiplicidade das occupações e a consequente variedade de interesses e costumes, reunindo-se á topographia de um paiz sem unidade compacta, como os valles delimitados do Nilo ou do Euphrates, impediam a constituição de um estado centralizado e monarchico. A Phenicia foi uma confederação de tribus pastoras, communas ruraes e villas maritimas commerciantes. A nação retalhada, vogando sobre o mar, jornadeando nas serras, ou arando nos valles, era um corpo indefinido, vago e movel como a vida aventureira d'esses conductores de caravanas e frotas. A nação levavam-na elles comsigo, para toda a parte, nos porões dos seus navios, dir-se-hia na caverna dos seus peitos; e por toda a parte onde erguiam um templo a Melkarth,¹ ahi fundavam uma nova patria. Onde quer que os modernos judeus tenham a synagoga, ahi está Jerusalem.

Esta capacidade psychologica de desarreigar Deus da terra e a Patria do solo natal, levando comsigo para toda a parte, nas voltas da consciencia, a visão terrivel de Senhor omnipotente e a religião profunda de patria: patria moral, cidade celeste subjectiva; esta capacidade, dizemos, é o

¹ V. *Syst. des mythes relig.* pp. 156-7.

nervo intimo de todos os povos colonisadores. Assim foram os phenicios; depois, sem navegar, os judeus; depois, fomos, nos tempos modernos, nós portuguezes: afinal são hoje os inglezes, dos quaes a Biblia, dando lhes uma fórmula ao pensamento ingenito, fez como que semitas; dos quaes o genio industrial e o instincto do commercio faz os novos phenicios do mundo. Londres, Liverpool, Manchester, são como Sydon, Tyro ou Carthago; e todos os mares do globo como um Mediterraneo, atravez do qual vão os navios de Melkarth com os materiaes dos templos e cidades que bordarão as costas dos continentes.

De um lado têm os phenicios o Egypto, já trinta seculos antes da nossa éra senhor das minas de cobre do Sinai; do lado opposto têm a Assyria, onde a arte de medir o tempo e as cousas attinge uma segurança maravilhosa. Os dois imperios separados pela Arabia adusta têm por seu turno na Syria e suas gentes um laço de união geographica e uma pleiade de medianeiros, corretores, encarregados de permutar os productos das duas civilizações massiças, enraizadas e immoveis sobre os humus negros das alluviões dos seus rios. O phenicio não tem rio que o prenda: tem na frente o mar que o convida, nas costas o deserto que o não assusta, nem o fatiga. A patria está com elle na caravana, na barca de cedros cortados no Libano. Como não melhoraria e propagaria a escripta dos imperios, o povo dos seus mercadores? A necessidade pratica de lembrar os ajustes, regular as vendas, coordenar as contas, tirou aos caracteres a sua velha feição mysteriosa e sagrada, mobilizando-os tambem, dando lhes egualmente o valor abstracto que as idéas de deus, da patria, adquirem na mente do mercador errante.

Os gregos chamaram Cadmo a esses que vinham ensinar-lhes a designar as cousas sem as pintar. Cadmo é o heroe que ensina a escripta, o phenicio navegador que, afinal decidido, desamarra a barca, e, em vez de aproar para o Egypto, aprôa para leste e vae desembarcar em Creta. Cadmo porém não ensina apenas a escrever, leva tambem consigo a arte de construir os monumentos e muralhas cyclopeas, arte que aprendeu nas pyramides do Egypto e nos palacios de ladrilhos cosidos de Babylonia. O phenicio, constructor do navio, é o melhor edificador de templos e sepulturas. Se a nação vagueia dispersa nas caravanas e nas frotas, ha porém um lugar sagrado onde é mistér amontoar as riquezas, templo dos templos: a mãe patria, prototypo das cidades. Assim o inglez de hoje, com a casa erguida nas mais remotas paragens do mundo, vê piedosamente o *home* por excellencia nas suas ilhas da Europa, coalhadas de cidades, fabricas e monumentos, especie de coração onde palpita uma circulação ramificada por toda a terra.

Assim era a mãe-patria do phenicio: o *home*, o coração, o templo, dos colonos espalhados por toda a volta do Mediterraneo. Os monumentos de Sidon e Tyro desafiavam na solidez as pyramides, no esplendor os palacios de Nineveh. Israel mandava buscar a Tyro operarios para o templo de Salomão e o monumento dos judeus era uma reproducção do dos phenicios: muros colossaes de construcção cyclopea, tectos de vigas de cedro, paredes interiores revestidas de laminas de bronze rutilante. Se a necessidade de reprezar as aguas dos rios, encadeando as cheias, distribuindo as regas, ensinou ao Egypto e á Assyria a grande construcção, o phenicio applica-a ás suas necessidades proprias, levantando os molhes maritimos, os caes e diques

dos seus portos. Arado, Tyro, Sidon, Japho mostram ainda hoje as ruínas d'essas obras colossaes em que os penhascos eram primeiro sobrepostos irregularmente, enchendo se os vãos com pedras menores, e em que depois se vê o talho das faces em juntas verticaes e leitos horisontaes. Aos progressos das construcções maritimas correspondem os progressos das camaras tumulares. O tumulo é casa e templo. As vertentes do Libano foram as moradas dos mortos. A principio, o tumulo seria a propria gruta natural, fechada por uma lage; d'ahi nasceria a arte das galerias e camaras de Sidon, de Byblo, principalmente de Tyro, onde, como em Carthago, a encosta abrupta da montanha é um muro de pedra crivada por andares sobrepostos de sepulturas, para as quaes se entra por poços.

Mas não são os tumulos os monumentos typicos dos phenicios mercadores: são os navios. O egypcio, immovel, preso á terra negra do Nilo, scisma na morte; o phenicio pensa tanto na vida que faz do seu deus o heroe da força e das aventuras milagrosas: Melkarth, executor dos famosos trabalhos, aquelle que os gregos disseram Herakles e os latinos Hercules. Esses trabalhos são a visita do mundo incognito, o dissipar dos seus terrores, o vencer perigos que a phantasia exaggerava; e calculadamente o phenicio engrandecia, para que na esteira dos seus navios não fossem os gregos, já buliçosos, desvendar o segredo das rotas e disputar os thesouros do Occidente. Conta Strabão que um commerciante phenicio vendo a sua galé seguida por um navio romano que pretendia descobrir-lhe o rumo e o destino da navegação, sacrificou com

um naufragio premeditado a galé e a tripulação para que os rivaes fossem naufragar tambem, como foram com effeito.

Melkarth era o piloto dos phenicios ; ia a bordo segredando-lhes as rotas, n'esse Mediterraneo para elles tão *tenebroso*, como o Atlantico o foi para nós.¹ Seducções semelhantes ás nossas, uma tentação persistente incitada pela mudez mysteriosa do vasto, infinito campo das ondas azues, estavam determinando o destino necessario d'essa gente. Não abundava o cedro, o cypreste, nas encostas do Libano? não se sabia ao certo que essas madeiras duram melhor na agua? que eram ainda melhores para as cavernas dos *gaulos* com que se ia ao Egypto, do que para os tectos dos templos monumentaes? O mar tenta, o navio treme sobre a onda como animado pelo sopro de Melkarth, a brisa chama, o céu azul convida: porque não ha de approar-se ao norte? Babylonia ensinou-nos a ler no céu os jerogliphos dos astros; já lhe melhorámos a escripta: porque não iremos atraz das estrellas, vogando, correndo, em vez de ficarmos amarrados á praia, contemplando-as como os sacerdotes chaldeus? Assim, as vozes de Melkarth chegavam aos ouvidos dos barqueiros de Byblo. Desamarraram do caes, approaram a leste, foram a Chipre onde ha cobre, foram a Creta, iniciando uma viagem que, depois de transpor as portas do mundo, as columnas de Melkarth (Hercules), iria até ao mar do norte, ás Cassiterides, e, no mar do sul, até ás Canarias, as Hesperides, talvez até á India, dobrando a Africa.

O *gaulos*, primitivo navio phenicio, era redondo á pôpa e á prôa, com uma vela e vinte a trinta re-

¹ V. *Hist. de Portugal*, (4.^a ed.) III, 1, 4.

mos. Além do *gaulos*, os phenicios armavam as suas galés longas e velozes de cincoenta remos, proprias para o commercio e para a pirataria — como os cavallos da Arabia, nos ataques do deserto ás caravanas da Persia. O maior navio contava quinhentos homens; as cavernas e os mastros eram de cedro, os remos de carvalho de Bashan. A gente de Byblo passava por ser a melhor para a construcção, a de Sydon e Arado para o remo. Navegava-se de março a outubro, andando a razão de 120 milhas em cada dia, ou cinco em cada hora, por causa das pausas que eram frequentes. Não se parava, comtudo, de noute; a estrella polar, a que os gregos chamaram estrella-dos-phenicios, guiava o rumo com maior certeza do que a Ursa-grande preferida pelos gregos. A marinha era numerosa, os navios excellentes para marear, e conduziam carregamentos consideraveis. Esses mercadores de metaes eram tambem mercadores de gente. Um phenicio freta um navio para a Lybia, diz Homero, e persuade um grego a ir de sobre-carga: vende-o logo como escravo. Quando a barca ancorava e os tripulantes saltavam na praia com os fardos de fazendas, conta o poeta, os mercadores, depois de as venderem, offereciam ao rei da terra um colar de ambar e ouro, roubando-lhe logo o filho para o ir vender á nação visinha.

E' o retrato fiel do quadro de Gil Eannes, quando dobrou o cabo Bojador e trouxe para Portugal as amostras de *azenegues*.¹ As relações dos phenicios com as populações litoraes e insulares das nações mediterraneas eram bem semelhantes ás dos europeus modernos com os selvagens da Africa, da America, ou da Oceania. Levavam a bordo os pro-

¹ V. *O Brazil e as colon. port.* (3.^a ed.) p. 53.

ductos de uma industria já adiantada, as bijuterias de ouro, os vasos e armas de bronze, os tecidos de purpura, e vidros que já fabricavam tão perfectos como os de Veneza na Edade-media. Commerciantes e navegadores, eram ao mesmo tempo um povo industrial, como os venezianos e os inglezes — como nós não fomos: e por isso a India, quando a explorámos á moda phenicia, em vez de nos enriquecer, arruinou-nos, porque os seus productos eram comprados com os artefactos estrangeiros, e com o sangue apenas dos nossos soldados. Commerciantes e navegadores, os phenicios que da necessidade tiraram o alphabeto, não inventaram porém a moeda, conquista dos lydios ou dos gregos: a moeda que é um instrumento desnecessario nas relações com povos primitivos como os europeus de então. ¹ Tampouco vae moeda para a Africa, nem para o Oriente, nem para a America: iam pacotilhas de generos manufacturados. A purpura e o estanho para o fabrico de bronze, eis ahi os dous artigos fundamentaes do commercio maritimo phenicio.

Em busca de purpura, em busca de estanho, se alongavam pelos mares os navios d'esse pequeno povo que tamanhas cousas fez n'um momento transitorio da historia. A Phenicia é um remoto Portugal, nos annaes, no local, e até em mais de um traço da phisionomia psychologica. Para além do momento em que os phenicios se apresentam como colonisadores e navegadores, ha porém largas edades de uma existencia subalterna, como tambem foi a nossa; e para áquem d'esse instante ha uma decadencia, primeiro accentuada na politica, depois até na propria marinha. Quinze seculos antes da

¹ V. *O Regime das riquezas*, pp. 103-14.

nossa éra, já a civilisação da Syria contava no mundo oriental. Era da Syria que ia ao Nilo o vinho e o azeite, já no tempo em que uma dynastia mais ou menos affin governava o Egypto (1950-1650). A civilisação dos futuros medianeiros, entre semitas e arianos, vê-se nas pinturas epigraphicas de Tuthmosis III que sujeitou a Syria á sua suzerania; os tributos da vassallagem são trigo, vinho, azeite, cavallos, ouro, prata, ferro, armas e obras d'arte, entre as quaes se encontram vasos preciosamente adornados. Estes monumentos demonstram o intimo contacto com o Egypto; o uso das medidas babilonicas attesta as relações com a Assyria. As caravanas cruzavam em todas as direcções a região de leste do Jordão; o commercio era ainda terrestre, quando Sethos I (1440-1400) mandou explorar as florestas do Libano, vindo as vigas de cedro ao Egypto por mar, porque os camellos não poderiam acarretal-as. Desde então as cidades da Syria tornaram-se emporios de um commercio terrestre e maritimo, oriental e occidental, que estabelecia o nexu entre as civilisações dos valles do Euphrates e do Nilo, indo por um lado até á India, por outro até ao norte da Europa, em busca das duas materias primas mais necessarias — a purpura que se extrahia do *murex porphura*, e o estanho com que se fabricava o bronze. As minas ficavam cada vez mais longe, e cada vez mais remotas as costas onde se colhia o mollusco precioso para a tinturaria rutilante de Babylonia.

Taes foram os rudimentos de um commercio que, avassallando o mundo inteiro conhecido, trilhando-o por mar em navios, por terra em caravanas, tinha a sua capital, a sua Veneza, a sua Lisboa, a sua Londres, nas cidades famosas da vertente maritima do Libano.

As caravanas dos mercadores phenicios não jornadeavam só na Arabia até á Persia, nem se limitavam a pôr em relações o Egypto, a Assyria, a Mesopotamia, a Armenia. Desde que a navegação se estendera para o mar Negro, para o Adriatico e até aos golphos de Genova e de Lyão, a terra dos ligures, caravanas de phenicios atravessaram a Gallia desde as boccas do Rhodano, para ir buscar ao norte o estanho de Cornualhes; do Rhodano passavam ao Sôna, do Sôna ao Sena. Alesia no tracto, a cidade depois celebre nas guerras de Cesar, passava na Antiguidade por ter sido fundada por Hercules, isto é, por Melkarth: ou pelos phenicios que o deus symbolisava. No Adriatico, ás boccas do Pó, vinha o ambar do Baltico em caravanas que atravessavam a Germania, e no regresso distribuïam por toda ella as manufacturas phenicias.

Os navios de Melkarth visitavam as duas costas do golpho persico, ambos os lados do mar Vermelho, alongando-se pelas praias de Somaúli e pelas da Arabia, indo talvez até ás boccas do Indo trafficar no estanho das minas do Hindo-kush. E da parte do Mediterraneo iam ao longo de toda a costa africana comprando o salitre, o alumen, o sal, as pelles de leões e pantheras, as hastes dos bufallos, os ovos e as pennas de avestruz, o marfim e escravos. O Egypto e as terras do Euphrates pediam metaes e purpura: os phenicios, depois de explorarem as ilhas e recifes do archipelago grego, onde o *murex* abundava nas bahias da Laconia e de Argos e no estreito da Eubêa; depois de aportarem a Chypre onde encontraram cobre, a Thasos onde acharam ouro, a Creta e a todas as Cycladas com as costas da peninsula; os phenicios, dizemos, passaram os Dardanellos e o Bosphoro

em procura do estanho das minas dos chalybas e tibarenes, a noroeste da Iberia do Oriente.

Já os seus navios, singrando ao longo de todo o Mediterraneo, tinham chegado ás columnas-de-Hercules; já as tinham transposto aportando em Gades (Cadix); já da Hespanha traziam a prata do Tartesso (Guadalquivir), assim como da Thracia ouro, e cobre das ilhas italianas. Ancorados em Cadix, os navios phenicios não pararam: alongaram-se pelas costas da Berberia indo parar até ás Hesperides; proseguiram, torneando a Hespanha, costeando a França, entrando na Mancha, e indo ás ilhas britannicas tomar a bordo o estanho que até então vinha em caravanas atravez da Gallia ás boccas do Rhodano. Essas ilhas denominaram-se Cassiterides, do nome que os gregos davam ao metal, *kassiteros*, do sanskrito *kastîra*.

Tal foi a historia e a vastidão do commercio dos phenicios, cujo dominio no Mediterraneo dura tres seculos (XIII-X). A' medida que no Oriente os gregos, iniciados, se expandem, os navios de Melkarth vão sendo batidos para Occidente. Essas velas numerosas, que, como um bando de alcyons, corriam em todas as direcções o mar, de uma a outra Iberia, desde a praia do Pyreneu até á do Caucaso, tendo em Creta, nos palacios do rei Minos, os seus templos, os seus estaleiros e armazens: esses bandos de velas brancas, que dão azas aos navios cujos remos são como os pés de insectos, velas brancas batidas pelo sopro heroico dos gregos, veem correndo, fugindo para o occidente barbaro. Assim de madrugada fogem as sombras, quando a aurora nasce. Expulsos da Grecia, no continente e nas ilhas, ficavam-lhes ainda a Sardenha, a Corsega e as Baleares, ficava-lhes a Hespanha e Carthago em Africa, para onde os deuses

de Tyro e Sidon, arruinadas, tinham vindo. Carthago cahiu tambem, quando para áquem da Grecia surgiu Roma; e o phenicio levou os deuses e os cofres, Melkarth e os thesouros, para o templo de Gades na praia atlantica. Perdera para sempre o Mediterraneo.

E perdera-o, dizemos bem, porque do dominio dos mares viera o das terras, das feitorias do mercador a colonia e a fortaleza: assim foi comnosco na India. Navegando em busca de purpura e metaes, o phenicio principiára, desde o meiado do seculo XIII, a semear cidades — como navios fundeados nas costas; e no seculo seguinte a rede dos seus estabelecimentos commerciaes e politicos abrangia, póde dizer-se, todos os litoraes, continentaes e insulares, do Mediterraneo. Para além de Suez, no fundo do mar Vermelho, Ælana e Asiongaber eram por outro lado a testa da rede cujas malhas se estendiam até á India.

Cadmo, o que ensinou o alphabeto aos gregos, é o heroe mythico dos phenicios, e a sua historia symbolisa a do povo medianeiro e iniciador dos occidentaes nas artes dos velhos imperios. Cadmo e Herakles ou Hercules, filho e pae, são as duas columnas religiosas d'essa nação que assim crystallizou o seu espirito, fazendo do seu genio e da sua empreza um alicerce das suas crenças. Na lenda, conforme circulava entre os gregos, não se diz se Cadmo veiu de Tyro ou de Sidon a Creta; sabe-se, porém, que é filho de Agenor — assim os gregos denominavam Baal ou Melkarth (o mesmo a que n'outra face do mytho chamavam Herakles), o conductor (*ágenor*) dos homens e irmão de Phe-

nix, o symbolo da mãe patria ou da população que ficára na terra natal de Cilix. Phenix revive, Cadmo viaja na Cilicia, Thasos na Thracia, Europa (que é um nome grego da Astarte phenicia, tambem denominada Aphrodite) vem a Creta e d'ahi passa á Grecia. Tal é a descendencia de Agenor-Melkarth, do deus-guia, hercules trabalhador. Os seus filhos são o povo phenicio, as suas obras são a invasão da Grecia e as colonias do Mediterraneo.

Jupiter roubou Europa (significará isto o grego, pois o raptador é um deus aryano, captando as artes do semita?) ¹ e Agenor ordena a seu filho Cadmo que parta em busca da irman, prohibindo-lhe o regresso á patria, se a não trouxer. Cadmo vae a Creta, d'ahi debalde a Rhodes, onde ergue um templo a Poseidon, o deus da navegação, seu avô. Os outros irmãos, enviados tambem em busca de Europa, não teem melhor exito e por isso ficam: Cilix na Cilicia, Thasos na Thracia, para onde Cadmo se dirige de Rhodes depois de tocar em Samothracia. Entrado no continente, o heroe vae a Delphos e consulta o oraculo sagrado, que lhe diz ser inutil buscar Europa: não a encontrará; verá, porém, uma vacca marcada com um plenilunio no lombo: siga-a, e onde ella se deitar mugindo, funde uma cidade. ² Cadmo achou a vacca na Phocida e foi com ella até á Beocia, onde, cumprido o prognostico, construiu Cadmeia, depois Thebas, da qual foi rei. D'esse reinado veiu aos gregos o saberem escrever, lavrar as minas e trabalhar os metaes, artes que o heroe e seus companheiros traziam comsigo: na sua viagem Cadmo teria iniciado a lavra das minas do Pangeo.

¹ V *Systema dos mythos religiosos*, pp. 250-4 ² V. *Quadro das instit. primit* (2.^a ed.) p. 225.

Os phenicios, companheiros de Cadmo, diz Herodoto (v. 58-9), ensinaram aos gregos muitas cousas novas, entre ellas o alphabeto que, a meu vêr, se não conhecia antes. No principio, os gregos usaram dos caracteres phenicios; depois, com o tempo, modificaram-lhes o som e a fôrma. Os jonios eram, d'entre os gregos, os que n'essas eras habitavam os paizes visinhos: tendo aprendido com os phenicios os caracteres, mudaram-lhes um pouco a configuração. Dizem, empregando-os, que se chamam letras phenicias, e com razão pois que a estes as devem. Desde as eras mais remotas os jonios tambem chamaram *diphteros* aos livros, porque, sendo rarissimo o *hyblo*, serviam-se de pelles de cabritos e cordeiros curtidas. Ainda no meu tempo a maxima parte dos barbaros escreve n'esse genero de pelles. Vi pessoalmente na Beocia caracteres cadmeanos no templo de Apollo-Ismeniano.

Tal é a lenda de Cadmo, contada pelos gregos que nol-a transmittiram. Representando os heroes as obras collectivas dos povos, memoradas sob essa fôrma, o proprio nome é revelador. Assim acontece com o nosso. Cadmo quer dizer Oriente: *qedem* nos idiomas semitas designa o Oriente, *qadmôn* oriental. O heroe e o seu nome são ambos phenicios. Mas apesar de *qedem* significar Oriente, a origem da palavra não é geographica: é o Oriente, por ser «o que está em frente, o que se manifesta,» como o sol nascendo de manhan. *Qedem* era, assim, tambem na Phenicia um dos appellativos do deus moço e gerador, o messias, o filho, que em todas as religiões orientaes representa o rejuvenescimento perpetuo da natureza e a manifestação exterior, real ou humanisada, da potencia divina. Cadmo é um Christo, cujo pae é Herakles-Agenor. O Christo são os homens nas suas empresas e façanhas: Cadmo é pois o phenicio colonizador que primeiro se estabelece em Creta; depois nas ilhas do Archipelago e ao longo das costas da Thracia; depois, fi-

xando-se e buscando terras fertes, vae até á Beocia, adiantando-se em seguida no Adriatico pelas costas da Illyria. A lenda reproduz fielmente a direcção SE.-NO. da colonisação do mar Egêo, a partir de Rhodes para as Cycladas, para as ilhas da costa da Thracia, para o estreito da Eubêa, para a Grecia continental por fim.

Ao terminar a viagem mythica de Cadmo, os phenicios, senhores da metade oriental do Mediterraneo, possuem feitorias armadas, baluartes em que se defendem do helleno ainda barbaro com o qual traficam; possuem cidades ou colonias, pelas ilhas e pelas costas: em Rhodes, em Creta, em Chypre, em Thera, em Melos, em Oliaro, na Samothracia, em Imbros, em Lemnos, em Thasos, em Cithera, na bahia da Laconia; e a meio caminho, entre o estreito da Eubêa e o golpho de Corintho, levanta-se o baluarte de Cadmeia-Thebas, na raiz do Helicon.

A expansão foi rapida. Em 1250, antes da nossa era, estão em Chypre; no fim do seculo em toda a Grecia, d'onde passam a Malta e á Sicilia, fundando Panormus (Palermo) e Soloeis. Da Sicilia passam á Sardenha, de Malta á Africa. Herakles é para os gregos de então «o rei de todo o Occidente» porque Melkarth, ou os phenicios, reinam em todo o Mediterraneo. As suas viagens e conquistas dos povos barbaros são os trabalhos famosos do deus. *Atak* era o nome phenicio de colonia: Ityke ou Utica em Africa foi a predecessora (1133) de Carthago, fundada em 846; mas já antes de Utica, os da Sicilia tinham levantado Hippo, a primeira cidade africana dos phenicios. Do lado opposto do

mar, Melkarth tinha o seu templo erguido em Heraklêa do Rhodano (Saint-Gilles) e as costas da Gallia meridional ainda no tempo de Plinio se chamavam *ora lybica*.

Os navios, seguindo no seu rumo de occidente, deram um dia com as Columnas-d'Hercules, esses dois muros fronteiros de Gibraltar e Ceuta, que aos phenicios pareciam as portas do mundo, para além das quaes ficava o vasto leito azul atlantico de Melkarth, o deus luminoso que ás tardes se escondia na sua camara, quando o sol se sumia no horisonte maritimo. Melkarth era o proprio sol, cuja luz tem a côr do ouro, ou do bronze polido. Os navios tremiam na corrente, os marinheiros piedosamente scismavam, adorando o seus deus — como Colombo quando vinte e cinco seculos depois continuava a longa viagem de oeste. . . ¹ Foram aportar a Cadix (1100), ahi d'onde Colombo partiu: dois mil e quinhentos annos durou a estação n'esse porto, duas vezes celebre. Fundeando, os phenicios consideraram terminados os trabalhos de Hercules. Com effeito, os deuses orientaes e os povos semitas, desde que tinham ensinado as suas artes ao aryano barbaro da Eurôpa, tinham acabado a sua missão. Mas se os trabalhos de Hercules terminaram ha muito, nem por isso a memoria dos phenicios se apagou. Gades-Cadix tem hoje ainda o proprio nome que lhe foi dado ha trinta seculos.

Gades era o sanctuario de Melkarth onde o mar, tapete azul da sua vasta camara atlantica, vinha morrer em ondas espumantes; a bahia era um atrio, em frente do qual a terra conduzia nas aguas do Tartessio (Guadalquivir) as offertas da Hespanha ao deus eminente. Tambem Tarsis conserva ainda

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) p. 232-44.

o seu nome trinta vezes secular. Tarsis (Tarshish) era a região abençoada por Melkarth: o rio sagrado nascia em fontes que brotavam agua e prata. As serras appareciam coalhadas de metaes que o rio levava comsigo; bastava cirandar agua para recolher ouro, prata, estanho. Era o que faziam os indigenas aos quaes o phenicio comprava por nada os thesouros tão bastos, que chegavam a faltar os navios para os levar a Babylonia, ao Egypto, a Sidon, a Tyro. Dizia-se que um incendio queimara as florestas dos montes fundindo os metaes, deixando sobre a terra chapas luzentes como as que adornavam as paredes do templo de Salomão, construido por artifices de Tyro. Em Jerusalem, a casa do Senhor era apenas a imagem artificial d'estas montanhas naturaes, thesouros inexgotaveis. O phenicio adorava Melkarth, adorando-os, carregando-os nos porões dos seus navios. Além do estanho, da prata, do ouro, o Tarsis dava purpura; além de riquezas, a terra corria em rios de vinho, de azeite, de mel, loura de cearas de trigo, abundante em cera, com o cinabrio rubro encastoado nos seus montes. ¹ Era, com effeito, um céu a região que os phenicios occupavam para além das portas do mundo.

Mas a costa, divorciando-se nas Columnas-de-Hercules, seguia em sentidos oppostos: para a Africa, para a Lusitania. Será um crime indagar os segredos da camara de Melkarth? Não é; o deus da acção adora-se navegando, avançando, proseguindo sempre. Os navios approaram, pois, para o sul, e, visitando a costa, fundaram Lixus (El-Araish) na foz do Wedi-el-Ghos, onde ergueram, como por toda a parte, um templo ao seu deus. Aproando

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) p. XIV-VI e 1-4.

para o norte já sabemos como contornaram a Hespanha, como cruzaram a bahia de Biscaya, como foram em busca de estanho ás Cassiterides. Pararam ahi? Não. Mais além, na remota e fria Scandinavia, descubrem hoje os sabios vestigios das suas visitas em mais de um nome em que apparece a raiz divina do Baal sagrado. O fogo queimado ainda ha meio seculo na noute de S. João na Scania, na Norwega, e até ás ilhas Loffoden chamava-se Baldersbal; e o rito não póde ser indigena porque a tal latitude, em junho, nunca se encobre o sol e da fogueira só se vê o fumo. Na toponymia scandinava (*Baltic, Belt, Baleshangen*) não estarão tambem vestigios do deus phenicio?

Correndo ao longo das costas divorciadas no Estreito, os phenicios não se atreviam a trilhar o proprio leito do deus — o vasto oceano de Oeste a que se aventurou Colombo — mas alguma corrente, acaso um temporal, lançal-os-hia em pleno mar, e abordando ás Hesperides, visitando as Canarias, talvez a Madeira, surprehenderam os divinos mysterios nupciaes. As ilhas eram os jardins maravilhosos onde, depois do sol se esconder no horisonte de Gades, Melkarth, o proprio astro, abraçava no seu leito engastado no mar, como uma esmeralda n'uma ara de saphira, Astarte, a esposa voluptuosa, cheia de seducções e mysterios: Astarte, a noute, a lua, fixando nas aguas um olhar de luz pallida, feminina e amorosa.

III

A era da pedra polida

O estudo do desenvolvimento dos hamito-semi-tas no Mediterraneo era indispensavel, porque, segundo o leitor sabe, foram elles os iniciadores da Europa, já aryana mas ainda barbara, na civilisação: o alphabeto e os metaes, ou a arte de os fabricar, vieram nos da Syria. Agora podemos já voltar-nos á Europa supra-mediterranea para observar os rudimentos da civilisação entre as nações que são as nossas de hoje. Tomaremos assim a historia primitiva da Europa no ponto em que n'outra obra a deixámos.¹ Nações barbaras, mais ou menos errantes, sem conhecimento da metalurgia e sem alphabeto, vivendo no estado de tribus, com um paganismo primitivo, chefes militares, e por partes, ao menos, um cannibalismo religioso:² eis ahi o que eram as nações, ou arya-

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 157-66. N'esse livro compendiámos os resultados actuaes da paleontologia humana da Europa, considerando como principio da historia, ou de uma proto-historia, a era da pedra polida, ou dos dolmens, que estudamos agora. — ² V. *Elem. de Anthropol.* (3.^a ed.) p. 167-76.

nas, ou finnio-iberas da Europa ao tempo dos phenícios.

A principiar pela Inglaterra, nas fronteiras da área de colonisação d'essa gente, vemos selvagens, tatuados de verde e azul: esses *picts*, cujos usos durarão por seculos ainda, e cujas habitações pertencem ao typo transitorio da cova-choça, em que a terra da escavação serve para levantar um vallado circular sobre o qual assenta o tecto de ramos de arvores. Os *penpits* no Gillinshire dão testemunho de villas numerosas, semelhantes ás senzalas africanas; mas já se observa a applicação das lages nos muros que substituem os vallados dos *penpits*, e nos *weems* da Escocia ainda usados no tempo dos romanos e que consistiam em camaras e corredores de pedra cobertos de leiva enrelvada, dando exteriormente apenas umas ondulações breves do terreno, como nos tumuli. Os *beehives*, tambem da Escocia, como cortiços formados por paredes de terra secca, eram ainda habitados na primeira metade d'este seculo na ilha de Long e são-no ainda hoje na de Uig.

Passando das Cassiterides á Gallia, ainda no tempo de César, quando a civilisação celta já tinha accumulado numerosos elementos de progresso; quando já conhecia a metallurgia, manufacturando o ouro, o bronze, o vidro e até o ferro, sem esquecer a arte de aproveitar a pedra e o osso; quando já tinha moeda, casas verdadeiras, navios de fórmulas peculiares, pontes e estradas; quando já levantava essas curiosas torres circulares, e sabia a arte de escrever: ainda no tempo de Cesar, dizemos, a tatuagem era um habito commum. Traçavam a ferro, diz o romano, nas carnes tenras das creanças figuras peculiares, e coloriam os guerreiros com a *isatis tinctoria* para os tornar medo-

nhos. Já n'este tempo os soldados romanos apenas desenhavam no braço direito o nome do *imperator* e a data do alistamento, conforme diz Vegecio.

Da Germania, temos a famosa monographia de Tacito; e da Hespanha sabemos que os indigenas lavravam as minas meridionaes com martellos e ferramenta de pedra, vendendo ao phenicio os metaes de que não sabiam usar. Da Grecia, por outro lado, vê-se que ainda em Marathona abundam as frechas com ponta de pedra,¹ sendo numerosos os documentos da barbarie dos tempos heroicos. A's revelações dos poemas de Homero juntam-se as descobertas da archeologia. Na ilha de Thera (Santorino), sob tres camadas successivas de cinzas e tufo das erupções vulcanicas, acham-se instrumentos de pedra, louça grosseira, e objectos de metal batido; ao passo que por entre as deposições superiores se encontram ornatos de ouro e electron, de um fabrico não-hellenico e vasos de origem phenicia. As escavações de Hissarlik, na costa troiana, dizem tambem que o estado de cultura dos gregos era semelhante ao dos homens dos dolmens e palaffitas do occidente da Europa.

Mas se o proprio grego, discipulo e herdeiro do phenicio na navegação e nas colonias, era para este um barbaro, já os gregos tinham tambem os seus barbaros, como os tiveram depois os romanos na pessoa dos celtas e germanos. Os barbaros dos gregos, descriptos por Strabão e Herodoto, espalhavam-se pelas regiões remotas de além do Caucaso e do mar Negro: eram a nebulose de nações genericamente denominadas *scythas*. Viviam do leite das suas eguas, errando miseraveis, com o carro por tenda, nos invios confins da terra, para

¹ V. *O Regime das riquezas*, p. 55

lá da lagoa Meocia (Azof). Herodoto pretendeu classificar-os em nações: os sacios, os iaxartes, os messagetas, os issedonios, os arimaspos são os das planicies de leste do Caspio, tendo pelo poente o Caucasos «habitado por muitos povos.» Para o norte, sobre o Tanais (Don) habitam os sauromatas (sarmatas) depois os budinos, os thyssagetas e os iyrcos, vagueando sobre a vasta steppe em tribus errantes e bellicosas. As mulheres sarmatas eram amazonas: acompanhando os homens nas caçadas e batalhas, não podiam casar sem ter morto um inimigo. Sarmatas e scolotos ou scythas fallavam a mesma lingua, no dizer de Herodoto, eram a mesma gente; mas os segundos habitavam particularmente a região dos cosacos a oeste do Don com a sua steppe, e para occidente occupavam as planicies da Moldavia até á cordilheira dos Carpathos. Toda a terra dos scythas e sarmatas era uma vasta charneca nua de arvores, salvo nos bosques das margens do Borysthenes (Danubio). Para além dos scythas, quando cresciam as neves e a barberie, ficavam os androphagi, cannibae conformes o diz o seu nome.

Mas, nas tradições dos scolotos, falla-se de um arado de ouro que um dia caíu do céu no tempo de avós remotos; e com effeito os scythas já apparecem ao grego como lavradores, além de pastores. Cultivam a terra nas baixas pingues da foz dos rios, colhendo trigo, linho e alpiste, ao mesmo tempo que pastoreiam rebanhos de eguas, cuja carne comem, cujo leite fermentado bebem, e rebanhos de carneiros cuja lan tecem para se vestir. Cosem os alimentos, mas como a lenha é rara, queimam os ossos dos animaes. Os homens vão e vivem a cavallo, as mulheres e as creanças em tendas armadas sobre os carros tirados a bois. Le-

vam aos hombros as pelles das rezes abatidas e atraz de si as esposas como escravas que se trocam e se vendem. Dão á guerra o maximo culto, á gloria adoração, venerando os fortes, escolhendo para chefes os heroes. Bebem o sangue do inimigo morto, e com o couro revestem as aljavas; a cabelleira com a pelle do craneo, *scalpado* como entre os pelle-vermelhas, penduram-na nas crinas do cavallo de guerra; e o proprio craneo, dourado, é a taça de honra por onde bebem nos banquetes. Combatem a cavallo com arcos e settas, machados, adagas e lanças, defendidos por corpetes e escudos de couro. De cada cem prisioneiros matam um, o resto fica escravo. São polygamos, e o rei é juiz e patriarcha. Dividem-se em cantões, cada qual com seu chefe, e sorteiam entre si as terras.

Tal é, nos seus traços fundamentaes, o retrato dos scolotos, pintados por Herodoto: d'esses scythas entre os quaes o grego introduziu o vinho, dizimando-os com a embriaguez — como o europeu de hoje faz aos barbaros do novo mundo. A historia é constante: só variam os seus aspectos e accidentes. Tal era o estado em que as ultimas camadas de arianos avançavam sobre a Europa, quando já no Occidente os celtas se tinham fixado, já os italos na sua peninsula construiam Roma, a vencedora de Carthago, e já o grego porta-bandeira da civilisação nova batera Dario e Xerxes, isto é, o mundo oriental.

Esses scythas, que Herodoto nos diz terem como rainha ideal a deusa do lar, são um ramo da familia ariana que tambem no Irân e na India adora o fogo domestico. Todas essas nações, sarmatas e scolotos, neuri e androphagi e melanchlenos, diz o grego, descendem dos arimaspios — gente cujo nome, na lingua dos scythas, se traduz assim: *arima*

quer dizer um, *spon* olho; arimasprios, povo de um só olho. Os linguistas de hoje acharam uma traducção diversa : *airyamaçpa* são «os que possuem cavallos obedientes,» são os guerreiros que veem em columna avançando sobre a Europa : scolotos, sarmatas, os futuros scandinavos e godos das fronteiras orientaes da Germania ; neuri, androphagi, melanchleni, os futuros slavos da extrema raia da Europa aryana.



Mas para áquem d'essas remotas ondas dos ultimos barbaros já no Occidente o celta, em successivas e velhas migrações, invadindo e conquistando o Rheno e a França, galgando até ás ilhas britannicas, passando pelos Pyreneus á Hespanha e pelos Alpes ao valle do Pó, conseguiu fixar-se e esboçar uma civilisação que, de futuro, obedecerá ao imperio e ao ensino da civilisação mais avançada dos latinos.

Uma arte caracteriza essas éras remotas dos arianos da Europa : a de polir os instrumentos de pedra que os indigenas lascavam apenas ; e um systema de construcções singulares, ou apparece com os invasores, ou toma em suas mãos um desenvolvimento e vastidão consideraveis : são os megalithos. Polindo a pedra, levantando os dolmens, é tambem o celta que habita nos lagos sobre as palaffitas, sem que isto importe affirmar que tal especie de casas e villas seja uma invenção sua exclusiva.

As descobertas recentes da archeologia pre-historica ¹ teem mostrado que o fabrico e a venda

1 V. para Portugal, o livro do sr. A. F. Simões, *Introd. à archeol. da penins. iberica* (in-4.º Lisboa, 1878) onde estão compendiados os traba-

dos instrumentos de pedra polida constituíam, na Europa barbara, uma industria e um commercio indigenas. Teem-se encontrado positivas officinas, ao mesmo tempo que instrumentos fabricados com materias primas de regiões afastadas. Os silex, que serviam para armas ou instrumentos, machados, lanças, martellos, eram polidos com pedras mais duras; e vêem-se hoje por varios logares, nas officinas d'esses lapidarios, as lascas dos nucleos desbastados, os productos em via de fabrico, e a ferramenta do operario. Os caracteres d'esta industria são identicos em toda a Europa, desde a Hespanha até á Grecia e até ao Caucaso. Os machados e facas de silex, de obsidiana, de quartzo compacto, das officinas de Pressigny, de Chauvigny, de Civray, de Charroux, em França, são identicos aos da Attica, da Beocia, da Achaia, da Eubêa, e das Cycladas. A's portas de Athenas e nos montes que dominam Thebas do Egypto viram-se officinas como as da França. Por outro lado, na Bretanha acharam se machados de fibrolite, que na França apenas se encontra no Auvergne e em volta de Lião, e as facas e nucleos descobertos em Ios são de obsidiana de Milo.

Isto prova que, na idade da pedra polida, já havia, entre os barbaros da Europa, relações commerciaes de uma extensão consideravel, e portanto devia dar-se o desenvolvimento de condições e forças sociaes correspondentes ao commercio. E' pois um caso digno de meditação o do total esquecimento em que veiu a cair o uso dos instrumentos de silex e até a memoria dos tempos pre-metallur-

lhos dos archeologos portuguezes e hespanhoes. V. tambem, mais recente, o *Compte rendu* do ix congr. de anthrop. e arch. preh. em Lisboa (Lisboa, 1884, in-8 gr.) e as *Ages prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, do sr. Cartailhae Paris 1886, in-8 gr.).

gicos. O bronze substituiu de tal fórma a pedra, que, no espirito das populações, os velhos instrumentos encontrados passaram a considerar-se talismans ou feitiços. Em varios pontos do mundo as facas de silex são ainda usadas ritualmente nos sacrificios religiosos; mas isto não surprehende quando sabemos como a religião, desde que se ossifica em theologia nas mãos de um sacerdocio, é conservadora: as tradições consagram-se, e o sacerdote ethiope, abrindo a victima com o gume de pedra, obedece ao mesmo preceito que o velho padre do Egipto conservando os jerogliphos, e ainda o catholico orando em latim. No Egipto, era com uma faca de pedra que o paraschista abria o flanco da mumia para a embalsamar; entre os judeus a circuncisão faz-se com o mesmo instrumento, que é aquelle de que usavam na Asia-menor os padres de Cybele. No culto de Jupiter-latialis os romanos usavam de um machado de pedra (*scena pontificalis*) e ainda hoje os palikaras da Albania cortam com pedra as carnes da omoplata de carneiro em que lêem o futuro.

O caso de que tratamos é outro. O povo, encontrando enterrados no solo as armas e utensilios de pedra polida, vendo a sua conformação singular, creou um mytho espontaneo com o producto de uma industria remota cuja tradição perdera. As *pedras-de raio* acham-se em toda a Europa e não só na Europa; e por toda a parte são tidas como o residuo petrificado da exalação, e dotadas de merecimentos singulares. Quando troveja, os khyen do Arakan olham cuidadosamente para o raio a vêr onde cáe, e se toca em casa ou arvore, ou se some na terra; assim que a tempestade passa, cavam, lamentando-se quando nada encontram: se acham a pedra, guardam-n'a como talisman.

Não consta que na Europa a superstição attinxisse este grau, mas é sabido que as pedras fortuitamente encontradas se consideravam consolidações de raio: já isto succedia entre os romanos que as tinham por talismans, distinguindo, segundo se vê em Plinio, as *ceraunice*, pontas de frecha, dos *betuli*, machados. Nas antiguidades etruscas vêem-se collares de ouro com pontas-de-frecha por amuletos.

Os megalithos ganharam no espirito do povo o mesmo character mysterioso e sagrado; e se já hoje a maxima parte d'elles é conhecida no principio da sua erecção, os loghans ou pedras-oscillantes são tambem ainda um mysterio para a archeologia. Menos frequentes do que outros quaesquer megalithos, representam com effeito um esforço singular de arte a que não é possivel descobrir motivo. Collocar um monolitho mais ou menos formidavel n'um equilibrio tão perfeito que não rolou por milhares de annos, mas ao mesmo tempo tão precario que o mais pequeno esforço o faz oscillar, é com effeito um trabalho quasi prodigioso e enigmatico, pois se não concebe a utilidade, nem o fim de semelhante obra. A acreditar-se as tradições dos bardos gaulezes, as pedras-oscillantes seriam symbolicas da divindade — livre no seu querer, sem inclinar para lado algum. A Hespanha tem a *Piedra-grande* de Boariza em Santander; na Bretanha franceza é celebre a de Perros-Guyrech, pesando 500 toneladas, que basta a força de um homem para pôr em oscillação.

Examinemos agora os outros typos de megalithos. ¹ Os mais elementares são os menhirs, longas pedras a prumo, proto-columns ou agulhas monumentaes. Na charneca de Brambieu, em França, vêem-se mais de dois mil de pé ainda, ou derrubados: o de Champ-dolent tem 10 m. acima do solo e 8 de circumferencia junto ao chão; o de Loch-Maria-Ker, caído, tem 22 m. e deve pesar 250 mil kilogrammas. Estes exemplos dão idéa das proporções que attingem. Quando menhirs apparecem alinhados em circulos, ou em systemas de circulos concentricos, o conjuncto chama-se cromlech: em Carnac ha, além dos alinhamentos circulares concentricos, linhas radiaes rectas. O diametro usual dos cromlechs, diz Lubbock, é de 30 m., chegando porém excepcionalmente a 360. N'essas praças divididas em ruas circulares com altas muralhas de pedras destacadas, guardavam-se, diz Duruy, os tropheus das victorias e os thesouros conquistados que mais tarde se confiaram aos paúes e aos bosques sagrados dos bardos gaulezes; pois os megalithos consideram-se anteriores ao druidismo, coevos ou precedentes ás primeiras camadas de celtas. Na Inglaterra, segundo Lubbock, muitos cromlechs serviram de tumulos ou cemiterios, passando ao depois a templos; na Grecia teriam sido tribunaes ou salas das conclaves solemnes de anciãos — que Homero canta, sentados em bancos de pedra alinhados circularmente. ²

O dolmen representa um typo mais complexo: duas lages a prumo, ou levemente inclinadas no

¹ O congresso de 1874 em Stockholmo fixou a classificação e a designação cartographica dos megalithos: menhirs, dolmens, cromlecks, tumuli. — Menhir significa pedra (*maen*) longa (*hir*); dolmen, mesa (*daul*) de pedra (*maen*); e cromlech, circulo (*crom*) de pedras (*lech*). — ² V. *Syst. dos mythos relig.* pp. 290-1.

sentido da resistencia, supportando um tecto formado por uma lage deitada. A successão de pedras faz uma galeria; e quando o dolmen é vestido de terra enrelvada, apresentando exteriormente o aspecto de um lombo, nós portuguezes chamamos-lhe mamôa: em geral diz-se tumulus. Os dolmens nús, as galerias, as mamôas, parece terem sido exclusivamente sepulchros. Os typos variam muito. Os tumuli da Scandinavia teem uma passagem aberta para o sul, ou para o oriente, conduzindo á camara: são os *gaungraben*, identicos ás casas de inverno dos hyperboreos que o leitor conhece já. Dos dolmens nús, uns são simples, outros teem camara e galeria com tecto ou sem elle. A galeria coberta de Bagnaux, junto a Saumur, em França, intitulada pelo povo Rochadas-fadas, teem 20 m. de comprimento, e o tecto é feito por quatro lages pesando cada uma de 60 a 70 toneladas, apoiando-se em oito lages a prumo levantadas do solo m. 2,40.

Por todo o mundo se encontram megalithos. Ha cromlechs ao norte de Tyro, no Sinai, na Arabia em Tripoli, na Groelandia, no Peru, na Virginia, — até em Madagascar, onde os hovas os levantam muito semelhantes aos da Europa. Na Inglaterra abundam os tumuli: só nas Orkneys restam dois mil, ou mais; na Dinamarca são ainda numerosos; vão até ao Ural; e na Asia povoam as steppes, desde as fronteiras da Russia até ao Pacifico, e desde a Siberia até ao Indostão; na America enumeram-se por dezenas de milhar; na Africa não escasseiam, de dimensões varias. O de Silbury-hill é o maior da Inglaterra: tem quasi 40 m. de altura.

O leitor já sabe que momento ethnometrico os megalithos representam na evolução da architectura; viu exemplos de processos ainda hoje se-

guidos na India para remover e erguer as pedras colossaes : assim procedia o barbaro europeu n'uma idade pela qual passaram, ou na qual ainda estão outros povos. A *Iliada* e a *Biblia* revelam-nos o que diz respeito aos gregos e judeus. Toda a Europa está coalhada de ruinas d'essas construcções, desde a Hespanha até ao Caucaso. As ruinas de Kandy, em Ceylão, confundem-se, dizem, com as de Anglesey em Inglaterra ; o monumento de Darab, na Persia, é um cromlech completo ; os *chalpas* do Perú e da Bolivia, *mounds* do Ohio e Mississipi, são mamôas authenticas. Como se hão de, pois, considerar os megalithos um privilegio dos celtas na Europa, ou dos pre-aryanos europeus, ou dos aryanos em geral — pois todas estas opiniões se acham na bocca de sabios ?

Dos tumuli nasceram no Egypto as pyramides ; dos menhirs as agulhas coalhadas de jeroglyphos. O celebre templo da sphinge em Gizeh, diz Lenormant, indica uma das transições do periodo megalithico para a architectura propriamente dita, cujo rudimento é o typo cyclopeo. Nos confins orientaes do Mediterraneo vêem-se os mais puros typos de construcções cyclopeas, e nos confins occidentaes, nas Baleares e no litoral da Hespanha, observa-se a juxta-posição dos dois estados, ou a transição de um para outro momento. «A galeria de Castilleja de Guzman, diz o sr. Simões, não é feita unicamente de pedras disformes. . . Antes de chegar á camara semicircular, passa se por duas portas cujos umbraes sobresaem ás paredes interiores da galeria. Nas paredes da camara vêem-se os dois apparelhos dolmenico e cyclopeo, e, o que até hoje não nos consta que tenha sido observado em monumentos d'esta especie, começaram a formar uma abobada sobre os muros, a qual acaba-

ram de fechar com uma grande lage. Aqui sobretudo se nos patenteia a fusão dos dois estylos, n'esta abobada cyclopea fechada á maneira dos dolmens.» (*Introd.* p. 91) Além d'este exemplo, as Baleares com os seus túmulos cyclopeamente abobadados, e em parte construidos com menhirs, documentam a transição para a edade rudimentar da construcção propriamente dita, observavel nas bases das antigas muralhas de Tarragona, no castillo-de-Ibros, em Baeza, nos Corralejos da Andaluzia, nos talayots e mapalias, ou magalias das Baleares — isto é na parte oriental da Hespanha onde não apparecem dolmens.

Antes de apreciarmos a importancia ethnico-historica da distribuição da edade dos dolmens na Europa, convém que o leitor observe outra creação dos nossos avós barbaros: as construcções lacustres. Tambem a respeito dos auctores d'ellas se levantam as mais encontradas opiniões: Troyon quer que sejam celtas, Keller affirma que são os europeus pre-celtas da Suissa.

E' na Suissa, com effeito, que esse typo de construcções, ainda actual na Nova Guiné e em outros pontos: esse typo, segundo Herodoto, executado pelos peonios da Thracia e que no occidente da Europa veiu existindo até epochas relativamente recentes: é na Suissa, dizemos, que as construcções lacustres se accumulam. As mais remotas não vão mais longe do que a éra da pedra-polida nos seus periodos avançados; as mais recentes chegam até ás edades historicas do ferro; e o momento que parece culminante, na sua generalisação, está na passagem da pedra-polida para o bronze. Contemporaneas dos dolmens, vêem-se nas

idades lacustres as louças ainda fabricadas á mão, sem roda, tulhas e cereaes provando habitos agricolas, mós a moagem do trigo, e restos o tecer do linho, mas não da lan. Em certas grutas coevas da Andaluzia apparecem os trajos de esparto ao lado dos instrumentos de pedra polida; e nas palaffitas das edades posteriores descobrem-se utensilios metallicos.

Foi em 1853 que uma baixa excepcional das aguas do lago de Zurich patenteou os restos das suas construcções lacustres; e depois das explorações de Troyon e Keller, as descobertas foram numerosas na Suissa e fóra d'ella. Só nos lagos dos Alpes se reconheceram 150 villas; e além das palaffitas de Zurich, de Constança, de Neufchatel, de Bourget, de Bienne, de Genebra, as construcções lacustres teem-se observado na Italia, na Baviera, no Mecklemburgo, e na Irlanda — cujos *crannogs*, muito mais recentes de que os suissos, serviram ainda de fortalezas aos chefes barbaros dos tempos historicos.

A defeza parece ter sido o motivo da escolha dos lagos para a construcção das aldeias dos nossos avós barbaros: a agua isolava as moradas e os celleiros, enchendo um fosso natural inaccessivel ás feras e até aos inimigos humanos. Quando o lago era baixo e a agua placida, preferia-se o typo do enrocamento ou ilha artificial (*packwerbauten*, ou *steinbergen* da Suissa oriental; *crannogs*, da Irlanda). Quando era profundo, com vaga agitada, applicava-se a construcção sobre pilotes enterrados na vasa, ou consolidados com pedra rolada; e em vez de um solo artificial, uma platafórma, palco ou estrado de madeira recebia as choças dos moradores lacustres, nas palaffitas propriamente ditas, ou *pfahlbauten*.

Sondado o logar adequado, em frente da veiga onde ficavam as cearas, os homens d'esses tempos, como hoje os da Nova Guiné, resolviam fundar a villa. A primeira empreza era cortar as arvores da encosta espessa dos montes, arvores possantes porque o lago é alto e agitado: ha pilotes de mais de m. 0,30 de diametro. Os machados de silex polido á mó, em golpes successivos, cavavam circularmente no tronco, e feita a entalha a arvore impellida caía, partindo-se. O tronco limpo dos ramos era então levado a braços até á margem: o leitor viu os kassias da India transportando os monolithos dos seus dolmens. Assim tambem no Libano se desciam a Sidon os cedros para os tectos dos templos. Na agua o madeiro fluctúa; o formigueiro de gente, em pirogas simples, vae-o guiando até ao ponto escolhido, onde, a prumo, ou se enterra com o seu peso no fundo de lodo, ou pedras que lhe lançam em torno o manteem vertical. Depois de uma arvore outra arvore, depois de uma estaca outra estaca: assim lentamente a obra ia crescendo. Ficava gente esmagada ás vezes, outras vezes a piroga com o seu carregamento de pedra sossobrava: os archeologos teem extrahido do fundo dos lagos os restos d'esses naufragios obscuros, pirogas ainda inteiras com a sua carga intacta. Isso não obstava: a edificação proseguia. Eram linhas parallelas de estacas numerosas (Wangen por si só conta 40:000) que se erguiam um metro, ou dois, sobre o nivel da agua, travadas por vigas horisontaes, destacando ás vezes um braço, ponte ou passagem enxuta para a praia. Sobre as vigas assentava o estrada, sobre o estrada as choças circulares de tecto conico, apertadas, porque o espaço era breve, deixando apenas estreitas ruas por onde transitava semi-nu o operario com a sua faca, o

seu martello de silex da Gallia, ou da Germania. Dentro da cabana (m. 3 a 4,5 diam.) está a pedra do lar, pois cosinhavam, e o leito de ramas de arvores, os vasos de barro onde se guardava o trigo e a farinha, no chão as fructas a granel, maçans, cerejas, morangos, para um lado as mós, para outro as redes ou harpões de osso da pesca e os dardos e maças de caça, ou de combate. A' porta vê-se a piroga com os remos, atada, esperando, a tremer ligeiramente na agua quieta do lago, e as creanças núas e sujas, brincando. D'essa villa encastoadá n'agua — dir-se-hia uma piroga selvagem colossal, — com os tectos conicos e negros, saem fitas de fumo azulado e o sussuro indistincto das colmeias humanas. A onda pequenina chapinha contra os postes, as pirogas vão, veem, da cidade palpitante para a praia calada, e, fundeadas entre as ruas, vêem-se as canôas de guerra, maiores, mais fortes e providas de armas. Na praia pastam animaes da tribu, viceja a ceara, e para cima, para além, subindo a encosta negra de arvores e mysterios, marcha a floresta muda cujas tintas se dissolvem gradualmente no azul dos picos alpinos, da côr das aguas do lago onde assenta a cidade.

Essas cidades são muitas. Bienne tem vinte pelo menos, Genebra vinte e quatro reconhecidas. E cada uma d'ellas inclue um numero consideravel de habitantes: Troyon calculou em 32:000 os de 51 povoações lacustres, isto é, a razão de mais de 600 em cada uma. Algumas d'ellas duraram até ao tempo dos romanos, porém o maximo numero pertence, por metades, as éras da pedra-polida e do bronze, edades pre-historicas. O *steinberg*, mais duradouro do que a palaffita, vem até nossos dias, quando causas naturaes não levantaram o nivel das aguas dos lagos, como se vê no de Neufchâtel.

Como ilha artificial, enrocamento simples, pôde dizer-se eterno; assim os *steinbergen* de Bienne foram habitados até éras recentes, como os *crannogs* da Irlanda; e a ilha das Rosas, onde assenta um palacio, no lago de Stanberg, parece não ser outra cousa mais do que um enrocamento pre-historico.

Da pedra-polida para o bronze as construcções lacustres crescem e afastam-se mais das margens: o typo desenvolve-se á medida que augmentam os meios de execução. Ha palaffitas de muitos hectares de área, e os pilotes mais proximos são mais delgados; já se vêem os troncos fendidos longitudinalmente em quartos, e os progressos que se notam na construcção, observam-se tambem nos utensilios e armas dos habitantes coevos d'essas auroas da historia occidental.

Polir a pedra, fundar as palaffitas, erguer os dolmens, serão artes peculiares de uma unica raça que entrou na Europa subjugando ou exterminando os indigenas? Serão artes dos *celtas*? Será cada uma d'ellas a arte peculiar de um certo povo? Os progressos que se observam na ethnometria da Europa, quando a população passa a polir os utensilios até ahí apenas lascados, quando da floresta deduz a choça plantada sobre estacas, e da caverna o dolmen, denunciarão as primeiras camadas de aryanos immigrados?

Muitos ha que o neguem. «Todos os indicios concordam para provar, diz Lenormant, que os dolmens e galerias cobertas do nosso paiz (França) são sepulturas de umn raça diversa da dos celtas, raça que anteriormente occupava o solo da Gallia e que os celtas exterminaram ou antes subjugaram

amalgamando-se com ella.» Outros querem que todos os monumentos da éra neolithica, ou antes iniciados n'esse periodo, pois os dolmens e as palaffitas prolongam-se pela idade de bronze, chegando a haver tumulos em que os objectos d'este metal predominam: outros querem, repetimos, que todos os monumentos neolithicos sejam puramente *celtas*. Mas se a data, bem conhecida, allega-se, da vinda dos celtas é muito posterior? Evidentemente não é, pois, *celtica* a invenção dos dolmens, mas nem por isso deixa de ser aryana — concluem.

A distribuição particular dos dolmens, na Europa e no Mediterraneo, obriga, com effeito, a reflectir. Dir-se-hiam os monumentos legados por um povo de navegadores para lhe memorar a derrota, porque a zona dolmenica é sempre litoral: litoral no Sinai e na Arabia; litoral no Mediterraneo ao longo d'Africa, passando d'ahi á costa occidental (portugueza) da Hespanha,¹ da Hespanha ás praias atlanticas, da França até ao mar da Mancha, e espalhando-se pelos litoraes do Baltico e do mar do Norte. Os dolmens cingem toda a Hespanha salvo as costas orientaes ou mediterraneas, ahi onde se observa a transição do typo megalithico dos menhirs para a construcção cyclopea, ausente, ou quasi, na região dolmenica de occidente.

D'esta circumstancia vem a opinião da existencia de um povo ignoto — o povo dos dolmens; vindo tambem a mais de um archeologo o desejo de identificar esse povo com algum dos que mais remotamente apparecem mencionados nas historias antigas dos phenicios e romanos. O povo dos dolmens é o ligur que não é celta, dizem uns.² O ligur é um aryano d'essa primeira camada cuja

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 268-71.

² O sr. F. M. Sarmiento, V. *Lusitanos, Ora maritima*.

vinda precedeu muito a dos celtas, sendo impossível determinar-lhe a epocha. Os dolmens, os da Europa pelo menos, são a invenção d'essa gente remota: são aryanos, como o demonstram certos signaes e a fórma typica egual na India. Lubbock diz que na lingua dos khassias *mau* significa pedra e que essa raiz occorre frequentemente em nomes de logares e aldeias, como *man*, *maen* e *men* na Bretanha, em Galles e no Cornualhes: mas por outro lado observa que a identidade do typo se vae encontrar no America onde os dolmens, além de outros traços, tambem têm a particularidade da abertura — para dar de comer ao defunto.

Que os dolmens e megalithos em geral, espalhados por todo o mundo, visiveis no dominio das mais variadas raças, sejam a criação exclusiva de aryanos (ou de outra raça qualquer) é inadmissivel. Que esses monumentos fossem introduzidos na Europa pelos aryanos parece duvidoso: oppõem se a isso opiniões muito graves; e não será um argumento ponderoso o da distribuição dos dolmens ser litoral, quando as viagens migratorias dos aryanos seguiram, ao que se sabe, uma estrada interior? Que, finalmente, os aryanos introductores dos dolmens fossem os ligures, affigura-se arriscado, principalmente por ser difficil destacar esse povo da familia celta, destruindo, ou negando, todas as conquistas da ethnogenia e da linguistica n'esse ponto.

Se é fóra de duvida que não ha raça ou raças privilegiadas n'este caso; se perante a universalidade dos monumentos megalithicos não póde conceber-se o povo-dos-dolmens: porque não seriam esses monumentos um producto natural dos indigenas (finnios, iberos) da Europa pre-aryana, producto ou criação que os celtas (ligures e outros) apropriariam, se ainda o desconheciam, ou viriam

continuar na Europa se já o traziam na bagagem dos seus conhecimentos? A respeito das palaffitas deve dizer-se o mesmo. A respeito dos dolmens não deve esquecer tudo o que Nilsson, Lubbock e tantos referem da casa-tumulo dos groelandios, eskimós e hyperboreos em geral, hoje mais ou menos proxivamente identificados com uma das raças pre-aryanas da Europa.

Se o dolmen é uma imitação da gruta, ou uma caverna artificial, á maneira da choça que sáe da floresta enramada, não se concebe porque motivo a faculdade de realisar esse acto imitativo se considere a invenção exclusiva de um certo povo — tanto mais quando vemos que essa invenção surge parallelamente em muitos povos. Ou negar-se ha a espontaneidade da evolução, attribuindo todos os progressos a um certo povo novo que se substitue ao precedente? Ha dolmens? *inde*, um povo-de-dolmens. Ha muralhas cyclopeas? *inde*, cyclopes. Principiam logo as escogitações para denominar esses povos. O dos dolmens será o ligur? Deve ser. O das muralhas, quem? O pelasgo, o mysterioso, enigmatico pelasgo, cuja realidade é duvidosa. No arsenal dos velhos escriptores ha um grupo de nomes indeterminaveis e que por isso mesmo se prestam ás hypotheses mais variadas. Entretanto, os seus auctores deviam lembrar-se de que, em vez de resolver uma difficuldade, apenas a deslocam. Se todo o progresso provém, ou de ensino alheio ou de substituição de povo n'um lugar, é fóra de duvida que a solução do problema levanta logo um problema novo. Se foi o aryano que trouxe os dolmens para a Europa, quem foi que ensinou aos arianos a levantar esses megalithos? De fusil em fusil compõe-se uma cadeia sem fim — um circulo vicioso.

Negar a espontaneidade da evolução é destruir o unico principio constitucional da sciencia. Os que não concebem o progresso senão como uma serie de addições provenientes de ensinos estranhos ou substituições de *raças*, estão ainda, mentalmente, no estado de opinião antigo em que cada conquista era um milagre, ou um facto singular, fortuito, exterior — como o arado de ouro que um dia cahiu do céu nas mãos dos avós dos slavos.

Entretanto, é tambem fóra de duvida que, se ha conquistas evolutivas ou espontaneas — e para nós os monumentos megalithicos, os cyclopeos e as palaffitas estão no numero d'essas *invenções* propriamente ditas — ha conquistas consummadas por ensino, ou tradição, directos ou indirectos. A metallurgia é uma d'essas na Europa. O phenicio foi quem iniciou na edade de bronze o europeu barbaro, com o qual acabamos de travar relações e com o qual o filho de Melkarth negociava por mar e terra.

IV

A era do bronze

Os ligures são o povo-dos-dolmens; os pelasgos são os cyclopes: os ciganos são os introductores do bronze na Europa. Assim dizem os que não concebem uma aquisição nova sem a identificar com uma revolução ethnica, pensamento que n'esta ordem de indagações corresponde á theoria cosmica dos turbilhões, caduca. O mundo é muito menos um theatro do que por largo tempo se julgou quando predominavam illusões opticas: se se vê o acto consummado, e se o tempo consente que se comparem epochas ou estados typicos, acode á imaginação incipiente a idéa simples de revoluções, mudanças de scena, cataclysmos geologicos ou historicos. Só a sciencia denuncia claramente, mais tarde, analysando os factos, o character lento, gradual da maxima parte das transformações. ¹

Os ciganos ou tziganos não podem ter sido os introductores do bronze na Europa, desde que hoje em dia se consideram como uma tribu hindu emigrada da India na nossa Edade-media. Mas aucto-

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 1-3.

res ha, que, depois de suporem uma mutação das populações europêas para explicar o apparecimento dos dolmens, supõem outra para explicar o apparecimento do bronze. Este, attribuindo o dolmen aos indigenas, faz dos primeiros invasores indo-europeus os portadores do bronze; aquelle dá a honra d'esta iniciação ao etrusco, o mysterioso rasena. Outros finalmente querem que os portadores da nova fossem os exercitos dos romanos, hypothese que a chronologia refuta.

No meio d'esta contradicção de opiniões apparece a theoria da espontaneidade a dizer que o bronze foi uma invenção indigena; mas o principio, tão obvio outras vezes, é inadequado n'este caso. A observação offerece no caso do bronze duas ou tres circumstancias particulares incompativeis com a theoria da invenção espontanea, que não é de certo o unico modo pelo qual as acq̃uisições progressivas podem entrar no dominio de um certo povo. Ao lado da evolução funcionam os cruzamentos e encontros historicos; ao lado d'aquillo que uma raça tirou de si, vê-se aquillo que outras gentes lhe trouxeram, ou cruzando, ou commerciando, ou ensinando. Esta última fórma foi a que diffundiou na Europa o bronze por mão dos phenicios, portadores tambem do alfabeto.

Não póde explicar-se de outro modo a constancia de tres caracteres nos bronzes archeologicos europeus: a feição oriental das fórmas, a identidade dos typos nas nações remotas, e a liga. Este ultimo traço é o mais grave de todos, porque não se concebe como a metallurgia começasse abruptamente fabricando um metal artificial composto de cobre e estanho n'uma combinação quasi constante, a menos de haver na Europa minerios que, fundidos, dessem o bronze. Esta hypothese não deixou de

ser aventada, mas é uma chimera. Além d'isso, ainda quando houvesse um minerio mixto de cobre e estanho, é inconcebível que apparecesse sempre de tal modo constante que produzisse os bronzes archeologicos em que a liga está na relação de 10 a 15 de estanho para 90 a 85 de cobre.¹ Por outro lado, é impossivel o conceber que, se houve um povo que inventasse abruptamente, não só a metallurgia do bronze, como o typo da liga oriental, hypothese de si inaceitavel, esse povo n'um estado identico de civilisação e costumes occupasse simultaneamente a Gallia, a Germania, a Hespanha, a Scandinavia: toda a Europa onde se encontram os bronzes pre-historicos. Na Irlanda, no extremo occidente, na Escocia, na Scandinavia, na Germania, nos paizes slavos, diz Lubbock, as armas de bronze não são semelhantes em character, são identicas.

Identidade de fórmãs, identidade de liga na Europa e n'uma certa região extra-europêã, eis ahi circumstancias decisivas contra a theoria da invenção espontanea, theoria que já difficilmente poderia adaptar-se ao apparecimento abrupto da metallurgia complexa do bronze. As fronteiras da área dos bronzes pre-historicos são, conforme a nitida demarcação de Rougemont, as seguintes: do fundo do golfo persico, nas boccas do Tigre-Euphrates por leste do Tigre até ao Caucaso, pelo norte do mar Negro, pelos montes da Hungria e da Tansylvania, descendo o Oder até ao Baltico; d'ahi ao centro da Suecia, baixando ao extremo austral da Norwega e incluindo o occidente euro-

¹ Ha contudo excepções que as analyses de Fellenberg mostram, e onde o estanho vae de 4 até 20 p. 100 á maneira que os fundidores achavam mais ou menos facilidade em obter o metal para a liga. V. em Dessor, *Palafittes*, pp. 69 e segg. a Memoria de Fellenberg, trad. das *Mittheilungen der Bermischen naturforschenden Gesellschaft*, 1885.

peu pelas Orcadas até Marrocos; alongando-se pela Africa septentrional até ao Egypto, ao Sinai, a encontrar atravez da Arabia o ponto de partida. Fóra d'esta área ficam os finnios não-livonios e os slavos cuja inclusão é arriscada; fica a India onde o bronze da liga typica floresce, diz Lenormant, em tempos ainda anteriores ao estabelecimento dos aryanos; ficam por fim os tchudes, cuja metallurgia, cujos bronzes alongam a área na Siberia até ás fronteiras da China.

A utilização dos minerios, ou por outra, a idade metallurgica, é um passo commum á historia primitiva, ou evolutiva, ou espontanea, da maxima parte dos povos. Por todo o mundo ha minas e metaes em maior ou menor quantidade e mais ou menos varios. Parece poder assentar-se como regra que antes de o metal se utilizar pela fundição dos minerios, aquisição que inicia a idade metallurgica, o homem primitivo começou por usar dos metaes que a natureza lhe offerecia no estado nativo. Assim muitos africanos, ainda não metallurgistas, preparam o ferro meteorico; assim consta que os iberos utilisavam o cobre; assim os americanos indigenas se serviam do ouro e da prata. A invenção de fundir os minerios é um d'estes saltos, como o da invenção da agricultura, que a imaginação infantil dos povos attribuiu aos deuses, e a critica considera documentos da manifestação espontanea d'essa *vis* inherente e immanente no homem, d'essa força que é a sua *alma* e successivamente se desdobra em series de momentos, e em edades ou typos de expressão. O leitor reconhece que, embora a erudição consiga dar a uma só raça

— a famosa raça *turaniana* — o privilegio da invenção da metallurgia por ella ensinada a todos os povos occidentaes e orientaes ; e até quando não ficasse ainda, a mais, de pé a questão da metallurgia de ferro entre os negros : que fosse um só ou fossem muitos e parallelos os inventores, o problema é sempre o mesmo para o philosopho : é o problema da invenção, a theoria da descoberta que, ou ha de fundar-se no acaso (como varias vezes com effeito succede, v. g. com o vidro) ou no milagre, ou na expansão natural de uma força latente — sempre que o facto se não possa deduzir dos precedentes, como não póde na agricultura e mais ainda na metallurgia. A cultura dos vegetaes, porém, ainda talvez se possa considerar como a domesticação dos animaes : ainda poderá, com um certo esforço, deduzir-se da natureza. A metallurgia, não ; tão pouco a cosinha. Na natureza não ha typo para o forno em que o homem primitivo prepara os alimentos e os minerios. Como foi que concebeu essa arte ? Ensinaram-lh'a ? Mas quem a ensinou então aos educadores ?

N'estes termos a questão da metallurgia do Occidente é puramente historica, e, como tal, parece fóra de duvida que o europeu não sabia fazer mais do que bater o cobre nativo e talvez o ferro meteorico. Alguem lhe mostrou os primeiros objectos, alguem lhe ensinou a fundir os minerios, e esse foi provavelmente o proprio phenicio que ao commercio dos metaes reunia a arte da lavra das minas. Por tudo isto a edade metallurgica europêa é anormal, n'este sentido que, em vez de começar pela arte simples de fundir o cobre ou o ferro, como entre os negros, começa logo fabricando um metal de liga : o bronze.

Delimitámos a área d'essa liga ; resta mostrar

agora que, entre os minérios, o de estanho é raro, e que houve uma relação natural entre a área da industria e a localização das minas conhecidas, porque o bronze só poderia ter-se inventado em lugares estaníferos, para depois ser objecto de commercio e transporte a regiões mais distantes. Excluindo os jazigos da China e da Indo-China sem influencia na metallurgia occidental, os de Malaka e os de Banca ainda por explorar no I seculo da nossa éra; excluindo tambem os dos montes Mewar por excentricos: vemos que a Antiguidade apenas conheceu tres principaes regiões estaníferas, florescentes em epochas diversas: a Gran-Bretanha, a Iberia do Caucaso e o Paropamiso. D'estas, a primeira não importa ao nosso assumpto pois os phenicios descobriram-na já em plena idade de bronze; as duas restantes porém eram lavradas havia muito, quando os navegadores antigos chegaram ás Cassiterides. Mas além d'ellas apparece na Georgia o indicio de explorações remotas, ácerca das quaes o silencio dos escriptores faz crer que precedessem todas as conhecidas, achando-se já abandonadas, ao começar a éra christã. D'ahi, diz Lenormant, se extraiu o primero estanho, com que se fizeram os bronzes famosos da tribu de Tubal, na epocha de Ezechiel e dos chalylas da tradição grega; d'ahi saiu o estanho para o consumo do Irân, da Súsania, do valle do Tigre-Euphrates. Quanto ao Paropamiso, os vestigios da lavra observam-se no proprio coração do Hindu-Kush junto ás nascentes do Helمند ou Etymander; e o estanho produzido servia aos habitantes da Bactriana nas éras remotas a que attingem certas partes dos livros de Zoroastro.

Estes dois parece terem sido os primitivos centros de producção de estanho, aos quaes depois

vieram juntar-se os das duas Iberias e os das ilhas britannicas. As tribus hamitas, que, n'uma epocha indeterminavel; atravessaram o isthmo de Suez para virem estabelecer-se no valle do Nilo, já traziam comsigo a metallurgia, porque o Egypto não tem metaes nem idade-de-pedra, e logo desde as primeiras dynastias se vê obrigado a assegurar para seu uso a peninsula metallifera do Sinai. Hamito-semitas apparecem pois conhecedores d'essa arte nas mais distantes alvoradas da historia, e a propagação da industria vem, como a aurora, caminhando, subindo, desde o Oriente.

O semita ensinou-a ao europeu. Quem a ensinou ao semita? Parece que outra raça, a ural-altaia, (a *turaniana*) que vem do polo, descendo das mysteriosas montanhas da Asia.

E' ahi que habitam os adoradores dos espiritos elementares, genios phantasticos, extravagantes, grosseiros, de um povo que, em vez de idealisar a natureza nos seus phenomenos cosmicos, na luz, nas nuvens, no ar, como o aryano, ou nas suas manifestações subjectivas, como o semita, inventa o mundo dos deuses da terra entranhados nas lombadas dos montes, em mysteriosas camaras e galerias rutilantes de metaes vivos. Os turcos e, mongoes põem o seu berço e o seu paraizo n'um valle remoto do Altai, encerrado por muralhas de minerios reluzentes. Um dia houve um incendio gigantesco que fundiu as rochas ferruginosas e, abrindo uma brécha, permittiu que os homens se espalhassem pelo mundo. Os mongolios celebram annualmente a festa da descoberta do ferro e têm Tchingiskan por descendente do primeiro ferreiro.

Desde as eras mais remotas, os chinezes associam ao turco a propriedade de ferreiro. Os finnios, os livonios, os esthonios, e todos os uralaios teem como instrumentos primitivos a forja e o tear. Entre os finnios celebra-se o natal do ferro e no seu Genesis, Ilmarinen, um vulcano, fábrica de ouro a propria esposa. Tal é o povo mysterioso que nas mythologias scandinavas apparece representado nos genios, gnomos, kobols, deuses malignos e seres pigmeus que formigam como larvas nas entranhas da terra. Assim se insinuam os filões enganadores que tentam o mineiro do Altai, do Ural, seguindo as bétas do ferro ou lavando as areias auríferas.

O povo dos tchudes, uralaio, deixou na região de entre os seus montes e o Yenesei vestigios de uma densidade consideravel, de uma industria activa: abundam tumuli, minas e fornos em ruinas, ahi onde, já nas auroras da historia, assentam os hakkas, turcos do Altai, cujas sepulturas se sobrepoem ás precedentes. Nas minas dos tchudes é raro o ferro, abundando o cobre; e nos seus monumentos vêem-se objectos do bronze typico de 100:10 de estanho, ao lado de bijuteria de ouro. Será o nome de tchudes que Herodoto transformou em thyssagetas? Diz-se que sim; e o grego conhece as populações de mineiros do Ural, esses arimaspas¹ a que a imaginação popular fazia disputar os griffos mythologicos e que transmittiam os metaes preciosos aos argipeos, os fornecedores de magos. Os mercadores gregos, das colonias do Ponto, traficam com elles no ouro dos arimaspos, internando-se para leste na Siberia meridional, entre o Tobol e o Irtish, até ao reino dos issedonios,

1 Para Lenormant (*Prem. civil.* I, p. 116) que seguimos agora, os arimaspas são *turanianos*, isto é, ural-altaios. O leitor viu que outros auctores (v. g. Dunker) os consideram aryanos e slavos: *airyamagpa*.

conductores das caravanas que traziam o ouro desde o Altai. As minas tchudes estavam pois em plena actividade no tempo de Herodoto ; e Olbia, antecessora de Penticapea, era o emporio grego do commercio dos metaes no fundo do mar Negro. Mas essas colonias gregas eram já as successoras da velha Colchida, a terra classica do Tosão-d'ouro, destino famoso da navegação dos argonautas, cuja lenda representa a primeira empreza dos gregos colonisadores substituindo-se no Oriente aos phenicios. Herodoto põe na Colchida uma colonia de *ethiopes*, e é sabido que os phenicios frequentavam estas paragens em busca de purpura e metaes, antes que os gregos os despojassem do imperio do Mediterraneo oriental e do Ponto-Euxino.

Foi, pois, naturalmente pela Colchida que os semitas do norte travaram relações com os tchudes mineiros e metallurgistas, sendo talvez ahi que aprenderam as artes em que iniciaram o Occidente europeu, ao mesmo tempo que levavam talvez já para o Egypto o estanho da Iberia caucasia. Ha sessenta seculos, já em Memphis havia bronze, e o estanho com que elle se fabricava, ou vinha da Iberia, ou talvez só do Paropamisos. O phenicio que, como o leitor sabe, ao mesmo tempo ou talvez até antes de conduzir os seus barcos, era o conductor das caravanas do Oriente, traria do Hindo-Kush ao Egypto o producto das lavras das minas. Quer-se até que um dos motivos do desenvolvimento dos estados do Tigre-Euphrates fosse a captura das caravanas da India e o monopolio do estanho oriental que tinha de atravessar, no seu caminho para o Nilo, os rios da Chaldêa. Taes seriam tambem os motivos immediatos da exploração maritima do Mediterraneo. Difficil ou impraticavel a viagem terrestre á India, o phenicio iria embarcado ao

mar Negro buscar o estanho que os saspiras traziam ao litoral para vender. Disputada pelos gregos, ao depois, a navegação do archipelago, os phenicios rumaram para oeste, explorando a Hespanha e mercadejando nas boccas do Rhodano o estanho que vinha, de mão em mão, atravez da Gallia desde as ilhas britannicas, até que dando a volta da Europa, os navios foram aportar e carregar ás Cassiterides.

Exclusivos fornecedores de estanho no velho Egypto, os phenicios que ainda o foram da Grecia e da Italia já plenamente desenvolvidas, eram mineiros, commerciantes e navegadores. Se os *ethiopes* da Colchida foram phenicios, ahi se iniciaram na lavra das minas; se o não foram, já no Libano, já em Chipre, começaram a explorar o cobre dos jazigos indigenas. Depois, á maneira que a sua colonisação progredia, avançavam com ella os mineiros, da mesma fórma que, com a navegação, iam os mercadores. Em Thasos lavraram os jazigos auríferos que no v seculo antes da nossa éra produziam por anno 200 a 300 *talentos*.¹ Herodoto diz que arrazaram uma montanha inteira. Passando á Hespanha, rasgaram o ventre da Montanha-de-prata — assim diziam a Serra Morena, quando ladeia o curso inferior do Betis.² Os navios dos mineiros e mercadores phenicios subiam o Guadalquivir até Sephela (Hispalis-Sevilha?) e as mais famosas mi-

¹ *Talanton*, talento, é o nome grego da balança, *libra*, que passou a denominar o peso, e depois, como a moeda rudimentar era um certo peso de prata ou ouro, o dinheiro. O valor do *talento* na Grecia variou com os estados e com as epochas historicas. O attico continha 6000 drachmas ou 26178 gr. de prata; o de Egipto 10000 drachmas ou 43630 gr. O valor do *talento*, além de variar, pois, com o peso de prata que representa, só se poderia determinar quando se entrasse na avaliação dos metaes preciosos, materia complexa e longa.—² *Hist. da civil. ibérica*, (3.^a edic.) p. xv.

nas de cobre e ouro estavam em Cotini, na região de Gades — onde agora a industria moderna lavra Tarsis e Rio-Tinto. A Hespanha, que foi o ultimo e talvez maior estabelecimento dos phenicios, quando já a metropole viera de Sidon e Tyro, caídas, para a colonia de Carthago:¹ a Hespanha foi por elles descoberta como região mineira. Diodoro diz que todas as suas minas foram abertas pelos phenicios e carthaginezes; e as lavras de hoje têm manifestado por toda a parte excavações profundas em galerias e pisos successivos, com poços regulares e travessas nos filões, cujas aguas eram esgotadas por bombas espiraes egypcias. Os vastos escoriaes, agora refundidos, attestam por outro lado o desenvolvimento da metallurgia correspondente á lavra mineira. A prata alliada ao chumbo nos minerios era reduzida em fornos: acaso já o forno grosseiro de barro de que ainda usa o fundidor da Andaluzia; e Strabão diz que o ouro era purificado em terra vitriolada antes de ser amassado pela fusão. A Hespanha era a vasta lavra, cujos productos enchiam os armazens grandiosos de Carthago de prata e ouro, estanho e cobre, bronze e arame em barra, em vasos; em armas, em utensilios, que os navios depois levavam a vender pelas nações da Europa. Por isso o templo de Melkarth em Gades assentava nos pilares de ferro das Columnas-de-Hercules, pesadas, gigantescas, e fulvas como a imaginação que inventara Baal e construiu Carthago. Mas já o grego expulsára Melkarth da Colchida; e o romano, como um Samsão, abraçou as columnas famosas, deitou em terra o templo, expulsou o phenicio da Hespanha, da Sardenha, da Sicilia, chegando a arrazar, depois, a metropole,

¹ V *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) pp. 1-4.

sanctuario e armazem, altar e balcão do phenicio-carthaginez.

Já a Europa, depois de travar conhecimento com a materia nova dos objectos e armas que os mercadores lhe vendiam, começara a indagar os segredos da arte com que os fabricavam. Para manter o mysterio das suas derrotas, o phenicio ia até ao ponto de sacrificar os navios perseguidos; para guardar o segredo das suas artes metallurgicas, envolvia-as n'um véo de trevas phantasticas e milagrosas. Os metallurgistas eram como os feiticeiros; trabalhar os metaes passava por acto sobrenatural. O character de invenção pura da arte, a iniciação technica necessaria, e por fim o interesse em explorar um monopolio historico: eis ahi as causas que constituiriam os primeiros metallurgistas da Europa em familias escolhidas, iniciadas n'essa especie de mysterios. Ainda na Grecia de Pytheas existia em Lipari o mytho do ferreiro Wayland; e o grego conta que se alguem collocasse um pedaço de metal em bruto e a moeda ao lado na bocca do vulcão, no dia seguinte, indo lá, achava a arma ou o artigo que desejava. Ainda hoje em Ceylão, quando os veddahs querem settas, levam de noite um pedaço de carne e penduram-na á porta do ferreiro com um molde do que desejam; á noute seguinte veem buscar a obra e deixar outra ração de carne. O artifice trabalha em segredo como quem pratica um mysterio. ¹

Assim deveu ter-se propagado de mão em mão, entre os barbaros da Europa, a arte metallurgica.

¹ O Regimen das riquezas, p. 123

Houve porém uma successão marcada no uso dos metaes, ou por outra, houve uma idade de bronze nitidamente definida, em que esse metal fosse exclusivo, e á qual succedesse o ferro, no IX seculo (A. C.) como quer Mortillet, ou em outra éra? A tradição dos antigos affirma-o; Lucrecio diz que *prior aris erat quam ferri cognitus usus*. Hoje, porém, não faltam opiniões negando a autonomia da idade europêa do bronze. O leitor sabe que, espontanea ou evolutivamente, a metallurgia do ferro, do cobre e dos metaes naturaes deve preceder a do bronze, que é uma liga. Com effeito, abundam as regiões em que a metallurgia começa pelo ferro, como é ainda hoje a Africa, central e austral. Na Assyria, inscripções que teem quatro ou cinco mil annos de idade attestam o uso do ferro; os médos conheciam o ferro, desconhecendo o bronze; e os indigenas da America do sul e os groelandezes, ainda ignorantes da arte de fundir, batem o ferro puro dos aerolithos: Pallas viu na Siberia uma massa de ferro meteorico pesando mil e seiscentos arrateis, que deu aos ferreiros um metal malleavel a frio.

A questão da idade do bronze na Europa, é pois, historica e não ethnometrica. Tudo leva a crer que do foco de invenção da metallurgia, propagada ao depois no Occidente, onde quer que esse foco estivesse, no Altai (Eckstein), na India (Mortillet), ou na Palestina (Rougemont), saíram já formadas as duas artes de fundir o ferro e combinar a liga do bronze. No decurso da migração, as duas artes, separando-se, desenvolveram-se, ou enraizaram-se diversamente, seguindo a adaptação aos paizes em que appareciam. Assim, ao lado da Assyria e da Media onde o ferro ou se encontra ou é até exclusivo, vemos o Egypto onde parece desconhecido,

sendo vulgar o bronze. As chronicas da China attestam egualmente uma transição directa da pedra para o bronze; e as ruínas dos templos da Índia só também apresentam o mesmo metal. Em todo o Mediterraneo europeu oriental, e principalmente na Grecia, a precedencia do bronze é incontestavel, segundo a tradição de Lucrecio. Alguns dos povos que Herodoto viu ainda na idade de pedra, achou-os Strabão na do bronze: n'essa idade que na Grecia precede o ferro, como se vê nos auctores: em Hesiodo, em Herodotô, em Pausanias, e no já citado Strabão. A *Iliada*, isto é, o periodo homerico, parece coincidir com a transição para o ferro: ainda os lenhadores vão ao monte Ida trabalhar com machados de bronze; e as recentes excavações de Schliemann confirmam as opiniões estabelecidas.

Taes são os termos, parece-nos, em que a autonomia da idade europêa do bronze se pôde affirmar: como um factô accidental, historico, sem merecimento ethnometrico; e até como um d'esses casos fortuitos que tantas vezes interrompem ou desordenam a evolução natural dos elementos da civilisação. E o leitor não estranhará que seja esse o caso, pois sabe que a metallurgia não veiu aos europeus como uma manifestação autochtona, mas sim como um ensino estranho, provavelmente propagado por familias de artifices errantes, exercendo a sua profissão como um sacerdocio de magia.

Nada é portanto mais facil de acceitar, desde que se demonstre, do que a existencia de regiões europêas onde haja, ao lado de outras onde não haja, idade de bronze propriamente dita. Assim estiveram anteriormente a Media e o Egypto. Muitos pretendem, com effeito, negar na Gallia a ordem de successão observada no Norte pelos archeologos scandinavos — pedra, bronze, ferro. O

bronze e o ferro, dizem, parece terem apparecido ao mesmo tempo, embora o primeiro seja mais abundante do que o segundo; enquanto outros affirmam o contrario. Chantre, na sua obra, denomina cebeniana a phase de transição em que nas palaffitas e nos tumuli o bronze apparece acompanhado ainda por instrumentos de pedra polida; chamando mœringeniana a phase em que, ao lado dos instrumentos de bronze, começam a apparecer os de ferro, como se vê na palaffita de Mœringen. Entre as duas phases encerrar-se-hia uma idade de bronze nitidamente caracterisada, não só pela primeira fórma europêa da metallurgia, como por uma alteração fundamental dos ritos funerarios. 66 dos dolmens estudados por Chantre accusam a inhumação, 17 a incineração, e apenas 11 a cremação. Affirmada a idade, affirmar-se-hia o homem-do-bronze, — um bomem differente do da pedra? Temos perante nós, com a metallurgia, uma *raça* nova de europeus? Será mistér identificar cada passo progressivo com uma substituição de gente? Não parece: os indicios da propagação da industria por ensino e por commercio são gravissimos.

A idéa de identificar sempre um certo progresso é um certo povo é das que mais conturbam a comprehensão lucida d'esta ordem de cousas.

Não conceber o progresso espontaneo, pedindo sempre a uma migração o motivo de um facto, denota um modo de pensar insufficiente. Suppôr, de outro lado, que esses dominios successivos de povos e usos são exclusivos, é tambem uma consequencia deploravel de um tal pensamento. Que haja, ou não haja, substituição de gente, os progressos ulteriores não excluem as conquistas precedentes: ao contrario. A' maneira que as descobertas nascem, vae crescendo e accumulando-se o *stock* dos instru-

mentos da civilisação. Não ha duvida que em geral os povos, desde que adquirem conhecimento da arte de preparar os metaes, perdem até a lembrança do uso dos utensilios de pedra. Se estes ficam em muitos logares como instrumentos sagrados, ou objectos cultuaes, o leitor viu a generalidade do valor esoterico sob que apparecem ás populações. Tribus siberianas que no XVII seculo viajantes estudaram, viviam selvagens, e cem annos apenas depois, já ignoravam a remota utilidade dos machados e frechas de silex de seus avós, pois tinham-nas substituido por armas metallicas. Isto são factos; mas é tambem facto que por outro lado a archeologia nos mostra o uso da pedra polida, ainda na edade do bronze, e até na do ferro. Ha numerosas supulturas italianas em que pedra e bronze apparecem conjunctamente; em Minsleben, na Allemanha, vê-se a alliança da pedra e do ferro. Nas escorias de forjas pre-historicas do Jura acham-se utensilios de silex; nas minas da Hespanha oriental martellos e machados de diorita ao lado de lampadas phenicias de bronze. Do campo de batalha de Marathona extraem-se pontas de frecha de bronze e de silex negro lascado; e a mesma combinação se observa ainda no Campo-de-Cesar, junto a Perigueux. E além dos exemplos europeus, abundam outros para demonstrar a prolação do uso da pedra nas édades metallurgicas. Os hespanhoes viram no Mexico barbeiros trabalhando com navalhas de obsidiana. Na Chaldêa e no Egypto, a pedra e o bronze alliam-se nos tumulos, e os velhos egypcios exploravam com ferramentas de silex as minas do Sinai e as pedreiras de granito de Syena.

As considerações que temos feito e os exemplos adduzidos levarão, cremos, o espirito do leitor a formular estas opiniões nitidas; que um progresso

nas artes, ou nos costumes, não implica necessariamente uma substituição de *raça* ou de gente; que os progressos podem dar-se, ou espontaneamente, ou por ensino; que o bronze não é uma idade evolutiva normal, nem ethnometricamente a primeira idade metallurgica, sendo-o porém historicamente na Europa, graças ao modo porque a metallurgia entrou no dominio d'ella; que não ha um povo-de-bronze, assim como não ha um povo-dos dolmens; que foi o ensino e o commercio dos phenicios que provavelmente propagou o bronze na Europa.

Resta-nos indagar, pois, qual foi o europeu iniciado na metallurgia: um pre-aryano, ou já um indo-europeu? um ibero (pois que o finnio, como uralaio, pertence ao ramo dos povos que ensinaram o semita) ou um celta, um germano, um slavo? Seriam essas raças historicas da Europa, ou os povos mysteriosos, pelasgos, etruscos, ligures, arianos sim, mas cuja afinidade, ou se discute, ou se ignora; e cuja existencia real se chega em muitos casos a pôr em duvida, ignorando-se em outros como, d'onde, e quando vieram? Aqui é impossivel o accordo. Este faz do celta o auctor dos dolmens, portanto põe-o na Europa muito antes de haver bronze; outro affirma que os arianos só chegaram á Europa depois de os indigenas terem ganho com a metallurgia o ultimo termo da sua civilisação autochtona. Para ambos os que assim opinam, as raças arianas historicas da Europa não têm outros precursores; e por isso a data da primeira invasão dos celtas, ou é levada para éras indeterminaveis, ou trazida para edades relativamente recentes; ou precede os dolmens, ou vem já depois do bronze, na aurora do ferro. Mas não falta quem conteste ambas as conclusões, fazendo erigir os dolmens na Europa pelos primeiros arianos, consideran-

do-os, pois, como discipulos do phenicio metallurgista; negando, porém, que essa remota migração e essa primeira camada de invasores se possa ou deva identificar com as familias historicas dos europeus de raça branca.

O leitor comprehende que, nem á indole da nossa obra compete, nem cabe nos recursos do auctor, formular uma conclusão em materias tão especiaes e tão controvertidas. E' este um dos casos em que o saber aconselha a reserva prudente: só quando a erudição tiver chegado, se chegar, a um ponto ainda bem distante: só então será licito affirmar. A indecisão de hoje sobre este problema particular da archeologia ethnologica não prejudica porém o nosso estudo. Que o europeu da éra do bronze fosse um indigena ou um aryano, o facto é que era um barbaro. Se era um indigena, o aryano supprimiu-o chegando, e continuou uma civilisação que attingira um grau determinado; se era um aryano, vê-se que o indigena foi supprimido n'um grau anterior e inferior de cultura. E' um caso puramente historico em que são licitas as divergencias de opinião sem prejuizo das noções essenciaes á sciencia da civilisação: a da capacidade ingenita da raça, a nas condições fortuitas (locaes ou historicas) do desenvolvimento, a da norma na evolução social.

Congregado em tribus, dotado com as instituições correspondentes, escrevendo, fundindo os miderios e manipulando os metaes, o europeu que apparece de tal forma nas fronteiras da historia remota é, porém, já indiscutivelmente um aryano. A historia da Europa é, pois, o desenvolvimento eminente da raça indo-europêa, n'aquelle dos seus ramos que, assentando no extremo occidente, ou, como uns querem, já encontrou os indigenas no momento de civilisação a que nos referimos, ou, como ou-

tros pretendem, veiu n'um estado de rudeza primitiva d'onde já na Europa foi gradualmente emergindo, até iniciar a sua existencia fixa, urbana, propriamente social.

V

Conclusão

Horacio chamou dissociavel ao mar, *oceanus dissociabilis*, mas esta expressão que os antigos não podiam applicar ao Atlantico, para além do qual não havia terras conhecidas, nem portanto sociedade possivel, é profundamente erronea com respeito ao Mediterraneo. Esse mar foi o vehiculo da civilisação: foi como a praça onde se encontraram associados n'ella os primeiros europeus. O papel que a configuração da Europa meridional tem no desenvolvimento historico das nações greco-italo-celtas já mais de uma vez foi indicado no decurso do nosso estudo. As frotas dos phenicios levaram Cadmo á Grecia a inicial-a na civilisação: foi a Grecia o primeiro foco de civilisação européa; foi ahi que pela primeira vez o indo-europeu formulou o seu genio e as bases de uma sociedade, a que as descobertas phenicias deram instrumentos, sem darem o pensamento ou idéa.

A constituição da Grecia repelliu para occidente o phenicio: aos navios de Tyro e Sidon succederam as frotas dos estaleiros da costa eolio-jonia da Asia menor, no trafego e dominio do fundo do Mediterraneo. Principiou então a vida historica da Europa — essa Europa definitivamente fugida, para

nunca mais voltar ao seio de Melkarth-Agenor, conforme o oraculo dissera a Cadmo. Os novos argonautas aventuraram-se ao mar nas suas barcas; e se foram seguindo o rumo dos mestres nas viagens do mar Negro, acharam para occidente, nas costas da Italia barbara, portos ainda ignotos. O phenicio, navegando costeiramente, seguira a orla austral do Mediterraneo, e o Adriatico ficava para traz esquecido, quando os navios de Melkarth já vogavam para além das Columnas d'Heracles.

Foram os gregos os descobridores da Italia; os phoceos da Asia-menor foram os primeiros que, fundando Kyme, iniciaram o movimento da colonisação da Grande-Grecia e da Sicilia. Vieram então as familias hellenicis, espalhando-se, cruzando e constituindo os tres grupos de colonias italianas. O grupo jonio incluia Cumas com os estabelecimentos do Vesuvio e de Rhegio, e na Sicilia, Zankle (Messina) Naxos, Catana, Leontini e Himera. O achaio era formado por Sybaris com quasi todas as cidades da Grande-Grecia. O dorico era Taras (Tarento) com Heraclea fronteira, e na Sicilia Syracusa, Gela, Agrigento, e a maioria dos seus estabelecimentos gregos. Vê-se de Herodoto que, ainda um seculo antes da fundação de Roma, os gregos desconheciam a Italia.

Quando ahi chegaram nos seus navios, coalhando de feitorias e cidades a costa oriental da Italia, viu-se a Grecia constituir o centro de um systema que tinha nas costas da Asia-Menor uma fronteira e nas italianas, com a Sicilia, outra. A peninsula hellenica era o coração de uma pequena Europa remota, a miniatura do mundo europeu, ultra-mediterraneo. Ampliando-se, no pensamento e na terra, como uma nodoa invasora que alastra, assim a civilisação-tipo dos indo-europeus principiava por

um pequeno ensaio, um esboço, uma amostra, localizada n'um recanto do mundo e ainda circumscripção ás fórmulas elementares do pensamento científico.

Da Asia-Menor olhava-se tambem para a Grecia, a occidente, atravez do lançol mediterraneo. As duas costas eram satellites. Os achaios da Italia eram apenas marinheiros e commerciantes, e tão pouco queriam ás colonias, que nem se occupavam de apossar-se dos terrenos. Não eram, porém, assim os jonios, nem os doricos: hellenisavam a terra e as suas gentes. Tarento, a Sicilia e as cidades do golpho de Napoles eram para os gregos como Gades para o phenicio: assentavam ahi os penates.

Mas o exemplo, o incitamento, e todas as sementes de civilisação que as colonias gregas punham na terra da Italia começaram a germinar. As lendas de Roma fazem de Enêas o iniciador do Lacio remoto e obscuro. E o etrusco no Mediterraneo anterior é já o pirata dos navios gregos. A consciencia e a ambição, nevoentos prodromos de um futuro entrevisto, acodem ao pensamento de uma nação embrionaria. O grego era o velho rival victorioso do phenicio, repellido para occidente, já trasladado de Sidon e Tyro para a nova metropole de Carthago. Quem seria pois o alliado natural do etrusco-italo senão o carthaginez? Carthago tinha a Sardenha, os etruscos a Corsega: dois baluartes que no meio do Mediterraneo anterior armavam os corsarios contra os gregos, vedando-lhes a expansão occidental.¹ Depois da Grecia apparecer como nucleo e centro de um pequeno systema, apparecia a Italia como nucleo e tambem cen-

¹ V. *Hist. darepub. romana*, I, pp. 185-9.

tro, mais vasto, d'um imperio que abrangia todo o mar dos antigos. Quem na historia pára, cae ou retrograda. Assim a Grecia, não pôde impedir a dispersão das suas colonias italianas que foram sporadicamente espalhar-se, aqui e além, nas longas costas occidentaes da Gallia e da Hespanha, em Massilia, em Rhodas. ¹

A autonomia da Italia estava fundada, creado um segundo foco, central, de civilisação mediterranea. A peninsula, com a Sicilia, é como uma ponte lançada da Europa á Africa, a ligar as duas metades da vasta bacia que tem no centro quasi um lago e em torno, por muralhas, cordilheiras: o Pyreneu e os Alpes, os Carpathos até ao Caucaso, fronteiros á Armenia, ao Libano e ao Atlas. A Italia simelha a Grecia no clima, na orographia: é uma Grecia amplificada — a Grande-Grecia, como disseram os antigos. As proporções da geographia correspondiam á maior acção do papel historico, á maior vastidão de influencia assimiladora, conquistadora. Tem bastantes costas para ser maritima, sem se achar pulverisada em ilhas, retalhada em golphos como a Grecia: a unidade do territorio dá-lhe a consistencia da força. Navega, sem fluctuar permanentemente na indecisão como que amphibia do grego; tem homogeneidade, sem a immobilidade do Egypto que nunca embarcou. A estreiteza da terra não a impelle porém para o mar; nem como Themistocles em Salamina acha nas muralhas-de-pau o seu baluarte, porque possui extensas planicies, valles e encostas pingues, onde a população enraiza, encelleirando grão, creando gado, com estradas francas para largas viagens e zonas cerradas para o viver pacifico. Por terra,

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) p. xxxii.

por mar, a natureza consente-lhe que se expanda, sem lhe impor comtudo essa expansão como uma fatalidade. Assim, quando parte, vae segura, senhora de si, lembrada da patria. O navio larga do porto, mas o italiano não se esquece de Roma. Lembra-se do Pireu o grego? Não. Athenas é uma nau, de tripulação varia, fluctuante, ondeante, movediça, como cidade de dissertadores perspicazes e mercadores aventureiros. O navio não tem ancoras que o amarrem solidamente a nenhum porto.

Virados costas com costas, no Adriatico, os dois povos, tão irmãos e tão diversos, olham para Oriente um, para Occidente o outro: é que um já representa um resultado, o outro uma ambição, quando a historia os vê, parallelos no desenvolvimento, cruzarem sobre o mar sem darem a mão pelas fronteiras terrestres. Nem o Epiro, nem a Acarnania occidentaes teem um papel conspicuo na historia; nem na Italia o teem a Apulia, nem a Messapia orientaes. A Grecia fecunda é a da Attica, não é a da Macedonia; a Italia activa é a da Etruria, do Lacio, da Campania. Esta opposição de olhar exprime a diversidade do destino e a dissemelhança do character. De Otranto vêem-se a olho nu os montes Acroceraunios, mas a breve faxa de mar é um fosso de uma alta significação. Com effeito, se os dois povos separados pelo Adriatico obedecem a destinos diversos, tambem a terra se inclina descendo para Oriente desde as montanhas da Illyria, e para Occidente desde as da Calabria, como dois homens, proximos, de pé, olhando em direcções oppostas. Qual d'essas era a que o futuro pedia? A do Occidente, á espera de uma iniciação e de um dominio civilisador. O Oriente ca-duco déra o que tinha, e adormecia somnolento.

A orientação occidental tornava assim a Italia,

estendida atravez do Mediterraneo, o centro geographico e politico de um mundo amplificado. Só agora chegava o instante de congregar as raças mediterraneas n'um feixe, a civilisação n'um corpo, as aguas pittorescas d'esse mar n'um lago interior de uma potencia eminente. A civilisação, localisada, passara de Thebas a Tyro, a Carthago e a Athenas. A Grecia, orgão eminente dos indo-europeus como pensamento, era comtudo ainda, como estado, mais um exemplo das civilisações particulares que precederam a europêa. Nem achara as formulas politicas, nem o local adequado, o povo que tambem não possuia os dotes necessarios para educar, ou iniciar, imperando. Depois de oscillar nas vagas dos temporaes da anarchia, teve de ir na mão do macedonio repetir os moldes estereis das gentes da Asia; deu de si um imperio, mas esse imperio foi um sopro tão brilhante como ephemero: foi uma geração, a de Philippe, com Alexandre por synthese e fim. A civilisação, pois, só ao chegar a Roma encontrou, ethnica, geographica e chorographicamente, os elementos da sua constituição definitiva. O latino mostrou ser o cidadão por excellencia; e a sua peninsula, logar excellente para a fundação de cidades, era ao mesmo tempo o centro do Mediterraneo.¹ A distancia é quasi igual da Italia ás Baleares na costa da Hespanha, e a Chypre fronteira ao Libano.

Depois de se ter formulado sporadicamente no Egypto, na Assyria, na Phenicia, a civilisação embarcara a bordo dos navios dos gregos e carthaginezes. Carthago imperava nas costas e nas ilhas de oeste, Athenas nas de leste. Entre as duas esquadras, as galés romanas, mordendo as ancoras

¹ V. *Hist. da repub. romana*; e *Quadro das instit. primit.* p. 232.

como cavallos o freio na imminencia da batalha, viam as ondas senhoreadas por estranhos, e as tripulações ardiam no desejo de conquistar para si o mar. Principiaram por dar a mão aos phenicios para conterem ou repellirem o grego; proseguiram depois, disputando ao antigo alliado a sua supremacia na Africa e na Hespanha.

As guerras punicas¹ são, para este momento da historia, como as dos persas no momento grego. Scipião vale o mesmo que Themistocles. A queda de Carthago é como Salamina. Já se vira que a Grecia ficaria europêa: via-se agora Roma imperar em todo o Mediterraneo.

Mas não pára aqui a eminencia do papel da Italia. Se a geographia lhe dava o mar, dava-lhe tambem a base de uma expansão no sentido do massiço continental do occidente europeu, dominio do celta barbaro. A Italia é como o caule de uma flôr, cujo calix, na Lombardia e nos Alpes, se abre n'uma corolla de nações desde a Hespanha até á Germania. O monte Palatino, nucleo do imperio romano, está no coração de uma zona de collinas entre o Apennino e o mar: ahi principiou obscuramente a formação da cidade educadora do Occidente: foi essa a sua primeira zona de expansão. Da região do Tibre, a área alargou-se ao Apennino, a toda a Italia; depois, n'um terceiro momento, estendeu-se para o norte, avassallou o valle do Pó e as vertentes mediterraneas do systema de montanhas que por este lado encerram a bacia maritima da Europa austral. Para além das cumiadas d'essas serras ficavam as nações barbaras: para além dos Alpes, a Gallia, a Germania, a Bretanha; para além dos montes da Illyria e da Grecia, a

1 V. *Hist. da repub. romana*, 1, pp. 188-307.

Pannonia, a Mesia, a Dacia; para além do Pyreneu e da Nevada, a Hespanha. Tal foi a área de expansão da civilização, quando a Italia nos tempos romanos era o *cursor*, portador da *lampada*, na viagem heroica dos indo-europeus. Tal foi o dominio do imperio que teve a raiz no Tibre. Como uma planta emergindo do mar, a Italia, que é um tronco, apparecia coroada por uma copa de nações pupillas. Como um gladiador de pé, tinha em Roma o coração, pisando e submettendo as nações caducas da costa fronteira do Mediterraneo: a Armenia, a Persia, a Arabia, estendidas para além do Tauro e do Libano, o Egypto no valle do Nilo, e os antigos dominios phenicios nas vertentes do Atlas. Para occidente ficava o Oceano, para além do Atlas o Sahará, para além da Germania e da Pannonia a longa steppe da Russia, como um mar de charneças. O mundo acabava para todos os lados, e todo era romano: a civilização era já universal, eminente o dominio do europeu sobre todos os barbaros. O imperio romano esboçava como um typo a futura idade da Europa; todo o globo conhecido obedecia ao romano que, no centro do consorcio das raças europêas, levantava no Tibre a cidade soberana.

A historia propriamente dita, isto é, o periodo em que a sociedade, consciente dos seus actos e vontades, já não obedece apenas ao desenrolar obscuro dos instinctos: a historia principia no Capitolio e desenvolve-se no Senado, instituição typo e representação viva de uma sociedade activa. As historias parallelas das nações, incluindo a Grecia cuja importancia está no desenvolvimento da vida intellectual e não no da social, são esboços, mais ou menos felizes, de um typo que só se fórma nitidamente em Roma.

O programma da nossa obra cumpriu-se portanto, e é necessario acabar. Regressaremos ainda ao passado a estudar a civilisação primitiva, sob os seus tres aspectos eminentes — a religião, a riqueza, as instituições ¹ — e feito isso, convidaremos o leitor a vir á Italia, não para assistir ao desenrolar da historia romana nos seus accidentes e episodios, mas sim para estudar ahi as normas do desenvolvimento politico e social dos povos, n'essa historia que fundadamente Vico declarou ser um typo.

1 V. *Syst. dos mythos religiosos, O regime das Riquezas, Quadro das Instit. primitivas*

BIBLIOGRAPHIA

- Latham, G. R.** - *Descriptive ethnology*. Londres ; 1859 ; 2 vol, 8.^o
- Id.** - *Ethnology of Europe*, Ibid. 1854 ; 1 vol.
- Id.** - *Man and his migrations*. Ibid. 1851 ; 12.^o
- Id.** - *Native races of the russian empire*. Ibid. 1854 ; 2 vol.
- Id.** - *Ethnology of british islands*. Ibid. 1852.
- Id.** - *Ethnology of british colonies*. Ibid. 1851.
- Müller, F.** - *Allgemeine ethnographie*, Vienna, 1873 ; 8.^o
- Peschell, O.** - *Volkerkunde* (tr. in.) *Races of men*. Londres, 1876 ; 3.^o
- Bancroft** - *Native races of the western states of America*. Londres, 1873-5 ; 5 vol.
- Catlin, G.** - *Letters on the north american indians*. Londres, 1841 ; 2 vol.
- Orbigny** - *L'homme américain*.
- Mantegazza** - *Viaggi nell'America meridionale*. 1861-2.
- Hartmann, R.** - *Die nigritien*. Berlin, 1879 ; 4.^o
- Barth, H.** - *Reisen und Entdeckungen in Nord und Central Africa*. Gotha, 1857.
- Burton, R. F.** - *The lake regions of central Africa*. New-York, 1860.
- Fleming, F.** - *Cafraria and its inhabitants*. Londres, 1853.
- Forbes, F.** - *Dahomey and the dahomans*. Londres, 1851.
- Prejevalsk, N.** - *Mongolia, the Tungut country and the solitudes of northern Thibet* (trad. Delmar Morgan) Londres, 1876 ; 2. vol.
- Berger, A.** - *Die Völker des Kaukasus*, Leipsig, 1860.
- Bowring, J.** - *A visit to the Philipe islands*. Londres, 1859.
- Castren, M. A.** - *Ethnolog. Vorlesungen über die altäitischen Völker*. S. Petersburgo, 1857.
- Crawford, J.** - *History of the indian archipelago*, Londres, 1820.
- Earl, G. W.** - *Native races of the indian archipelago*, Ibid. 1853.
- Ellis W.** - *Polynesian researches*. Ibid. 1852.
- Elphinstone, M.** - *An account of the kingdom of Cabul*. Ibid. 1842.

- Williams and Calvert.** — *Fidji and the fidjians*. Londres, 1859.
- Fornander, A.** — *An account of the polynesian race*. Londres, 1878-81; 2 vol.
- Bartlett, J. R.** — *Progress of Ethnology*. Nova-York, 1848.
- Cognetti de Martüs, S.** — *Le forme primitive n'ella evoluzione economica*. Turim, 1881.
- Gobineau** — *Essai sur l'inégalité des races humaines*. Paris, 1859.
- D'Halloy, O.** — *Des races humaines*, Paris, 1859.
- Balbi, A.** — *Atlas ethnographique du globe*. Paris, 1828; fol.
- Berghaus, H.** — *Atlas (7-8) Anthropologie und Ethnographie*. Gotha, 1850-2; fol.
- Quatrefages.** — *Unité de l'espèce humaine*. Paris, 1861.
- Pritchard, J. C.** — *Researches into the physical history of mankind*. Londres, 1841.
- Lombroso, C.** — *L'uomo delinquente, in rapporto all'antropologia*, etc. Turim, 1878.
- Maury, A.** — *La terre et l'homme*, Paris, 1877; 8.º
- Condorcet.** — *Esquisse d'un tableau historique*, etc. Paris, 1866; 2 vol. 16.º
- Buckle, H. T.** — *History of civilisation in England*. Londres, 1878; 3 vol.
- Hegel.** — *Lectures on the philosophy of history* (tr. Sibree) Londres, 1878; 8.º
- Bagehot, W.** — *Lois scientifiques du develop. des nations*. Paris, 1877; 8.º
- Comte, Ch.** — *Traité de legislation*. Bruxellas, 1837.
- Vera, A.** — *Introduzione alla filosofia della Storia*. Florença, 1869; 8.º
- Tylor, E. B.** — *Primitive culture*. Londres, 1871; 2 vol.
- Id.** — *Researches into the early history of mankind*, Londres, 1878; 8.º
- Lubbock, J.** — *Origin of civilisation*. Londres, 1874; 8.º
- Id.** — *Prehistoric times*. Londres, 1878; 8.º
- Farrer, J. A.** — *Primitive manners and customs*. Londres, 1879; 8.º
- Klemm, G.** — *Allgemeine cultur-geschichte der Menschheit*. Leipzig, 1843-52; 4 vol.
- Lane, E. W.** — *Account of the manners and costums of modern egyptians*. Londres, 1842.
- Bunsen, C. C. J.** — *Egypt's place in universal history*. Londres, 1848-58.
- Id.** — *Outlines of the philosophy of universal history*. Ibid. 1854; 2 vol.
- Renan, E.** — *Histoire generale des langues semitiques*. Paris, 1855; 2 vol.
- Remusat, P. A.** — *Recherches sur les langues tartares*. Paris, 1820.
- Ubicini, M. F.** — *Lettres sur la Turquie*. Paris, 1853.
- Schafarik, P. J.** — *Slavische alterthümer*. Leipzig, 1843.

- Pritchard, J. C.** — *Eastern origin of celtic nations*. Londres, 1831.
- Mickiewicz, A.** — *Les pays slaves et la Pologne*. Paris, 1849.
- Michel F.** — *Histoire des races maudites de France et d'Espagne*, Paris, 1847.
- Rawlison, G.** — *History of Herodotus*. Londres, 1858-60; 2 vol.
- Graslin, L. H.** — *De l'Iberie*. Paris, 1838.
- Gerard, P. A. F.** — *Histoire des races humaines d'Europe*. Bruxellas, 1849.
- Prescott, W. H.** — *History of the conquest of Mexico, — of Peru*. Londres, 1850; 6 vol.
- Mommsen.** — (tr. ing. Dickson) *History of Rome*. Londres, 1877; 4 vol.
- Niebuhr.** — *Lectures on ancient ethnography and geography* (tr. Schmitz). Londres, 1853; 2 vol.
- Id.** — *History of Rome* (tr. Hare, etc.) Londres, 1847; 5 vol.
- Duncker, M.** — *Geschichte der Alterthums* (tr. ing. Abbot) Londres, 1877-80; 6 vol.
- Thierry, Am.** — *Histoire d'Attila*. Paris, 1856; 2 vol.
- Thierry Aug.** — *Histoire de la conquete d'Angleterre*. Paris, 1867; 2 vol.
- Lenormant, F.** — *Les premières civilisations*. Paris, 1874; 2 vol.
- Nilsson, S.** — *Les habitants primitifs de la Scandinavie* (tr. fr.) Paris, 1868; 8°
- Pictet, A.** — *Les origines indo-européennes*, Paris, 1878; 3 vol.
- Arbois de Jubainville.** — *Les premiers habitants de l'Europe*. Paris, 1877.
- Diefenbach, L.** — *Die alten Völker Europas, etc.* Frankfort, 1861.
- Desjardins, E.** — *Geographie hist. et administr. de la Gaule romaine*. Paris, 1880; 2 vol.
- Draper, J. W.** — *A history of the intellectual development of Europa*. London, 1875; 2 vol.

APPENDICE

Resposta do auctor ás censuras dos criticos ¹

Elementos de Anthropologia (2.^a ed.) 1 vol. — *As raças humanas e a civilisação primitiva*. 2 vol.

I

Eu que, n'estas paginas do *Jornal do Commercio*, tenho fallado de tantos, vejo chegar-me hoje a vez da fallar de mim, infringindo a regra que tenho seguido de reservar para o corpo das minhas obras a defeza dos ataques, ou censuras de que ellas tenham sido objecto.

Eis aqui o catalogo dos artigos de que tive conhecimento pela communicação amavel dos meus criticos; e não creio que haja outros, a não fallar em menções breves da imprensa, exprimindo apenas cumprimentos que não me obrigam senão a agradecer: i. O sr. Julio de Mattos, no *Positivismo*, Revista portuense, nn. 1 e 2 de 1881; ii. O sr. Luiz Woodhouse, na *Revista Scientifica e litteraria*, de Coimbra, n.º 3, de fevereiro de 1881; iii. O sr. Augusto Rocha, no *Instituto*, da mesma cidade, 2.^a serie, n.º 5, de novembro de 1881; iv. O sr. Eduardo Burnay, no *Commercio de Portugal*, de Lisboa, n.ºs 649, 51, 5, 61, 7, 74, 87, 96, 711, 23 e 33, referindo-se todos á ANTHROPOLOGIA; v. O sr. Julio de Mattos, no *Positivismo*, n.º 6, de agosto-setembro de 1882; vi. O sr. Adolpho Coelho, n'este proprio *Jornal do Commercio*, n.ºs 8:476, 86, 99, 511 e 27, referindo-se, ou conjunctamente ás duas obras, ou especialmente ás *Raças*.

Propondo-me a responder ás censuras dos meus criticos, não os poderei acompanhar, nem separadamente, nem seguindo passo a passo cada uma das suas objecções: um tal processo, além de fatigante para o espirito do leitor,

¹ Publ. no *Jornal do Commercio* de Lisboa, 1882.

obscurceria, em vez de esclarecer, o conjuncto consideravel das questões agitadas. Coordenarei, pois, as materias; e, em vez do dize-tu, direi-eu, ordinario nas polemicas pessoas, preferirei tratar as questões no seu systema, embora deixe de tocar um ou outro ponto secundario, um ou outro reparo, que seja apenas um lapso de observação, ou um erro de critica.

Antes de entrar na materia do nosso discurso, consinta-se, porém, que eu registre algumas observações particularmente pessoas, pois que mais de um dos meus criticos entendeu necessario avaliar-me a mim, para avaliar os productos do meu trabalho. A variedade, a vastidão e a intensidade pareceram documento de fraqueza. Quem tanto produz, disseram, produz sem duvida mal; quem se occupa de coisas tão variadas, é por força incompetente.

O que eu vou dizer não se dirige a ninguem, mas o facto é que a indolencia é um vicio nacional; e trabalhar, como quer que seja, parece um caso de espanto. Consumir diariamente, sem interrupção, oito ou dez horas no estudo; viver n'um isolamento quasi monastico para não soffrer a consequencia das distrações: eis ahí o meio de conseguir resultados que lá por fóra são communs. Era ridiculo ir eu agora fallar de um Lenormant, ou de um Spencer, para me defender a mim.

Mas não é ridiculo dizer que a vastidão da area a que a nossa intelligencia se applica provém da natureza organica do espirito de cada qual. Uns são professores e especialistas, outros são escriptores e philosophos. O pensador tem por seu o mundo inteiro, e mal do pensamento que o não abranger; o professor talha para si um campo restricto de observação e estudo, e não é raro inferir d'ahi a impossibilidade de proceder de outro modo. Pois no campo do saber ha tambem as duas fórmulas de lavoura, a extensiva e a intensiva; ambas produzem searas, e é necessario não confundir a sciencia com a *suffisance purement livresque*, de que já no seu tempo Montaigne se ria. *Si parva licet*, eu recordaria o nome do proprio Spencer, já mencionanado, ou o de um Hegel, ou o de um Cournot, esse pensador tão seguro, tão profundo e tão vasto ao mesmo tempo: tão pouco lido, não só entre nós, onde ninguem fóra dos mathematicos o conhece, mas até na sua propria patria, onde Renan lamentava o esquecimento em que era tido.

Outro reparo vem da minha *maneira*, por não ser didactica. O sr. Julio de Mattos, notando a viveza de certos quadros da existencia do homem primitivo, accusa-me por isso mesmo, accusa-me por eu *descrever* o que não *vi*. Já um critico me lançou uma vez ás faces este apodo — um puro Michelet! Quem me déra! A minha *maneira* não é com effeito didactica, porque os meus livros não teem a pretensão de se dirigir ao nosso magisterio sabio: diri-

gem-se ao publico, que os não leria de outra fórma, ainda quando eu os podesse fazer differentes do que são.

O sr. Coelho nota que elles deixam a impressão pittoresca da realidade, mas não teem a ordem methodica necessaria ao ensino. Mas se eu não pretendo entrar na escola ! mas se eu me dirijo ao leitor commum, e me dirijo d'esse modo, porque o seu paladar, pouco affeito ao processo didactico, só pôde tragar a sciencia sob uma fórma artistica ! Essa falta, que o meu critico aponta, é um proposito e um plano, em que a acceitação do publico me incita a proseguir.

Entretanto, não pôde haver melhores criticos do que os especialistas para o pensador que tem a força de abranger na area da sua investigação materias de que não possui decerto um conhecimento minucioso. Por isso eu folguei muito que naturalistas, medicos e glotologos ou linguistas, fossem os meus juizes, e applaudo-me por vêr, das suas criticas, que nas minhas temeridades não commetti erros de facto, e que as auctoridades que me guiaram foram o que ha de melhor nas especies, como diz o sr. Coelho. «A divergencia fundamental que existe entre nós e o auctor não anesquinha o merecimento do seu livro, diz o sr. Augusto Rocha ; sómente significa mais uma vez a difficuldade de chegar a um accordo em pontos de tamanha ponderação.»

Devo além d'isso aos meus criticos expressões de uma benevolencia tal, que não alludiria a ellas, se com effeito as podesse tomar como coisas sinceras, em vez de ironias. O sr. Mattos chama-se austero e robusto trabalhador, talento essencialmente progressivo ; o sr. Coelho dá-me «raros dotes intellectuaes e um talento que respeita», etc. Mas este critico diz que nos meus livros o que é novo e meu não é acceitavel : são coisas que «caem aos farrapos, ou então coisas velhas com nomes novos.» Por outro lado, o sr. Burnay despede-me mais de uma setta eivada de ironia positivista, «metaphisicophoba», na expressão ratona do sr. Coelho ; e o sr. Mattos, inteiramente victorioso por eu commetter este erro inaudito de «supprir as faltas de provas com probabilidades» diz que «para um metaphisico será assim ; para os que se não alimentam de chimeras a proposição é um verdadeiro attentado scientifico.» Ora, não haverá hypotheses nas cabeças positivistas ? E que serão hypotheses senão probabilidades ? «Que mais podemos esperar, conclue o sr. Mattos, de um escriptor que chama á metaphisica a subtil indagadora dos mystérios, e que diz que á mesma metaphisica incumbe *adivinhar* o que seja a Força e deslindar o que seja o Acaso ?» e, termina aconselhando me, que «estude a lei dos tres-estados, e terá visto toda a differença que vae dos processos subjectivos aos processos objectivos.» A supposição da ignorancia alheia é, sabidamente, um dos defeitos do es-

pecialismo ; e, n'este caso, o meu critico commetteu-o, pois eu asseguro-lhe que conheço a lei dos tres-estados, lei famosa a que entretanto não obedeço, porque me não chega para explicar nem a falta de synchronismo na historia real, nem os factos constantes e universaes de degeneração.

Toquei este ponto do juizo summario que os criticos fazem a meu respeito, para mostrar quanto a amisade de alguns, a amabilidade de todos, os atraçou honrando-me com merecimentos tão eminentes. *Ex fructibus eorum* os conhecereis : e esses fructos são farrapos e aberrações ! Não é flagrante a contradicção ? ou não devo pôr os elogios no mesmo sacco em que vou mettendo todas as ironias acerbas, todos os desdens professoraes, dogmaticos, eruditos, escolares, especialistas ? Entretanto, o assumpto é d'um interesse menor para o publico que me lê, e, em que isso aggrave os criticos, eu continuo a pensar que a discussão dos principios fundamentaes do pensamento de cada um é inutil. Póde a galeria divertir-se, mas nem a sciencia ganha, nem os contendores mudam. Ha graves illusões, no seio da mania parlamentar moderna, acerca do valor das discussões. Debater pessoas e derimir os meritos de cada qual, não está, por outro lado, no meu genio : o proximo nos julga a todos pelas nossas obras — para que serve moel-o com as nossas personalidades ?

Isto vem a dizer que eu deixarei de parte, não só a discussão das theses geraes, como o repellir das insinuações pessoases, para me limitar aos tres ou quatro pontos de doutrina em que eu vejo ser necessario esclarecer os textos dos meus livros, tão accorde é a confusão que os criticos fazem do que ahi se diz. Da melhor vontade reconhecerei o meu erro, se erro houver ; de mais boamente ainda elucidarei o meu pensamento. A critica exercida por pessoas competentes e serias, a critica da natureza d'aquella que se me fez, é eminentemente util a todo o que sabe dar o desconto ás coisas e joear para fóra as phrases inuteis ou excessivas em qualquer sentido, as mesuras e as ferroadas, para deixar apenas diante de si as objecções positivas e legitimas.

N'estas palavras prévias o meu proposito foi esse : limpar os artigos dos meus criticos de tudo o que não vem *ad rem*.

I

O primeiro thema das suas objecções são as definições que eu dou de Anthropologia, Ethnologia e Historia, contestando-se-me, não só a exacção d'ellas, como a sua coherencia, pois, segundo affirmam, sou contradictorio. Que haja obscuridade e falta de precisão, ou de ductilidade, em algumas paginas que tratam d'esses assumptos, não teria duvida em reconhecel-o, nem em confessional-o ; no decurso d'este estudo mostrarei, porém, não haver as con-

tradições denunciadas, e que, a serem verdadeiras, reduziriam sem duvida as minhas opiniões a farrapos, e o estado do meu espirito a uma pura toleima.

Na distincção entre Anthropologia, Ethnologia e Historia, ou, por outra, na determinação dos limites de cada uma d'ellas ha dois processos parallelos — o logico e o chronologico.

O primeiro é abstracto, nem podia deixar de o ser; o segundo é concreto, particular de um determinado povo. Quando eu digo que o periodo anthropologico se extingue ou *acaba* (logo explicarei esta expressão) com o apparecimento dos dolmens; ou quando digo que a histeria começa em Roma: refiro-me apenas, evidentemente, ao caso concreto da civilisação occidental europea; pois, do principio ao cabo, os meus livros mostram bem claramente, creio eu, não haver synchronismo entre as differentes civilisações particulares dos povos.

Mas, marcando assim eras (tanto quanto é licito n'esta ordem de coisas), quero eu dizer que, nos limites chronologicos de uma certa especie, ou de uma certa civilisação, se incluia a definição logica das tres espheras — Anthropologia, Ethnologia, Historia? Não; seria absurdo. Nenhum caso concreto pôde dar-nos uma definição logica, pois essa definição é abstracta: sae, por generalisação, da somma de todos os casos. Mas cada um d'esses casos tem em si uma parcella da verdade abstracta, porque são chimeras, em vez de abstracções, todas aquellas definições que se não podem referir á realidade concreta.

Separar nitidamente a definição logica das tres espheras a que alludimos, da sua definição concreta no caso especial da civilisação occidental, foi o que eu acaso não fiz com tanta nitidez como seria para desejar; confundir, porém, as duas coisas, para me accusar de contradicção, foi o que os meus criticos fizeram por inattenção.

Não é necessario ser-se nenhum sabio para conhecer as *edades* da archeologia prehistorica, ou as eras geologicas. Os compendios trazem todos o corte ideal das camadas que compõem theoreticamente a crusta solida do globo: ahi se dividem abstractamente as eras successivas da geologia: eis a delimitação logica. Por outro lado, a observação de um determinado terreno mostra a successão real das stratificações n'esse ponto: eis a delimitação que, por analogia, poderíamos chamar chronologica. E d'ahi resulta, como é sabido, encontrarem-se simultaneamente á face da terra os stratos mais remotos e os mais recentes, variarem indefinidamente as *chronologias* geologicas, sem por isso ser absurda, nem contradictoria, a definição logica das eras da geologia.

Na logica, a razão separa nitidamente os caracteres, desenhando typos; na realidade, ha uma confusão aparentemente inextricavel. Por isso, com effeito, não é licito di-

zer que na vida dos povos não ha *periodos* anthropologicos, ethnologicos ou historicos, como parece querer o sr. Coelho; pois se, na realidade do tempo não ha essas distincções, se tudo se somma n'uma totalidade indivisa, onde está a base concreta, indispensavel á definição logica? Se não é possivel estremar esses periodos na realidade, é logicamente impossivel dizer quaes são, não só os limites, mas até a propria essencia, de cada sciencia.

Quando eu, pois, tento marcar a passagem de um para outro periodo na civilisação occidental da Europa, e quando os meus criticos me accusam por isso, eu não faço mais do que uma referencia fugitiva, mas indispensavel á constituição do saber; e elles não fazem mais do que confundir as duas esferas a que me tenho referido, petrificando, além d'isso, expressões necessariamente latitudinarias em affirmações rigorosamente chronologicas. «A esse systema chamamos nós ethnometria: a sciencia que estuda o progresso dos povos. Na história da civilisação ha *épocas*, e por isso um *metro* ou medida. Esse metro, porém, refere-se á successão dos *estados* sociaes, sem relação com o logar nem com o tempo, não sendo, por isso, nem geometrico nem chronometrico, mas sim com relação aos momentos abstractamente evolutivos que a sciencia vae desentranhar dos factos successivos dos aggregados humanos». Estas palavras (*Raças*, II, 11), além do muito mais que fôra ocioso citar, deviam, parece-me, levar a critica a fazer-me a honra de profundar o meu modo de pensar, antes de o condemnar profunctoriamente — como vamos vêr que fez.

II

As considerações anteriores prepararam-nos o caminho para tratar com mais desenvolvimento a questão. Notei o modo como os criticos, oppondo termos de definições diversas, me accusaram de contradictorio. Não me pareceu bom o processo. Todo o critico, embora tenha opiniões suas sobre a materia, como quer o sr. Coelho, e todos quererão com elle: todo o critico, digo, deve tratar de se collocar sob o ponto de vista d'aquelle que critica, para bem o poder julgar; e deve, parece-me tambem, esforçar-se por entrar no pensamento do auctor, ainda quando elle seja confuso ou obscuro, antes de concluir para lavrar uma sentença de contradicção, que pode involver um attestado de teleima.

«Infelizmente, diz o sr. Julio de Mattos, as accusações rigorosas, mas ao mesmo tempo justissimas, que Wirouboff faz pesar sobre Topinard, Broca, Dally e outros, podemos com facilidade dirigil-as a O. M.» Uma tão nobre companhia não deixa de me honrar, dando-me uma certa

coragem e confiança. Ouçamos as accusações. Eu digo, allega com verdade o meu critico, que a Anthropologia é o estudo do homem natural ou *ante-social*; dizendo tambem que a paleontologia humana ou archeologia pre-historica são sciencias indispensaveis (sciencias dependentes, ou ramificadas) á Anthropologia. Mas, se esta é o estudo do homem-social, se a paleontologia humana não é outra coisa, «é arbitraria, conclue ovante o meu critico, a exclusão dos tempos historicos.» Quem os excluiu porém? Quem lhe disse que no homem historico, no homem actual, não ha um assumpto de anthropologia?

Eis ahi o resultado da confusão da definição logica e da definição concreta; porque *ante-social* tanto quer dizer aquillo que no tempo está *antes* da appareição funcional dos motivos moraes-sociaes, como aquelle caracter natural que fica no animal homem, qualquer que seja o valor que adquira como melecula social. A particula *ante* vale n'este caso chronologica e logicamente. Esta é a mesma confusão em que cae o sr. Burnay, accusando-me de eu dizer que a anthropologia se occupa «dos mortos e dos vivos», quando dissera (ao que lhe pareceu) que o dominio da Anthropologia coincidia com o da Paleontologia humana. Por outro lado, o sr. Rocha entende fóra de logar a «historia natural do homem» no quadro das sciencias sociaes, e a sua objecção não deixaria de ter fundamento, se eu não tivesse declarado positivamente que o meu livro era como uma introdução, e se não tivesse usado n'elle principalmente dos subsidios paleontologicos, subsidios que principiam a aclarar um tanto os problemas das origens das raças humanas. Para quem tinha de tratar d'ellas, era indispensavel partir d'ahi. O dominio ulterior da Anthropologia, isto é, o estudo monographico d'esse ramo de zoologia descriptiva, saia com effeito da esphera dos meus estudos e do plano systematico dos meus trabalhos.

Entendendo, porém, sempre que eu fazia coincidir com um certo momento o dominio da Anthropologia, o meu critico e amigo, o sr. Burnay, remata assim: «D'estas varias citações se conclue, sem sombra de esforço, que a anthropologia trata apenas do homem pre-social, pre-historico, alalo.»

Não, senhor, não trata; trata do homem em todos tempos, como animal; mas, como houve um tempo em que o homem, ainda ignorante da sociedade, obedecia apenas aos motivos e volições animaes, esse tempo é o *periodo* pre-social, periodo em que, concreta ou realmente, a Anthropologia é a sciencia que exclusivamente se pôde occupar do homem, cedendo ao depois o logar eminente á Ethnologia, ao depois á Historia. Esse periodo, comtudo, se é possível marcar-lhe datas, não vem da invenção da falla, que o critico confunde com a formação das linguas. São, parece-me — diga-o o sr. Coelho — coisas bem diversas. Por

isso a conclusão extravagante de não sei quantos milhares de annos, e de não sei que tolices em que eu incorreria, é temeraria. Esse periodo, repito parece-me poder datar-se na Europa occidental do principio da idade neolithica, em que não só os homens já fallavam, mas já devia haver as linguas que primitivamente diferenciaram as raças humanas.

D'então data, disse eu (na Europa occidental, entendamo-nos sempre), o periodo ethnologico. A esse respeito observa o sr. Coelho: «O auctor parece ter modificado as suas idéas entre a publicação da 2.^a ed. da *Anthropologia* e a da obra nova (*Raças humanas*). Naquelle, o dominio da *Anthropologia* acaba onde a historia começa; n'esta, entre a *Anthropologia* e a *Historia*, medeia a *Ethnologia*.»

Ninguem pôde envergonhar-se de modificar as suas opiniões: só as cabeças de pedra não mudam. O proprio sr. Coelho, com aquella prudencia extrema, cuja falta nota em mim: o proprio critico confessa ter mudado da theoria de Schleicher para a de Max-Muller, na glotologia. Eu, porém, não mudei; e para prova, allego o quadro que vem impresso no ante-rosto das obras e onde a classificação é identica nos dois livros; allego sobretudo o proprio texto a que o critico allude (*Anthrop.* p. 160), onde digo que principia a historia «ou antes uma proto-historia, cujos annos não escriptos, etc.» Essa proto-historia, é o dominio proprio da *Ethnologia*; é o periodo em que, aos motivos animaes anthropologicos, veem sommar-se os sociaes espontaneos, predominando os segundos sobre os primeiros; assim como nos periodos historicos predominarão os motivos racionaes sobre os animaes e sobre os espontaneos, sem que nenhuns d'estes, por se subternisarem, se extinguam.

Eis ahí o que eu tenho a oppôr a conclusão cruel do meu critico: «Ha aqui una rede inextricavel de contradicções, resultantes dos limites inteiramente arbitrarios que o A. quer estabelecer entre *Anthropologia* e *Ethnologia*, e entre *Ethnologia* e *Historia*.»

Parece-me que não ha.

Dirigindo-se mais particularmente ás *Raças humanas*, o sr. Coelho, condemnando *in toto* esse livro, principia por condemnar o titulo e a combinação das materias. Essas raças não são *humanas*, são *historicas*; reunir as raças e a civilização primitiva é desconhecer o nexo das coisas, etc. Affigura-se-me n'este ponto o meu bom critico um tanto arrastado por um espirito bravio, professoral, a que eu não chamarei inimigo, pois me confessa a sua amizade; mas que o leva até, a proposito das *Raças*, a voltar a aggreddir com os seus deostos a minha opinião acerca da *Historia* portugueza! Pois, em que pesé ao meu critico, eu não acho tão disparatada como isso a construcção do meu livro das *Raças*. Buscando exemplos, encontro, entre varios, o tratado de Brace e o livro conhecido de Peschell, *Volkerkun-*

de. Buscando argumentos, eis-aí porque me parece necessário pôr, ao lado da theoria do desenvolvimento dos elementos da civilisação espontanea ou primitiva, o quadro e a descripção das raças humanas — ou historicas, se prefere. — Todos os momentos da evolução, digo eu, se encontram em todos os povos: não cada povo, attingindo um certo momento da evolução; apresenta-nos a somma de todos os momentos anteriores; e sobre a terra encontramos povos em todos os momentos ethnometricos: por isso a descripção dos povos (ethnographia) é um commentario vivo da theoria da civilisação espontanea, collectiva ou primitiva. Esta, com a ethnographia, compõem a Ethnologia. Acha-me razão? Pois dei-a a p. LXVI do vol. I das *Raças*.

De resto, o proprio critico, depois de me accusar, confessa que o caso não tem grande importancia.

Mas já não succede o mesmo quando chegamos á questão dos limites da Ethnologia. Da bocca do sr. Coelho ouço accusações correspondentes ás que elle e os outros me fizeram com respeito á Anthropologia. «E' a *culturgeschichte* uma parte da ethnologia? Se o é, porque motivo limita o A. esse capitulo á civilisação primitiva, ao que chama embriologia social?» Essa limitação é absurda e o A. reconhece-o implicitamente, adduzindo documentos da historia inteira da civilisação dos povos que se propõe caracterisar.—Reconheço, não só implicita, mas explicitamente, como digo a p. LXIX: «... começa um periodo em que a civilisação oscilla entre os impulsos da natureza e os dictames de uma razão incipiente... A constituição positiva de uma auctoridade, o facto da organisação fixa das funcções sociaes, exprimindo a *coexistencia* de motivos racionaes já parallelos, ou até predominantes aos *naturaes-espontaneos*... etc.» Não é possível transcrever para aqui o livro.

Acerca d'esta objecção direi o mesmo que disse a respeito dos limites da Anthropologia; isto é, que os motivos ethnicos ou collectivos, motivos que surgem logica e chronologicamente depois dos animaes-naturaes, adicionando-se-lhes desde que as primeiras sociedades se constituem; que os motivos ethnicos, repito, são tão eternos como os animaes; mas que, assim como ha um periodo em que a vida anthropologica é exclusiva, ha depois outro periodo em que é predominante a vida anonyma, collectiva, espontanea e primitiva; succedendo-se aos dois o periodo historico, em que os motivos oriundos do pensamento individual e consciente predominam sobre os motivos animaes e ethnicos, que subalternizam sem os extinguirem. — Eu não sei se isto serão *farrapos*, se *cousas velhas com nomes novos*: sei que não comprehendo de outro modo o que tenho estudado, nem as censuras que se me fazem me levam a perceber-o melhor, nem peor.

Com as doutrinas de uma indeterminação absoluta, que

parece agradarem mais aos meus criticos, nem ha epochas, nem periodos na evoluçao da humanidade. O tempo apparece-hes indivisivel, e por isso incomprehensivel na sua totalidade a serie de estados humanos. Por uma ambiguidade de estylo, facil de resto a perceber, caso tivesse caridade para tanto, accusa-me o sr. Coelho de pugnar pela idéa fossil de legisladores primitivos — idéa correlativa á dos pactos sociaes que eu tantas vezes tenho condemnado; idéa com effeito fossil e já hoje repudiada pelo simples bom-senso. Mas, diz logo o meu critico: «Se esses phenomenos (os sociaes) são de desenvolvimento espontaneo, como se ha de marcar o ponto da separaçao entre o homem social e o ante-social?» Parece pois ao meu critico que, fóra da theoria fossil do legislador primitivo e do pacto-social, não ha explicação possivel? As palavras levam a crel-o, porém o contexto dos seus artigos não o deixa admittir — nem outra coisa era de suppôr.

Eu repito que é impossivel reproduzir na critica de uma obra o seu texto, e, para accentuar de um modo positivo e claro o meu pensamento, procurarei resumir em formulas breves o systema de doutrina que sigo:

I. O principio da distincção entre os estados sociaes e não sociaes humanos, ou entre os dominios da Anthropologia, e os da Ethnologia e da Historia, está nas condições mentaes dos homens. Como animaes, vivem no seio da inconsciencia absoluta; como povos, obedecem aos movimentos inconscientes ainda, mas já moraes: a esses motivos collectivos ou primitivos, conforme usualmente se diz; como nações, finalmente, são levados pela direcção dos pensamentos conscientes (tanto quanto é compativel com a natureza humana e com as condições da realidade) elaborados na mente dos philosophos e estadistas.

II. Sendo, pois, uma nação um corpo dirigido por motivos conscientes, philosophicos, ou historicos; movido por sentimentos collectivos, espontaneos ou ethnicos; e composto de homens animaes; e sendo cada individuo humano um elemento da nação — dão-se dentro d'ella factos de sobrevivencia (não fallando dos de atavismo) de duas naturezas: a) intrinsecos, pois até o mais sublime dos philosophos obedece a motivos animaes e a motivos ethnicos: motivos anthropologicos e ethnologicos; b) extrinsecos, pois as classes de uma sociedade apresentam, em combinações infinitamente variadas, todos os estados ethnometricos, desde a animalidade pura, pela barberie em que os motivos ethnicos predominam, e até ao mysticismo, em que as collocam os dogmas das religiões e os principios das metaphisicas.

Além d'isto, a humanidade, considerada no conjuncto das suas familias ou raças, espalhada sobre a terra e constituida em tribus ou nações: a humanidade apresenta-nos, descriptivamente, o quadro da evoluçao social-humana; pois achamos documentos de todos os momentos que a

compõem, da mesma fôrma que a fauna e a flora inteira do globo nos apresentam tambem quadros correlativos — sem isso impedir que haja uma paleontologia vegetal e animal, assim como a ha humana; sem isso impedir, tão pouco, que se designem épocas anteriores á actual pelos typos predominantés n'ellas, assim como nós designamos uma época anthropologica e uma época ethnologica em virtude dos motivos animaes ou collectivos inconscientes que respectivamente predominam, succedendo-se e precedendo os periodos historicos.

III. O dominio da Anthropologia é, pois, o da animalidade humana; e como, na evolução da humanidade, não se concebe que um estado exclusivamente animal deixe de preceder os estados sociaes, a Anthropologia denomina concretamente um periodo evolutivo, ao qual todavia é impossivel fixar datas. Assim nós não podemos, senão convencionalmente, fixar os limites do dia e da noite, sem que por isso dia e noite deixem de formular-se no nosso espirito como noções inconfundiveis.

Mas como, tambem, embora os homens entrem em estados sociaes, nem por isso deixam de continuar a ser animaes, a Anthropologia, que denomina particularmente um periodo, abrange no seu dominio a existencia inteira da humanidade como especie ou especies zoologicas.

IV. O dominio da Ethnographia é o das colleccões de homens considerados como individualidades que obedecem a motivos de ordem moral—a instinctos moraes-collectivos, para usarmos de um termo que no decurso d'esta critica definiremos. Como, abstractamente, na evolução da humanidade ha um periodo em que as creações dos povos proveem da espontaneidade collectiva inventora das linguas, das mythologias, do direito primitivo, etc., a Ethnologia é tambem concretamente um periodo evolutivo, chronologicamente quasi indelimitavel, mas caracterisado ethnometricamente.

Mas como, tambem, embora os povos (desde que constituem nações propriamente ditas, com instituições e religião fixas, preceitos de direito abstracto e dogmas theologicos) saiam d'esse a que chamamos periodo Ethnologico, nem por isso deixam de continuar a obedecer aos motivos espontaneos e collectivos: a Ethnologia, uma vez nascida, é concretamente tão eterna como a Anthropologia; e nem por denominar particularmente um periodo, deixa de abranger no seu dominio a historia inteira das nações. Sempre os historiadores distinguiram, e distinguirão, a parte que tem nos acontecimentos os motivos collectivos e os de direcção doutrinal, theorica, philosophica: motivos conscientes formulados pelo pensamento individual.

V. O dominio da Historia, é, finalmente, a época em que, sobre os motivos animaes e ethnicos, apparecem em sce-

na os motivos conscientes, isto é, os preceitos da philosophia expressos na legislação, a arte dos estadistas, os calculos dos politicos, ao lado dos dogmas das religiões e da influencia dos sacerdocios.

VI. E se é sem duvida impossivel marcar (dentro dos limites aproximados compatíveis com a realidade) chronologicamente estes periodos para a historia universal, pois não ha synchronismo na evolução dos diversos povos que compõem a humanidade, já hoje a sciencia permite esboçar, com maior ou menor nitidez, os limites chronologicos das diversas épocas na Europa occidental.

Aqui, parece-nos que o periodo ou época da Anthropologia vem terminar com o que em paleontologia humana se diz idade paleolithica; parecendo-nos tambem que a idade neolithica e as primeiras épocas dos metaes coincidem com o periodo da Ethnologia; e que não é improprio datar de Roma, com as suas leis das XII taboas, a era da Historia.

As revelações da archeologia prehistorica e da linguistica, principalmente, levam-nos a crer que o europeu occidental vivia na época da pedra lascada n'um estado quasi animal; se porventura a evolução que nos deu fórmas zoológicas humanas já estava consummada nos limites mais remotos a que hoje se pôdem referir os monumentos desenterrados. Levam-nos tambem a crer, por comparação com os povos archaicos ainda vivos, que, na época dos dolmens e da pedra polida, a vida dos occidentaes da Europa era essa existencia anonyma ou collectiva de tribus selvagens, como as que abundam hoje ainda pelo mundo remoto.

Mas porque dataremos a Historia, de Roma? Fazemol-o porque, não só essa cidade, famosa entre todas, se torna a primeira capital do occidente europeu congregado sob a sua hegemonia, como, principalmente, porque, na esphera particular das instituições e das idéas juridicas, são as leis romanas as primeiras que apresentam esse caracter de generalidade notado por Guizot, filho do genio de abstracção apontado por Mommsen: caracter que lhes dá o valor de como que dogmas por serem religiosas, e de preceitos por serem philosophicas,

Roma é pois, chronologicamente, a primeira das nações da Europa occidental, se dermos á palavra nação o valor de um gremio humano em cujo seio dominam, sobre todos os motivos anthropologicos e ethnologicos, os motivos a que chamamos historicos, isto é, philosophicos, racionais, ou conscientes, formulados pelo pensamento individual.

III

Esclarecidos os capitulos de accusação referentes á materia propria e á área dos dominios da Anthropologia, da Ethnologia e da Historia, vamos agora esmiuçar outra materia: a do methodo e da taxinomia. As observações dos meus criticos indicam-me a necessidade de apurar certos pontos e de accentuar traços porventura insufficientemente marcados.

Principiarei, como é de razão, pelo problema dos caracteres eminentes em Anthropologia, assumpto mais particularmente discutido pelo sr. Ed. Burnay.

Entretanto, o motivo principal dos artigos d'este cavalleiro não foi atacar a doutrina dos *Elementos de Anthropologia*. O meu critico tinha a peito rebater a analyse que eu fizera no app. da 2.^a ed. d'essa obra á sua these da *Craneologia*. Fazendo o, porém, tocou, nem podia deixar de tocar, o ponto culminante da questão de que nos estamos occupando, quando nota a *deploravel confusão* que eu faço sempre de Anthropologia e Ethnographia. «Eu digo (allega o sr. Burnay), que prefiro o methodo craneologico em Anthropologia. O M. debate esta preferencia para dizer que prefere o methodo capillar em Ethnographia.»

A «deploravel confusão» a que o meu critico allude não é minha, comtudo: é sua, é de Broca, de Vogt, de Topinard, dos anthropologos naturalistas em geral. São elles que contudem a Ethnologia com a Anthropologia, conforme se pôde vêr abrindo qualquer dos numerosos livros da especie. Ahi se encontrarão com frequencia tabellas de *pevos actuaes*, classificados e designados pelas dimensões craneanas: que é isto senão applicar o methodo craneologico á ethnographia? Contestar a razão de ser do processo, e o alcance d'essa taxinomia, foi o meu proposito já claramente exposto no texto da obra; e depois ampliado no appendice da 2.^a ed., quando a these do sr. Burnay me offereceu ensejo para voltar com mais vagar á questão.

Agora, depois do que tenho escripto, é inutil insistir mais sobre o problema dos dominios respectivos da Anthropologia e da Ethnologia: creio ter mostrado quaes elles são, na sua sucessão e na sua coexistencia. E' evidente que, zoologica ou anthropologicamente, a taxinomia não pôde lançar mão de caracteres que não sejam os *naturaes*. O sr. Burnay, com Broca e Topinard, continúa a preferir os craneanos; eu, achando que elles são eminentes em paleontologia humana, continúa também, com Muller, com Häckel, a preferir os capillares; e, como nenhum de de nós possui observações ou argumentos novos para aduzir em favor da sua preferencia, como de ambos os la-

dos ha auctoridades celebres, é evidente que seria ocioso reproduzir os argumentos que andam nos livros, prolongando inutilmente uma discussão interminavel.

O meu critico, porém, affasta-se dos naturalistas quando az suas estas palavras minhas: «Os caracteres moraes, e sobretudo as linguas, são o unico elemento solido de classificação e a base do methodo em ethnologia». Sendo assim, a nossa questão terminou, salvo a divergencia a respeito da preferencia dos craneos aos cabellos e vice-versa; e, se é verdade (o que é licito suspeitar dos seus escriptos) que o sr. Burnay reduz a área da Anthropologia á da Paleontologia humana, estaremos então completamente d'accordo, pois n'esta ultima sciencia não me parece que se possa contestar á taxinomia craneana o valor supremo e até quasi exclusivo.

O sr. Coelho, porém, acha excessivo o valor que eu dou ás linguas para a coordenação ethnogenica; e accusa-me de fallar em classificação pelas linguas, eu que não sou glotologo, como s. ex.^a é! Confessando a temeridade, não me penitenciarei do facto, porque me parece ver o illustre professor a laborar n'um equívoco. Para eu dizer com os mestres *v. g.* que o italiano é uma lingua néo-latina, e que d'essa fórma a lingua attesta a stirpe de certa gente do nosso tempo, não me parece indispensavel conhecer os segredos da phonetica e o systema de leis pelas quaes os especialistas determinam as evoluções das formas verbaes e syntaxicas. Ninguem aprecia mais do que eu a importancia d'essa sciencia, fecunda em si, maravilhosa pelos subsidios que presta; mas ninguem me convencerá da necessidade de se ser glotologo, ou linguista, para usar das descobertas e conclusões dos mestres. Seria impossivel a tarefa do historiador, seria chimerica a empreza do philosofo, se fosse licito exigir-lhe conhecimentos especiaes, escavações e descobertas próprias no fôro de todas as sciencias com cujos subsidios trabalha. O que o critico diz da linguistica, diria *v. g.* um epigraphista com a mesma razão ou, antes, com a mesma ausencia de razão; poderiam tambem havel-o dito os meus criticos medicos, pois que o meu conhecimento da osteologia é ainda inferior ao que tenho da linguistica. E se o meu critico glotologo reparar em que falla ex-professo de Anthropologia, usando da taxinomia craneana, e defendendo-a sem ser, que eu saiba, especialista em anatomia, verá a falta de fundamento da sua queixa, ou abraçar-se-ha a si comigo na mesma culpa.

Mas, para me dar as suas palmatoadas magistraes, o meu critico exaggerou, se não alterou positivamente, o que se diz no livro das *Raças humanas*. Principia por me condemnar pelo facto de eu chamar caracter *natural* ou *physico* á linguagem, seguindo a doutrina de Schleicher, que Häckel tambem desposou—e não apenas ignorantes, ou nullos! Se, com effeito, eu tivesse seguido a theoria de

Schleicher, a sociedade em que me encontraria não seria pois tão somenos — nem tão grave a falta, quando o meu proprio critico confessa que até elle a commetteu outr'ora! N'um logar digo (x. p. 3) que a linguagem é um caracter como que *phísico*; (p. 24) que é como os *caracteres phísicos*. Quem pode inferir de taes expressões uma adhesão a doutrina de Schleicher?

Está-me parecendo até que qualquer, lendo taes expressões, inferiria d'ellas a opinião contraria. Se uma coisa é como outra, evidentemente não póde ser identica a essa outra. Se o meu critico me permite ter ao menos esta opinião, no dominio de assumptos que estuda com tão reconhecida capacidade, eu direi que nunca percebi muito bem a famosa questão de saber se a linguagem constitue uma sciencia natural ou social. Seria demasiado longo desenvolver aqui este thema; entretanto, é fóra de duvida que a emissão de sons articulados, sem os quaes não ha lingua, é um facto *natural* ou organico; sendo não menos indubitavel que o significado das palavras, a psychologia da falla, é um facto de ordem moral e constitue por isso uma sciencia social. Qual dos dois factos é *anterior*, n'um sentido philosophico? Eis ahi onde a questão surge. Da mesma forma succede quando pela primeira vez apparecem phenomenos vitaes em determinados aggregados de materia inorganica; e do mesmo modo uns dizem que o facto novo é um *resultado*, outros que é uma *novidade*, isto é, uma potencia nova da força universal.

Verdade, eu sigo, com o meu illustre critico, a segunda opinião, quer no caso da falla, quer no da vida. Vou com o kantista Max Muller; aceito a sua doutrina do caracter racional de muitas raizes; é dou o valor devido ao facto da transmissão de linguas sem transfusões de sangue ou cruzamentos. A lingua apparece-me, não só como um caracter social, mas tambem como a caracteristica da humanidade: não no facto physico da emissão dos sons, nem da construcção das onomatopeas, mas sim no facto racional da invenção das raizes abstractas. O homem é o animal que falla, pois é a unica *especie* racional. Chamando á lingua como que natural, tinha apenas em vista indicar este caracter especifico — segundo qualquer póde verificar no texto que o meu critico leu decerto com uma precipitação menos admissivel, parece-me, em pessoa tão exigente. «Não ha pensamento sem falla» dissera eu na *Anthropologia*, fazendo assim jus a uma ironia do sr. Burnay, que me pergunta se os mudos porventura não pensarão. Ora um homem a quem uma lesão inutilizou a larynge pensa e não falla, mas o surdo-mudo, classificado como exemplar do alalo por atavismo, póde affirmar-se que não pensa humanamente, isto é, que não é dotado de rasão. — Eis ahi como um auctor é simultaneamente accusado por «ter cão e não ter cão» conforme diz o povo. Um critico exprobra-me

o considerar as linguas caracteres physicos; outro accusa-me por as julgar character racional!

Um critico applaude-me quando considero as linguas um traço eminente para a ethnogenia e para a ethnographia, isto é, para a filiação e classificação dos povos; outro critico entende, «apezar de glotologo,» que eu errei dando ás linguas esse valor. O ethnographo Muller, cuja classificação eu segui, parte dos caracteres capillares, diz-me desnecessariamente o sr. Coelho, porque isso mesmo diz o meu livro; mas esses caracteres capillares dão apenas 4 typos, e Muller extráe d'elles 12 raças naturaes de homens — ou especies, como lhes chama Häckel. Os quatro typos capillares não podem pois servir, por si sós, para constituir doze raças primordiales distinctas. Dentro de cada uma d'essas raças, o ethnographo da *Novara* enumera ao depois os typos linguisticos irreductiveis que a compõem. «Devemos, pois, desprezar todos os caracteres physicos e admittir tantas raças, quantos os typos ou troncos glottologicos julgados irreductiveis?» pergunta o meu critico, insinuando, creio, ser essa a minha doutrina. Não; respondo-lhe eu, como elle responde; não, conforme expressa e claramente o diz o texto em mais de um ponto. «Utilisaremos, passando, todos os subsidios que a sciencia nos presta; apontando pela *lingua* a stirpe, pelo *meio* as condições, esboçando as *physionomias*, caracterisando as *regiões*, etc. «Assim me exprimi nas *Raças* (1, p. 26) e já na *Anthropologia*, noticiando a *Revista* do sr. Coelho (App. vii, na 2.^a ed.), dizia com elle que «o processo tem de abranger os phenomenos moraes e os physicos.»

No programma d'essa *Revista* o meu critico punha ao lado do estudo dos caracteres physicos, da paleontologia e da actualidade; «o estudo de todos os vestigios das linguas falladas na Peninsula.» Ora, se a lingua, por passar de boca em boca, sem alteração do sangue de quem a falla, não vale para a ethnogenia, como das censuras que me dirige pareceria inferir-se, que utilidade ha no estudo d'esses vestigios para a determinação da ascendencia dos actuaes habitantes de uma região? No desejo de me castigar, o meu critico foi além dos limites da sua propria opinião. E, em resumo de tudo o que se disse, creio apurar-se que todos os caracteres são convenientes e todas as classificações provisórias. Assim o diz o meu critico, e assim o digo eu tambem. Entre varios quadros systematicos da população do globo, escolhi o de Muller; e não é o sr. Coelho quem pôde contestar o fundamento da preferencia, elle que confessa o valor excepcional da obra do ethnographo de Vienna.

«Metter a foice em seara alheia» é porém coisa que muitos levam a mal; e acaso o critico entendeu que eu lhe invadia os reinos, dando ás linguas um papel eminente no conjuncto de caracteres actuaes, por via dos quaes se deve

buscar a ascendencia de um povo determinado. Veiu d'ahi a crueldade com que me tratou? Não é de crêr; porque para o pensador não ha searas vedadas; o campo da sua observação é tão vasto como a seara infinita do pensamento humano e das sciencias especiaes.

E' como um ceifeiro, aquelle que abrange nas suas cogitações o conjuncto systematico dos phenomenos. Vae á seara de cada qual, mette a foice e das espigas reunidas fórma os feixes. Tenha a foice bem cortante e o olhar bem educado para não confundir o joio com o trigo: eis ahi o que se lhe deve exigir! Venham os especialistas dizer depois se os exemplos são genuinos, e as provas bem escolhidas. Por isso eu me applaudo vendo que nas censuras dos meus criticos, não ha contestação de factos, pois confessam que eu conheço os bons auctores e trabalho com materiaes sãos; embora concluam que de tudo isso extraio «farrapos» e coisas velhas com ares de novas! A opinião é livre, e n'esses «farrapos» creados pelo meu pensamento, o tempo dirá se ha ou não tecido de verdade. Só o tempo é juiz em assumptos d'estes!

Só elle sentença nos debates que versam sobre as conclusões theoricas. Impugnar o parecer alheio com doestos e inaginar que se venceu, por isso que se maisinou, é um engano. Eu adoro a franqueza, mas detesto a grosseria. Adoro a rudeza e até a violencia, quando se tratam questões praticas, em que os interesses, os caprichos e as paixões dos homens, entram em jogo; mas nas questões do pensamento e do saber, esphera superior e pura, não percebo a intervenção de sentimentos que não sejam a candidez e até a caridade. Chamam-me ignorante: paciencia! Eu, que não sou official maior, nem menor da secretaria da sapiencia, não retorquirei chamando pedante a ninguém.

Entretanto, para resalva minha e socego d'aquelles que me distinguem, lendo-me, direi que o valor eminente das linguas na determinação da descendencia dos povos não é apenas uma invenção da minha ignorancia. Não. Sabios e dos melhores, glotologos e não glotologos, dos mais velhos e dos mais novos: ha muitos que pensam assim. Para concluir este capitulo da minha defeza, porei aqui este texto do celebre Latham: «A reasonable philologist makes similarity of language strong — very strong — *prima facie* evidence in favour of community of descent.»¹

¹ «Mas, observadas todas as regras de prudencia critica, ninguém, se não os que formarem idéa exaggerada da persistencia dos caracteres phisicos, porá de parte a lingua como meio de classificação, ou tratará de levê os resultados das investigações philologicas da actualidade. Mas quando a comparação das linguas der resultados inconsistentes com os caracteres de raça, forçosamente temos de suspeitar uma mistura de sangue.» — Oscar Peschell, *The races of man*, 1876, p. 130-1.

IV

Nos capitulos precedentes ventilámos, primeiro a questão dos dominios e objectos proprios das sciencias que dizem respeito ao homem, depois a questão do methodo adequado a cada uma d'essas sciencias. Preparado assim o espirito do leitor, podemos agora entrar na discussão dos pontos essenciaes impugnados, e apreciar se, com effeito, as doutrinas formuladas nos meus livros merecem a condemnação dos criticos.

Diz o sr. Coelho : Uma differença capital que se encontra na divisão e coordenação das sciencias que respeitam ao homem, provém de que o homem de um lado se acha ligado ao reino animal, de outro offerece um complexo de manifestações de actividade que se tornam o objecto de uma sciencia considerada como fundamentalmente distincta da zoologia — a sociologia : ora os limites do estudo do homem sob o ponto de vista zoologico e sob o ponto de vista sociologico são difficeis de traçar.»

Eu não posso debater agora a questão de saber se ha ou não ha um corpo de doutrina e um systema de casos homogeneos que constituam uma sciencia chamada sociologia : para mim entendo que não ha, havendo, sim, um corpo de sciencias sociaes paralelo ao corpo das sciencias da natureza. Este thema, não póde ser discutido aqui, onde respondo ás censuras dos meus criticos, sem querer por modo algum complicar a *resposta* com uma analyse das suas opiniões.

Entretanto, e mui summariamente, observarei que se ha series de factos coordenados com uma constancia e uma generalidade bastantes para se formularem normas de desenvolvimento, isto é, um systema scientifico

a) das relações das sociedades com o logar : Mesologia :

b) da creação e fomento da riqueza : Chrematistica ;

c) da structura mental religiosa : Mythologia :

d) da constituição social juridica : Nomologia ;

se se póde, pois, dizer que os phenomenos collectivos humanos são susceptiveis de comprehensão scientifica em cada um dos ramos ou especies sob que se nos apresentam : não me parece que seja possivel encontrar dentro dos limites da sciencia a fomula de comprehensão da vida social no seu todo, isto é a sociologia.

Se observamos os factos, vemos que não ha correlação nem synchronismo no desenvolvimento real simultaneo dos quatro ramos, series, ou especies acima indicados. A China, que, mythologicamente, é *primitiva*, attinge chrematisticamente o grau mais eminente a que a podia levar o conhecimento obtido nas artes mechanicas. O Egypto, que deveu aos nateiros do Nilo a rasão da sua opulencia remota, caiu na miseria mesquinha, embora o rio famoso se não tivesse seccado. Os exemplos poderiam multiplicar-se indefinidamente. Os factos depõem contra a constancia e normalidade de desenvolvimento conjuncto e correlativo das funcções da sociedade humana, e portanto, contra a noção de sociologia.

Os inventores d'esta pseudo-ciencia são os naturalistas que, negando ao pensamento humano uma *vis propria* e original (isso a que eu, com escandalo dos criticos, chamo *razão*, á antiga), reduzem *ipso facto* a sociologia a um ramo da zoologia, e o estudo do homem ao estudo de uma especie animal, que em nada se distingue essencialmente das outras especies animaes. Sem apreciar agora uma tal opinião, convém observar que esta concepção da sociologia (a dar á palavra o seu valor rigoroso) é erronea e incoherente, porque sendo o homem um animal entre muitos, o estudo das suas sociedades não póde logicamente isolar-se do das sociedades animaes, desde o polypo até á colmeia. Sob um tal aspecto a sociologia, em vez de ser o ramo particular da zoologia humana, deveria ser o ramo da zoologia gèral que tratasse dos animaes considerados nas suas agremiações.

Nenhum naturalista poz ainda a questão n'estes termos, que me conste; e os *sociologos* são de facto philosophos, e a *sociologia* não passa de edição nova d'aquella especie de especulações, a que ha meio seculo se chamava *philosophia-d'historia*. Então, sob o dominio das idéas espirituallistas do christianismo, ou do idealismo allemão, construíam-se theorias quanto a mim tão chimericas como as que agora Bagehot, Buckle, Spenser, inglezes quasi exclusivamente, teem feito, obedecendo áquillo que, no seculo passado, se dizia sensualismo, e hoje, em vez de materialismo, se inculca como positivismo. Então e hoje, e sempre, a theoria do desenvolvimento das sociedades humanas, no conjuncto das suas funcções, é materia de especulação philosophica, e não objecto de sciencia, embora os estudos accelerem diariamente a constituição positiva das varias sciencias sociaes.

Essas sciencias estão para a philosophia da historia, como as sciencias chamadas naturaes estão para o que tambem se diz philosophia da naturezp.

A linha divisoria d'estes dois grandes grupos de sciencias está, quanto a mim, no character particular e *novo* que apparece em scena com o apparecimento da sociedade hu-

mana — desde que o homem, emergindo dos limbos da animalidade, saído do dominio exclusivo da Anthropologia (ou zoologia humana), é o vehiculo de uma razão que, incipiente e inconsciente, se manifesta em linguas, em mythos, em symbolos, em rudimentos de instituições, em esboços de conquistas economicas e mechanicas, para mais tarde se manifestar consciencemente na moral, no direito, na auctoridade, no governo e na protecção economica, reagindo, e como que oppondo-se á natureza, donde sae e que domina.

Dito isto, ou antes, apontado apenas, pois a vastidão do assumpto fica estrangulada nos limites do espaço, voltemos aos criticos.

Os naturalistas, como o sr. Mattos, o sr. Burnay, o sr. Rocha, negam muito naturalmente *in limine* o fundamento de um tal modo de pensar, considerando a distincção do reino hominal uma chimera *metaphisica*. O sr. Coelho, porém, não. Elle acha difficéis de traçar os limites entre a Anthropologia e a Sociologia (assim se exprime), parecendo, por tal fórma, oppôr-se-me; embora ao depois formule a theoria d'estes limites por um modo que vamos observar, e embora essa theoria seja, afinal, precisamente identica á minha.

O traço novo e distinctivo do homem no seio da animalidade de onde emerge é, disse eu, a razão; e o meu critico ri-se do alto da sua sabedoria. «A velha distincção de animal racional e animal irracional diria o mesmo. Mas que é a razão?»

Pergunte-o o critico a Kant, pergunte-o ao kantista Max Muller. Essa *velha distincção* é exactamente aquella que Max Muller nos seus estudos anti darwinistas encontra entre o homem e os brutos documentada pela invenção das raizes abstractas. Se o leitor quizer recorrer á *Anthropologia* (p. 115 e segg. da 2.^a ed.) ahí verá a exposição d'esta doutrina contra a qual o critico se insereve, para afinal nos vir dizer que é tambem a sua. Tanta é ás vezes a obcecção no proposito de ver defeitos no proximo!

«A distincção entre natureza e espirito deve ser depositada, affirma o critico, como tantas outras, no museu das curiosidades das épocas metaphisicas.» Não digo que não, se ao *espirito* se dê aquelle valor mythologico a que sem duvida se refere o sr. Coelho; se, porém, interpretando essa palavra antiga, em vez de a refutar com um desdem moderno, virmos no *espirito* o principio activo e aquelle estado de força, no qual ella revela ao homem as noções racionais abstractas, não me parece que o museu das curiosidades das épocas metaphisicas (e que épocas deixam de o ser?) ganhe com isso. Vejamos, pois, que descoberta, que novidade, vem substituir a «distincção velha» adoptada por mim com tamanha cachexia de pensamento.

«As sociedades animaes, diz o critico, não excedem nun-

ca um typo que basta para as necessidades dos individuos e conservação da especie.» As sociedades humanas são, pelo contrario, progressivas e inventivas. As descobertas scientificas, as noções da moral abstracta, as formulas do direito philosophico, etc., eis abi os phenomenos que o meu critico (e eu, sem a minima duvida, com elle) reconhece como *novos* na sociedade humana, dando-lhe uma variedade de typos incognita entre as sociedades animaes.

«Achamos assim, conclue, uma distincção fundamental entre as sociedades animaes e as sociedades humanas.» E' já uma conquista a meu favor perante as censuras dos meus criticos naturalistas: perante a opinião do sr. Julio de Mattos, que con idera *acquisições* essas faculdades novas.

Acquisição, porém, é evidentemente uma expressão muda, enquanto se não disser *de que fundo* se adquire. *Ex nihilo nihil* é um axioma do senso commum, e um d'estes dogmas contra os quaes se rebellará em vão toda e qualquer metaphisica — incluindo a positivista! O texto de um critico responde á opinião do outro. Diz o sr. Coelho: «Lançamos ao campo duas sementes: uma deu-nos uma arvore gigante, outra uma herva rasteira: concluimos, por ventura, que a differença proveiu de méros accidentes? Não. Affirmamos logo que a differença está contida virtualmente nas sementes; que a semente da arvore só póde ser arvore por aquisição sobre o solo e sobre a athmosphera, mas que nunca a semente da herva daria a arvore, nem a da arvore a herva. Assim, se a sociedade humana apresenta caracteristicos que não descobrimos nas sociedades animaes, é porque elles estavam contidos virtualmente nos primeiros homens, na primeira sociedade, e não o estão nos animaes.» Adiantamos, pois, outro passo; consagramos outra conquista. Ha, portanto, um principio mental particular ao homem, principio que é a fonte das *invenções* sociaes humanas. Diz-nos o critico qual elle é? Diz.

«Linguagem e pensamento não são identicos: póde haver, ha, pensamento sem linguagem; mas a linguagem revela o processo intellectual na fórmula particular que distingue o homem dos outros animaes. O elemento immediato da linguagem humana não é a palavra — um grupo phonico isolado; n'esse caso a linguagem humana não se distinguiria dos meios de expressão animal. Esse elemento immediato é a *preposição*: aqui está o nó do problema. A preposição manifesta que o homem decompõe em *noções* ou *conceitos* as intuições; enuncia predicativamente qualidades, modos de manifestações de coisas.

«O animal conhece:

| | |
|----------------------|------------------|
| uma egua que corre | } isto é, não se |
| um homem que corre | |
| um cavallo que corre | |

«O homem conhece:

| | | | | |
|------------------------------------|---|------------|---|-------------------------------------|
| homem animal agua cavallo | } | que correm | { | isto é, genera- lisa e abstrae.» |
|------------------------------------|---|------------|---|-------------------------------------|

A pag. 115 da 2.^a edição *Anthropologia*, dizia eu, esboçando a psychologia da linguagem: «Ferido o cerebro por uma impressão externa, a intelligencia acorda e como que disseca o facto apercebido pelos sentidos, creando uma segunda especie de realidade, — a abstracta, etc.» Mettendo a foice na ceara alheia da glotologia, desconfio ter dito, ensinado por Max-Muller, exactamente o mesmo que o critico expõe, dizendo-nos *ex-cathedra*: aqui está o nó do problema! O leitor incauto poderia ter sido levado a crer que eu pensava o contrario,

O *nó do problema*, disse eu, é a Razão; é a Preposição, diz o critico. Deixemo-nos de saber qual é a mais *nova* ou mais *velha*, se a razão na psychologia, se a preposição na grammatica, para apreciar apenas qual das duas palavras deve merecer a nossa preferencia. Os velhos diziam: o homem é um animal racional; o sr. Coelho quererá que os novos definam assim: o homem é um animal preposicional! Ninguem ria d'esta extravagancia, porque, no fundo, o pensamento do critico é exactamente o dos velhos. Elevar a preposição á categoria de *origem* do raciocinio abstracto é um absurdo, que ninguem attribuirá ao critico, o qual como glotologo, apenas marcou o signo linguistico do phenomeno psychologico. Se o homem formula uma preposição, é porque a elaboração do seu cerebro o levou previamente a generalisar e abstrair. Ora pois, como denomina o critico a faculdade que dá taes phenomenos? ou como denomina genericamente esses phenomenos mentaes particulares do homem? Eu digo Razão; o critico poderá dizer a palavra que lhe aprouver, mas essa palavra novissima será sempre um synonymo da tal velharia.

O singular em tudo isto é, pois, que o critico, parecendo contradizer-me, apoia-me e apenas inverte o processo de exposição da doutrina. Ha na sociedade humana factos originaes, esses factos hão de necessariamente provir de uma faculdade tambem nova, essa faculdade nova é a de generalisar ou abstrair: isto diz o sr. Coelho. Ha no homem uma razão, que se manifesta no pensamento abstracto, o qual gera as instituições, a sciencia, a philosophia, etc., disse eu. Onde está a differença?

Com effeito! O critico não denomina razão, como Kant ou Max-Muller, essa faculdade que o homem tem de generalisar, ou abstrair; e eu faço-o: eu atrevo-me a dar um nome velho a uma coisa tão velha como o homem, tão eterna como elle, mas que, innominada, ficará *nova* — segundo parece.

Singular preocupação esta do modernismo! Ha gente que imagina ter principiado com elles o pensamento humano, assim como, no adagio francez, ha quem todos os dias descubra a America! Chamarem-me *velho* não me doe a mim — se eu sou *um metaphisico*! Velho é tudo o que eu digo; apenas remoçado, afirma o sr. Coelho: velha «a idéa metaphisica das predestinações» allega o sr. Mattos, que é evolucionista — coisa que tambem eu sou, embora de um modo meu proprio e velho! Elle é evolucionista e philosopho de profissão, e, entretanto, concebe evolução sem predestinação, ou por outra, evolução sem destino, evolução ao acaso, evolução determinada apenas pelas condições externas — isto é, o contrario, positivamente, da idéa de evolução, na qual uma semente contém em si virtualmente, como destino, a flor e o fructo! Pois não ha predestinação no ovulo d'onde sairá necessariamente um homem, e nunca outra especie de animal? Não haverá predestinação no primeiro movimento da força obscura, contendo em si, virtualmente, todos os typos dynamicos até ao derradeiro: até ao typo racional que, por fim consciente, define o Universo?

V

No artigo precedente discorreremos ácerca da natureza do character distinctivo da especie (ou especies) humanas, e, abonados com a auctoridade de um dos criticos, verificámos o fundamento da definição antiga do homem — um animal racional.

Cumpre-nos agora proseguir o nosso estudo, apreciando os argumentos dos naturalistas darwinistas e materialistas, que enviam systematicamente para o campo das chimeras a noção de uma especie particular de força, ou da força manifestada na rasão humana de um modo *sui generis*, de um modo novo e imprevisito, condemnando assim *in limine* uma sciencia positiva: a psychologia.

Ora antes de entrar no assumpto e para lhe preparar o terreno, transcreverei aqui umas paginas eloquentes — especie de genesis dynamista, cujo colorido e cuja força illustrarão mais o leitor, do que o faria a minha prosa. Dizem assim: «Os esqueletos das montanhas parecem-nos inertes, porque os nossos olhos estão habituados á vegetação mobil das planicies; mas a natureza é eternamente viva e as suas forças combatem nos sepulchros de granito

e neve, tanto como nos formigueiros humanos, ou nas florestas mais possantes. Cada parcella de rocha comprime ou repelle a sua vizinha, a immobilitade apparente é um equilibrio de esforços: tudo lucha e trabalha, coisa alguma vive inerte e massiça. Esses penedos, que á vista parecem uniformes, são aggregados de atomos distinctos solicitados por attracções innumeradas e oppostas, são labyrinthos invisiveis onde se elaboram transformações incessantes, onde fermenta a vida mineral, tão activa e mais grandiosa do que outra qualquer.

«Que vale a nossa vida encerrada no ambito de alguns annos e na lembrança de alguns seculos? Que somos nós, senão uma excrescencia passageira formada por um pouco de ar condensado, expellido uma vez por uma fenda da rocha eterna? Que é o nosso pensamento, tão grande em dignidade, tão mesquinho em potencia? A substancia mineral e as suas forças, são os verdadeiros senhores do mundo. Penetrae abaixo d'esta crusta que nos sustenta até ao cadinho de lavas que nos toleram. E' ahí que se debatem e se desenvolvem as grandes potencias: o calor e as affinidades creadores do solo, e das rochas que nos alimentam a vida, e, dando-nos o berço, nos preparam o tumulo.

«Essas penhas são o primeiro pensamento e o mais vasto desenvolvimento da natureza. Existem da mesma fórma que nós, e nós devemos reconhecer n'ellas os nossos paes e os nossos maiores.

«Todavia, ha castas na familia. Eu sei que sou apenas um atomo: para me esmagar basta um d'esses penhasecos; um osso de meia pollegada de grossura é a couraça miseravel que defende o meu pensamento do delirio e da morte; toda a minha força e toda a força das machinas inventadas no decurso de sessenta seculos não bastam para arrancar uma lamina da codea mineral que me supporta e me alimenta. E, todavia, no meio d'esta natureza omnipotente eu sou alguem. Se entre as suas obras me vejo a mais fragil, vejo-me tambem a derradeira, e em mim vem terminar o systema da criação. E' em mim que ella attinge o ponto indivisivel em que se concentra e se acaba; e este espirito, pelo qual ella se conhece, abre-lhe uma via nova, onde se reproduzem as suas obras, onde se imita a sua ordem, penetrando a sua structura, sentindo a sua magnificencia e a sua eternidade. Esse espirito abre um novo mundo que reflecte o outro, reflectindo-se tambem a si proprio, e que para além de ambos descobre as leis eternas que lhes são communs.

«Morrerei amanhã, mas durante um dia pensei, e no recinto d'este pensamento comprehendí e incluí a natureza e o mundo».

O texto que transcrevi não é, como se vê, de nenhum na-

¹ Taine, *Voyage aux Pyrenées*.

turalista, nem glotologo professo : é de um philosopho que reune a qualidades distinctas, sem serem talvez eminentes, dotes litterarios singulares. N'esta pagina o auctor do tratado da *Intelligencia* excedeu, parece-me, a medida ordinaria da sua capacidade. Os seus periodos eloquentes pintam-nos as modalidades typicas da força, esboçando n'um quadro o que, por exemplo, Quatrefages nos dá n'uma theoria.

Sem deixar de ser essencial ou racionalmente identica, sem perder a unidade, a Força apparece-nos como uma serie de typos distinctos, momentos inconfundiveis, ou cathogorias, das quaes a gravitação é a mais elementar, e a razão a mais eminente. Nós concebemos pois o Todo como uma abstracção, mas scientifica ou positivamente só o podemos perceber em cada uma das suas partes ; d'onde se infere que para a sciencia ha *forças*, e para a philosophia *força*.

Se o leitor o consente, expomos n'uma formula summaria a serie dos typos, ou momentos dynamicos, para assim deixarmos infeiramente esclarecido este ponto. Esses typos são :

- I no mundo inorganico
Gravitação, Ethero-dynamia.
- II no mundo organico
- | | | |
|--------------|---|----------------------------|
| a) VIDA | } | vegetal, ou a-consciente. |
| | } | animal, ou in-consciente. |
| b) INSTINCTO | — | animal e humano. |
| c) RAZÃO | } | espontanea, social-humana. |
| | } | reflectida, individual. |

Na passagem do mundo inorganico para o organico observa-se a definição da Vontade ; e na da cathogoria vital para a instinctiva, apparece a *Intelligencia*, isto é, a propriedade de sentir e reconhecer a propria vontade, como impulsos instinctivos, ou como postulados racionais. Vontade, intelligencia e instinctos organicos, são pois communs aos animaes e aos homens ; só estes, porém, nascem dotados dos instinctos moraes, que desabrocham espontaneamente nos periodos genesiacos da historia, para se definirem racionalmente em concepções abstractas, que tornam o homem culto, segundo a phrase classica, o rei da criação.

Este modo de conceber a força, multiplamente typica no seio de uma unidade essencial, eis-ahi o que os meus criticos naturalistas, o sr. Augusto Rocha e o sr. Mattos, não consentem ; e por isso negam a determinação das fronteiras do reino humano no seio da animalidade, ou a distincção fundamental entre o homem e os brutos, nos termos

¹ Taine, *Voyage aux Pyrenées*.

em que a deixámos assente. Vale-me, porém, em taes apuros outro critico, egualmente naturalista, o sr. Burnay, quando diz que «como causa dos varios phenomenos que a astronomia, a phisica, a chimica, estudam, a força adquire um caracter *sui generis*, tornando-se em principios activos distinctos». E' precisamente o que eu penso, e o que digo, não por virtude de experiencias ou observações minhas, mas pelo ter aprendido da boca de mestres, como Cournot, Quatrefages, Claude Bernard e outros: o numero é legião! Ora, se, em cada um dos seus *typos*, a força apresenta caracteres *sui generis* e principios activos distinctos, é evidente que a sciencia não póde mostrar a deducção d'esses typos successivos: é evidente que em cada um d'elles se nota uma *novidade*, que não é uma amplificação, ou uma aquisição, ou um desenvolvimento dos anteriores; embora tão pouco nós não possamos tambem conceber a totalidade das coisas senão como uma serie e uma evolução. N'este caso, porém, falla a nossa razão abstracta, ao passo que no anterior fallava apenas o nosso saber positivo. Por isso a theoria da evolução, como todas as theorias, é metaphysica; por isso tantos homens de sciencia, e com argumentos irrespondidos (e irrespondiveis nos limites da sciencia positiva) negam a realidade do evolucionismo.

Foi n'este sentido que eu disse ser insufficiente e inadequado o argumento da adaptação darwinista. A semente de uma herva ou de uma arvore, nunca poderão produzir indifferentemente arvores ouervas, embora as condições externas favoreçam ou dificultem, permittam ou não permitam, modifiquem ou não modifiquem, o desenvolver do germen em que está virtualmente o ser futuro, que obedece a uma predestinação, seguindo o traçado de uma linha prescripta inherentemente. Objecta porém o sr. Burnay que «resumir (o darwinismo) á adaptação é erroneo: é desconhecer a coadjuvação da lucta-para-a-existencia, permittindo a posterior expansão dos caracteres victoriosos, e a que lhe resulta da fixação especifica que atravez das gerações lhe traz a hereditariedade». Pensou bem o meu critico no que escreveu? meditou com vagar sobre o valor expressivo dos dois phenomenos da concorrência-vital e da hereditariedade? achou n'elles principio ou motivo irreductivel á adaptação? Eu, pensando, meditando, não encontro. A hereditariedade, como a palavra o diz e o critico o expõe, não possui em si valor expressivo, pois não traduz mais do que um processo de transmissão: fixa os caracteres adquiridos, mas ninguem dirá que os determine, ou que os invente. Deixemos pois a hereditariedade em paz, porque não vem ao caso. Da concorrência-vital direi o mesmo: porventura determina ou inventa ella caracteres? Não; dá apenas a victoria aos mais adequados, condemnando á extinção os outros. Que é isto senão uma adaptação, e até uma adaptação mesologica?

Força é pois continuar a exprimir pela palavra adaptação o systema das leis darwianianas; e não encontro argumento que me leve a aceitar a doutrina que dá á adaptação (reconhecidamente activa como cooperante) a eminença expressiva de causa, e o valor de principio na evolução dos sêres. Parece-me illogico e até incoherente, esse modo de raciocinar. Estas palavras acabam de responder á interrogação do critico, quando diz: «Não posso deixar de perguntar a mim mesmo que estímulo levaria O. M. a vir emprehender na Anthropologia reformas, que em nada fizeram progredir os nossos conhecimentos, que apenas servem para perturbar a nitidez das idéas, a systematisação dos factos e o rigor da linguagem». Ora succede com frequencia, hoje, que esse rigor, essa systematisação e essa nitidez, não passam de apparencias. Acha o critico inutil desmanchar illusões? Não acha; e a melhor resposta que eu podia dar á sua pergunta, encontro-a no texto dos seus proprios artigos. Lê-se ahi: «Ainda que transformista e evolucionista, O. M. é tambem por esse reino (o hominal, de Quatrefages e outros), o que o não impede de dizer que zoologicamente constituimos uma familia, que é a primeira na ordem dos primatas, etc. Aqui parece haver contradicção, mas não existe realmente: a doutrina harmonisa-a na distincção que, como já vimos, faz entre o homem natural, animal ou ante-social, e o homem moral e social — theoria certamente mais completa do que a dos outros hominalistas». Ora pois; se a minha theoria é mais completa, força será ao critico concordar em que alguma coisa se ganhou «emprehendendo reformas na Anthropologia», para me servir das suas expressões.

Que distincção é essa entre o homem an e-social e o social? Se o leitor seguiu attentamente o fio do nosso discurso, sabe qual ella é: são as manifestações d'essa faculdade de generalisação ou abstracção, faculdade que existe nos homens e se revela conjunctamente com os phenomenos sociaes moraes—linguagem, mythologia, instituições: origem, condição, ou apenas vehiculo da razão, conforme se quizer pensar ácerca do problema das relações de causa e effeito. Anteriormente ao apparecimento d'estes phenomenos, o homem é uma especie de bruto, apenas dotado de instinctos como os outros animaes, se porventura a um tal sêr é licito dar já um nome de que tem apenas o aspecto externo. Com effeito, parece demonstrado que, entre o anthropoide e o homem nosso semelhante, é impossivel achar viva a transição; sendo certo que já nos infimos homens, ainda os menos sociaes ou racionaes, se encontram rudimentos de razão, desconhecidos no brutos.

Mas, se os criticos a que respondo não admittem distincção entre a physiologia e a psychologia, como admittiriam a distincção entre o instincto e a razão? «O instincto não passa de uma acquisição mental, diz-nos o sr. Burnay,

primitivamente adquirida pelos sentidos e reagindo deliberadamente pela vontade em actos animaes, os quaes, repetidos e perpetuados pela imitação, e mais tarde pela hereditariedade, se tornam finalmente inconscientes, espontaneos, automaticos.»

Admittamos esta definição, embora insufficiente, porque não inclue os instinctos organicos, como a defeza, o alimento, a procreação, etc.; admittamola, contudo, pois em summa nos parece verdadeira, quando a reduzamos a termos mais genericos: o instincto é o principio dos actos voluntarios inconscientes.

Como se deduzirá, pois, a razão do instincto? como sae do habito irreflectido, por mera amplificação, a faculdade de abstrair e generalisar? Não; é força reconhecer que se nos depara, na faculdade nova, uma novidade dinamica, superior á cathgoria da vontade que o meu critico, e eu com elle, damos como fonte do instincto.

Todavia, o sr. Burnay increpa-me por eu attribuir intelligencia aos animaes, dando assim logar a uma inconsequencia, que só existiria se porventura intelligencia e razão fossem para mim synonymos. Não são. A intelligencia é aquella faculdade que dá a todo o ser voluntario a propriedade de comparar, escolher e decidir entre o que observa, imprimindo nos actos e volições um cuho de reflexão mais ou menos rudimentar. A Intelligencia, conforme n'este mesmo artigo já notámos, abrange em si as duas cathgorias do Instincto e da Razão, da mesma fórma que a Vontade inclue a triada dinamica do mundo organico.

Não ha, pois, uma trichotomia Instincto Intelligencia-Razão, conforme mais de um psychologo tem proposto; e por isso, quaesquer que sejam os exemplos de intelligencia dos brutos, nunca de tal modo se eliminará a linha divisoria do reino dos homens. O animal compara e escolhe exactamente como o homem, e ás vezes com uma perspicacia superior: d'ahi se infere que a vontade e a intelligencia são communs a toda a animalidade, incluindo a humana. Tambem o homem tem instinctos como os brutos; mas nenhum bruto possui a faculdade de generalisar e abstrair, porque nenhum animal, senão o homem, é dotado de razão. Eis ahí o foro exclusivo, a faculdade eminente com que a natureza o dotou: privilegio tão singular, que nos dá a liberdade de fazermos de nós mesmos o assumpto do nosso estudo! Depois de uma lenta evolução, vê-se uma involução subita; e o homem, no topo da grande escada mysteriosa da existencia, abraça-a inteira com o seu olhar, concebe-a, e explica-a na sua mente. «Durante um dia pensei, e no recinto d'este pensamento inclui a natureza e o mundo!»

VI

No artigo precedente levámos as nossas considerações até ao ponto de assentarmos no valor psychologico das tres expressões : Intelligencia — Instincto — Razão.

Não é necessario, pois, voltar a um assumpto estudado ; mas convém não deixar de pé objecções graves que me foram feitas por eu usar da expressão de instinctos-moraes.

Envolve essa expressão uma idéa contradictoria ? Não me parece. Se os actos do instincto, qualquer que seja a natureza d'elles, se caracterizam como manifestações de vontade inconsciente, onde está o principio em virtude do qual seria absurdo incluir n'uma mesma cathegoria — a do Inconsciente — acções organicas, mentaes e moraes ? Não se encontra ; e os factos depoem a favor da realidade de um instincto de Justiça ou de Moral, que sir Henry Summer Maine, o novo Montesquieu, analysa com tamanha lucidez e profundidade nas suas obras sobre o direito primitivo.

Parece-nos, pois, facil rebater as censuras que o sr. Coelho fez a estas palavras minhas : «Ora o instincto, tanto póde dar lugar a acções de um caracter organico, conforme se vê nos animais e nos homens, como póde originar actos de um caracter moral.»

O critico chama a isto confusão ; e a mim não se me affigura tal. O Instincto, repitamol-o uma vez mais, é o principio dos actos voluntarios inconscientes. Ha ou não ha, portanto, actos que sejam moraes e instinctivos, ou espontaneos, ou inconscientes, ao mesmo tempo ? Creio que ninguem ousará negal-o. Sem duvida, as invenções moraes primitivas, *v. g.* as *Themis* da mythologia juridica dos gregos, contéem o nucleo das conceções racionaes, conscientes, ou reflectidas, posteriores ; mas é tambem fóra de duvida que a creação ou invenção dos conceitos racionaes procede de um modo espontaneo ou instinctivo, provindo assim de uma *vis* intima, a que não só eu denomino instincto moral.

A definição de noções abstractas é a porta que abre ao homem a região das idéas (para usarmos das expressões do platonismo), região em que elle, sobre um ser voluntario, se torna um ser consciente ; mas as alvoradas da razão são, como as do dia, uma iniciação apenas. Abstrahindo, generalizando, o homem *obedece*, não manda ; é o laboratorio inconsciente, onde se dá a operação maravilhosa da

constituição do pensamento reflexo, por via da razão, que formulou para seu uso e libertação, primeiro, a noção de Norma, depois a da Lei, afinal a categoria suprema do Absoluto. Eis ahí a evolução psychologica esboçada a pag. 116-7 e 192-5 da 2.^a ed. da *Anthropologia*. Quando, pois, o sr. Coelho me pergunta que evolução é esta, que tornou imperativa a Moral, accusando-me de confusão maior por usar d'estes termos «normas abstractas que n'um certo momento se revelam immutaveis e perfeitas», eu remetto o leitor para o texto citado; e quando se me objecta contra o eu dizer que é a sociedade, no dynamismo da sua evolução, que formula os preceitos da moral, tenho simplesmente a responder que, repellindo o bom senso a revelação transcendente pelo aphorismo *ex nihilo nihil*, vejo realtamente a revelação (para fallar á moda hegeliana) ou a definição (para ser mais positivo) formular-se de um modo evolutivo na successão dos estados sociaes. Foi o que me propuz expôr no livro das *Raças*, mostrando no homem esses instinctos moraes que a civilisação, como fórmula concreta da evolução psychologica e do desdobramento das noções racionaes, torna em preceitos de moral absoluta, ou por outra, define na sua cathegoria absoluta, ideal, e por isso imperativa.

Assim, pois, quando o meu critico glotologo vae buscar um texto do meu *Hellenismo*, texto onde chamei a Deus o principio da Moral, eu, sem discutir a propriedade do processo critico, e sem deixar de confessar que o meu deismo soffreu de então para cá mais de um abalo: entendo não haver n'isso a tal contradicção com que o sr. Coelho se deu a perros, para patentear ao publico a insignificancia dos meus trabalhos. Deus, meu caro senhor, nunca foi mais do que uma especie de lapide, em que cada methaphysica escreve a sua definição do Absoluto.

Mas, deixando esta questão, estranha ao nosso assumpto, vejamos com que argumentos os criticos negam a realidade, ou o valor, d'esses factos, a que eu chamei documentos de instinctos moraes humanos. O pudor, diz-me o sr. Coelho, é, segundo Gerland e Flügel, um grau avançado de evolução, e não um facto primitivo. Se o caso está em citar autores, eu direi que não é, segundo Farrer. Que adiantamos? Diz-me, porém, o critico, que variam extremamente as partes do corpo que se cobrem: ora os pes, ora as mãos, o rosto, etc. E' positivamente, e quasi pelas proprias palavras, o que li em Peschell. Variam, sem duvida, se observarmos os povos cultos e incultos, barbaros e selvagens, indistinctamente, como o faz o mallogrado ethnologo; d'esse modo podemos dizer até que a manifestação do pudor pelo vestuario chega á extravagancia. Mas, se limitamos, como é dever, a nossa observação aos povos que a ethmographia concorda em considerar primitivos (tanto quanto é licito exigir da palavra um sentido exacto)

vêmos, ou, pelo menos, vi eu no que estudei, um accordo singular em cobrir o que os nossos viajantes da Renascença chamam *as vergonhas*. O meu critico, taxando sem misericordia o segundo volume da minha obra de «realmente cahotico, incompleto, incoherente» deslembra-se de enunciar os motivos de uma sentença que tanto me afflige. Dizendo-me não ser scientifico, embora seja facil e commodo *asseverar* que o pudor é um instincto primitivo, esqueceu tambem que, *negando-o*, incorre na mesma falta; pois a sua unica objecção parece-me não destruir as provas e argumentos exarados no texto. Apenas encontro, sobre a materia, a nota de uma contradicção supposta a respeito da androphagia (p. 42 e 43), nota que o critico teria eliminado do rol das suas censuras, se tivesse attendido ao que se diz de p. 61 a 76, ahí onde eu mostro como entre os cannibaeos vivos se encontram documentos de varias especies de androphagia.

Outro dos meus criticos, o sr. Julio de Mattos, ataca a minha doutrina dos instinctos moraes humanos de um modo mais generico, e, n'um sentido, mais profundo. Não contesta os factos; mas acha que eu commetti uma *petição de principio*; pois diz que aquelle que negar a moralidade constitucional da especie, negará que esses exemplos sejam documentos de moralidade. Parece-me isso um sophisma. Se o homem primitivo pratica actos, cujo motivo, ou cuja theoria nós não podemos encontrar senão no instincto da moralidade, a argumentação que se oppõe á explicação dada é sophistica, e só colheria quando se demonstrasse o erro da interpretação, filiando taes actos em motivos de uma ordem não moral. Foi isso o que o meu critico não fez: não nos disse por que motivo o homem primitivo vela os órgãos sexuaes, nem por que motivo o australio cannibal reserva a melhor carne, a da ema, para os velhos que n'um momento dado ha de trucidar e devorar, etc. Factos tão singulares, sem razão de ser em nenhum motivo de ordem natural, não pôdem explicar-se, creio eu, de um modo diverso d'aquelle porque o fiz.

Affirmar-nos dogmaticamente que «o homem não é constitucional ou primitivamente moral, nem a-moral, pudico, nem impudico», deixando de pé argumentos positivos, não é proprio de positivistas que pretendem não dar um passo sem o bordão do conhecimento real. Concluir, como faz, que «o pudor e a moral são acquisições, e ultimas acquisições», é além d'isso illogico. Meditou o meu critico sobre o valor da palavra de que usa? A noção de adquirir importa a idéa de um fundo d'onde se adquire, não é assim? Se esse fundo não existe, como poderá haver acquisição? Adquirir d'onde? de que? *Ex nihilo, nihil*. Eu não hesitaria talvez em me exprimir como o critico; eu não teria duvida em dizer que a moral é uma acquisição, se o critico me cencedesse que essa conquista se faz sobre o fundo

de potencias immanentes, latentes, no espirito humano. Mas os meus criticos acham que é uma «velharia», ou um «farrapo», discurrir d'este modo; e por isso eu, envolvido nos meus farrapos, como uma mumia do antigo Egypto, conservo-me inconvertivel a novidades que não entendo.

«Os erros em que naufraga o espirito do auctor, diz o sr. Mattos, são apenas a lastimosa consequencia das suas opiniões systematicas, da sua impenitente metaphisica.» É o sr. Coelho, depois de notar a minha incompetencia, a minha ignorancia e tudo o mais que a sua desapiedada magistratura de sabio encontra em mim, desfecha-me um tiro d'estes: «Os livros de O. M. apresentam um mixto de dados scientificos com principios philosophicos que, em livros que se propõem a vulgarisar, produzem um effeito singular. Parece que o A, deveria começar por expor os dados e bases fundamentaes da sua philosophia; como, sem elles, poderá orientar-se o leitor a quem os livros são destinados?» Por esta não esperava eu! eu que julgava achar-me na «corrente moderna» procedendo inductivamente, partindo do facto para a theoria, argamassando lenta e pausadamente, em obras successivas, os elementos de uma philosophia objectiva!

Um amigo meu anda ha annos occupado a resolver as antinomias de Kant, para «expor os dados e bases fundamentaes da sua propria philosophia». Depois d'isso, resolverá com ella todas as questões; mas, como é intelligente e sincero, gastará a vida a ruminar o indigerivel, e fio-me em que não resolverá as antinomias, e nem portanto questões nenhuma. O processo subjectivo tem os dias contados.

«Parece-nos O. M. notavelmente atardado no caminho philosophico», diz, porém, o sr. Mattos. N'este terreno, affigura-se-nos que, destruidas as palavras novas, a nomenclatura de hoje, o vivo colorido de um estylo brilhante e moderno, encontramos sómente a theorisação de Spinoza de mistura com alguns dos pontos de vista de Hume e a tendencia pronunciadamente pessimista de Schopenhauer. O amor de O. M. ás concepções atardadas transparece mau grado seu a cada momento.» Essas concepções atardadas sabe o leitor que são as metaphisicas, ou, antes, as não-positivistas.

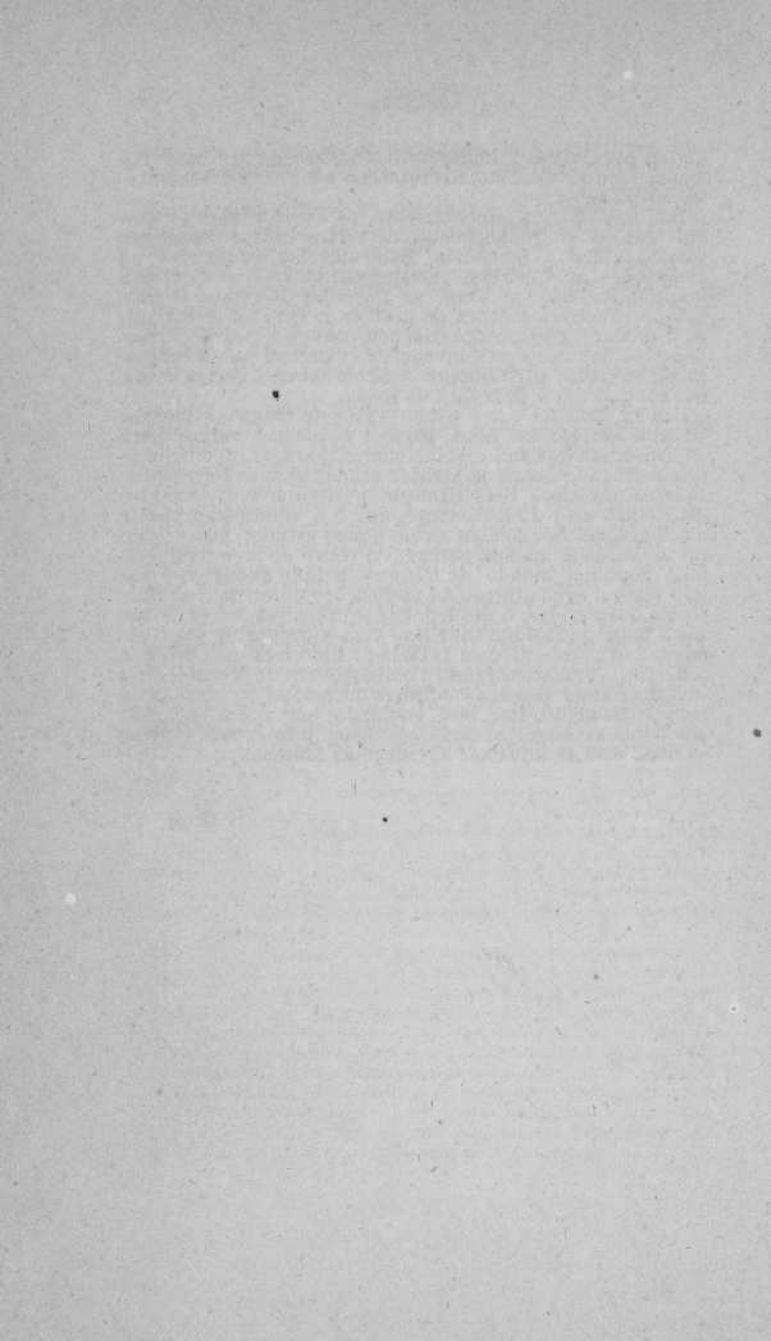
Mas já que agora, para terminar, devo despedir-me dos meus criticos, agradecendo a todos, porei aqui a resposta do sr. Burnay, para deixar de dar a minha. Essas concepções atardadas ou metaphisicas «são suggestões mentaes legitimas, porque se inspiram no condicionalismo de todos os phenomenos, mas que, ainda assim, são para uso inteiramente intimo, para satisfação d'essa pobre e inquieta alma humana, tão sedenta sempre de explicações para tudo o que diz respeito ao problema das origens e dos fins, ainda até quando ellas a não convencem.» Sejamos pois atardados, sejamos metaphisicos — pois que isso, no dizer

de um positivista, é indispensavel ao socego da alma humana; sendo-o tambem, accrescento eu, á construcção racional do saber.

Não nos affligem, sinceramente, os doestos nem as ironias dos que no conhecimento de certas coisas imaginam estar inclusa a sabedoria. São caprichos de pessoas, ou aberrações de doutrinas passageiras. Quando se falla com um publico, não se usam as formulas da escola: o povo não perceberia a seccura do professor. Quando se não mira a formar egreja, ou partido, ou conventiculo, importam pouco os dogmas e as convenções systematicas. A mapeira de ter razão para sempre. está em saber, a certas horas, resignarmo-nos a ficar fóra de moda.

Ora eu bem sei que o estou — fóra de todas as modas! Para os antigos sou novo, para os novos sou velho; para os conservadores sou revolucionario, para os revolucionarios retrogado; para os crentes atheu, para os livres pensadores mystico. Esta situação particular tem as vantagens singulares do isolamento, que é a condição primaria da liberdade. Só, comigo e com o meu estudo, posso adorar a verdade na sua pureza; do retiro do meu gabinete, fallo com um mundo de leitores, mundo anonymo e por isso mesmo sympathico. As accusações da critica, os protestos das egrejas, o desdem dos professores, e até ás vezes a baba da insidia: tudo isso vem a proposito para cimentar os muros do meu trabalho: tudo isso me obriga a reflectir, a brocar, segundo a bella palavra de Mousinho: a rectificar umas vezes, a confirmar outras, as conclusões do meu pensamento. Por isso, enviando um aperto de mão por todas as boas palavras aos meus juizes, não rejeito as más, nem as injustas: agradeço-as tambem.

O. M.



INDICE

LIVRO TERCEIRO

STRATIGRAPHIA ETHNICA

| | |
|--------------------------------|-----|
| I — Os homens da natureza..... | 8 |
| 1 O pudor..... | 10 |
| 2 As relações sexuaes..... | 19 |
| 3 Alimentação..... | 60 |
| II — Os barbaros..... | 47 |
| 1 A guerra..... | 49 |
| 2 A androphagia..... | 58 |
| 3 A morte..... | 74 |
| 4 A proto-escripta..... | 83 |
| III — O homem social..... | 97 |
| 1 A casa e o templo..... | 101 |
| 2 Os numeros..... | 121 |
| 3 O alphabeto..... | 132 |
| 4 A moral..... | 144 |
| 5 Os cultos..... | 165 |

LIVRO QUARTO

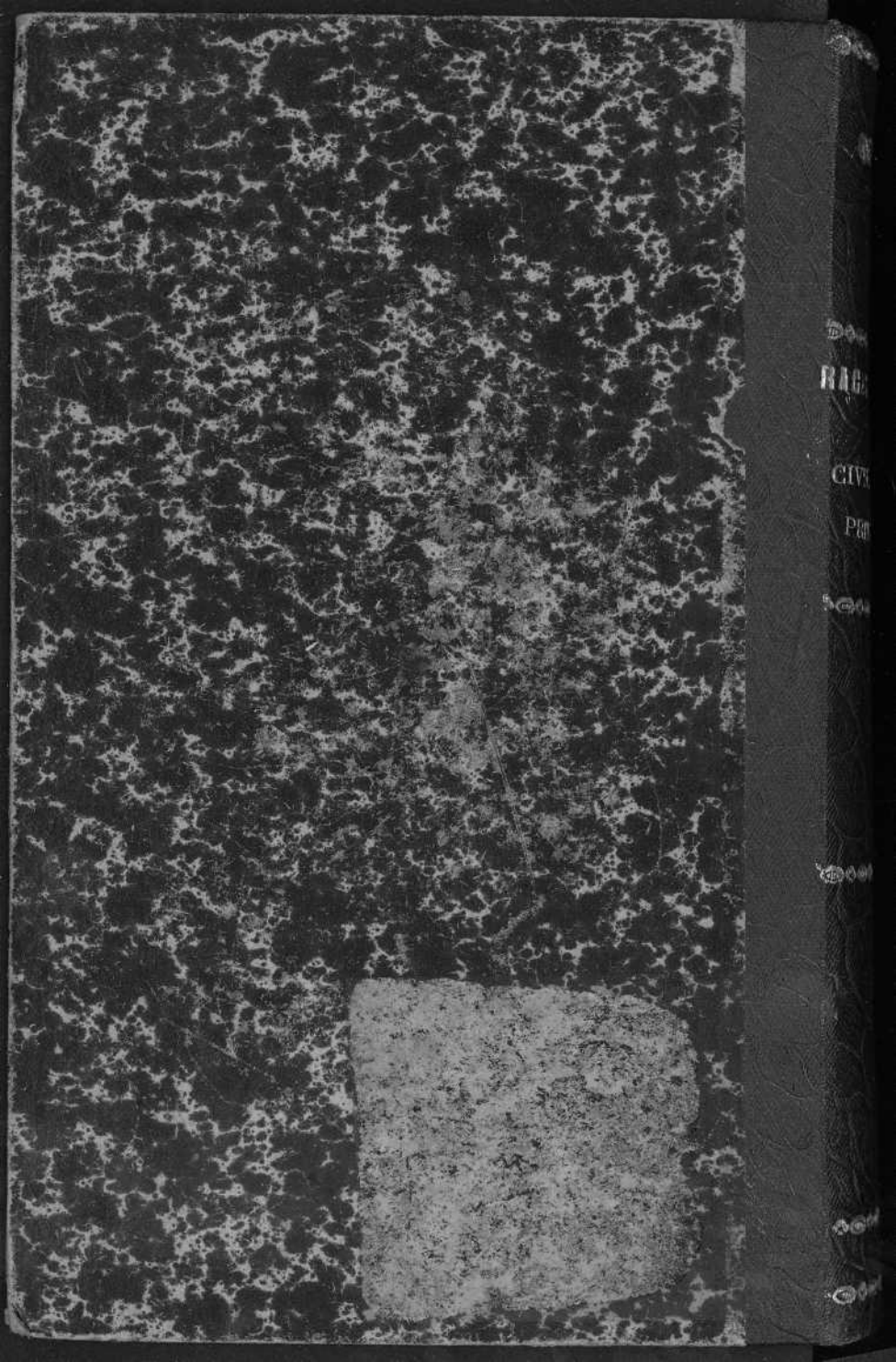
A CIVILISAÇÃO MEDITERRANEA

| | |
|----------------------------------|-----|
| I — Os imperios orientaes..... | 182 |
| II — Os phenicios..... | 189 |
| III — A era da pedra polida..... | 207 |
| IV — A era de bronze..... | 228 |
| V — Conclusão..... | 247 |
| Appendice..... | 261 |

Typographia e Stereotypia Moderna — Apostolos, 11 — Lisboa







1840

RAG

CIV

P

1840

1840

1840

1840

Oliveira

LETRAS HUMANAS

E A

CIVILIZAÇÃO

PRIMITIVA

2